

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO – UFERSA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE
DO NORTE – IFRN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO - POSENSINO
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO

SABRINA LOIOLA DE MORAIS

**MULHERES E A DOCÊNCIA EM MATEMÁTICA NO ENSINO SUPERIOR DE
MOSSORÓ - RN: UMA PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL SOBRE QUESTÕES DE
GÊNERO**

Mossoró-RN
2024

SABRINA LOIOLA DE MORAIS

**MULHERES E A DOCÊNCIA EM MATEMÁTICA NO ENSINO SUPERIOR DE
MOSSORÓ - RN: UMA PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL SOBRE QUESTÕES DE
GÊNERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) como requisito obtenção do título de Mestre em Ensino, área de concentração: Educação Básica. Linha de pesquisa: ensino de ciências naturais, matemática e tecnologias.

Orientador: Dr. Marcelo Bezerra de Moraes

Mossoró-RN
2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

M827m Morais, Sabrina Loiola de

Mulheres e a docência em matemática no ensino superior de Mossoró - RN: uma pesquisa em História Oral sobre questões de gênero. / Sabrina Loiola de Morais. - Mossoró - RN, 2024.
217p.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Morais.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Ensino). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Educação matemática. 2. Formação e atuação docentes. 3. Relações de gênero. 4. Mulheres na ciência. I. Morais, Marcelo Bezerra de. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

SABRINA LOIOLA DE MORAIS

**MULHERES E A DOCÊNCIA EM MATEMÁTICA NO ENSINO SUPERIOR DE
MOSSORÓ - RN: UMA PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL SOBRE QUESTÕES
DE GÊNERO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino, área de concentração: Educação Básica. Linha de pesquisa: ensino de ciências naturais, matemática e tecnologias.

Dissertação apresentada e aprovada em 25/ 04 /2024, pela seguinte Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes (Orientador) _____

Documento assinado digitalmente
 **MARCELO BEZERRA DE MORAIS**
Data: 05/06/2024 11:08:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Simone Maria da Rocha (Examinadora Interna) _____

Documento assinado digitalmente
 **SIMONE MARIA DA ROCHA**
Data: 05/06/2024 15:04:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Heloisa da Silva (Examinadora externa) _____

Documento assinado digitalmente
 **HELOISA DA SILVA**
Data: 05/06/2024 14:37:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Márcia Maria Alves de Assis (Suplente interno) _____

Profa. Dra. Marta Figueredo dos Anjos (Suplente externo) _____

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por todo o discernimento, saúde e luz, que lhe peço – e agradeço - todos os dias, pois sem isso não estaria aqui hoje. Também não conseguiria estar aqui sem minha família: em particular minha mãe, Maria Ivete de Sena Loiola. Que a todo momento me apoiou; nem todas as palavras do mundo conseguiriam expressar minha gratidão: por todas as vezes que caminhamos, a pé e ainda de madrugada, para me deixar no ônibus para ir à faculdade. Ao meu irmão, Nycollas Loiola de Moraes, pelo carinho, apoio e exemplo, desde que me entendo por gente.

A Maria Suzete Loiola de Moraes, minha querida vovó, que não me deixou desistir nem que fosse por um minuto dos meus sonhos: ao falar comigo por ligação de vídeo – abandonando todas as distâncias entre Aracati e Mossoró – e me fazer sentir sempre amada. Aqui também ficam os agradecimentos a Ideuzuite de Sena Loiola, a quem devo as primeiras lembranças de Mossoró, em memória. Para minhas tias Ivone Roth e Iolanda Loiola, que estiveram comigo nessa caminhada, como suporte e boas risadas.

A Rafaela Correia Rodrigues, minha noiva, que sempre esteve disposta a me escutar e, principalmente, me incentivar quando eu achava que não ia conseguir. Por todas as jantas e almoços que estavam prontos quando eu em meio à pressa, não tinha como preparar. Pela acolhida em todos os momentos e por todo o amor.

Ao meu professor orientador Marcelo Bezerra de Moraes, que foi um guia especialmente gentil nesse processo de pós-graduação, por todas as orientações e direcionamentos. Sempre paciente e atencioso, Marcelo foi um exemplo de professor e orientador que eu gostaria de ser um dia.

Agradeço aqui também às professoras Heloísa da Silva e Simone Maria da Rocha, que com toda a gentileza e boa vontade, me deram direcionamentos importantíssimos para o trabalho. Também ficam meus sinceros agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, colegas e professores, com os quais aprendi a ser uma pessoa melhor. E por fim, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa, que colaborou para o desenvolvimento dessa pesquisa.

RESUMO

Este trabalho teve o intuito de analisar questões de gênero nas Licenciaturas em Matemática em Mossoró – RN, a partir de experiências das docentes atuantes nestes cursos. Para isso, foi utilizada a abordagem da História Oral e, a partir de entrevistas com as docentes selecionadas, foi dado ênfase às questões de gênero que permeiam ou permearam a vida dessas professoras. A análise das narrativas produzidas pelas professoras foi elaborada articulando temas que vieram à tona durante as entrevistas, em uma análise de convergências. As temáticas analisadas foram o incentivo recebido durante seus momentos de infância e adolescência, por parte da família ou pessoas de convívio próximo; representatividade de professores (as) ou figuras marcantes durante esse período; tomada de decisão em cursar a carreira que envolvesse matemática; sensação de pertencimento ao ambiente acadêmico, levando em consideração as nuances particulares do curso de matemática; trabalho e relações de poder e; equilíbrio entre vida acadêmica e pessoal. Dentre os resultados percebidos, destaca-se as relações das professoras com suas famílias, que geralmente atuaram como fortes direcionadoras de seus percursos formativos e profissionais – mesmo que indiretamente. Também foi observado um papel crucial dos próprios professores, não só durante a infância e adolescência, mas também assumindo a posição de espelho a ser seguido e de mostrar e incentivar os caminhos de pós-graduação. Além disso, foi destacada a importância de dar a oportunidade para que essas mulheres tenham suas experiências com a matemática sem precisarem esconder suas emoções, de serem respeitadas, sendo-lhes dada a oportunidade de errar sem julgamento e ter suas vozes igualmente escutadas. Outro forte ponto observado foi a maternidade – ou a falta dela – no decorrer de suas carreiras, e a importância de uma rede de apoio para as docentes.

Palavras-chave: Relações de gênero. Educação Matemática. Formação e Atuação Docentes. Mulheres na Ciência.

ABSTRACT

This work aims to discuss about representativeness and gender roles in Mathematics degrees in Mossoro – RN, based on the experiences of professors working in these courses. For this, using the Oral History approach and, through interviews with selected professors, emphasis will be placed on gender matters that permeate the lives of these teachers. The analysis of the narratives produced by the teachers was prepared by articulating themes that came to light during the interviews, in an analysis of convergences. The themes analyzed were the encouragement received during childhood and adolescence, from family or people close to them; representation of teachers or notable figures during this period; decision-making to pursue a career that involved mathematics; feeling of belonging to the academic environment, taking into account the particular nuances of the mathematics course; work and power relations and the balance between academic and personal life. Among the results perceived, the relationships between teachers and their families stand out, which generally act as the first contact with what is or is not possible for teachers, thus directing them - even if indirectly. In this same line of thought, a crucial role of teachers themselves was also observed, not only during childhood and adolescence; but also assuming the position of a mirror to be followed and of showing and encouraging postgraduate paths. Furthermore, the importance of giving these women the opportunity to have their experiences with mathematics without having to hide their emotions, to be respected, to be given the opportunity to make mistakes without judgment and to have their voices equally heard was highlighted. Another strong point observed was motherhood - or lack thereof - throughout their careers, and the importance of a support network for teachers.

Keywords: Gender Relations. Mathematics Education. Teacher Training and Performance. Women in Science.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização geográfica de Mossoró/RN/Brasil	19
Gráfico 1 - Porcentagem de alunos por área e sexo em 2022.....	15
Gráfico 2 - Ingressantes e formados por ano segundo tipo de curso (bacharelado e licenciatura)	16
Gráfico 3 - Número de docentes alocados nos departamentos das Licenciaturas em Matemática	17
Quadro 1 - Número de ingressantes e concluintes nos cursos de Graduação no Brasil em 2022	14
Quadro 2 - Número de docentes no ensino superior no Brasil por sexo em 2022	17
Quadro 3 - Relação dos trabalhos analisados do Portal de Periódicos CAPES	22
Quadro 4 - Relação dos trabalhos analisados do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	24

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCEN	Centro de Ciências Exatas e Naturais
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CeT	Bacharelado em Ciência e Tecnologia
DCME	Departamento de Ciências Naturais, Matemática e Estatística
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFRN	Instituto Federal do Rio Grande do Norte
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
NEAD	Núcleo de Educação a Distância
OBMEP	Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas
ONU	Organização das Nações Unidas
POS ENSINO	Programa de Pós-Graduação em Ensino
RN	Rio Grande do Norte
SBM	Sociedade Brasileira de Matemática
SBMAC	Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada e Computacional
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UNIVESP	Universidade Virtual Do Estado De São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	14
2.1	PANORAMA DA ATUAÇÃO DOCENTE NACIONAL E REGIONAL.....	14
2.2	CONHECENDO UM POUCO DE MOSSORÓ E SUA HISTÓRIA COM AS MULHERES	18
2.3	DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR, GÊNERO E MATEMÁTICA: UM LEVANTAMENTO DE PRODUÇÕES	20
2.3.1	Portal de Periódicos CAPES	21
2.3.2	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	23
2.3.3	Apontamentos sobre os trabalhos.....	25
3	METODOLOGIA	27
3.1	PARTICIPANTES.....	28
3.2	RISCOS E COMITÊ DE ÉTICA.....	30
3.3	CONTATO INICIAL	31
3.4	ROTEIRO E ENTREVISTAS.....	31
3.5	ANÁLISE DE NARRATIVAS	33
4	TEXTUALIZAÇÕES	37
4.1	AYLLA GABRIELA PAIVA DE ARAÚJO	37
4.2	VALDENIZE LOPES DO NASCIMENTO.....	49
4.3	ANDRÉA MARIA FERREIRA MOURA	70
4.4	LUIZA HELENA FÉLIX DE ANDRADE	95
4.5	MARIA JOSEANE FELIPE GUEDES MACEDO.....	118
4.6	MARIANA DE BRITO MAIA	135
4.7	FABIANE REGINA DA CUNHA DANTAS.....	158
5	O QUE AS NARRATIVAS NOS PERMITEM DIZER: ANÁLISES.....	170
6	APONTAMENTOS FINAIS	204
	REFERÊNCIAS	209
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	214

1 INTRODUÇÃO

Não vejo outro jeito de começar senão o de tentar explicar como cheguei até aqui. Sou Sabrina Loiola de Moraes, pesquisadora, professora e mulher. Nascida e criada em uma pequena cidade praiana, Aracati-CE, que faz divisa com Mossoró-RN.

Passei a vida inteira ligada com a cidade de Mossoró, de um jeito ou de outro. Com avô natural do Rio Grande do Norte, e morando em Mossoró com minha avó, passei muitas férias escolares nesta cidade, na casa dos meus avós. Por ser uma cidade pequena, Aracati não possuía universidades ou faculdades, logo, cresci ouvindo que para fazer faculdade deveria estudar em Mossoró. A verdade é que, ao terminar o ensino médio, segui o esperado e me matriculei em um curso na Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Indo e voltando todos os dias, de Aracati para Mossoró, contando os quilômetros no ônibus da Associação dos Estudantes de Aracati, rotina muito comum a muitos estudantes universitários dessa cidade.

Ainda inexperiente e sem indicações do que fazer, optei por cursar o Bacharelado em Ciência e Tecnologia (CeT), curso que é base para todos os cursos de engenharia da instituição. A duras penas, consegui o primeiro diploma... agora era hora de cursar engenharia. A escolhida foi Engenharia Elétrica. Mas a Sabrina que terminou CeT já sabia que não queria aquilo para sua vida, a engenharia não era o que a fazia feliz, tinha descoberto durante o CeT que a Matemática me encantava mais. Terminei Engenharia Elétrica por pura obrigação e assim que possível me matriculei na Licenciatura em Matemática, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Agora sim estava feliz, cursando o que sempre sonhei, mas a realidade logo me cumprimentou durante o curso. Os semestres se passavam e eu não tinha professoras nas disciplinas que cursava. Iniciei o curso durante a pandemia, em 2020, mas quando as aulas presenciais voltaram, procurei saber o motivo de não ter professoras... e logo fui respondida: a única professora efetiva do Departamento de Matemática e Estatística estava afastada para doutorado.

Aquilo me deixou inquieta, desassossegada e, acima de tudo, indignada. Não era somente aquilo que me chamava a atenção na relação das mulheres e a sociedade: sendo uma jovem mulher de vinte e cinco anos, já havia tido exemplos o suficiente de como as coisas poderiam funcionar para as mulheres. Já com desejos de seguir nos caminhos de pós-graduação, me inscrevi para a seleção do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PosEnsino) com o diploma de Engenharia Elétrica. Olhando atentamente aos professores do programa, entrei em

contato com professor Marcelo Bezerra de Moraes para saber se ele tinha interesse no tema que eu vinha pensando: investigar sobre gênero e as mulheres docentes das licenciaturas em matemática de Mossoró-RN. O desejo de pesquisar sobre esse tema nasceu da minha própria experiência como discente de um curso de Licenciatura em Matemática. O professor cordialmente me respondeu que sim, poderíamos trabalhar na temática, se eu conseguisse a vaga no processo seletivo.

Após todo o processo seletivo, consegui a vaga para a orientação do professor Marcelo, e tive a oportunidade de expandir meus horizontes em muitos sentidos. O PosEnsino me ensinou muito, não só em termos acadêmicos, mas também pessoais. É com muita alegria que apresento – depois de muitas conversas, estudos, reprogramações e leituras – este trabalho.



Conforme afirma Sousa (2021), vivemos em uma sociedade marcada pela desigualdade de gênero, e, mesmo no período atual, ainda se encontram preconceitos perceptíveis nas entrelinhas das vivências. Essa disparidade pode ser observada quando esmiuçados os campos de estudos escolhidos por homens e mulheres dentro das áreas da educação.

Nesse sentido, a ONU (Organização das Nações Unidas) traz propostas para inclusão das mulheres de modo mais efetivo no campo da educação, destacando o dever de promover a educação para a igualdade de gênero e ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes como práticas determinantes para enfrentar as desigualdades de gênero, raça e etnia (ONU, 2021).

Entendendo que a educação atua como importante mecanismo de transformação social em todos os níveis, e agindo como porta de acesso igualitário para todas as pessoas (Sousa, 2021), é importante frisar a relevância da representatividade feminina no meio educacional, destacando que “A relevância da trajetória da participação das mulheres no ensino da Matemática em todos os níveis da educação brasileira justifica a realização de investigações específicas sobre essa temática” (Melillo; Gomes, 2019, p.2).

Aprofundando a discussão para a educação matemática especificamente, a representação feminina atinge níveis muito baixos, como será detalhado no segundo capítulo deste trabalho. Levando em consideração que os professores dos cursos de licenciatura são responsáveis por formar outros professores de matemática e assim dar continuidade aos ciclos, é de suma importância que as mulheres tenham uma porcentagem significativa nos cargos de

docência e que pesquisas realizadas na área se preocupem em investigar e se atentar para os detalhes dessa problemática.

Neste ponto, julgamos necessário fazer considerações sobre as nomenclaturas utilizadas neste trabalho, deixando clara a diferença entre alguns termos chave para melhor elucidação de conceitos, pois:

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (Larrosa, 2002, p. 21)

Para dar luz ao debate sobre questões de gênero e a posição da mulher docente no campo da matemática, é preciso primeiro conhecer os dois conceitos: gênero e sexo. De modo geral, “[...] sexo está vinculado à biologia (hormônios, genes, sistema nervoso e morfologia) e gênero tem relação com a cultura (psicologia, sociologia, incluindo aqui todo o aprendizado vivido desde o nascimento)” (Piscitelli, 2019, p.2).

Em relação ao conceito de gênero, são muitas variáveis a serem consideradas e também diversas opiniões que não necessariamente são concordantes: Butler (2003, p. 12) afirma que “[...] a complexidade do conceito de gênero exige um conjunto interdisciplinar e pós-disciplinar de discursos, com vistas a resistir à domesticação acadêmica dos estudos sobre o gênero ou dos estudos sobre as mulheres [...]”.

Neste trabalho, teremos como guia as definições de Scott (1995, p. 86), ao citar que: “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos [...]”, deixando claro que o gênero está baseado também em “[...] símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas [...]” (idem), ou seja, a ideia (e figura) do que a sociedade define para homens e mulheres e suas diferenças.

Butler (2003, p. 20) chama a atenção para outra vertente quando cita que:

[...] o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas.

Deixando claro que o papel de gênero também está atrelado a outros efeitos que impactam sobre suas impressões e lugares na sociedade. É necessário ressaltar que não necessariamente cada indivíduo responde ao conceito binário (de que só existem dois gêneros – homem e mulher). Ao criticar o conceito de binarismo apresentado acima, Louro (p. 32, 1997) cita que:

Ora, é fácil concluir que essa lógica é problemática para a perspectiva feminista, já que ela nos "amarra" numa posição que é, aparentemente,

consequente e inexorável. Uma lógica que parece apontar para um lugar "natural" e fixo para cada gênero.

Ou seja, Louro e Scott concordam que a lógica binária é um impedimento para o crescimento das mulheres, sendo uma ideia fixa do que se é esperado de cada uma. E, inevitavelmente, acaba dando papéis claros do que seria cabível a um e a outro, colocando os indivíduos em moldes pré-estabelecidos pela sociedade.

Nesse sentido, o que seria esperado de cada mulher define a escrita de sua única história possível, inclusive com a matemática – o que é e o que poderia ser essa relação –, tomando como base a noção apresentado por Adichie (2019), quando aponta que: “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”. A história das mulheres já partiu de um papel que não incluía a matemática, e isso reverbera até os dias atuais, reforçando os estereótipos, “[...] e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos.” (Adichie, 2019).

Interessante também, para este estudo, fazer presente a discussão sobre os termos representação e representatividade e o que podemos definir como esses. Butler (2003, p. 18) discute sobre o conceito de representação:

[...] a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres.

Butler (2003, p. 23) chama a atenção para que, sim, a ideia do termo representação vem como uma interpretação da presença de mulheres em determinados locais atuando como sujeitos políticos; mas também questiona a ideia de uma figura de mulher pré-estabelecida pela sociedade afirmando que “Talvez, paradoxalmente, a ideia de ‘representação’ só venha realmente a fazer sentido para o feminismo¹ quando o sujeito mulheres não for presumido em parte alguma”. Colocando em xeque a figura padrão de uma mulher e o que seria esperado desta.

Já o termo representatividade, segundo Dess (2022, p.7), parte de uma perspectiva de “[...] coletividade a partir de certas características comuns ao grupo do qual fazemos parte, como a cor da pele, o gênero, a classe social ou o local de nascimento”. Deixando claro também que esse termo parte de uma perspectiva legal e política, entendendo como:

¹ Nesse trabalho entendemos feminismo como todo e qualquer movimento que procure a libertação e crescimento das mulheres em torno de uma sociedade patriarcal.

[...] a qualidade que, ao mesmo tempo, gera e é gerada por um organismo representativo quando esse adquire a capacidade de representar esteticamente, politicamente e socialmente determinada coletividade, sendo essa coletividade, na maioria das vezes, um grupo social minoritário (Idem, p.8).

Esse termo é sinônimo não só da representação de algum grupo ou classe social, mas sim da expressão dos interesses desse grupo e do poder de decisão para mudar realidades, ajudando semelhantes pertencentes a essa coletividade:

[...] não é o ‘possuir as características representativas de uma determinada coletividade’ aquilo que outorga a legitimidade para representá-la, mas os compromissos éticos e morais que o organismo representativo assume com a emancipação da coletividade que ele representa (Dess, 2022, p.9).

Orientando o debate para mulheres professoras e alunas, concorda-se com as palavras de Butler (2003), não seriam somente os termos estéticos que marcariam essas professoras como representantes de docentes mulheres. E mais ainda, somente a ocupação dessa posição pelas professoras não seria suficiente para o sentido de representatividade denominado por Dess (2022), cabendo aqui uma análise da posição política e social dessas professoras.

A escolha da carreira como docente em matemática feita por indivíduos é selecionada com base em uma série de critérios, motivações pessoais e oportunidades. Particularmente, as mulheres que optam por esse tipo de carreira – mesmo com tantos empecilhos relatados acima – também têm suas motivações pessoais.

Direcionando essa discussão para o caso de mulheres na docência em matemática no ensino superior, a presença (representação) de mulheres professoras pode impulsionar alunas de licenciatura a seguir esse caminho também, visto que: “[...] participação feminina na docência tende a crescer, pois a presença de mulheres lecionando em cursos de exatas possibilita o estímulo através do exemplo para as novas gerações.” (Sousa, 2021, p.7).

De acordo com Torisu (2018, p.551):

Muitos pesquisadores têm dedicado esforços à compreensão dos motivos em práticas sociais nas quais os indivíduos se desenvolvem, como família, escola, trabalho, etc. Nessas práticas, outros construtos, como emoções e identidade, são frequentemente associados aos motivos, sobretudo em pesquisas na área da Psicologia.

Nesse sentido, podemos inferir que a educação obtida por essas professoras, assim como outros fatores passados em suas vidas, foram responsáveis por suas escolhas. Assim como suas expectativas de vida, sonhos, rede de apoio e figuras de exemplo (conceito de representação abordado acima) também podem ser reconhecidos como motivadores.

Diante do exposto, é necessária uma análise sobre a participação feminina na docência do ensino superior, notadamente nos cursos de formação de professores de matemática. Hooks

(2013, p. 97), ao se referir à sua teoria que apoia o movimento feminista e a luta contra a opressão de gênero na sociedade, aponta que ela “[...] nasce do concreto, de meus esforços para entender as experiências da vida cotidiana, de meus esforços para intervir criticamente na minha vida e na vida de outras pessoas”, ao que nos inspiramos para buscar intervir em nosso contexto de vida e de outras professoras e futuras professoras de matemática.

Sabendo da importância de escutar e entender os movimentos iniciados pelas professoras vendo “[...] nossas palavras como uma ação, que nosso esforço coletivo de discutir questões de gênero e negritude sem censura era uma prática subversiva.” (Hooks, 2013, p. 93), optamos por mobilizar a História Oral como metodologia de investigação, procura responder como questões relacionadas à representatividade e gênero podem influenciar nas Licenciaturas em Matemática em Mossoró – RN, a partir de experiências das docentes atuantes nestes cursos.

Assim, essa pesquisa visa, como objetivo geral, compreender as influências de questões de gênero na formação e atuação de professoras universitárias nas Licenciaturas em Matemática de Mossoró – RN, a partir de experiências das docentes atuantes nestes cursos e, especificamente: (1) Mapear a presença feminina nos cursos de graduação em Licenciatura em Matemática no Município de Mossoró/RN; (2) Identificar as influências das questões de gênero na formação e atuação de professoras universitárias; e (3) Entender como a representatividade feminina influenciou e pode influenciar as vidas de mulheres para atuar no ensino de matemática.

Para isso, este texto foi organizado em cinco partes, além desta introdução. O (2) referencial teórico, que mostra um panorama geral sobre a docência de mulheres e a cidade de Mossoró-RN – além de trazer um levantamento de produções sobre a temática; (3) metodologia, onde são abordados todos os encaminhamentos feitos na pesquisa, dando destaque para o filtro de participação das professoras, aspectos éticos e também sobre a História Oral – fio condutor deste trabalho. As (4) textualizações das entrevistas realizadas, onde se encontram os textos produzidas pelas narrativas das professoras, na íntegra; a (5) análise das narrativas, capítulo que contém os possíveis encaminhamentos do que foi analisado nas entrevistas das professoras, divididos em seis temáticas: incentivo, representatividade, tomada de decisão, pertencimento, trabalho e relações de poder e equilíbrio entre vida pessoal e acadêmica e (6) apontamentos finais.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Este capítulo está dividido em três partes. Na primeira, o intuito é que possamos enxergar como está a distribuição de docentes de uma maneira geral, regional e local, relacionando esses dados com o perfil dos discentes de graduação do Brasil. Na segunda parte, nos preocupamos em procurar conhecer um pouco mais sobre o histórico e relação da cidade de Mossoró-RN com as mulheres. Em última instância, é feito um apanhado de como se encontram as produções bibliográficas no contexto dessa pesquisa: relacionando gênero, docência e matemática.

2.1 PANORAMA DA ATUAÇÃO DOCENTE NACIONAL E REGIONAL

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Ministério da Educação, 2022), no censo voltado especialmente para o ensino superior no Brasil, foi apresentado resultados sobre as matrículas nos cursos de graduação e sobre os concluintes desses cursos. Os resultados são apresentados no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Número de ingressantes e concluintes nos cursos de Graduação no Brasil em 2022

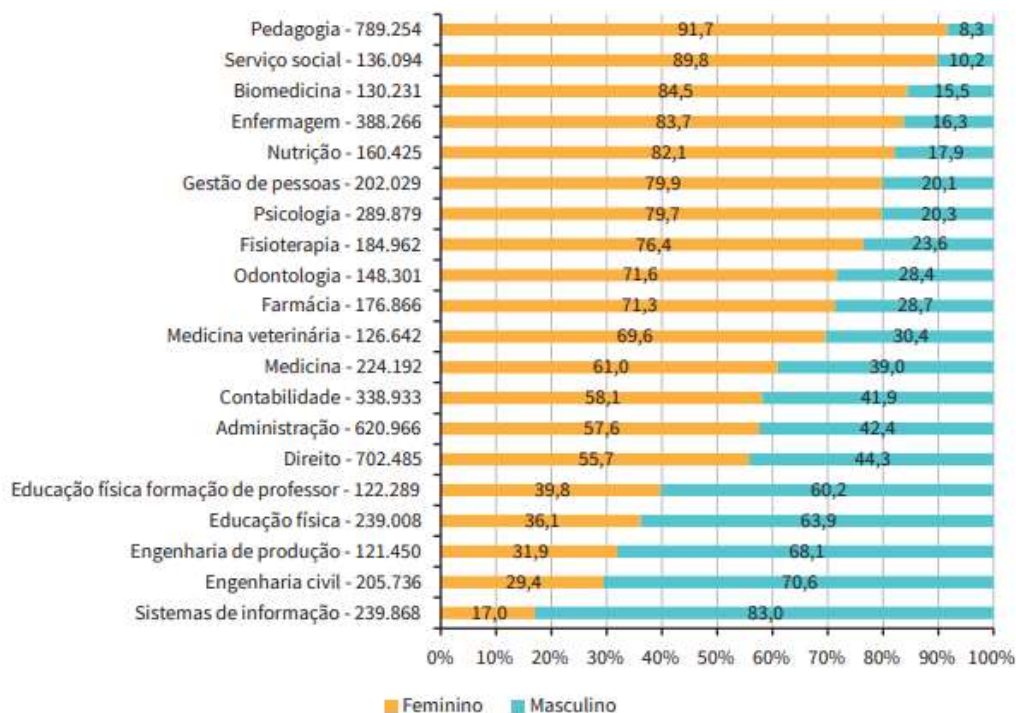
	Sexo	Total
Ingressantes	Homens	1.627.817
	Mulheres	2.317.274
Concluintes	Homens	580.044
	Mulheres	747.281

Fonte: Ministério da Educação (2022)

Os números presentes no Quadro 1 são as representações do total do número de alunos que ingressam nos cursos de graduação e do total de alunos que concluem cursos de graduação no Brasil. É possível observar, por esses dados, que o número de matrículas nos cursos de graduação ao todo, e especialmente na licenciatura (a qual será o foco deste trabalho), é predominantemente feminino, assim como o número de concluintes. Chegando a mais de 50% do total em todos os casos observados, traçando assim um perfil para o estudante de graduação e concluinte no país, do sexo feminino.

Pode-se também observar a relação de alunos por curso, ainda segundo dados do INEP, como mostrado no Gráfico 1, em que é possível notar uma tendência de divisão sexual entre os cursos escolhidos pelos alunos.

Gráfico 1 - Porcentagem de alunos por área e sexo em 2022

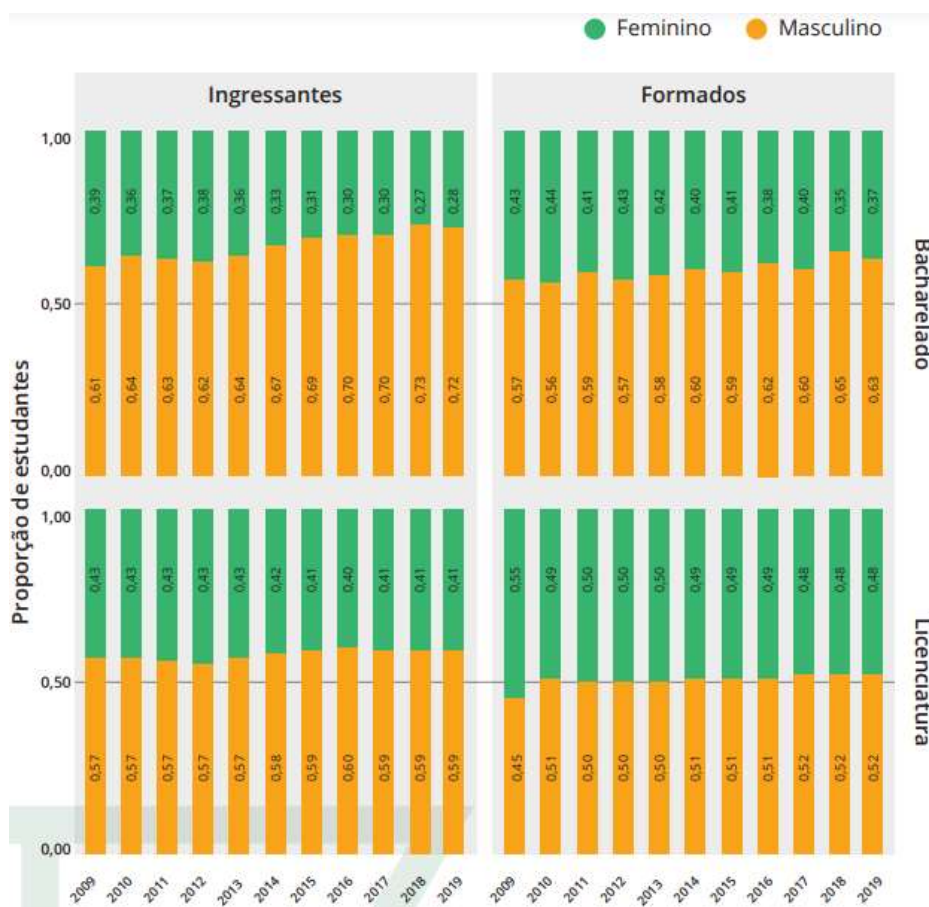


Fonte: Ministério da Educação (2022)

O gráfico 1 mostra uma grande diferença entre os cursos frequentados pelos públicos feminino e masculino, dando perpetuação à ideia culturalmente disseminada de que homens são naturalmente melhores em áreas voltadas para matemática em geral.

Apesar de representarem a maior parcela nos cursos em geral, o público feminino ainda não alcança níveis significativos em relação à área de matemática, como apontam os dados da Comissão de Gênero e Diversidade da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM) e Sociedade Brasileira de Matemática Aplicada e Computacional (SBMAC), em parceria com a Associação Brasileira de Estatística no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Ingressantes e formados por ano segundo tipo de curso (bacharelado e licenciatura)



Fonte: Associação Brasileira de Estatística e SBMAC (2023)

O gráfico acima retrata a realidade de ingressantes e formados nos cursos de matemática (licenciatura e bacharelado), como pode ser visto, o perfil de entrada do estudante de matemática é masculino: “[...] o cenário indica que existe sub-representatividade das mulheres [...]” na área de matemática (Associação Brasileira de Estatística e SBMAC, 2023). Porém quando observados os dados de conclusão nos cursos, as estatísticas tendem a ser quase igualmente divididas, o que pode indicar que, mesmo com pouco quantitativo na entrada, as mulheres tendem a conseguir concluir o curso com sucesso. A seguir, se faz necessário também apresentar os dados brasileiros apontados pelo INEP sobre a docência no ensino superior, explicitados no Quadro 2 abaixo:

Quadro 2 - Número de docentes no ensino superior no Brasil por sexo em 2022

	Mulheres	Homens
Brasil	148.544	167.384
Nordeste	36.066	37.130
Rio Grande do Norte	2.730	3.382

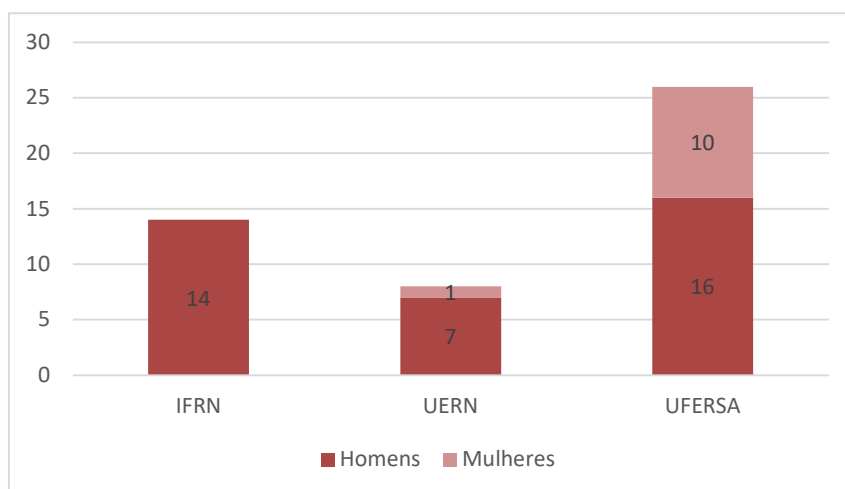
Fonte: Ministério da Educação (2022)

É possível ver que as vagas de docência ocupadas são predominantemente masculinas, chegando a mais de 50% das ocupações na escala total, regional e estadual apresentadas, traçando assim como um perfil para o docente do ensino superior a majoritária presença do sexo masculino.

Quando os resultados do Quadro 1 são comparados com os dados sobre a docência no ensino superior, apresentados no Quadro 2, é notável uma discrepância entre os dois. Se mulheres são consideradas o perfil dos estudantes matriculados e concluintes em todos os âmbitos no Brasil, esse dado não é refletido quando se trata de ocupação das vagas de docência.

Apesar de serem importantes e significativos, os dados dos docentes apresentados não se referem especificamente a informações sobre os cursos de Licenciatura em Matemática. Com o intuito de analisar esse nicho em específico e em uma escala municipal, foram observados os seguintes dados extraídos dos sites oficiais dos departamentos de Licenciatura em Matemática de três instituições de ensino públicas no Município de Mossoró, conforme o Gráfico 3.

Gráfico 3 - Número de docentes alocados nos departamentos das Licenciaturas em Matemática



Fonte: Elaboração própria em 2024

Como citado no Gráfico 03, as instituições observadas foram a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) – na modalidade de educação a distância, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) – ambos na modalidade presencial. Mais uma vez, se pode confirmar a maioria de docentes do gênero masculino, apontando uma diferença alarmante de mais de 50% em todas as instituições apresentadas, sendo que, em uma delas, não há presença alguma de mulheres no corpo docente.

2.2 CONHECENDO UM POUCO DE MOSSORÓ E SUA HISTÓRIA COM AS MULHERES

Depois de observar na seção passada, como estão as relações de docentes homens e mulheres nas instituições que ofertam as licenciaturas em Matemática em Mossoró/RN, é interessante descobrir um pouco mais sobre a cidade que estamos investigando. O distrito de Mossoró foi criado em 27 de outubro de 1842, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), através da resolução provincial de número 87. Em março de 1852, o distrito foi elevado à categoria de vila. Virou cidade somente em 9 de novembro de 1870, através de lei provincial (IBGE, 2023).

Localizado na região Nordeste do Brasil, a cidade de Mossoró pertence ao estado do Rio Grande do Norte (RN), sendo a segunda maior cidade do estado. Ainda segundo o IBGE (2023), atualmente tem uma população de 264.577 pessoas. Além disso, está inserido no semiárido Brasileiro, que se estende pelos nove estados da região Nordeste e pelo norte de Minas Gerais, como mostrado na Figura 1.

Figura 1 – Localização geográfica de Mossoró/RN/Brasil



Fonte: Adaptado de IBGE, 2024

A cidade de Mossoró é conhecida por sua história de resistência e também por eventos particulares protagonizados por mulheres de luta, que marcaram não só a história da cidade, como do estado e mesmo do Brasil. Um desses exemplos foi o motim das mulheres, em 1875, ainda na época do Brasil Império: “Começou como um protesto de um grupo de cerca de 300 mulheres contra o alistamento obrigatório de seus filhos e maridos, resultando em uma representação importante da luta pela quebra dos paradigmas do patriarcado” (Prefeitura de Mossoró, 2019).

Lideradas por Ana Floriano – como ficou conhecida por ter sido casada com Floriano Rocha Nogueira –, o cortejo de mulheres partiu da atual Rua João Urbano e seguiu para a Praça Vigário Antônio Joaquim:

As mulheres protestaram contra a regulamentação do recrutamento do Exército e Armada pelo gabinete do Visconde do Rio Branco, durante o reinado de Dom Pedro Segundo. Utilizando panelas, frigideiras, conchas e colheres de pau, Ana Floriano e as mulheres foram até a Igreja Matriz de Santa Luzia e rasgaram os editais fixados no quadro de avisos. Em seguida, se dirigiram à casa do escrivão do juiz de Paz e tomaram e rasgaram o livro e os papéis relativos ao alistamento (Prefeitura de Mossoró, 2019).

Esse episódio ficou conhecido na história da cidade por representar a força e vontade de mudança das mulheres daquela época.

Outro acontecimento marcante que aconteceu em Mossoró, envolvendo as mulheres e teve projeção nacional, é que ocorreu nessas terras o primeiro voto feminino da história do Brasil:

Celina Guimarães Vianna: Foi a primeira eleitora do Brasil, alistando-se aos 29 anos de idade. Com advento da Lei nº 660, de 25 de outubro de 1927, o Rio Grande do Norte foi o primeiro estado que estabeleceu que não haveria distinção de sexo para o exercício do sufrágio. Assim, em 25 de novembro de 1927, na cidade de Mossoró, foi incluído o nome de Celina Guimarães Vianna na lista dos eleitores do Rio Grande do Norte (Tribunal Superior Eleitoral, 2023).

O fato repercutiu mundialmente e mostrou mais uma vez a ousadia das mulheres mossoroenses. A partir do movimento iniciado pela professora Celina – que era natural da capital Natal, mas residia em Mossoró, à época – o estado do RN passou por uma onda de movimentos em busca pelo direito do voto das mulheres: “A princípio, cidades do RN e de mais outros nove estados brasileiros foram logo contagiadas pelo pioneirismo mossoroense” (Prefeitura de Mossoró, 2019). O local ficou conhecido pelo pioneirismo do movimento sufragista, que resultou na oficialização do voto feminino em 1932 em todo o Brasil.

Hoje em dia há uma escola na cidade homenageada com o nome da precursora do movimento pelo voto das mulheres: Escola Municipal Profª Celina Guimarães Viana, localizada no bairro Barrocas. Registros sobre esses e outros fatos históricos de Mossoró e região podem ser encontrados no Museu Lauro da Escóssia. O espaço, que fica na antiga cadeia pública da cidade, conta em detalhes a história local e inclui em seu acervo registros fotográficos, objetos e documentos importantes, como o título de eleitor de Celina Guimarães.

2.3 DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR, GÊNERO E MATEMÁTICA: UM LEVANTAMENTO DE PRODUÇÕES

Com base no que foi exposto acima, é de vital importância conhecer sobre como as produções sobre gênero, docência e matemática estão sendo constituídas. Utilizaremos o termo ‘levantamento de produções’, pois trata-se de uma análise “[...] com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p.44).

O uso do termo se justifica, pois foram utilizadas como base de dados o Portal de Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, não se valendo de todas as produções e publicações da área. Foram analisadas um total de sete produções na área, sendo depois catalogadas e sintetizadas, distribuídas por ano de publicação e instituição responsável.

Com o objetivo de, segundo Ferreira (2002, p.259-261):

[...] conhecer o que já foi construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito [...] criando condições para que maior número de pesquisadores interessados em temas afins estabeleçam um primeiro contato,

recuperem determinado trabalho, possibilitando a circulação e intercâmbio entre produção construída e aquela a construir.

A busca pelos artigos relacionados a docentes de matemática e gênero foi feita no Portal de Periódicos CAPES, pois essa instituição é de alto respaldo acadêmico e reúne artigos produzidos por variados periódicos. E também no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, que foca somente em teses e dissertações, o que seria interessante para um levantamento bibliográfico com trabalhos de áreas diferentes.

É importante salientar que todas as pesquisas foram feitas utilizando o filtro de temporalidade (2010 até 2022) com o intuito de analisar trabalhos relativamente atuais. Quanto à filtragem por idioma, foram observados trabalhos apenas em português.

2.3.1 Portal de Periódicos CAPES

A primeira busca feita no site foi de palavras chaves relacionadas com o tema proposto, utilizando operadores booleanos para a facilitação, como mostrado a seguir: “matemática AND gênero AND professor*s”. Essa pesquisa teve a intenção de selecionar trabalhos com todas as palavras chaves descritas apenas no título e foi encontrado apenas um trabalho: A invisibilidade do gênero nas discussões das professoras de Matemática (Souza; Loguercio, 2021) – que será retomado posteriormente.

A partir dessa perspectiva, foi resolvido eliminar a palavra chave “professoras” e trabalhar somente com as outras duas, com a pesquisa: “matemática AND gênero” e a partir daí fazer a seleção de trabalhos que envolvessem a categoria de docentes ou docentes no ensino superior.

Com essa nova pesquisa, foram gerados um total de 49 trabalhos correspondentes. Com o intuito de selecionar apenas trabalhos revisados por pares, foi adicionado o filtro, e localizados 29 correspondências.

Com o intuito de selecionar os trabalhos que focavam na experiência de docentes com gênero e matemática, foi feita a análise dos resumos e introduções das produções apontadas pela pesquisa. Algumas pesquisas ficaram fora do acervo final, pois apresentavam, principalmente, estudos sobre livros didáticos de matemática e gênero ou ainda investigações somente com crianças ou adolescentes. Outras ainda investigavam as relações de gênero entre alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos), o que se afastava do intuito de perceber trabalhos que relacionassem gênero e docência. Com base nisso, foi elaborado o Quadro 03, onde podemos observar a relação dos trabalhos escolhidos.

Em especial, o trabalho “O que pensam licenciandos(as) em matemática sobre sua formação para lidar com a diversidade sexual e de gênero em sala de aula?” (Guse; Waise; Esquinca, 2020) não se encaixa no esperado dos textos que seriam aqui apresentados. Mas achamos importante ressaltar que essa pesquisa procurou entender – para estudantes de licenciatura em matemática – qual é o papel do(a) professor(a) de matemática no debate sobre a diversidade de gênero e sexual em sala de aula. O que está intimamente ligado com as temáticas aqui discutidas, sobre professoras e relações de gênero.

Quadro 3 - Relação dos trabalhos analisados do Portal de Periódicos CAPES

Título	Autores	Ano	Revista
A matemática brasileira sob a perspectiva de gênero	Araujo, Carolina	2018	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
A invisibilidade do gênero nas discussões das professoras de Matemática	Souza, Juliana Boanova ; Loguercio, Rochele de Quadros	2021	Tangram - Revista de Educação Matemática
Masculinidades, feminilidades e educação matemática: análise de gênero sob ótica discursiva de docentes matemáticos	Barbosa, Lucas Alves Lima	2016	Educação e Pesquisa
Relações de gênero na matemática: o processo histórico-social de afastamento das mulheres e algumas bravas transgressoras	Melo, Carlos Ian Bezerra de	2017	Ártemis

Fonte: Elaboração própria em 2024

No total, foram desbravados quatro artigos que envolviam direta ou indiretamente questões de gênero, matemática e docência; dando ênfase – quando possível – em trabalhos voltados para o ensino superior.

“A matemática brasileira sob a perspectiva de gênero” é um trabalho que traz resultados importantes sobre a participação feminina, trazendo questionamentos de como essa representação é baixa quando direcionada para a área de ciências exatas, tecnologia, engenharia e matemática. Apresenta ainda, dados da OBMEP (Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas), que trazem resultados alarmantes sobre participação e desempenho de meninas em 2017. É importante salientar que a autora é membro do Comitê para Mulheres em Matemática da União Matemática Internacional, o que pode indicar relação com os grupos de pesquisa voltados para mulheres e estudos de gênero na área de matemática.

“A invisibilidade do gênero nas discussões das professoras de Matemática” traz um olhar, utilizando da metodologia de grupo focal, sobre os discursos das professoras de

matemática formadas em uma mesma instituição. As autoras reuniram professoras dos níveis básico e superior, procurando discutir como elas foram atravessadas pelas perspectivas de gênero em suas formações.

“Masculinidades, feminilidades e educação matemática: análise de gênero sob ótica discursiva de docentes matemáticos” apresenta entrevistas semi-estruturadas com docentes de matemática da rede pública de ensino, procurando responder a perguntas como quais os desdobramentos para o ensino da matemática quando determinadas concepções de gênero se encontram implícitas na prática docente.

O texto “Relações de gênero na matemática: o processo histórico-social de afastamento das mulheres e algumas bravas transgressora” apesar de não trazer diretamente discussões sobre as professoras, aborda em seu escopo uma regressão histórica de como se deu o processo de exclusão feminina do meio da matemática. E ainda trazem informações sobre contribuições importantes das mulheres para a matemática, mobilizando a história e a relação das mulheres com o saber matemático.

2.3.2 Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

De modo semelhante, foi feita a mesma pesquisa no site do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. A primeira busca feita com as palavras chaves “gênero”, “matemática” e “professor*s” – sem a utilização de aspas - e não obteve resultados.

Ao fazer a exclusão da palavra “professor*s” da pesquisa, foram observados dez resultados, dentre esses, nove dissertações e uma tese. De forma análoga à pesquisa anterior, com a análise dos resumos e introduções, foi feita a análise das pesquisas que se encaixavam na temática desse estado do conhecimento. Os resultados encontrados não faziam relação com matemática e gênero da maneira esperada e sim com a utilização das características biológicas de homens e mulheres para análises matemáticas. Em sua maioria trabalhos que relacionavam nutrição ou áreas médicas. Houve apenas um trabalho que de fato relacionava gênero e matemática, porém esse fazia alusão à gamificação para inserção de mulheres na área STEM (*Science, Technology, Engineering and Mathematics*).

Pensando em maneiras de mobilizar as palavras chave para que retornassem trabalhos com a temática aqui interessada, pesquisamos - utilizando dessa vez o uso de aspas para que as palavras permanecessem juntas - “relações de gênero” AND “matemática”. Os resultados foram bem melhores, um total de vinte e um trabalhos, dezessete dissertações e quatro teses.

De forma análoga a anterior, foram analisados somente trabalhos que faziam referências à pesquisas com professores, gênero e matemática. Alguns trabalhos não entraram na análise final, pois não se remetiam diretamente à matemática, mas às áreas de química, engenharia civil ou ciências da natureza. Além disso, algumas pesquisas se desenvolviam com articulações apenas com discentes ou ainda com professoras do ensino básico. Algumas traziam ainda, como anteriormente, questões relacionadas a análises de livros didáticos, em diversas áreas.

A dissertação “Gênero e sexualidade na formação de professores: uma análise curricular do curso de licenciatura em matemática da Universidade Virtual Do Estado De São Paulo (UNIVESP)” (Martins, 2020) também não se trata em específico de docência e gênero. Mas aborda temas intimamente ligados, como a formação inicial de professores de matemática e suas relações com questões de gênero e sexualidade.

No total, foram descobertos três trabalhos de dissertação que envolviam direta ou indiretamente questões de gênero, matemática e docência; dando ênfase – quando possível – em trabalhos voltados para o ensino superior, explicitados no Quadro 4.

Quadro 4 - Relação dos trabalhos analisados do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Título	Autores	Ano	Instituição
“É aquela história de que só os fortes conseguem”: o perfil do(a) egresso(a) e relações de gênero no curso de Licenciatura em Matemática da UFMS – Câmpus do Pantanal'	GALVAO, NEREIDE APARECIDA PAGANI	2020	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
Entre mitos e interditos: uma reflexão sobre a segregação feminina na matemática	CORDEIRO, JANE CLEIDE DE ALMEIDA	2019	UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
Voices de mulheres na academia: desmantelando armadilhas para nos invisibilizar	BEZERRA, CAROLINA SALVIANO	2020	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Fonte: Elaboração própria em 2024

Na dissertação “ ‘É aquela história de que só os fortes conseguem’: o perfil do(a) egresso(a) e relações de gênero no curso de Licenciatura em Matemática da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) – Câmpus do Pantanal” traz relações diretas com a docência no ensino superior e questões de gênero. Pois procura identificar e analisar o perfil de professores(as) egressos(as) do curso de Licenciatura em Matemática da UFMS e as relações de gênero predominantes, tornando-se uma pesquisa muito potente que pode apontar

características esperadas de futuras professoras de matemática e relacionando esse tópico com questões de gênero.

O trabalho “Entre mitos e interditos: uma reflexão sobre a segregação feminina na matemática” se encontra em uma linha semelhante ao anterior, procurando analisar a concepção de alunas concluintes do curso de Licenciatura em Matemática sobre a participação feminina nesta área, com o objetivo de analisar possíveis motivos da segregação feminina na matemática. O movimento de análise desse texto se torna crucial, pois também pode apontar os sentimentos e relações com as questões de gênero de futuras professoras de matemática.

Na dissertação “Vozes de mulheres na academia: dismantelando armadilhas para nos invisibilizar”, a autora procura entrevistar professoras de matemática do ensino básico e alunas e professoras do ensino superior em matemática, com o objetivo de refletir e compreender situações sobre vivências de mulheres na universidade, problematizando ideias, mensagens e situações. A pesquisa se mostra potente pois ajuda a compreender as percepções de alunas e professoras sobre questões de gênero em seus respectivos papéis e construções de subjetividades.

2.3.3 Apontamentos sobre os trabalhos

Alguns aspectos vivenciados na construção desse levantamento bibliográfico deixam clara a necessidade de mais pesquisas voltadas para gênero e matemática que visassem abordar o comportamento, reflexões e vivências de professores do ensino superior.

A falta de resultados na busca pelas palavras “matemática”, “docentes” e “gênero” é uma das características mais alarmantes, ao destacar a falta de ligação entre os termos nos sites de buscas. Sendo necessário fazer o recorte na busca e depois procurar entre trabalhos que abordavam somente “gênero” e “matemática”, produções que comentassem também sobre docência.

Muitos dos trabalhos observados que não compuseram o acervo final estavam marcados como categoria “docente”, mas levavam em conta apenas os desafios e comportamentos dos discentes, sem fazer uma análise dos professores responsáveis. Há de se apontar ainda a quantidade mínima de trabalhos que se propuseram a comentar sobre o ensino superior, um total de apenas sete produções, mostrando a lacuna nessa área específica de atuação.

Quando observadas as regiões responsáveis pelas publicações, é notável a não contribuição de todas as regiões do Brasil – com produções localizadas em sua grande maioria no Sudeste do país - dando a entender uma lacuna do tema nas publicações das outras regiões.

Em relação ao ano de publicação, as teses e dissertações se mostram um pouco mais atuais do que as do Portal de Periódicos CAPES, mas ainda com falta de documentos mais recentes.

Sendo assim, se destaca a necessidade de mais estudos que abordem o tema, dando ênfase na análise do comportamento docente sobre gênero e suas perspectivas na formação de alunos e de como ultrapassar as barreiras entre homens e mulheres.

3 METODOLOGIA

De início, registrando que se entende nesta pesquisa o processo metodológico não como uma figura engessada e imutável, mas, sim, como aborda Garnica, Fernandes e Silva (2011, p.232-233), “um conjunto de ações (procedimentos) que nos permita abordar/compreender algo [...]” e ainda que “uma metodologia é algo dinâmico, constituído e avaliado em trajetória.”, este trabalho opta por uma abordagem de natureza qualitativa, mobilizando a História Oral como metodologia de investigação.

Em relação à abordagem qualitativa, se caracteriza como preocupada com “[...] aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (Silveira; Córdova, 2009, p.34). Pois se trata de temas relacionados às vivências dos indivíduos, levando em consideração seus aspectos subjetivos.

Como expõe Garnica e Gomes (2020, p. 16), “História Oral é uma metodologia de pesquisa que tem a intenção de registrar perspectivas subjetivas narradas por depoentes que o pesquisador julga serem fundamentais para compreender determinado tema” ou ainda “[...] uma metodologia de pesquisa qualitativa que possibilita lidar com narrativas de sujeitos que viveram os eventos que se pretende estudar.” (Moraes, 2017, p. 14).

Sendo assim, será utilizada essa abordagem para uma tentativa de compreensão das perspectivas de gênero que rodeiam as professoras dos cursos de Licenciatura em Matemática.

A escolha da abordagem da História Oral se deu baseada no fato de que:

[...] a história oral e a história de mulheres têm mostrado significativas similitudes em seus propósitos e objetivos, bem como em seus campos de interesse. Ambas foram produzidas (ao menos no que se refere à sua disseminação mais ampla) pelos movimentos sociais e políticos desenvolvidos a partir do final dos anos 1960 (Salvatici, 2005, p. 29).

Mostrando elementos comuns nos dois tópicos principais aqui tratados, as mulheres e a História Oral. Também pode-se entender que “[...] a história oral e a memória podem ser interpretadas como uma forma de subverter o silenciamento imposto às mulheres ao longo de séculos” (Moraes; Méndez, 2022, p.193). Trazendo aqui a História Oral como ferramenta que pode ajudar a expandir as narrativas dessas professoras ao longo de sua carreira acadêmica.

Em um primeiro momento, com o intuito de investigar sobre a representação feminina na docência em matemática do ensino superior, foi realizado um levantamento de dados sobre os docentes atuantes ou que já atuaram nas instituições públicas que ofertam o curso de

Licenciatura em Matemática do município de Mossoró – RN (como já mostrado no gráfico 3). A posse desses dados auxiliou na análise do panorama geral da pesquisa e também atuou como forma de selecionar e/ou identificar possíveis entrevistadas e iniciar buscas por nomes e contatos (Martins-Salandim; Silva, 2019).

3.1 PARTICIPANTES

O público alvo dessa pesquisa se estende às docentes efetivas alocadas nos departamentos dos cursos de Licenciatura em Matemática (que atuam ou já atuaram nos cursos de Licenciatura em Matemática) de instituições públicas, no município de Mossoró – RN. Ao selecionar também docentes que já atuaram nesses cursos – tendo como filtro um período de cinco anos desde a última atuação – leva-se em consideração que essas professoras contribuíram com a formação recente de professores e estão aptas a participar da pesquisa, construindo narrativas importantes para as análises das questões de gênero.

Participam professoras dos departamentos da UFERSA – na modalidade de educação a distância, UERN e IFRN – ambos na modalidade presencial, sendo essas as únicas três instituições responsáveis pela formação pública da Licenciatura em Matemática em Mossoró-RN.

Como a Licenciatura em Matemática a distância é trabalhada em uma dinâmica diferente da presencial, contando com professores e tutores, as entrevistas serão realizadas apenas com professoras formadoras que são por definição:

[...] aquele a quem cabe produzir a proposta do componente curricular, orientar as atividades, definir os materiais a serem inseridos no Ambiente Moodle, elaborar e corrigir as avaliações dos alunos e emitir as notas no prazo estabelecido pela UFERSA. Ainda cabe a ele produzir materiais de apoio que serão disponibilizados aos alunos visando ao melhor aprendizado (UFERSA, 2018, p.28)

Justificando essa escolha por se tratar de professoras que estão responsáveis diretamente pela esquematização da disciplina, prazos e aprovação ou reprovação dos alunos.

Partindo do momento em que já foram discutidos os conceitos de representação e representatividade, é interessante destacar que o intuito desta pesquisa não é analisar as representatividades femininas no tocante a grupos ou ramificações dentro do gênero (como classe social ou raça), não fazendo uso desses indicadores como filtro para a escolha das professoras. Não pela falta de importância dos temas, mas sim por se tratar de recortes diferentes e que devem ser analisados com peso e rigor que cada um carrega, porém tendo

consciência da quase não possibilidade de dissociar esses conceitos ao analisar as narrativas das docentes.

Nesse sentido, toma-se como guia as palavras de Scott (p.73, 1995), ao frisar que tem “[...] uma compreensão de que as desigualdades de poder estão organizadas ao longo de, no mínimo, três eixos.”. Entendendo, assim, que, ao falar de gênero, está se abrindo também outras vias de análise como raça e classe – não podendo estas ser ignoradas ao tratar-se do assunto.

Apesar da consciência de que essas professoras são diferentes e que cada uma tem seu próprio recorte em questões particulares e sociais citadas acima, há de se destacar que têm uma característica comum: se identificam como mulheres na sociedade e lidam com as consequências do que esse rótulo carrega. Como cita Adichie (2017): “Os estereótipos de gênero são tão quando profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade.”, então mesmo que haja diferentes caminhos na vida dessas professoras, todas elas estão interligadas pelo gênero.

Cabendo aqui uma ressalva sobre os papéis de gênero abordados por Louro e Scott, ao mencionarem sobre o esperado de homens e mulheres. “[...] não cabe perguntar se uma representação “corresponde” ou não ao “real”, mas, ao invés disso, como as representações produzem sentidos, quais seus efeitos sobre os sujeitos, como elas constroem o “real”. (Louro, 1997, p. 99,). Ressaltando a importância de não levar em consideração nessa pesquisa o que seria esperado de figuras “femininas” pela sociedade, e sim de como as docentes se identificam e lidam com as questões de gênero.

Fazendo uso das palavras de Butler (2003, p.20) quando fala sobre o que poderia ser esperado da sociedade da figura da mulher: “[...] há o problema político que o feminismo encontra na suposição de que o termo ‘mulher’ denote uma identidade comum.” e ainda cita “[...] que é muito pequena, afinal, a concordância quanto ao que constitui ou deveria constituir a categoria das mulheres”. Dando ênfase que as identificações das professoras como mulheres partem de sua perspectiva pessoal e são respeitadas a todo o momento na pesquisa. Sendo levadas em consideração somente como as questões de gênero afetam ou afetaram sua carreira de magistério e também como suas representatividades podem influenciar a vida de outras mulheres para atuar no ensino de matemática.

Como dito anteriormente, todas as professoras efetivas e formadoras que atuam ou atuaram nos cursos de Licenciatura em Matemática do município de Mossoró - RN de instituições públicas, que se identifiquem como mulheres foram consideradas aptas a participar

da pesquisa. Não foram levados em consideração quaisquer outros critérios. Como critério de exclusão, toda e qualquer professora convidada que não aceitasse participar ou que desejasse desistir da pesquisa por qualquer outro motivo.

O número de participantes convidadas foi igual ao número de docentes que atuam ou atuaram nos departamentos das três instituições mencionadas acima. Para uma melhor perspectiva do quantitativo em cada instituição, foi feito um levantamento, já apresentado no gráfico 3. Das nove professoras convidadas, todas aceitaram o convite para participar da pesquisa, porém, somente sete foram de fato entrevistadas. Apesar de várias tentativas para agendar uma data para a realização das entrevistas, duas professoras não conseguiram participar, totalizando assim sete entrevistadas.

3.2 RISCOS E COMITÊ DE ÉTICA

Para deliberação e aprovação sobre os procedimentos éticos da pesquisa realizada, o projeto foi submetido ao CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) das instituições vinculadas, sendo registrado e aprovado sob nº 65556422.1.0000.5294 visto que:

O Comitê de Ética em Pesquisa é composto de um colegiado com “munus público”, independente, multidisciplinar, misto, equitativo, deliberativo e educativo, criado para defender a integridade e dignidade de seres humanos envolvidos em projetos de pesquisa em consonância com as Resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) / Ministério da Saúde(MS). (UERN, 2021)

Assumindo-se assim a postura de que toda e qualquer pesquisa envolve riscos, foram tomados todos os cuidados e procedimentos necessários para que as entrevistas ocorressem com “um clima de respeito e confiança entre o entrevistador e o(s) entrevistados” (Nascimento, 2013, p. 102). Lembrando que os limites éticos devem sempre ser respeitados, de modo a resguardar pesquisador e entrevistados (Pereira; Cardoso, 2013).

Pressupõe-se que a pesquisa não apresentou riscos físicos a nenhuma das participantes, sendo feita em ambiente climatizado, com privacidade e conforto. Porém assumindo o risco de constrangimento ou possíveis tópicos que pudessem causar fortes emoções ou mal-estar durante as entrevistas. Nesse caso, seria dada a possibilidade de imediata interrupção à gravação e dado o direito da entrevistada de desistir da participação ou adequar a conversa para outro momento mais propício.

Os benefícios referentes à pesquisa podem estar atrelados ao autoconhecimento da própria participante, podendo estar em posição de aprender sobre novos temas e se fazer

consciente de sua importância em sociedade. Além das possíveis hipóteses mencionadas anteriormente, de contribuições para a sociedade e comunidade acadêmica.

3.3 CONTATO INICIAL

Depois da aprovação e liberação do CEP, foi dado início ao processo de procura e contato com as docentes. Ao comentar sobre a preparação antes das entrevistas, é preciso explicitar que foram realizados estudos preliminares sobre a relação entre gênero, matemática e educação, procurando abordar a temática da melhor forma possível com as entrevistadas, tomando o cuidado, assim, de estar familiarizada sobre o assunto e buscando elaborar compreensões sobre as questões que a entrevista poderá vir a responder (Bauer; Gaskell, 2003).

Seguindo as orientações de Martins-Salandim e Silva (2019), logo após o processo de procura e identificação das docentes, foi realizado o contato inicial para abordagem dessas, de modo a esclarecer os interesses da entrevista, assim como os protocolos a serem utilizados e também sobre a posterior assinatura do termo de cessão de direitos e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As professoras participantes da pesquisa foram convidadas pessoalmente e, quando não possível o contato direto, através de meios digitais. Sendo informadas da intenção e caráter da pesquisa, assim como de todos os trâmites legais de concessão de direitos de som e imagem. Depois de feitos os convites, foi aguardado o tempo de resposta hábil das convidadas.

Em seguida, depois de aceito o convite foi realizada a assinatura do termo, consentindo assim com sua participação total. Mesmo após a assinatura, se as participantes desejassem não mais seguir em frente com a pesquisa, sua decisão seria imediatamente aceita pela pesquisadora, conforme apontado anteriormente.

Ressaltando ainda que o bem estar das entrevistadas foi a fonte de maior preocupação (Pereira; Cardoso, 2013), não deixando os interesses da pesquisa ofuscarem os seres humanos por trás das palavras.

3.4 ROTEIRO E ENTREVISTAS

A condução das entrevistas se deu com base em um roteiro (Moraes, 2017) previamente estruturado, para que fosse possível à pesquisadora consultar a qualquer momento e ter a certeza de abordar todos os tópicos pretendidos. Durante a elaboração do roteiro de entrevista (em anexo neste texto), foram levados em consideração diversos aspectos tais como: quais temas

abordar, e o que seria de fato relevante para a pesquisa. Porém sempre tendo em mente as palavras de Hooks (2013, p. 148-149):

[...] a criação de um contexto em que possamos entabular diálogos críticos e abertos uma com as outras, onde possamos debater e discutir sem medo de entrar em colapso emocional, onde possamos ouvir e conhecer umas às outras nas diferenças e complexidades das nossas experiências - a criação de um tal contexto é essencial.

Ou seja, estabelecer esse diálogo aberto com as professoras é essencial, buscando modos de ouvi-las sem questionamentos ou julgamentos de suas falas e decisões ao longo das escolhas feitas em suas vidas. Até por isso, a metodologia da História Oral se prova acertada, tendo em vista sua prerrogativa de escuta e espaço para quaisquer que sejam as falas das entrevistadas: “[...] permitir entrar em contato com indivíduos ligados por acontecimentos em comum, que por tê-los vivido e experienciado fornecem diferentes perspectivas [...]” (Moraes, 2017, p. 14).

Quanto ao conteúdo do roteiro e o que pedir para as entrevistadas comentarem, procurou-se dar prioridade para as escolhas de carreira acadêmica sem deixar de levar em consideração aspectos importantes que podem ter influenciado em suas vidas: filhos, família, amigos, escola, professores/orientadores – assim como todos e quaisquer aspectos que elas desejassem falar e que considerassem importantes. Por isso também a última orientação do roteiro é questionar às professoras se elas gostariam de abordar mais algum aspecto que achassem necessário.

Foi escolhido um caminho de investigação que começa na infância, passa pela adolescência e depois se encaminha para as fases da graduação e de pós-graduação (mestrado e doutorado). Tendo em mente aspectos sobre a construção de subjetividades e suas implicações nas escolhas dos indivíduos. Além disso, foram levadas em consideração aspectos silenciosos e determinantes na vida de mulheres, como afazeres domésticos e maternidade.

Durante as entrevistas, como esclarece Bauer e Gaskell, (2003, p. 97-98), “[...] a atenção do entrevistador deve estar focada em questões imanentes, no trabalho de tomar anotações da linguagem empregada, e em preparar perguntas para serem feitas posteriormente, em tempo adequado”.

Sendo assim, no momento da entrevista, foi observada a postura de escuta atenta e atenção aos detalhes, em concordância com Louro (1997, p. 121), que comenta sobre as principais formas de vencer os estereótipos de gênero presentes na sociedade: “Esse “afinamento” da sensibilidade (para observar e questionar) talvez seja a conquista fundamental

para a qual cada um/uma e todos/as precisaríamos nos voltar. Sensibilidade que supõe informação, conhecimento e também desejo e disposição política.”

É necessário também chamar a atenção para a vista dessas mulheres como sujeitos na sociedade e atentar que “[...] o sujeito não está dado, mas se constitui nos dados da experiência, no contato com os acontecimentos.” (Mansano, p.115, 2009). Ou seja, essas professoras são influenciadas e influenciam à sua própria maneira, em seu ciclo pessoal e profissional – e também sendo afetadas de diferentes formas.

Então há de se levar em consideração – no momento da entrevista – que essa está sendo conduzida por uma pesquisadora mulher, porém, tendo o cuidado de discernir a diferença entre uma pesquisa interessada, mas não enviesada, não almejando em nenhum momento a interpretação desviada dos fatos apontados pelas entrevistadas.

Tendo como guia as palavras de Freire (1996): “Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo.”, deixa-se clara a importância da posição que as entrevistadas assumem somente em concordarem com a entrevista. Mostrando, antes mesmo de quaisquer tópicos abordados, sua preocupação com o tema apresentado e boa vontade de colaboração.

Tendo em vista também a importância da posição dessas professoras frente ao tema, como afirma Hooks (2020, p. 17): “[...] a importância de eu me encontrar e ter uma voz. Falar, ser capaz de nomear, era uma forma de reclamar para si a posição de sujeito.”, entende-se que essas são capazes de perceber o local que ocupam e de como suas palavras podem ter influência.

A gravação das entrevistas foi feita utilizando um gravador de voz de aplicativo, com o consentimento cedido pelas professoras pelo TCLE. Os locais onde ocorreram as entrevistas ficaram a critério preferencial das entrevistadas, de acordo com suas prioridades e de modo que se sentissem confortáveis. Em geral, as próprias entrevistadas fizeram sugestão de local para realização da entrevista. Sendo em sua maioria as salas que utilizam nas instituições para atendimento aos alunos ou outro tipo de trabalho que não aconteça em sala de aula. Tratando-se de um ambiente neutro, sem barulhos e com total privacidade para os diálogos apresentados.

3.5 ANÁLISE DE NARRATIVAS

Em posse dos dados e narrativas das docentes, foi seguido o protocolo de transcrição e textualização, que, segundo Garnica, Fernandes e Silva (2011, p.232-233):

[...] as entrevistas – realizadas em tantas sessões quantas forem necessárias, seguindo as disposições do pesquisador e do colaborador –

são gravadas e/ou filmadas para, posteriormente, serem transformadas em textos escritos numa sequência de momentos aos quais chamamos transcrição (ou degravação) e textualização: do registro da oralidade (em suportes digitais) passa-se à degravação bruta (elaborando-se um primeiro registro escrito); dessa degravação bruta (ou transcrição, como temos chamado) passa-se à primeira textualização (que implica editoração da transcrição), à qual seguem tantas textualizações quantas julgadas necessárias para apurar o texto, sempre em negociações com o depoente.

Ou seja, fica claro o movimento de colocar em formato textual as experiências relatadas pelas docentes e, em momento posterior, entrar em concordância sobre a versão final textualizada de suas palavras. Para a etapa de transcrição foi utilizado o software Microsoft Word, na ferramenta de transcrição de áudio, que colocava em formato de texto o áudio das entrevistas. Após esse processo, foi necessária uma revisão manual de todo o conteúdo produzido, corrigindo erros e dificuldades de captação de áudio do software. A ferramenta é gratuita, mas deixa a desejar na captação das palavras, sendo necessário um trabalho posterior minucioso para que o texto fique claro e coerente. Um ponto positivo é que a ferramenta identifica as vozes de diferentes pessoas, o que foi bastante útil, ao já colocar no texto as falas respectivas de cada pessoa.

No processo de textualização, optamos por produzir um texto em que somente fossem expressas as palavras das professoras, sem intervenções da entrevistadora. Essa escolha se deu pela preferência de que essas narrativas demonstrassem – com o mínimo de interferência possível – os caminhos e decisões das docentes em sua trajetória pela vida acadêmica e pessoal.

Antes de qualquer coisa, é preciso deixar registrado que o processo de análise e reflexão das narrativas das professoras começava no próprio momento da entrevista - ao notar posicionamentos ou relatos considerados importantes. Algumas vezes até mesmo antes, no primeiro encontro (em uma tentativa de explicar como funcionaria a pesquisa): algumas professoras já davam indícios do que iriam falar e como se sentiam sobre determinados tópicos.

Em alguns momentos, as falas foram reorganizadas para que seguissem a linha temporal que as professoras estavam explicitando com suas palavras. Esse procedimento se deu por necessidade de que a narrativa tivesse sentido, visto que em muitos momentos as professoras entremeavam por relatos em diferentes épocas de suas vidas – movimento completamente natural nas entrevistas, muitas vezes se recordando de fatos que gostariam de compartilhar no momento. Depois de fazer a devolutiva da textualização para as professoras - junto com o arquivo de áudio da gravação da entrevista – e das negociações em torno do que

deveria estar ou não na versão final da textualização, as professoras assinaram a carta de cessão sobre os direitos do texto e do áudio produzidos.

Isso posto, pode ser adentrada a parte final deste trabalho, as análises formais sobre as narrativas produzidas. Em concordância com o referencial teórico abordado e também com os dados obtidos do quantitativo elaborado, pretende-se caminhar sobre as tramas que narram as perspectivas de gênero que atravessam as docentes. Tendo em vista que, de acordo com Louro (1997), toda e qualquer instituição é atravessada por questões de gênero e é impossível pensar sobre isso sem que se leve em consideração construções sociais entre o feminino e masculino.

Em uma tentativa de responder à pergunta de pesquisa desse trabalho, optamos por utilizar uma análise temática das narrativas produzidas pelas professoras. Em concordância com Toillier (2013, p. 36), “[...] foi realizado um levantamento de categorias de análise, ou seja, tendências que emergem ao nos debruçarmos sobre as fontes, a partir das perguntas da entrevista”. É importante ressaltar que essas temáticas observadas foram oriundas do próprio processo de entrevista, ao nos depararmos com determinados assuntos fortemente salientados pelas professoras.

Ressaltando que esse movimento tem o intuito de organizar ideias, concordando com as palavras de Hooks (2013, p. 247) ao citar que: “A mera experiência física de ouvir, de escutar com atenção cada voz em particular, fortalece a nossa capacidade de aprender juntos.” Assim, mantivemos o cuidado e sensibilidade de não enviesar a narrativa das professoras. As temáticas de análise funcionaram também como uma forma de organizar o que pareciam muitas informações para uma só pesquisadora.

A escolha dessa forma de análise se deu pelo fato de que existiam “[...] elementos que se mostravam mais insistentemente numa série de fontes ou elementos que, nesse mesmo conjunto, se mostravam claramente divergentes [...]” (Martins-Salandim, 2012, p. 62-63). Essa análise de convergências e divergências de temas presentes nas narrativas das professoras (Martins-Salandim, 2012) nos proporcionou disparos em relação ao processo de entendimento de como as questões de gênero permearam e permeiam na formação e atuação das docentes entrevistadas.

Tendo em vista o trabalho com narrativas, temos que estar cientes de que “[...] esse ressignificar os fatos narrados indicam que, ao trabalharmos com memória, fazemos conscientes de que tentamos capturar o fato sabendo-o reconstruído por uma memória seletiva, intencional ou não.” (Abrahão, 2012, p.86). Sabendo disso, é importante frisar que será levado em consideração o critério de plausibilidade dos fatos apresentados nas narrativas: “[...] deve

cuidar, também, de pautar-se pela pluralidade de fontes que coloca em diálogo com os depoimentos coletados, visando a atribuir significados plausíveis ao seu conjunto de narrativas”, como citado por Garnica e Gomes (2020, p. 28).

Em suma, as análises serão feitas com o intuito de entrelaçar as narrativas produzidas, as referências basilares e outras informações produzidas ao longo do estudo, de modo que possam ser atribuídas as perspectivas de gênero, representatividade e seus percursos nos caminhos das docentes.

4 TEXTUALIZAÇÕES

Nesse capítulo apresentam-se as textualizações das entrevistas realizadas com as professoras e um breve resumo de como foram dadas as tratativas para apresentação da pesquisa e contato inicial com as docentes.

4.1 AYLLA GABRIELA PAIVA DE ARAÚJO

A professora Aylla é vinculada ao Departamento de Matemática e Estatística na UERN, trabalhando com foco em educação matemática, e foi a primeira entrevistada. Optei por falar com ela primeiro, pois já tinha tido bastante contato com ela durante o Programa de Residência Pedagógica que participei na UERN. Ela foi a professora coordenadora do programa na época que participei como discente, e foi a única entrevistada dessa instituição.

O contato inicial com a professora Aylla foi super simples, já tinha seu número de WhatsApp salvo e mandei uma mensagem perguntando quando ela estaria na UERN – a professora não estava lá sempre, pois se encontrava afastada para doutorado – e ela me respondeu que durante suas férias do doutorado estaria sempre dando uma passada pela UERN.

Aproveitei um dia que saberia que a professora estaria no departamento de matemática e perguntei se ela poderia conversar comigo sobre a minha pesquisa de mestrado. Expliquei a ela todos os procedimentos que gostaria de fazer, se ela topasse, e ela disse que sim. Foi muito solícita.

Marcamos uma data para a entrevista, que teve que ser reagendada várias vezes, por causa de uma onda de ataques violentos que estavam acontecendo em Mossoró, a UERN suspendeu as aulas. Nossa entrevista aconteceu no dia 04/05/2023, às 16:00, no Laboratório de Ensino de Matemática (LEM). Na ocasião a UERN estava de férias e só estávamos nós duas no LEM. A entrevista ocorreu de forma tranquila e teve duração de uma hora e dezesseis minutos.

----- ¶ -----

Meu nome é Aylla Gabriela Paiva de Araújo. Tenho 33 anos, sou de Campina Grande², da Paraíba. Minha trajetória com matemática³ foi justamente por conta que tinha o meu pai que

² Campina Grande é um município brasileiro no estado da Paraíba, situado a cerca de 125Km da capital João Pessoa.

³ Utilizaremos letra maiúscula quando as professoras se referirem às disciplina ou aos cursos de graduação e letra minúscula para os outros casos.

fazia Engenharia Química e Matemática... porém, não terminou nenhum desses cursos. E ele sempre falava, tinha comércio, e dizia: “ah, vai estudar, vai estudar”.

Eu sempre gostei muito de matemática, até o terceiro ano o professor dizia: “você vai ser professora de Matemática”, porque na disciplina eu sempre tirava dez. E aí, quando passou o tempo, eu não queria ir pra Matemática porque o pessoal falava: “ah, vai ser professora né”. Então tem toda essa questão, o pessoal quer que você seja médico, quer que seja tudo... mas, não professor.

Eu decidi fazer um curso de moda, fiz um curso de desenho estilístico de moda. Nesse desenho estilístico de moda eu vi que tinha muita matemática, e todo mundo tinha dificuldade na matemática. Aí, eu disse: “eu acho que vou fazer um curso de Matemática”. E nesse período que eu fiz o curso de moda, foi o período que eu comecei a estudar para o vestibular pra fazer a Matemática. Era um tecnólogo em Moda. E esse tecnólogo me abriu a porta... decidi que ia fazer Matemática. Já tinha desistido da área da saúde. Minha mãe era enfermeira, então, eu não queria, mas todo mundo queria que eu fosse médica. Então, eu comecei esse de moda e me apaixonei, porque desde criança eu mexo com essa questão de desenho, de brincar com costura... minha avó era costureira. Então comecei a gostar, aí, foi quando eu decidi fazer o vestibular pra Matemática.

Fiz o vestibular pra Matemática em 2009, e em 2010 eu entrei no curso de Matemática na UEPB⁴, em Campina Grande. Comecei lá a minha graduação e me identifiquei de primeira com o curso. E desde o terceiro período eu já comecei a participar do PIBID⁵ como bolsista e isso incentivou para que eu não parasse. Então essa bolsa, apesar de que a gente pensa que é pouco, quatrocentos reais (no tempo era quatrocentos reais), mas me incentivava a continuar.

Fiz o curso todinho, até o final, sendo bolsista do PIBID. E aí eu participei de eventos, comecei a participar das atividades. E quando teve a disciplina de laboratório, eu disse: “é isso que eu quero!”. Porque eu já fazia várias coisas manuais, então, pensei que poderia criar jogos de matemática. Fui me identificando pela ideia de educação matemática, desde o início. Com uma tendência grande para Educação Matemática.

Comecei a disciplina e, nesse mesmo período em 2014, eu estava concluindo a graduação. Quando terminei esse verão eu decidi fazer a seleção do mestrado. Fiz a seleção do mestrado⁶, lá mesmo na UEPB, e passei. Então tive que pedir adiantamento do curso – eu já tinha pago tudo, só faltava apresentar o TCC, apresentei e comecei o mestrado.

⁴ Universidade Estadual da Paraíba

⁵ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

⁶ Mestrado em Educação Matemática na UEPB

Em relação ao incentivo recebido da família, eles já tinham proximidade com o ambiente da faculdade. Mainha fazia especialização sempre, meu pai conhecia a graduação. Eu tinha essa realidade.

Meu pai começou os cursos de Engenharia Química e Matemática, mas não terminou, ele tinha um comércio, uma loja de peças de carro. Quando a gente era criança, ele deixou de estudar para abrir a loja. É até uma coisa que ele sempre falava: “estude, porque a loja é hoje, mas não é amanhã”. Então, a maioria dos meus professores de faculdade eram os colegas dele. Ele ficava pensando: “se eu não tivesse desistido, será que eu também não tinha sido um professor dela na universidade?”. Então, acho que ele via muito esse lado.

Eu sempre estudei em escola particular, do fundamental até o ensino médio. Só estudei em duas escolas diferentes: até a quarta série em uma, e do quinto ao terceiro ano em outra escola. Meu pai não gostava de tirar a gente de uma escola pra outra, queria que nós fizéssemos tudo em uma mesma escola. Mas essa escola, lá em Campina, era uma das melhores. Eram muito boas as escolas. Não era escola católica, era uma escola de bairro próxima ao centro, bem reconhecida e bem antiga (mais de 30 anos).

Tive excelentes professores de Matemática, e professora também. Teve a professora Kátia que era uma das melhores – até o oitavo ano foi com ela. Primeiro, segundo e terceiro ano foi com o professor Freire, a aula dele era uma das melhores, ele sempre levava violão, fazia uma aula muito divertida e dinâmica. E lá na escola, diferente de uma escola pública, eram cumpridos todos os conteúdos. Eu estudei todos os conteúdos. Quando eu cheguei na universidade, o professor perguntava: “você já viram trigonometria?”, só quem levantava a mão era eu. Todos os meus amigos tinham vindo de escola pública e não tinham visto matrizes, trigonometria, números complexos. Então, eu tinha essa base, desde a educação infantil, uma boa base.

Minha mãe e meu pai eram muito ocupados, minha avó que cuidava da gente. Então, a presença deles era muito difícil, eles não faziam essa cobrança [para os estudos]. Mas eu lembro que tinha muita dificuldade, eu até ainda vou atrás de saber, porque eu acho que tenho TDAH. Eu tenho muita falta de atenção. Lembro que na educação infantil, até o quarto ano, eu ia para uma professora para uma aula de reforço. Ela me dava aula de reforço de todas as matérias.

Depois do quinto ano, eu fui fazendo as atividades sozinha. Até que comecei a ensinar meu irmão mais novo. O meu irmão mais velho não gostava de estudar e eu ensinava para o mais novo. Cobrava ele, como se fosse a mãe dele. Até na escola, se chamasse para algum

problema, me chamavam e não chamavam nossa mãe. Eu não tinha essa cobrança [dos pais], eu acho que sempre gostei de estudar.

Eu não era uma das melhores alunas, ficava na média. Eu era a do meio da sala, às vezes ia para o fundo, mas gostava de estudar – não gostava de ficar de recuperação. Ficava de recuperação nas matérias que tinha mais dificuldade – história e português. Nessas disciplinas que precisava memorizar eu tinha mais dificuldade. Quando era matemática, química, física, eu gostava.

Ainda falando sobre a escola, no período do ensino médio, eu foquei muito em passar para o vestibular. Queria muito passar logo. Mas no terceiro ano eu não passei, justamente quando eu coloquei a área da saúde. Eu estudei tanto, foi uma pressão tão grande, que eu fiquei doente. Fui fazer todas as provas doente.

Eu pensei: “terminei o terceiro ano e agora tenho que estudar”. Até poderia trabalhar em outra coisa, na loja do meu pai, mas... Aí, foi quando eu descobri o curso de moda e fui fazer. Era nas sextas à noite e eu comecei a gostar, sempre gostei muito de desenhos, de arte. Depois, foi quando eu decidi: vou fazer Matemática. Só fiz um vestibular pra Matemática, o da UEPB. Então se eu não passasse, não sabia o que ia fazer.

Nesse período eu descobri um problema de saúde. Fiz o vestibular com uma semana de cirurgia para corrigir esse problema. Fui com o rosto inchado, e passei. No período da graduação, fiz várias cirurgias para corrigir o problema nos dentes.

Durante a graduação de Matemática, só participei do PIBID. Começou no início (segundo ou terceiro período) e me incentivou a não desistir e fui até o fim do curso. Meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi aplicado no PIBID.

Quando eu descobri que tinha passado na graduação foi uma felicidade, acho que para todos. Meu pai e minha mãe me apoiaram. Meu pai estava praticamente realizando o sonho dele. Tudo muito tranquilo. Eram mais as pessoas de fora, sem ser da família próxima, que ficavam reclamando da carreira de professora.

O contato [que eu tive] com os professores, eu acho que é bem diferente de hoje, porque isso foi de 2010 a 2014. Nesse período a gente ainda não tinha WhatsApp. O contato que a gente tinha no máximo com o professor era pelo e-mail, se ele faltasse a gente ia para a universidade e descobria que ele faltou. Várias vezes aconteceu isso. Então, era um contato só em sala de aula, eram poucos que tinham contato mais próximo.

Teve uma professora que acompanhou a gente em uma viagem para Curitiba⁷, pro Enem⁸, foi o primeiro evento que a gente fez nacional. E a gente ainda teve contato com ela nessa viagem, aí, tinha esse outro professor do mestrado. Foi no mestrado que a gente teve um contato maior assim com ele, mais proximidade. Mas na graduação era aquilo, professor dava aula e ia embora.

Teve um que me incentivou desde o início, ele ia ser meu orientador de TCC, foi Anibal⁹. Eu falei do curso de moda e ele sugeriu que eu fizesse o meu TCC voltado com a moda e a matemática. E aí eu trabalhei a aplicação e modelagem matemática na confecção de roupas, esse foi o tema do meu TCC. Quando ele se afastou para o doutorado quem me orientou foi outro professor, Fernando Luiz¹⁰. Ele que fez todo o trabalho comigo, mas a orientação dele era mais na questão acadêmica, porque do tema ele não tinha um domínio. Mas foi muito bom, ele cobrava muito. Só não tive uma relação muito boa com esse professor que eu reprovei que ele era aquele professor que maltratava o aluno, humilhava.

Durante a graduação, eu só tive uma professora - no primeiro período - que era da Matemática Básica. Mas depois disso, só foi professor. Não teve outra professora não, só professores mesmo. Alguns bem antigos, aquele pessoal bem antigo, que já estava perto de se aposentar e que ia dar aula qualquer jeito.

Na minha turma eram quarenta e sete alunos, se formaram sete. Claro que na formatura, vieram de outras turmas e foi juntando, deu uns doze. Tiveram outros da minha turma que ficaram e concluíram depois de dois anos, um ano... Teve aí uma média de quarenta alunos que ficaram pelo meio do caminho, ou que foram para outros cursos. Eu me lembro que tiveram uns que foram para Engenharia e foram mudando, outros desistiram mesmo.

Esse grupo de sete alunos que eu falei, nós sempre estudávamos juntos. Tinham dois alunos lá que sempre ensinavam os outros. Eu me lembro que a gente tirava um dia da tarde, aí, um ensinava o outro. Mas eu estudava poucas vezes no grupo. A gente resolvia as questões e combinávamos de passar uns pros outros, porque a maioria era de fora, só tinha eu e outro de Campina, o resto eram todos de cidades circunvizinhas que vêm nos ônibus. Era mais difícil a gente ter esse contato, era mais nessa relação de estudar em casa. Aí, quando tinha um intervalo ali, trocava questões, tirava dúvidas.

⁷ Curitiba é a capital do estado do Paraná, na região sul do Brasil.

⁸ Encontro Nacional de Educação Matemática

⁹ Aníbal de Menezes Maciel, professor doutor da Universidade Estadual da Paraíba.

¹⁰ Fernando Luiz Tavares da Silva, professor mestre da Universidade Estadual da Paraíba.

O meu curso era diurno, paguei só uma disciplina à noite, que foi justamente pra não atrasar o curso, quando eu perdi essa disciplina que comentei. Os alunos da manhã geralmente não trabalhavam. Eu trabalhava com artesanato, tinha uma lojinha de artesanato nesse período da graduação. Quando eu terminei o ensino médio, eu consegui uma loja lá em Campina, numa vila do artesão, e eu ficava a tarde lá, trabalhava lá. Mas quando eu não queria, eu não ia, era flexível. Mas a maioria não trabalhava, só estudava – era diferente do público da noite, que trabalhava o dia todo.

Em relação às políticas de permanência da universidade, me lembro que tinha monitoria, PIBIC¹¹... mas o PIBIC lá era muito difícil você conseguir, tinha que ter um contato muito grande com o professor da matemática pura. Era mais o PIBID que a gente conseguia, acho que a maioria dos alunos. Esse grupo de sete alunos que concluiu comigo, todos eram do PIBID. E a maioria era da manhã, porque a gente tinha que ir para a escola à tarde. Tinha PIBID umas duas vezes na semana ou era uma vez na semana, a gente tinha que ir à tarde para o projeto da escola, então, a maioria era da nossa turma.

Eu lembro que tinha dois amigos da gente que moravam na residência universitária¹². Eles eram de fora e moravam na residência, e alguns conseguiam a alimentação, como se fosse num RU¹³. Não sei se tinha outras bolsas, auxílios; acredito que sim. Eu lembro que eu acho que tinha, mas eu não tenho conhecimento, não tive acesso. Nunca procurei saber das outras políticas de permanência da universidade.

Eu acho que as políticas de permanência da universidade ajudam muito, assim como me ajudaram, eu acredito que é uma forma de apoio, principalmente para os nossos alunos. Eles são de longe, passam o dia aqui na universidade, é muito difícil. Tem que ter, é necessário – quanto mais melhor –, principalmente essas bolsas que incentivam você a não parar, você não desistir. Eu sou a favor.

Fiz o estágio em uma escola lá perto da minha casa... E como eu fazia parte do PIBID, muitas vezes eles consideravam a nossa regência no PIBID para o estágio. No estágio 1 era observação nessa escola, e o estágio 2 fiz uma regência no ensino fundamental, que foi perto da minha casa. Os estágios 3 e 4 já foram no PIBID – como era ensino médio, fomos liberados da regência. O professor foi até lá assistir uma aula, mas foi pelo PIBID.

¹¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

¹² Programa de residência localizada dentro ou nos arredores das universidades, que geralmente oferecem moradia para alunos que vêm de cidades fora do campus.

¹³ Restaurante Universitário

No TCC, o tema foi aplicações em modelagem matemática na confecção de roupas. Trabalhei toda essa questão do que é que tem na matemática nessa área. Foi muito tranquilo. Meu professor era um pouco exigente, mas foi ótimo. A gente tinha dificuldade, sempre teve. Eu não gostava de ler, vim aprender depois, então, é difícil a primeira escrita. Não é fácil, é um desafio.

A universidade entrou em greve quando eu estava na graduação, aí voltou e conclui as disciplinas. Meu TCC estava pronto, então eu defendi em dezembro o TCC. Sendo que como teve esse período de greve, o diploma da gente só ia sair em março [do outro ano]. Então, em janeiro eu fiz a seleção de aluna especial do mestrado. Era a mesma faculdade, na UEPB. A gente tem um programa de mestrado lá. Já tinha um mestrado profissional e tinha aberto um acadêmico, sendo que eu fiz um profissional. Lá tinha duas seleções, uma no começo do ano e uma no meio do ano, aí eu fiz logo no começo do ano e passei. No programa Ensino de Ciências e Educação Matemática, que é o que eu estou hoje no doutorado também. Quando eu passei na seleção, tive que pedir adiantamento de diploma. Quando eu fui pra colação, já estava matriculada no mestrado, então foi um interligado no outro.

Quando eu fiz a seleção eu coloquei três opções: uma do professor que trabalha com resolução de problemas e o outro que tinha sido meu professor de Estágio, do Estágio 4. Então, ele já sabia todo o trabalho que eu estava fazendo, também no PIBID, aquela minha aula do projeto com roupas, né... e eu coloquei ele como segunda opção. É engraçado que ele é da história da matemática, pra minha área que era modelagem matemática não tinha muita a ver. Mas aí, ele já me conhecia como aluna, então, ele aceitou e eu fui a segunda orientanda dele – e nessa área, a primeira, porque ele só trabalhava com história da matemática.

Eu não tinha bolsa, trabalhei durante o mestrado. Quando eu terminei a graduação eu consegui uma oportunidade, que foi indicada pela professora do PIBID, pra trabalhar no SENAI¹⁴. Fui professora do SENAI, eu trabalhei lá no curso de Modelagem de Roupas, de vestuário e de moda. Como eu vinha nos projetos já fazendo isso, então ela me indicou. Dei aula em segurança do trabalho também. Peguei essas turmas, sendo que eram contratos, tinha aquela disciplina e pronto. Foi em 2014. Quando foi em 2015, eu consegui ir para Cabaceiras¹⁵.

Lá em Cabaceiras era uma escola de educação infantil, fundamental, ensino médio e EJA. Eu trabalhava lá segunda, terça e quarta. Nesse período eu já tinha terminado as disciplinas do mestrado e estava só na pesquisa. Aí, quarta, quinta, sexta e sábado eu ficava em Campina

¹⁴ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

¹⁵ Cabaceiras é um município brasileiro do estado da Paraíba, localizado a cerca de 190Km da capital João Pessoa.

Grande – era uma cidade que estava mais ou 100 quilômetros de Campina. Eu tinha que viajar. Eu tinha que ir pra lá na segunda de manhã, dormia lá segunda, porque eu dava aula na segunda de manhã e à noite, na terça manhã e noite e na quarta pela manhã. Na quarta eu voltava para Campina Grande. Eu passava esses outros dias em Campina.

Era uma escola pública, foi uma seleção que eu fiz. Foi o primeiro contato como professora da educação infantil¹⁶. Só tive esse, não tive outro contato. Do quinto ao terceiro ano tinha nessa escola. Eu dava aula para todas as turmas, fundamental, médio e EJA. Tinha quinto, dava aula em um sexto, o sétimo, oitavo, tinha todas. Primeiro ano, era segundo ano, foi bem muita turma. Foi quando eu decidi: “eu quero ser professora da universidade”. Foi nessa experiência. Eu passava a manhã e a noite trabalhando lá, e à tarde estudando pra concurso, para seleção de concurso.

Eu acho que mais pela indisciplina dos alunos que tomei essa decisão¹⁷, eu não conseguia dominar a turma. Eu gostava de levar jogos, atividades... eles participavam, eu gostava das crianças e tudo. Mas o mais difícil era a indisciplina, de não conseguir dominar a turma pra eles ficarem em silêncio. É muito complicado. Tinha dia que eu saía triste, porque eu planejava tudo e não dava certo, e eu saía me autoavaliando: “o que foi que eu fiz de errado?”. Tinha dias que eu saía muito triste.

Foi quando eu decidi que queria tentar entrar para a universidade, foi quando eu comecei realmente a estudar. Aí, no outro ano eu fui chamada para uma seleção de substituto no Ceará, em Campos Sales¹⁸, divisa com Piauí.

Tinha uma colega que eu conheci no mestrado, ela era professora da URCA¹⁹, então, nesse período foi quando ela disse: “porque não vai fazer a seleção de lá?”; eu disse: “é, eu vou”. Aí, foi quando eu passei lá. Pelo salário não compensava, porque ainda estava no mestrado, mas eu fui. Em 2016 eu entrei lá, mesmo assim foi ótima a experiência. Fiquei até 2018, sendo que nesse período de substituta eu vi que eu não queria ser a substituta a vida toda, eu comecei a fazer concurso em todo canto que você imaginar. Onde tinha inscrição aberta para educação matemática eu estava fazendo.

Foi quando eu fiz o concurso daqui [da UERN] em 2016, eu estava lá [na URCA] como substituta, e fui chamada em 2018 quando eu terminei o contrato lá. Eu ia ficar desempregada, porque o meu contrato lá terminou dia 11/02/2018; eu entrei aqui em

¹⁶ A professora refere-se ao ensino para crianças. Sua experiência, conforme relata, foi nos anos iniciais, no quinto ano da Educação Básica.

¹⁷ A professora se refere à decisão de não mais lecionar na educação básica.

¹⁸ Campos Sales é um município brasileiro do estado do Ceará, localizado a cerca de 484Km da capital Fortaleza

¹⁹ Universidade Regional do Cariri.

15/02/2018. Eles esperaram um pouquinho para eu assinar o contrato aqui, para terminar o contrato lá, foi seguido, não teve pausa não.

Nesse meio tempo, eu também estava como substituta no IF de Juazeiro²⁰, eu estava na URCA de Campos Sales e no IF de Juazeiro. Eu estava indo e voltando e estudando para os concursos. Foi uma loucura.

Foi nesse período que eu comecei trabalhando e estudando. Como [Campos Sales] era uma cidade que eu não conhecia ninguém, então, meu foco lá era trabalhar. Só trabalhava à noite, quatro, três dias à noite. Eu tinha o dia todinho livre para estudar para concurso; planejava minha aula e estudava. Minha vida era essa.

Quando eu fui em 2017 para o IF [em Juazeiro], aí, ficou mais puxado, porque no IF eu trabalhava dias de segunda, terça e quarta. Na quarta eu voltava para Campos Sales e trabalhava lá quinta, sexta e sábado. Aí, eu planejava aula nesse período, estudava, ficava no IF estudando nos intervalos... assim, foi uma loucura nesse período. De Campos Sales para Juazeiro dá mais ou menos umas 3 horas de viagem. Eu tinha colegas, ficava às vezes na casa da minha colega do mestrado.

Eu não tinha transporte, terminava minha aula do IF dez horas da noite e às vezes sete horas da manhã eu tinha que estar lá [no IF] no outro dia, então era muito cansativo. Como eu ia passar só três meses, porque eu fiquei em um contrato de três meses substituto de uma professora que estava grávida, eles me deixaram ficar no alojamento do IF. Então segunda, terça e quarta eu ficava no alojamento do IF, quando terminava minha aula eu ia para o alojamento e descansava um pouco. Mas, senão, não tinha conseguido não.

Quando eu vim fazer o concurso daqui [da UERN], tinha muita gente inscrita.

Em 2017 eu tentei o doutorado da UFC, lá em Fortaleza. Eu estava no Ceará e tentei lá. Passei na escrita, na didática e na entrevista eles me reprovaram e botaram outra professora.

Quando eu passei no concurso daqui, tinha o período probatório e também estava cansada, muito cansada, de vários processos seletivos. Então, eu fiquei um ano só me dedicando aqui, fazendo de tudo o que eu queria: projetos, tudo. Então foi um ano, dois anos assim. Aí, nesse segundo ano que eu entrei aqui eu comecei a tentar seleção de doutorado de novo. Eu tentei na UEPB, quando saiu o primeiro doutorado lá. Quando você tem graduação, mestrado e doutorado no mesmo lugar é bom, você sai, como eu sai da graduação para o mestrado. Quando

²⁰ Juazeiro do Norte é um município brasileiro do estado do Ceará, localizado a cerca de 493Km da capital Ceará e aproximadamente 150Km do município de Campos Sales.

não tem, dá essa quebra. Para você ir pra outro lugar é difícil, porque os professores não lhe conhecem. Você vai para uma outra universidade, é mais difícil.

Tentei no outro ano, tentei na UEPB de novo, e tentei o de Pernambuco, foi quando eu passei nos dois.

Lá em Pernambuco era doutorado acadêmico e no da UEPB era profissional. Se você olhar em questão do currículo, o acadêmico seria ótimo... mas como estava já numa linha de profissional e era em Campina Grande, em casa, com a minha família, onde eu já conhecia toda a UEPB, aí escolhi ficar na UEPB.

O tema da minha pesquisa de doutorado é ‘Engenharia Didático Informática na Confeção de um Jogo Digital Matemático para Surdos’. Nós vamos fazer um jogo digital para usar com os alunos surdos. E vai utilizar essa metodologia, que é uma Engenharia Didática Informática, que utiliza a Engenharia Didática com a Engenharia de Software. É mais nesse sentido, criar o jogo, aplicar com os alunos surdos, avaliar o jogo... A gente vai programar o jogo, aí, para isso tem uma equipe, não sou eu só. Nessa engenharia ela precisa de uma equipe, de um programador, de um matemático, tem uma pessoa intérprete de libras, que a gente vai necessitar, e eu, como professora da área de Educação Matemática.

Vamos começar esse ano a fazer o jogo – eu estou no segundo ano de doutorado, para terminar no máximo em 2026, fevereiro de 2026. Quero terminar antes. Agora eu estou bolsista do doutorado, consegui a bolsa da UERN.

Aqui na UERN a gente faz uma seleção que leva em consideração questões de publicação, fiquei em quarto lugar. Foram quatro bolsas, aí, comecei esse mês a receber a bolsa, são equiparados aos valores da CAPES²¹. Lá na UEPB ainda não tem bolsa no doutorado, porque começou agora, eu sou da segunda turma. A terceira turma já começou esse ano.

Eu tenho que viajar para Campina as vezes, mas as minhas orientações estão sendo online, então, é bom. Eu sempre tiro um dia, ou manhã ou tarde, para o doutorado. Aí nos outros horários eu faço as atividades de casa, as outras atividades. Mas eu tenho sempre um horário do dia: se eu não fizer de manhã, eu faço de tarde; se eu não fizer de tarde, eu faço de noite... para ter aquele horário e ir cumprindo as metas. Nem que seja um artigo para ler no tema, mas que no dia eu faça isso. Eu tento não fazer isso no final de semana, pra descansar um pouco a mente, mas pegar de segunda a sexta tá dando certo, tá tranquilo.

²¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Não precisei sair de Mossoró²² durante o doutorado, só no período das disciplinas. Teve um período remoto, então, tiveram duas disciplinas que eu paguei em regime remoto, como aluna especial. Outro semestre começou remoto e terminou presencial. Nesse que terminou presencial, eu fui pra casa da minha mãe lá em Campina, fiquei lá. O gato quis fugir, a gente voltou para cá, aí, eu fiquei indo e voltando toda semana. Eu saía daqui na sexta, porque não tinha ônibus no sábado – e se eu fosse no domingo eu chegava atrasada – então, eu ia na sexta e voltava na terça de noite. Eu passava quarta e quinta aqui e na sexta eu voltava. Toda semana até o final do ano. Aí, foi mais cansativo nessa questão da viagem. Agora, está mais tranquilo porque acabaram as disciplinas, é só estudar aqui, fazer a pesquisa e desenvolver o jogo.

A adaptação para Mossoró foi tranquila, eu morei aqui em frente à UERN, nessas casinhas²³. Eu vinha à pé, eu amava isso, de vir e voltar à pé a qualquer hora. No período eu estava namorando, aí meu namorado foi pra Fortaleza, ele tinha passado lá no curso da polícia e estava na formação. Ele ficou vindo de Fortaleza para cá, nesse período ele ia e voltava. Depois disso a gente decidiu comprar uma casa e ficou morando nessa mesma rua, depois de um ano que a gente estava aqui. A gente foi aos poucos se ajeitando, foi se adaptando.

Desde o início as pessoas foram muito receptivas aqui na UERN, aqui eu sempre falo, é um departamento que você não tem problema em trabalhar. Cada um tem seu jeito, mas respeita. Nunca tive aquele “ah, porque é da Educação Matemática”, porque tem universidade que tem, se é da Educação Matemática, tem aquele preconceito. Aqui não, os meninos vêm e fazem projeto com a gente.

Se você tá com dúvida, você entra em contato com qualquer um, não tem esse problema aqui. Eu digo que é um departamento que eu dou graças a Deus, é muito tranquilo. Eu sempre tive o prazer de vir pra cá [para a UERN], eu acho que isso é um ponto bom. Às vezes eu nem tinha aula e eu vinha pro laboratório para conversar, para orientar alunos, para fazer algum jogo, alguma coisa.

Passei mais ou menos uns seis meses como chefe na docência universitária na UERN, foi uma experiência boa, tive uma visão geral do que é a universidade, principalmente da questão de cargo comissionado e essa questão de ser chefe.

Tem horas que eu não acredito que sou professora universitária. Até porque muitos querem chegar onde eu estou, eu conheço muita gente que realmente tinha mais capacidade que

²² Mossoró é um município brasileiro no interior do estado do Rio Grande do Norte, situado a cerca de 281Km da capital Natal.

²³ Conjunto de casas próximo à Universidade.

eu em questão de conhecimento, mas que desisti. Eu não desisti e cheguei, acho que essa persistência que eu tive foi que me trouxe até aqui, e a coragem também de sair da minha cidade, da sua casa pra vir pra cá atrás daquilo que eu quis. E hoje eu sou grata mesmo à Deus, e o que eu faço é porque eu gosto. Claro que a gente pensa também na questão financeira, a gente quer sempre o melhor, mas eu estou muito satisfeita, muito satisfeita mesmo. Não tenho o que reclamar.

Falando um pouco sobre a posição que ocupo como professora, muitas alunas já me falaram, até os meninos mesmo, que se inspiram em mim. Essa semana teve uma orientanda minha, ela passou no concurso aqui da UFERSA, pra pedagogia. Ela disse: “Eu fiz Pedagogia depois que você me orientou naquele joguinho do TCC, e eu resolvi fazer pedagogia, e hoje agora eu estou no concurso aqui da UFERSA”. Então, tem esse lado, né?

Eu sempre gosto do primeiro período, ir lá... incentivar, dizer: “não desistam, é assim, tem um lado positivo, tem um lado negativo, tem um lado difícil, não é fácil, mas dá certo”. As disciplinas que eu peguei do primeiro período, foram aqueles alunos que eu acompanhei desde o primeiro período até o fim, que foram para a residência comigo. Eu sempre acho que é diferente quando eu pego uma disciplina do primeiro período, do que quando eu vou pegar lá na frente nesse contato. Quando eu não tenho contato algum no início com aqueles alunos, quando eles chegam, assim, é diferente. Porque quando você vai conhecer, muitos já têm desistido.

Quando lecionei a disciplina de Filosofia da Matemática eu gostava de trazer uma geral do que era a área de educação matemática, matemática pura. Para entender as áreas, o que eles poderiam querer. Uma apresentação do curso, acho que isso é muito importante para o aluno se situar, porque eles chegam cegos, sem saber.

Eu acho que eu falei demais, acho que vai ser a tua maior entrevista. Só gratidão mesmo pelo convite. Dizer que é muito bom participar da sua pesquisa.

4.2 VALDENIZE LOPES DO NASCIMENTO

A professora Valdenize é docente do Centro de Ciências Exatas e Naturais (CCEN) da UFERSA e vinculada ao Departamento de Ciências Naturais, Matemática e Estatística (DCME). Não trabalha atualmente com o curso de licenciatura em matemática, mas já trabalhou por muitos anos; sendo, inclusive, a primeira coordenadora do curso de educação a distância em matemática e é atualmente a coordenadora de tutoria do Núcleo de Educação a Distância (NEAD).

Foi a primeira professora contatada da UFERSA, talvez por ser uma das professoras que mais tive contato na minha passagem pela instituição. Quando tive a oportunidade de ser professora substituta na UFERSA, entrei substituindo a professora Valdenize, que estava afastada para doutorado. Logo, no retorno da professora à instituição, tivemos bastante contato para fazer a transição de professoras – que se deu no meio do semestre letivo – da forma mais tranquila possível para os alunos.

Entre em contato com a professora por WhatsApp e ela prontamente me respondeu dizendo que eu poderia explicar do que se tratava a pesquisa pelo aplicativo mesmo. Depois de explicar, por áudios e texto como se dariam os procedimentos, a professora deu seu aceite e marcamos uma data.

A entrevista ocorreu no dia 04/08/2023 na sala da professora, na própria UFERSA, de forma muito extrovertida e alegre e teve duração de duas horas e vinte e três minutos.

----- ✎ -----

Sou Valdenize Lopes do Nascimento, mãe, esposa, professora, agora pesquisadora da área de educação matemática. Sou licenciada em Matemática pela UFC²⁴, com mestrado em Matemática pela UFC – matemática pura – com doutorado em Ensino de Ciências e Matemática.

Sempre gostei de matemática, sempre, sempre, sempre, sempre. Desde pequena, desde que eu me entendo por gente, eu sempre gostei de matemática. Minha trajetória, ela já foi toda montada assim, baseada nisso. Inicialmente eu não tinha vontade de ser professora, pela profissão ser muito desvalorizada, mas na oitava série eu já decidi que queria ser professora.

Sou cearense, estudei durante toda a minha formação, até o mestrado, no Ceará, só o doutorado que foi no Rio Grande do Norte. Vim de um sistema de ensino que existia na época

²⁴ Universidade Federal do Ceará.

que a gente chamava sistema de TV: tinha uma TV na sala de aula, tinha toda a programação, uma sequência de aulas naquele dia, e na hora de cada aula, o professor abria o armário, ligava a TV e a gente assistia a vídeoaula que era transmitida pela TV local. A gente assistia à aula e depois a gente ia fazer as atividades, a gente recebia um livro que a gente chamava de manual de apoio e um caderno de atividades. Não tínhamos um professor para cada matéria na sala de aula, a gente tinha o que era chamado lá de um orientador de aprendizagem – que era um professor que geralmente era formado em uma área qualquer do conhecimento, ou em Português ou em História, mas que tinha que dar conta de todos os conteúdos. A vídeoaula que passava na TV, ela era de fato dada por um professor da área, mas quem fazia o reforço daquele conteúdo com a gente na sala de aula era o orientador de aprendizagem.

Foi um sistema que para mim não foi ruim, porque eu desenvolvi a habilidade de estudar, fazer o que hoje o pessoal chama de sala de aula invertida, que naquela época de certo modo já era um primórdio disso, porque a gente recebia no início do semestre um manual de apoio – que tinha o material do semestre todo – e um caderno de atividades, que era onde a gente fazia as atividades. Eu estudava em casa, tentava responder às atividades, principalmente as de matemática, e já chegava na escola com tudo pronto. Então, eu criei esse hábito de estudar, para mim isso foi muito bom. E eu sempre fui uma pessoa que gostou de estudar, nunca tive problemas com os estudos.

Eu comecei a estudar muito cedo, antes mesmo de ir para a escola convencional, a escola formal, eu já estudava. Eu não sei o que era exatamente aquilo, não chegava a ser exatamente uma creche, mas era parecido. Eu só tenho lapsos de memória, e eu nem tenho certeza se todas elas são memórias reais ou se são memórias porque a minha mãe me contou alguma coisa e aquilo ali ficou registrado como uma memória. Mas eu me lembro daquele ambiente, onde era que funcionava... tinha um que era mais parecido com uma creche. E também não sei por quanto tempo eu fui para lá, não tenho a menor ideia, eu só sei que eu ia para lá. Depois eu fui para uma outra casa, um local que era como se lá eu fizesse reforço de matemática, então lá eu tinha reforço de matemática antes de entrar [na escola].

Por ser a primeira filha dos meus pais – primeira de quatro [filhos] –, meus pais, apesar de serem semialfabetizados, porque fizeram só até a quarta série, mas meu pai me ensinava, me mostrava tabuada... e me ensinou a ler, pelo menos o princípio. Então, quando eu entrei na escola formal para fazer a alfabetização, eu já sabia ler – ainda não completamente estruturado – e até escrever algumas palavras. Digamos que eu já era semialfabetizada e já sabia também trabalhar pelo menos com as quatro operações matemáticas. Eu já era muito à frente.

Eu desenvolvi o gosto pela matemática e a única certeza que eu tenho na minha vida é que eu sempre gostei muito de matemática. E sempre tive muita facilidade para aprender matemática. Exceto naquelas disciplinas pauleiras do mestrado. Todo o meu percurso já foi ligado de algum modo com a matemática.

Como eu falei, a gente não tinha um professor para cada matéria, a gente tinha um orientador de aprendizagem. E o professor lá da minha turma, eu acho que ele era formado em português, ele não manjava muito bem de matemática... e eu, como gostava muito de matemática e estudava muito e tinha facilidade de estudar em casa, ele começou a me colocar para ir para o quadro, para tirar dúvida dos meus colegas.

Na oitava série, por coincidência, o orientador de aprendizagem da minha turma era um professor da área de matemática. Eu acho que ele estava se formando em Matemática – eu me lembro que às vezes ele estava lá, a gente nas nossas atividades e ele lá enchendo a lousa de alguma coisa que eu não entendia. E ele se garantia demais, muito, muito, mesmo, muito mesmo.

Nessa época eu já dava aula de reforço, eu dava aula de reforço ali para os meninos de perto de casa, que as mães me pagavam dez reais por mês, essas coisas. Então, na oitava [série] foi aquele espelho, daquela imagem do professor que se garante e que era o professor legal. Então ele foi meu espelho. Foi naquele momento que eu decidi que eu queria ser professora de Matemática. Na oitava série.

Já fui para o ensino médio pensando em fazer [Matemática] – naquela época a gente podia escolher se a gente queria fazer o Científico²⁵, que era o que preparava para o ensino, para o vestibular, e tinham os cursos técnicos. Na minha escola tinha Magistério²⁶ e tinha Administração. Administração é outra área que eu gosto, seria uma área que eu poderia ter ido. Não fui estagiar no Banco do Nordeste por conta de uma nota de Literatura, eu não tive nota suficiente para ir estagiar e nem para ir para esse técnico. Acabei ficando no Científico mesmo.

No terceiro ano lá [na escola] a gente podia ter direito a uma bolsa para fazer cursinho lá na UFC, e a gente tinha aula [do cursinho] o ano todo. Foi o único cursinho que eu fiz, eu já fui pensando em fazer vestibular para Matemática. Se eu não desse certo na Matemática, eu ia ali ou para a Química ou para Física, mas nas exatas.

²⁵ Até 1967, o ensino médio era dividido em três cursos e compreendia o curso científico, o curso normal e o curso clássico.

²⁶ O curso de magistério era a principal formação para quem queria atuar na educação básica e estava incluso dentro da opção do ensino médio científico, explicado anteriormente.

Os meus dois avôs, que inclusive são irmãos, eles sempre gostaram muito de matemática, matemática básica, aquelas coisas de continha – eu sempre fui muito estimulada por eles, que ficavam me desafiando, pondo conta para eu fazer de memória, de cabeça. Meu avô tinha umas coisas assim – o que ainda é vivo –, geralmente com exemplos da Bíblia, ficava fazendo esses probleminhas assim: “fulano tinha tantos anos...”. Ele sempre queria me pegar no pulo, mas ele nunca pegou. Então, eu sempre fui muito estimulada, é tipo aquela coisa que você percebe que alguém tem uma certa habilidade para alguma coisa e acaba estimulando. Dentro do que era estimular naquela época, hoje em dia você tem muito mais possibilidades. Essa minha trajetória, ela já foi toda ligada com a matemática desde sempre.

E eu acho muito bom estar na universidade, porque eu estou em um ambiente escolar, porque eu tenho a oportunidade de fazer as duas coisas que eu me identifico mais, que é ser professora e gestora. É tanto que eu estou agora com a coordenação do mestrado em matemática²⁷ e estou como coordenadora de tutoria do NEAD²⁸ também.

Tenho uma trajetória toda ligada à matemática. Em um primeiro momento, pela própria instituição que eu fazia parte²⁹, fui bolsista de iniciação científica durante o máximo de tempo que eu poderia, três anos. E quando eu terminei a graduação eu já estava aprovada para o mestrado em Matemática pura. [Depois,] eu aproveitei a época das vagas do REUNI³⁰ e fiz concurso.

Primeiro, fui substituta, já no finzinho do mestrado, eu fiquei como professora substituta lá na UFC mesmo. E depois eu passei no concurso da Universidade Federal do Piauí para professora efetiva, passei quase um ano na cidade de Picos³¹. Fui professora na UFPI em 2008 e depois foi que eu fiz um concurso aqui para a UFERSA³². Aí, em 2009 eu vim aqui para a UFERSA e estou aqui até hoje. E aqui eu já tive a oportunidade de fazer um milhão de coisas... aqui eu já passei pelo CONSEPE³³, fui coordenadora de curso, fui coordenadora do primeiro curso a distância da UFERSA, que foi o curso de Licenciatura em Matemática. Fui a primeira coordenadora do curso de Licenciatura em Matemática. Depois, fui vice-chefe de departamento.

²⁷ Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional

²⁸ Núcleo de Educação à Distância

²⁹ A professora está se referindo à sua graduação na UFC

³⁰ Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais: o governo federal adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovessem a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior. Os efeitos da iniciativa podem ser percebidos pelos expressivos números da expansão, iniciada em 2003 e concluída em 2012.

³¹ Picos é um município brasileiro do estado do Piauí, localizado a cerca de 350Km da Capital Teresina

³² Universidade Federal Rural do Semi-Árido

³³ Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

Como coordenadora de curso, participava do Conselho, fazia parte do CONSEPE, naquela época todos os coordenadores de curso faziam parte do CONSEPE. Passei dois mandatos no Conselho Universitário, o CONSUNI, e o último cargo que eu ocupei antes de ir para o doutorado foi a coordenação do NEAD, eu coordenei o núcleo inteiro por quatro anos.

Depois me afastei por quatro anos para o doutorado e assim que eu voltei eu assumi a coordenação do mestrado. Eu estou sempre com algum cargo, eu nem sei se eu passei algum semestre aqui sem cargo administrativo. Eu gosto da gestão e eu gosto da sala de aula, e aqui [na UFERSA] a gente tem a oportunidade de unir as duas coisas.

Eu fui a primeira pessoa a me formar na minha família. Não só da minha família irmãos – da minha família-irmãos eu sou a única formada –, mas até a terceira geração, a ascendência dos meus avós. Se juntar a família dos meus dois avôs, eu fui a primeira a ser formada, teve até uma tia que chegou a entrar na faculdade, mas não conseguiu concluir. E, especificamente os meus dois avôs – o pai da minha mãe e o pai do meu pai – eram quem mais me estimulavam nessa parte da matemática, nesse sentido que eu estou falando, porque eles gostavam muito de botar esses problemas aritméticos, digamos assim, e me desafiavam a responder.

Meus pais só têm até a quarta série. Meus pais, meus tios, ninguém é professor. Na verdade, ninguém tinha uma profissão do ponto de vista formal, que exigisse uma graduação. Meu pai era pedreiro; a minha mãe, dona de casa – que se virava nos trinta, porque era dona de casa e hora vendia roupa, hora fazia o dindin em casa para vender, hora fazia sorvete. Na época que eu fazia ensino médio e faculdade, ela tinha uma banquinha de bombom na porta da escola, vendia bagana para ajudar [na renda]. E foi o que me sustentou até eu conseguir bolsa na universidade, para poder me manter por conta própria, de passagem, lanche, essas coisas.

Meu ensino fundamental foi feito em uma escola de bairro, no bairro que eu morava. Quando eu terminei [o ensino fundamental], eu me lembro que ainda não tinha escola de ensino médio no meu bairro, então, quando a gente terminava, a gente tinha que ir [para outra escola]. Em geral, as duas escolas que as pessoas mais iam eram uma escola que ficava no bairro de Messejana³⁴ – que era a escola chamada Paulo Benevides³⁵ – e tinha uma outra escola no centro [de Fortaleza³⁶] que era chamada Justiniano de Serpa³⁷. Uma parte dos alunos iam para o Paulo Benevides e a outra para a Justiniano. Eu fui a única que desertou. Eu fui para uma outra escola, que era em um bairro vizinho, mas que era mil vezes mais contramão de chegar do que [a

³⁴ Bairro localizado na zona sudeste do município de Fortaleza, no estado do Ceará, Brasil.

³⁵ Escola pública estadual de Ensino Médio em tempo integral no município de Fortaleza.

³⁶ Capital do Estado do Ceará.

³⁷ Escola pública estadual de Ensino no município de Fortaleza.

escola] Paulo Benevides. Eu tinha que ir para o terminal de Messejana, pegava um ônibus, descia em um certo ponto e andava, só Deus sabe quanto eu andava – porque era num conjunto, num bairro de Fortaleza, chamado Prefeito José Walter³⁸ – eu descia na primeira etapa, na Avenida Perimetral, e andava até a segunda etapa do conjunto.

E eu fui para essa escola porque eu sempre tive professores que me estimularam. Eu tinha uma professora – até hoje eu ainda tenho contato com ela – foi minha professora da sexta série, chamada Erilene³⁹. Ela não era da área de matemática, ela era das Letras, mas ela era uma professora muito top, por mais que ela não fosse da área de Matemática, ela se garantia na matéria. Sabe aquele professor que vê potencial em você e quer ajudar você? Ela sempre me orientava nesse sentido de procurar, fazer o ensino médio na escola técnica. Só que eu nem cheguei a fazer seleção para a escola técnica. Eu fiz uma seleção para entrar em um cursinho preparatório para a escola técnica, não passei e aí eu nem tentei mais. O fato de não ter pais com estudo também não ajudou muito nesse sentido, porque eles tinham aquele sonho mas não tinham a menor noção de como é que funcionava, e eu também não.

Ela [Erilene] era professora da escola que eu estudava no ensino fundamental, pela manhã, e à tarde, ela era professora dessa outra escola – que era a escola Otavio Terceiro de Farias⁴⁰, lá no José Walter. Foi ela quem me falou que nessa escola, quem estava no científico – eu não me lembro se tinha critério por média – tinha a possibilidade de fazer esse cursinho. Tinha como se fosse um convênio, esse cursinho era gratuito. E quem ia para essa escola tinha acesso a esse cursinho e as outras escolas, não. Aí, acabei indo para essa escola por conta disso. Em nenhum momento eu pensei em fazer Magistério, que aí seria mais voltado para ensino de criança, isso nunca passou pela minha cabeça. Como meu foco era matemática, o meu propósito era estudar Matemática, e eu sempre tive o propósito de ser professora da universidade. Eu já sabia o que eu queria, se ia dar certo...

Escolhi fazer licenciatura justamente porque, na pior das hipóteses, se eu não conseguisse ser professora na universidade, eu ia, no mínimo, ser professora na educação básica. No mínimo nas escolas particulares. Eu já escolhi uma área que eu teria uma profissão e que, mesmo que não fosse tão valorizado, mas eu não ficaria sem emprego.

Eu já fui para o ensino médio com um propósito: me preparar para fazer o vestibular e entrar no curso de Matemática. Eu já tinha um propósito e nada me atrapalhou... mas faltava

³⁸ Conjunto Prefeito José Walter é um Conjunto Habitacional construído em 1970 na cidade de Fortaleza e está localizado no bairro Mondubim, nos limites de Fortaleza com Maracanaú.

³⁹ Não foram encontradas informações sobre a professora.

⁴⁰ Instituição privada de educação básica.

professor. Eu passei o terceiro ano, que era o ano que eu estava me preparando para o vestibular, seis meses sem professor de Matemática.

O professor de Literatura, por exemplo, só dava aula copiando as coisas na lousa. Não foi um momento da minha vida, do ponto de vista acadêmico, que eu tenha lembranças muito significativas de coisas importantes. Eu tenho muito mais experiências relevantes para o que eu sou hoje no ensino fundamental. Mas eu tinha um professor de Química muito bom, por isso que a Química era minha segunda opção. Porque, no final das contas, a gente quando quer ser professor, se espelha em outros professores.

Os professores de quem eu mais tenho lembrança, que me marcaram positivamente no ensino médio, foram a professora Erilene, que eu já conhecia, e o professor de Química. Como eu já vinha de um sistema em que eu estava acostumada a estudar sozinha, eu continuei estudando. Tinham professores que me davam livros, tinha uma biblioteca na escola, mas era uma coisa minúscula, não tinha Internet, a gente não tinha nada disso.

Eu não tinha ninguém ao meu redor que pudesse tirar dúvidas de conteúdo nessas alturas do campeonato. Os meus pais, eles já não tinham mais condição de tirar dúvidas de conteúdo. O meu pai me ajudava a estudar mas ele era terrível. Eu estudava fazendo questionários para as matérias que a gente chamava de decorativas. Então, ele fazia as perguntas e eu respondia, só que ele queria que eu respondesse *ipsis litteris*.

Lá em casa comigo sempre foi muito na base da confiança [para os estudos] e eu acho que isso influenciou positivamente, mas hoje eu tenho percepção que isso também teve aspectos negativos. Eu nunca fui aquela filha com a qual os meus pais tiveram que se preocupar. Nunca, em nada. Nem em termos de estudo, nem em termos de namoro. Eu sempre fui aquela filha estereotipada como a estudiosa, a inteligente, a cabeça feita. E isso foi bom, mas hoje eu percebo que teve muita influência negativa, principalmente agora no final do doutorado – eu terminei, defendi meu doutorado em dezembro, mas ainda não consegui entregar a tese, porque para mim a minha tese nunca está boa.

Esses esteriótipos também têm o aspecto negativo, só que a gente não percebe, a gente só vai perceber isso depois e com muita terapia. Eles me davam o apoio que eu precisava, principalmente a minha mãe, ela nunca mediu esforços para eu fazer o que eu precisava fazer. Ela é muito guerreira, muito batalhadora. Ela nunca deixou ser simplesmente a renda do meu pai – que não era lá essas coisas, com quatro filhos – ela sempre fez alguma coisa para ela ter uma renda para que a gente pudesse vestir uma roupa [nova], nem que fosse uma vez por ano, para que a gente pudesse ter um brinquedo, nem que fosse uma vez por ano, e quando eu estava

no ensino médio, para que eu pudesse ter minha passagem para ir e voltar para a escola. Eu nunca deixei de ir para a escola porque faltou o dinheiro da minha passagem, eles [os pais] estavam lá, principalmente ela [mãe].

O meu pai passava muito tempo fora porque ele trabalhava na construção civil, era pedreiro. Quem acompanhava mais a gente, mesmo trabalhando, era a minha mãe. O meu porto seguro sempre foi a minha mãe, não só meu, como dos meus irmãos, de tudo: de conversar, de orientar a gente para todas as coisas na vida. A minha mãe é aquela pessoa que é um poço de sabedoria. Ela é também a imagem de mulher que eu tenho, de mulher guerreira, de mulher trabalhadora, batalhadora, que, mesmo diante da dificuldade, não deixa a peteca cair e que nunca deixou a gente dormir sem ter uma refeição. Muita dificuldade a gente tinha, porque todo mundo tem, naquela época mais ainda. Mas a gente tinha pelo menos quatro refeições por dia: pão para tomar com café da manhã – não tinha queijo, não, mas tinha margarina, e era uma delícia – o almoço, o café com o pão de tarde e a janta à noite. Ela [mãe] começou com essa banquinha de bombom, que era num bairro vizinho, eu já estava no ensino médio. Não era só bombom não, era chilito⁴¹, era tudo. Foi dali que tinha dinheiro para minha passagem, nem todo dia tinha para o lanche, mas pelo menos para a passagem tinha.

No terceiro ano [do ensino médio], quando eu fazia o cursinho à noite, eu almoçava, saía de casa e ia para a escola, passava a tarde na aula, e da escola mesmo eu já ia para a UFC, para o cursinho. Então, eu tinha que ter as três passagens [de ônibus] e tinha que ter um lanche, e aí eu só lanchava uma vez, quando eu chegava lá na universidade. E esse dinheiro saía dessa banquinha de bombom. Eu sempre tive apoio.

Eles [os pais] não tinham realmente com o que se preocupar nesse sentido, de estudo, nem de nada. Porque eu sempre tive o meu objetivo muito claro na minha vida, do que eu queria. Eu não queria casar cedo, eu não queria ter filho, eu não queria nada que pudesse atrapalhar a minha vida.

Na universidade você conhece um mundo novo, pessoas novas... e eu saía muito com os meus amigos. Eu nunca gostei de beber, nunca me envolvi com bebida. Gostava muito de dançar, gostava muito de festa, mas festa para mim era para dançar. Porque eu sempre tive muito medo de, por exemplo, engravidar e tudo ir por água abaixo. É tanto que eu só fui perder minha virgindade com vinte e um anos, já na época da universidade. Eu tinha tanto medo de ir tudo por água abaixo... porque essa era a realidade que eu via. Eu morava em um bairro pobre da periferia de Fortaleza, pobre mesmo. O que eu via com as pessoas que cresceram ao meu

⁴¹ Salgadinho de milho.

redor era isso: as meninas namorando cedo, engravidando cedo, colocando um monte de menino no mundo. Eu cresci com isso na minha rua, então, não era aquilo que eu queria para mim, eu sempre tive um objetivo muito claro.

Meus pais, eles seguraram muita barra com a gente – principalmente, novamente, minha mãe. Ela sempre teve essa coisa de estar prestando atenção com quem era que a gente andava, ela liberava, mas ela estava sempre de olho. Eu ia muito para festa, desde os meus catorze, quinze anos, mas ela sabia com quem eu ia, a hora que eu saía e a hora que eu chegava. Ela sabia muito bem com quem era que eu estava acompanhada e eu nunca quis decepcionar, porque era um voto de confiança que estava sendo dado.

A minha mãe sempre respeitou minha escolha de fazer Matemática. Acho que uma única vez que o meu pai perguntou por que é que eu escolhi Matemática e não Medicina. Eu era a filha inteligente, que sabia matemática, era estudiosa, então acho que na cabeça dele eu era capaz. Só que eu nunca cogitei isso, nunca vislumbrei isso. Como não existia nenhuma tradição familiar nesse sentido em casa, eu não enfrentei nenhum obstáculo em relação a isso. Simplesmente um questionamento: “por quê Matemática e não Medicina?”; “Porque eu não gosto de Medicina, eu gosto de Matemática”. E em alguns momentos ainda passou pela minha cabeça a possibilidade de fazer Engenharia, alguma coisa assim, mas eu acho que a matemática já estava tanto no meu sangue, o apego pela matemática era tão grande que eu não cogitava outra possibilidade, a não ser que se não tivesse dado certo... Mas eu já passei no primeiro vestibular que eu fiz.

Durante o período da faculdade foi maravilhoso. É claro que tem, tem as dificuldades, tiveram disciplinas que foram muito difíceis. Tinha disciplina que eu preferia estudar sozinha do que assistir aula com aquele professor... por mais que aquele professor fosse ótimo como ser humano, mas, como professor, eu aprendia menos quando eu assistia aula dele que se eu estudasse pelo livro sozinha. Teve esses casos, teve de tudo.

A maioria dos meus professores eram homens. Tive uma única professora, Eugênia, que era substituta – que eu não lembro qual foi a disciplina. Eu acho que na universidade, as únicas professoras mulheres que eu tive foram na disciplina de Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio – professora chamada Telvira⁴² – e nas duas disciplinas de Psicologia. Minha licenciatura foi numa época que não tinha essas disciplinas da área de humanas, as únicas disciplinas da área de humanas era essa de Estrutura e Funcionamento, duas de Psicologia e uma disciplina de Didática – que era didática geral, nem era didática da matemática. Até o

⁴² Não foram encontradas informações sobre a professora.

professor de Didática foi homem. Nas disciplinas de Física, eram todos professores homens, as de matemática também. E a maioria dos colegas eram homens.

Eu já tinha uma trajetória bem direcionada. Eu já tinha muito claramente consciência do que é que eu queria fazer. Eu acho que já existia naturalmente um certo empoderamento, eu nunca deixei de buscar determinada coisa, determinada posição, porque eu era mulher e para a mulher seria mais difícil. Nunca deixei de fazer nada ou de buscar algo por causa disso. Se em determinado momento uma coisa não deu certo, eu não percebi que era pelo fato de eu ser mulher. Mas eu passei a maior parte da vida acadêmica no meio dos homens. Nunca tive problema com isso não. Provavelmente devem ter havido comentários, mas nada que me impedisse de seguir em frente.

Isso não me incomodou, mas tinha um professor, que ele tinha fama de ser meio misógino – naquela época não chamava de misógino, ele tinha essa fama de ter preconceito com as mulheres na matemática – e quando você sabe desses boatos, você já vai com um pé atrás. Eu não tive muitos problemas, porque também fui uma boa aluna durante a graduação.

No primeiro ano [de faculdade] a minha mãe teve que me manter. Eu ia para a banquinha da minha mãe de manhã – para minha mãe poder ficar em casa cuidando dos meninos e da casa, fazendo comida, essas coisas – e de tarde a minha mãe ia para a banquinha. E eu só estudava à noite. O meu curso era à noite. À tarde era o horário que eu tinha mesmo para ficar estudando, ia para a faculdade à noite, chegava em casa meia-noite, no último ônibus – e a minha mãe lá me esperando, para não me deixar sozinha, sempre lá no apoio.

Quando terminou o primeiro ano [de faculdade], eu consegui o que hoje aqui na universidade chamam de bolsa de permanência acadêmica – eu estou até com duas meninas orientandas nesse semestre, eu tinha uma bolsa dessa. Passei cinco meses com essa bolsa, eu ficava num laboratório de informática, minha função era só abrir o laboratório da universidade, basicamente era isso. No final do terceiro semestre, teve seleção para iniciação científica, eu tinha um IRA⁴³ muito bom, eu não tive dificuldade nenhuma em conseguir a primeira bolsa, porque tinha o IRA muito bom e a seleção era só pelo IRA.

Fiquei como bolsista de iniciação científica, e ali minha vida era estudar. Tinha um prédio onde ficavam os alunos – tinham uns gabinetes parecidos com esses⁴⁴ –, nas salas de cima ficavam os alunos de mestrado e doutorado e nas de baixo geralmente ficavam os alunos de iniciação científica. Então, tinham dois ou três alunos ali dividindo uma mesma sala. Eu

⁴³ Índice de Rendimento Acadêmico.

⁴⁴ A professora se refere à escrivaninha de sua sala onde está acontecendo a entrevista.

acordava de manhã, ia para a universidade, almoçava no RU⁴⁵, ficava até de noite. A minha vida era na universidade. Eu amo o ambiente da universidade, eu praticamente morava na universidade e dormia em casa – de vez em quando, porque ainda tinha dia que eu dormia na universidade, quando precisava.

Eu vivi a universidade da melhor forma, principalmente a partir do momento que eu ganhei a bolsa. Porque naquela época a bolsa de iniciação científica era duzentos e quarenta reais e o salário mínimo era cento e oitenta. É como se hoje fosse uma bolsa de mestrado, só que era bolsa de graduação, então era rica, né?

Eu me custeava – do ponto de vista de transporte, de alimentação, de livros – e ainda ajudava em casa, no sustento de casa, comprar um gás, pagar uma conta de alguma coisa. Então, ainda tinha esse viés. Eu ia para o cinema uma vez por mês, pelo menos. E saía com os amigos, a gente gostava de alugar umas casas de praia e ia para passar o fim de semana, então, era muito bom. Eu vivi realmente a universidade, eu tinha meu grupinho [de amigos], estudava muito em grupo. Mas em geral eu era aquela pessoa que estudava e ia estudar em grupo para ajudar os outros.

E eu sempre gostei, às vezes eu mesma montava o grupo para estudar com os meninos, para trocar ideia, mas em geral eu tinha resolvido as questões, porque eu não ia estudar no grupo se eu não tivesse tentado resolver as questões primeiro. Eu não sei se existia aí uma vontade de se sobressair ou de ajudar... eu acho que era uma mistura das duas coisas, de ajudar e também de me sobressair.

Em geral, eu gosto muito de ajudar as pessoas, mas hoje eu percebo que também existe uma necessidade de estar em evidência. Mas eu acho que isso também pode ser explicado da origem de onde eu venho – vir de um lugar de onde eu vim e conseguir se erguer na vida, não foi fácil –, acho que isso também acaba contando, é como se você estivesse sempre buscando, tentando se sobressair. Porque se você não se sobressair, se você não se destacar, você vai cair naquela vida que você vê dos seus colegas...

Como eu tinha meus grupinhos de estudo, sempre tinha aquelas pessoas ali que a gente estava junto. Da Matemática mesmo eu tinha dois amigos muito próximos, que a gente entrou junto e se formou junto, homens. A amiga mulher que eu tinha, que era da Física, mas vivia grudada lá com a gente, Lena⁴⁶, que inclusive já faleceu. Todos nós viramos professores universitários, a Lena foi fazer mestrado e doutorado na USP, depois ela foi fazer um pós-

⁴⁵ Restaurante Universitário.

⁴⁶ Aurenice Cunha de Castro.

doutorado em Portugal. Essa foi a minha grande amiga mulher, na época da graduação, porque os meus amigos eram todos homens.

A Lena, Aurenice Cunha de Castro, foi uma grande referência para mim enquanto pessoa, até os últimos dias de vida dela. Ela era aquela pessoa que chegava na sua casa e só faltava chamar sua mãe de mãe. Ela também tinha uma origem bem humilde como eu, mas tinha alguns problemas familiares que eu não tinha. Ela passou em um concurso em uma universidade federal no estado da Bahia, mas nunca chegou a ir para a sala de aula. Quando ela foi nomeada, ela tinha tido um bebê fazia dois meses, então, assumiu a vaga na universidade e entrou de licença maternidade por quatro meses. Quando terminou a licença, ela descobriu que estava com câncer e continuou a licença para tratamento. Mas, infelizmente, quando descobriu a doença, ela já tinha avançado para outros órgãos, e ela se aposentou após dois anos sem nunca ter conseguido fazer o que ela tanto almejou. Mas ela firme e otimista até o final da vida dela, era ela que colocava a gente pra cima quando estávamos tristes pelo sofrimento e avanço da doença dela. Ela também foi um grande exemplo de mulher e ser humano para mim. Sinto muita saudade dela.

E no mestrado a minha amiga era Luíza⁴⁷, eu e Luíza, a gente estudava junto mesmo. A gente não dividia sala, mas a gente era da mesma linha, então, a gente tinha ali nosso grupinho de estudar junto. Luíza foi a minha amiga mais próxima durante o mestrado, a gente estudava muito juntas, marcávamos no fim de semana – a gente levava marmita para a universidade, para poder almoçar lá, às vezes a gente saía para almoçar e voltava... No mestrado o negócio era mais pesado, a gente estudava mesmo – estudava só e estudava em grupo, discutindo questões.

Na graduação o nível era menos puxado, mas tinha muita evasão. Na turma que começou comigo – se não me engano entravam quarenta [alunos] no bacharelado e cinquenta na licenciatura – devia ter uns vinte e poucos formandos, somando licenciatura e bacharelado. E nem todos tinham entrado junto com a gente, teve gente que entrou antes.

Não tinha trabalho de conclusão de curso, era optativo. Não tinha estágio, tinha uma disciplina chamada Prática de Ensino. Era uma disciplina de vinte horas semanais, parte dessa disciplina a gente tinha aula com um professor dia de sábado, e durante a semana era para a gente ir para a escola. Eu fui para a escola onde eu fiz o ensino fundamental e foi ali que eu tive mais clareza ainda em ser professora universitária. Porque a professora só me colocava para adiantar a aula para ela – se faltasse algum professor, ela me colocava lá para adiantar aula –

⁴⁷ Luiza Helena Felix de Andrade, professora efetiva da UFERSA, lotada no Departamento de ciências naturais, matemática e estatística.

mas nunca me orientou em relação a um planejamento, de ensino, nada disso. O professor dessa disciplina era muito bom. Ele era um top das galáxias daqueles cursinhos, dos colégios caros de Fortaleza, tipo 7 de Setembro⁴⁸. Mas nunca foi na escola, o processo de orientação dele era mais lá na sala mesmo. E lá era muito bom, a vivência que a gente tinha, os conselhos lá nos dias de sábado, eram muito bons, mas faltou essa outra parte. Não tinha acompanhamento nenhum, para saber se a gente estava indo mesmo para a escola. Não tinha cobrança de relatório, não tinha nada disso.

Durante a graduação passei dificuldades, não foi fácil. Mas eu gostava muito de estudar, era muito estudiosa. Tinha apoio em casa. Meus pais, principalmente minha mãe, me apoiaram muito. Quando eu estudava, eu podia me dedicar só a estudar. Eu não era obrigada a estar cuidando das coisas de casa e no meu tempo de folga estudar, não. Eu estudava à noite na faculdade, aí, eu chegava em casa já meia-noite e ainda ia jantar. No outro dia eu acordava nove, dez horas da manhã... minha mãe nunca teve problema com isso.

Aí, eu acordava, merendava, sentava em um birozinho que tinha no meu quarto e estudava até a hora do almoço. Parava para almoçar, e estudava a tarde todinha, até quatro horas da tarde. Quando dava quatro horas da tarde era a hora de eu lanchar, tomar banho e ir para a aula. Era ela [mãe] que fazia. No máximo, como eu falei, no primeiro ano, quando eu não tinha bolsa, eu ia para a banquinha. Só que lá eu não ficava atendendo o tempo todo, atendia na hora da entrada, e na hora do recreio – o portão da escola tinha um buraquinho, aí a gente vendia pelo buraquinho – e pronto. Guardava banquinha lá no local onde ela deixava e ia para casa. Mas depois que eu consegui a bolsa, aí foi dedicação exclusiva para a universidade. Quando eu acordava, tomava café e já ia direto para a universidade, almoçava no RU.

Quando estava terminando a faculdade, já sabia que ia cursar o mestrado – como eu era bolsista de iniciação científica, você meio que já vai direcionada. O meu orientador [de iniciação científica] era o Professor João Lucas Marques Barbosa⁴⁹, é o autor daquele livrinho⁵⁰ amarelo de geometria euclidiana plana, da coleção do professor de matemática. Ele era um homem muito ocupado, dando aula no mestrado, no doutorado, um pesquisador top da Geometria. Então, ele também não tinha muito tempo, não passava coisa muito difícil, a minha dedicação maior era para as disciplinas, até porque a gente não podia reprovar, porque se reprovasse perdia a bolsa.

⁴⁸ Instituição privada de ensino, localizada na cidade de Fortaleza-CE.

⁴⁹ Atualmente é professor titular aposentado da Universidade Federal do Ceará.

⁵⁰ Barbosa, João Lucas Marques. Geometria euclidiana plana. SBM, 1985.

Como eu já estava em um ambiente da universidade, era bolsista, eu meio que já fui caminhando para aquilo [mestrado]. Já conhecia o curso de matemática, o Programa de Pós-graduação⁵¹ de lá é conceito sete, [o curso de doutorado] é um programa de referência aqui no Brasil – inclusive, a partir dele, vários outros programas já foram criados em outras universidades.

E outra coisa, eu queria ser professora universitária, e para você ser professor universitário tinha que ter no mínimo mestrado. E como eu já estava naquele mundo da matemática, da iniciação científica, você já vai sendo conduzido automaticamente para aquilo e principalmente eu que queria ser professora universitária. Eu já tinha muito claro o que é que eu tinha que fazer.

Antes de terminar a graduação – que eu terminei no meio do ano – eu já fiz a seleção [de mestrado]. Então quando eu terminei minha graduação, eu já estava selecionada pro mestrado, para começar o mestrado em Agosto.

Lá [na UFC] já existia meio que esse fluxo: você está na graduação, iniciação científica, depois você vai para o mestrado e lá pelo meio do mestrado vira professor substituto... Já tinha um caminho a percorrer. E depois o concurso para efetivo. Só que essa questão do concurso para efetivo não foi uma coisa que veio de imediato, porque teve o REUNI, que já foi depois, eu já tinha terminado o mestrado.

Eu era bolsista do mestrado, todo mundo entrava com bolsa. Eu não me lembro quanto era o salário, e a bolsa do mestrado era na época setecentos reais e pouco tempo depois aumentou para oitocentos e cinquenta e cinco. Eu acho que era equivalente a dois salários mínimos. Sempre fui estudante profissional, nunca precisei trabalhar. Antes de terminar a bolsa [do mestrado], já passei no concurso de substituto⁵². Porque esse era o fluxo.

Eu me casei durante o mestrado. O meu marido é irmão de uma amiga da época do ensino fundamental. E a gente já se conhecia desde quando ele tinha doze e eu tinha treze [anos], que foi a primeira vez que ele quis namorar comigo. A gente namorou quando eu fazia o terceiro ano [do ensino médio], mas o namoro não foi muito pra frente. Quando eu já estava no mestrado, a gente voltou a namorar e com seis meses a gente foi morar juntos.

O casamento aconteceu aí nesse momento, mas também nunca foi uma coisa que me atrapalhou. O meu marido pode ter todos os defeitos do mundo – e eu também tenho vários –, mas uma coisa que eu não posso reclamar é de falta de apoio, porque ele nunca me impediu de

⁵¹ Pós-graduação em Matemática da Universidade Federal do Ceará.

⁵² A professora se refere ao processo para professor temporário na UFC.

fazer nada. Eu acho que também é tudo uma questão de construção, eu nunca permiti que ele me impedisse de fazer nada. Desde o início, quando a gente resolveu ir morar junto, eu sempre disse: “eu não quero um homem para me sustentar, eu quero um homem para ser meu companheiro, para somar comigo”. Eu nunca quis e nunca permiti que ninguém atrapalhasse a minha vida e os meus planos.

É tanto que para eu decidir ser mãe foi todo um processo. Quando eu fui liberar para engravidar, já estava com oito anos de casada. E quando Paulo nasceu, eu já estava com dez anos de casada. Hoje a gente já tem, vamos fazer mês que vem, dezoito anos de casados. Ele [marido] nunca impediu a minha ascensão profissional em nada. Se eu tiver que viajar, eu viajo; minha decisão de ir pro doutorado. Eu acho que a única coisa que ele arbitrou na minha vida foi na hora de eu assumir o concurso no Piauí, me incentivando a ir. Ele foi que desistiu do emprego dele, que ele tinha em Fortaleza, para a gente poder ir juntos. E o que me der na telha em termos de trabalho que precisar fazer, eu faço. Depois, principalmente agora que a gente tem filho, faço as coisas de forma combinada, porque se ele estiver trabalhando é uma situação mais complicada. Mas mesmo assim não impede, porque eu também só engravidei porque já tinha uma pessoa pra cuidar do meu filho.

Eu engravidei já tendo essa pessoa, com a certeza de que tinha uma pessoa, que ia cuidar da minha casa. Antes ela fazia faxina lá em casa, quando o Paulo nasceu já estava com quatro anos que ela trabalhava para a gente, fazendo faxina.

Porque eu nunca pensei muito na possibilidade, quando ele era pequeno, de colocar ele numa creche para ficar o dia todo. Eu preferia que ele estudasse só em um horário, a partir dos dois anos, e no outro horário ele estivesse em casa.

Foi muito fácil de administrar por causa disso. Agora eu acho que também tem um fator que contribui, eu acho que a área da minha vida onde eu sou mais realizada, ou até completamente realizada, é na minha área profissional. Eu não me acho a melhor mãe do mundo, nem a melhor esposa do mundo. Até porque a maternidade para mim não era uma coisa... o meu útero não pulsava para ser mãe, eu não tinha o sonho de ser mãe. Eu fui mãe porque meu marido queria ser pai, não era uma coisa que teria feito grande diferença na minha vida. Claro que, hoje em dia, isso faz completa diferença. Mas se o meu marido não quisesse tanto ser pai, talvez eu nem tivesse sido mãe. Porque eu acho que a minha realização enquanto profissional, ela já teria sido suficiente.

Agora, eu seria uma pessoa completamente frustrada se eu tivesse que ficar dentro de casa, cuidando de casa e menino. Não é uma coisa que eu gosto. Eu não suportei nem minha

licença maternidade, durante a licença maternidade, tiveram momentos para mim que foram terríveis. E olhe que eu nunca me afastei completamente, porque como eu assumi o NEAD já grávida, eu tirei a licença, mas continuei assim meio que acompanhando.

No primeiro ano de vida dele [filho] eu não viajava, passei todo esse tempo me dedicando mais a ele. Quando ele completou um ano e dois meses, eu tirei ele da amamentação, aí, voltei para minha vida normal, voltando às atividades. Como era coordenadora do NEAD, acabava que pelo menos umas três ou quatro vezes por ano eu tinha reuniões em Brasília, passava dois, três dias. Era muito tranquilo porque ele passava o dia com a menina, que era como se fosse a segunda mãe dele, e a noite com o pai dele. Assim como foi durante todo o meu doutorado, durante o período que eu precisei ficar em Natal. Passava a semana em Natal e o fim de semana em casa.

Eu defendi o mestrado – entrei em 2004 , levei dois anos e sete meses para defender – em Março de 2007. Só que tinha um critério no regulamento do programa, que quando fazia a média global de todas as disciplinas, tinha que ficar com média sete. Teve uma disciplina, justo daquele professor que eu disse que era misógino, ele tinha me aprovado com cinco. Então minha média global não dava sete, então, depois de ter defendido, eu já estava lá [UFC] como substituta, tive que fazer a disciplina novamente, para eles substituírem a nota. Só obtive o título já no segundo semestre de 2007, e naquela época – acho que 2006 para 2007 – o REUNI já estava fervilhando, começaram a abrir várias vagas. Então eu disse: “vou primeiro passar em um concurso”.

Antes mesmo de terminar o mestrado eu já era contratada como professora temporária – naquela época existia a figura do professor temporário. E antes de terminar o contrato na UFC, eu já passei para temporária no IFCE⁵³. Eu passei dois meses e pouco com os dois contratos, um com vinte [horas] e outro com quarenta [horas], porque se tivesse a quebra, eu teria que esperar dois anos, mas se passasse em um antes de terminar o outro, podia.

Quando isso aconteceu, eu já tinha feito o concurso para a Federal do Piauí, e aí foi na época que me chamaram. Só passei dois meses e pouco no IF, fui chamada para a federal do Piauí em Setembro de 2008, aí, assumi lá [em Picos] como efetiva. Aí, teve o concurso para cá [UFERSA], mas eu não fiquei sabendo – porque eu já tinha perdido um pouco o contato com os meninos, Fabrício⁵⁴ e Luíza, não fiquei sabendo do concurso daqui. Quando os meninos passaram, eu vim para a posse deles, em Janeiro de 2009, e desse contato que os meninos

⁵³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará.

⁵⁴ Fabricio de Figueredo Oliveira, professor efetivo da UFERSA, lotado no Departamento de Ciências Naturais, Matemática e Estatística.

começaram a me incentivar para vir para cá, para fazer concurso. Eu fiz o próximo concurso que teve, depois do deles, passei e vim e estou aqui até hoje.

Em sala de aula, eu adoro a relação próxima com os alunos. Eu gosto de brincar, eu gosto de fazer piada. Aqueles alunos que são mais chegados, que me abraçam, eu abraço, eu gosto muito desse contato próximo, de conversar, mas de ser dura também, quando precisa. Eu gosto muito dessa vivência.

Sobre o meu processo de doutorado, durante o período de afastamento, não tive nenhuma saudade da sala de aula. Mas eu acho que foi porque eu descobri um mundo novo no doutorado. Foi na UFRN⁵⁵, em Ensino de Ciências e Matemática. Eu saí da área da matemática pura e fui para as humanas. Foi uma área completamente nova, em que eu tive que aprender tudo do zero, porque eu não sabia de nada.

Eu passei quatro anos de encantamento, e tudo que eu podia fazer, eu fiz. A única coisa que a minha orientadora queria muito que eu fizesse, que eu não queria fazer – e a pandemia me ajudou muito nesse sentido – era que ela queria que eu fosse passar um período no Canadá. Para mim sempre foi muito tranquilo... eu ia ali em uma viagem, passava três, quatro dias ou ia para Natal ficar quatro dias lá e vir para casa, mas a possibilidade de eu me afastar da minha família três meses, seis meses, eu não queria. A não ser que tivesse a possibilidade de eles irem comigo, mas meu marido não poderia... se fosse só pelo meu marido, eu acho que até eu iria tranquilo, mas eu não teria coragem de deixar meu filho.

E a complicação maior era a questão da língua, porque eu não consegui desenvolver essa habilidade, nem para ler direito em inglês eu leio – se não fosse o Google, minha pesquisa não teria ido nem para frente. Eu sou muito determinada para algumas coisas, mas tem um limite. Essa era uma das coisas que eu não queria fazer. Acabei não fazendo sem problemas porque veio a pandemia.

Minha orientadora era a Professora Bernadete Morey⁵⁶, lá da UFRN, e um co-orientador canadense, o professor Luis Radford⁵⁷. Ele é autor de uma teoria⁵⁸ de aprendizagem, uma teoria que começou a ser desenvolvida no final dos anos 90, e ainda está em desenvolvimento. E eu comecei a estudar essa teoria antes de entrar no doutorado, eu fui para lá como aluna especial

⁵⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁵⁶ Bernadete Barbosa Morey, docente aposentada em 2018. Colaboradora voluntária na UFRN, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática- PPGECM.

⁵⁷ Luis Radford é professor da School of Education Sciences na Laurentian University em Ontário, Canadá.

⁵⁸ Teoria da objetivação: uma perspectiva vygotskiana sobre conhecer e se tornar no ensino e aprendizagem da matemática.

fazer essa disciplina com ela [orientadora do doutorado], sobre teoria da objetivação. E foi depois disso que eu entrei no doutorado com ela.

Meu processo de orientação do doutorado foi tranquilo. Eu acho que só teve um momento que eu tive que ficar arretada com ela, que eu mandei uma carta por e-mail. Eu nunca tive muita facilidade em enfrentar as pessoas cara a cara, não sou uma pessoa que tem facilidade com confronto, eu fujo do confronto o quanto eu posso. Se eu tiver uma situação que eu tenho que resolver que tenha um caminho conflituoso, e tenha um caminho bem mais longo, mas menos conflituoso, com certeza eu vou escolher o menos conflituoso. Isso é em qualquer coisa, em qualquer área da minha vida, eu tenho essa tendência natural.

Mas tem determinados momentos que a gente não tem alternativa. Teve um determinado momento que eu tive que impor algum limite. Acho que por conta do trabalho mesmo, eu nem me lembro exatamente qual foi o conteúdo da carta que eu mandei pra ela – porque eu não tinha coragem de dizer aquilo ali na cara dela. E ela é uma pessoa que eu respeito muito, que eu admiro muito, isso ainda piorava a situação. Era mais fácil para mim escrever, eu escrevi e mandei. Era alguma coisa sobre a minha pesquisa, porque ela queria que eu fosse por um caminho que eu não queria ir. Nesse momento eu vi que eu não queria ir por ali. Então foi assim que eu resolvi.

E em outro momento, já perto de defender, ela mandou um e-mail meio desaforado... E eu também mandei outro e-mail desaforado, copiando a coordenadora. Porque eu ia perder o prazo de defender, o meu prazo era até Outubro, e eu não ia conseguir cumprir aquele prazo. E ela tinha dito para mim que a gente tinha condições de ter mais prazo, mas no final das contas, a coisa não foi bem assim. Mas não foi nada que pudesse ter comprometido.

Eu até acho que teve muitas coisas que eu tive muita dificuldade, que eu não tive a orientação que eu precisava, mas eu acho que ela também não tinha condição de dar a orientação que eu precisava naquele momento. Era muita coisa da parte metodológica e ela nunca foi muito preocupada com a parte metodológica.

A oportunidade que eu tive de vivenciar ao longo do doutorado, os contatos que eu fiz, de participar de reuniões com outros grupos de pesquisa, contato com pesquisadores de outras universidades, a própria orientação do Professor Luis – eu usei a teoria dele, para fazer uma análise da relação entre uma obra e o contexto onde a obra foi escrita. Eu tive a oportunidade de aprender coisas que vão muito além.

No final das contas, eu acho que esse é um dos grandes pesos que ficou nas minhas costas por conta da tese, essa nossa pesquisa meio que está abrindo uma nova frente de pesquisa

na teoria. É uma teoria de aprendizagem, que geralmente o pessoal usa para avaliar a aprendizagem, e eu estou usando outros aspectos da teoria para avaliar aspectos relacionados ao saber. É uma outra vertente, não tenho base de ninguém para fazer isso, a não ser do meu co-orientador. A possibilidade de ser orientada por um pesquisador de renome – a própria Bernadete já é alguém de renomado na parte da história da matemática no Brasil – que é top das galáxias internacionalmente, e que é uma pessoa maravilhosa, um ser humano incrível.

Eu tive medo de não conseguir no final, porque eu não conseguia escrever a tese. Eu voltei [do afastamento] em Agosto e meu prazo [de defesa do doutorado] era até Outubro. Eu só consegui dar [aula] até a segunda unidade. Quando chegou na aula de exercícios que eu tinha marcado com eles [alunos da disciplina], no dia 17 de Outubro a coordenadora mandou uma mensagem para mim dizendo que eu ia ter que fazer um esforço sobre-humano para defender até dia 31 [de Outubro], porque o colegiado não ia mais me dar tempo, e eu não tinha escrito a tese.

Eu não estava conseguindo escrever a tese, Bernadete sabia que eu não estava conseguindo escrever a tese, meu co-orientador também sabia que eu não estava conseguindo escrever a tese. Eu tinha estudado muito, muito, muito, muito, muito mesmo. Eu tinha desencavado coisas do contexto da obra. O príncipe para o qual essa obra foi escrita tinha pedido ao autor que escrevesse sobre procedimentos para controlar as águas dos rios e dos ribeirões e para medir os campos, só que ele [o autor] demorou para responder a esse pedido... é com base em tudo isso aí que se desenvolve a minha tese. Eu tinha descoberto sobre tudo, sobre a cultura, sobre a política, sobre um monte de coisas, só não tinha conseguido nada sobre a economia da cidade, onde o príncipe residia. Já no finalzinho, encontrei um cara que falava sobre a importância da arquitetura para aquela corte. Aí, eu mandei uma mensagem para ele – e ele era da cidade de Ferrara⁵⁹, que eu estava estudando – perguntando se ele conhecia algum trabalho que falasse sobre a economia de Ferrara naquele século; ele me indicou um autor e um livro.

Só que eu não consegui esse livro nem para comprar, mas eu fui investigar pelo nome do autor e o autor tinha uma página onde ele concentrava todos os artigos dele. Eu achei um artigo na página dele que falava sobre a economia lá da corte, naquele século. Então, eu descobri que justamente naquele período que a obra foi escrita, a economia da cidade estava mudando de mercantil para agrícola. Só que para aquela economia prosperar, a água dos rios tinha que ser controlada, por causa das enchentes, das áreas alagadas que tinha que drenar. Fui descobrir

⁵⁹ Ferrara é uma comuna italiana da região da Emília-Romanha, província de Ferrara, com cerca de 130 461 habitantes.

isso nos trinta minutos da prorrogação. Por isso que aqueles problemas [procedimentos para controlar as águas dos rios e dos ribeirões e para medir os campos] eram importantes para ele [príncipe]. Então foi muita coisa que eu tive que estudar, só que eu não conseguia achar um fio condutor. Até hoje ainda não achei esse fio.

Quando eu voltei [do afastamento] eu já estava numa crise de ansiedade muito grande. E depois que isso aconteceu, eu tive uma crise de ansiedade grande mesmo. Eu recebi a notícia em sala de aula, e ali foi o último dia que eu dei aula naquela turma – entrei de licença saúde. Fui para o psiquiatra, o médico passou os remédios para a ansiedade e me deu atestado, me afastei por 30 dias. Foram nesses 30 dias – com mais uns dias de férias que eu peguei – que eu consegui escrever minha tese, em um mês e meio. Consegui escrever alguma coisa para poder defender. E a banca fez pouquíssimas considerações, só que a tese não estava fechada, porque do capítulo principal eu não tinha escrito quase nada, apesar de já ter todos os resultados da pesquisa registrados lá no texto. A crise de ansiedade foi tão grande que, depois da minha defesa, eu passei três meses sem nem pegar na tese.

São momentos que a gente passa, que são difíceis. Mas eu passei quatro anos maravilhada com o meu doutorado, de encantamento total, não tenho do que reclamar. O momento mais difícil do meu doutorado foi a escrita da tese, está sendo difícil até hoje. E antes de voltar [do afastamento], eu já tinha assumido o compromisso com o Walter⁶⁰, e com o grupo, de que assumiria a coordenação [do mestrado] junto com ele. E aí, você volta a se envolver com a universidade.

Eu acho que eu tenho um papel importante, enquanto professora, enquanto coordenadora, mas principalmente o meu papel como professora. Eu acho que eu tenho que tentar ser o melhor ser humano possível que eu puder, pra eles [alunos]. Não só em termos do conhecimento matemático – porque eu acho que o que eu sei de matemática é suficiente para ser uma boa professora de matemática nas disciplinas que a gente tem aqui –, a minha preocupação vai muito além disso. É claro que eu quero ser conhecida como a professora que sabe matemática, como uma professora que sabe dar aula.

Eu não costumo ver os alunos reclamando muito da minha didática. Eles têm uma dificuldade, por conta do conteúdo, às vezes por conta da falta da base [matemática]. Eu já tinha algum pensamento nesse sentido, mas depois dessa minha vivência no doutorado e tudo que eu estudei – essa teoria que eu lhe falei, que é uma teoria que concebe a aprendizagem, tanto em termos de conteúdo matemático, de saber e das transformações enquanto pessoa –, eu vejo um

⁶⁰ Walter Martins Rodrigues, professor efetivo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

papel muito mais importante. Eu quero ser conhecida como aquela professora, não apenas que sabe dar aula de matemática e contribui, mas aquela pessoa que contribuiu para que aquele aluno possa ser uma pessoa melhor.

Quero ser aquela pessoa que está ali para conversar, para apoiar, para dar força, para tentar deixar – o que às vezes é muito difícil –, tentar deixar mais leve, mais descontraído. Eu gosto de ser aquela pessoa que os alunos, depois que saem da universidade, encontram por aí e se alegram em ver.

Eu não quero ser aquela pessoa que os alunos, quando encontrarem no supermercado, vão entrar pelo outro corredor para não bater de frente. Eu quero ser aquela pessoa que contribuiu de algum modo para alguém. É claro que eu tenho consciência que eu não vou contribuir para todas [as pessoas] da mesma forma, mas eu sei que vai ter uma ou outra aluna que eu vou ter feito a diferença enquanto pessoa.

Você está ali e você fazer a diferença na vida de alguém, de algum modo. Não só de matemática, porque, sinceramente, o que eu menos estou me preocupando é com a matemática. É se o aluno aprendeu, claro, eu preciso avaliar e lançar uma nota... Mas, principalmente hoje, depois de toda a minha experiência – e também na vivência que eu tive, do sofrimento que eu tive no final [do doutorado] para escrever –, essas coisas vão mudando a gente. Eu estou mais preocupada em como é que eu vou contribuir para a vida daqueles meninos ali, do que com a matemática especificamente.

Meu papel é ensinar Matemática, mas eu acho que o meu papel social vai muito além. E para as meninas eu acho que ainda tem uma outra questão, que é de você ver que é possível, enquanto mulher, chegar ali e conquistar aquele espaço. Ser uma pessoa que se destaca, que é atuante, essa figura eu acho muito simbólica nesse sentido. De que pode também inspirar outras meninas chegarem onde eu cheguei. E eu estou sempre disposta para conversar com eles sobre o que for necessário. Essas conversas dependem muito da turma. À noite têm mais pessoas que trabalham, que já têm uma vivência.

Não é meu papel aprovar nem reprovar ninguém, é fazer o máximo que eu puder para contribuir para a vida deles, de todos os pontos de vista.

4.3 ANDRÉA MARIA FERREIRA MOURA

A segunda contatada da UFERSA foi a professora Andrea, que é docente e chefe do CCEN e vinculada ao DCME. Não trabalha atualmente com o curso de licenciatura em matemática, mas já trabalhou por muitos anos. Também já tinha tido a oportunidade de conhecer a professora como chefe de centro, quando estava como professora substituta na instituição.

A professora foi muito agradável e solícita quando entrei em contato com ela por WhatsApp e marcamos uma data para eu poder lhe explicar do que se tratava a pesquisa. Fui pessoalmente conversar com ela e a professora deu seu aceite de que poderia sim participar da pesquisa.

Durante toda a entrevista a professora foi educada e gentil, sempre disposta a esclarecer dúvidas e colaborar com a pesquisa. A entrevista ocorreu em sua sala no dia 19/07/2023, na própria UFERSA, e teve duração de duas horas e dezoito minutos.



Fico honrada em participar da sua pesquisa de mestrado, de ver os alunos da gente já trilhando caminhos de pós-graduação. Sou Andrea Moura, hoje diretora do CCEN (Centro de Ciências Exatas e Naturais): eu sou natural de uma cidade do interior do Ceará, Limoeiro do Norte, aqui próximo a Mossoró - fica a 90 quilômetros de Mossoró. Venho de uma família de cinco irmãos, de uma família de classe média - porque no grupo da matemática é bem comum ter origem bem simples - então eu não me coloco nesse grupo. Eu sou filha de ex-servidores públicos, meu pai é ex-bancário e minha mãe é ex-telefonista (aposentada hoje da antiga Teleceara que virou Telemar, que é o serviço de telefone que existia no Ceará).

Sou uma pessoa com hábitos bem interioranos e de uma família bem simples. Hoje, com 42 anos, olho para trás e acho que muito daquela formação familiar é que fez eu chegar onde eu estou.

A educação sempre foi algo muito pautado lá em casa. Meus pais, principalmente meu pai, que era concursado. O foco lá de casa, a nossa riqueza, era comer e estudar. Então, a gente não tinha luxo – por mais que eles até tivessem recursos financeiros para dar certos luxos –, era muito mais focado em pagar colégios particulares e voltados para a educação.

O meu pai, quando a gente começou a fazer concurso, ele assinava o Folha Dirigida (que era um jornal impresso da época) e mostrava pra gente os concursos. No decorrer de toda

a infância a gente tinha isso. Eles nem sempre puderam acompanhar a nossa vida escolar, então a gente teve professores particulares. Essa questão mais de reforço para acompanhar. Em vez de se gastar com brinquedos caros, com coisas com tecnologia, se gastava com educação. Lembro muito que todos os coleguinhas tinham videogame e lá em casa foi a última casa a ter. Nunca faltou muito comida - somos todos gordinhos - e gastos educacionais.

No caso do meu pai, ele era funcionário também da antiga Teleceará, que foi quando ele conheceu minha mãe. Mas ele teve um episódio traumático na vida dele. Ele ficou viúvo da primeira esposa, ela faleceu no parto – era um parto de gêmeas. Então meu pai ficou com duas crianças sem mãe. Então ele estudou bastante para passar no concurso do Banco do Brasil...

E isso é uma coisa que até hoje existe [o investimento na educação]. Eu tenho uma irmã que não saiu de casa e teve filho. E meu pai ainda é quem faz esse amparo educacional, mais do que os próprios pais da criança, que é minha irmã. Isso sempre existiu muito forte.

A gente não estudou na escola mais renomada da cidade, embora fosse uma escola custeada, paga. Estudávamos no patronato, que era uma escola de cunho católico regida por freiras. Era uma escola que fazia muita filantropia, pegavam muito alunos da zona rural e davam bolsas, davam a oportunidade para aquelas pessoas.

A parte do fundamental I até a entrada do fundamental II, nós⁶¹ estudamos no patronato. Eu especificamente estudei até a sétima série. Não era a escola mais renomada do Limoeiro, era a terceira nesse ranking de escolas particulares. Também pela proximidade, nossa casa era muito próxima à escola, a gente ia a pé. Lá eu lembro que a gente aprendeu mais do que conhecimentos técnicos, por ser regida por freiras tinha muita atenção à construção social, então acho que uma coisa compensava a outra.

Quando eu saí do fundamental I e fui para o fundamental II eu tive uma proximidade muito grande com a professora de Matemática. Ela foi minha madrinha de primeira eucaristia, a professora Aparecida. Lá na frente quando eu passei pra sexta e sétima série, era o professor Glauber, de Matemática. Eu também cheguei a assumir aqueles momentos de tirar dúvidas dos colegas, aquela coisa [proximidade com a matemática] já estava lá. Porque ele [professor Glauber] também passou por algo semelhante ao que aconteceu com meu pai, ele perdeu a esposa de parto e teve um período bem difícil. Ia trabalhar meio desanimado e aí ele dizia “Ensina aí.”.

Então eu tive essa proximidade com os professores. Eu cheguei a participar de feira de ciência, ainda um primórdio dessas feiras de ciências que existem hoje. Eu lembro que a gente

⁶¹ A professora se refere aos irmãos e a si mesma.

foi para Fortaleza⁶², uma feira num centro de convenções grande, em 1993; não, antes, em 1992, por aí. Sempre fui alguém que as professoras sabiam quem era aquela aluna, tive uma certa proximidade.

Troquei de escola na oitava série. Fui estudar no Diocesano⁶³. Nessa troca mudou um pouco, porque você chega numa escola nova; e só passei um ano nessa escola. Meus pais colocaram todos nós para estudar em Fortaleza, eu fui fazer o ensino médio em Fortaleza.

Isso foi um choque muito grande de realidade, porque você deixa de ser o filho de fulano, que no interior todo mundo conhece, e passa a ser um número no meio de um monte de gente. Foi por isso que lá no começo eu disse que eu não posso dizer que vim de uma família humilde, porque esse prezar pela educação fica claro: meu pai passou quinze anos com o mesmo carro, mas pagou Farias Brito⁶⁴ para todos nós.

Eu mudei para Fortaleza em 1996 e fui estudar no Farias Brito. Foi muito impactante, é outra forma de se estudar. Hoje eu olho para trás e vejo que foi uma oportunidade muito grande, você faz uma base muito grande, mas... deu certo. Olho para trás e penso: “Pai, você foi muito corajoso”, porque eles não foram morar com a gente, então, a gente foi para estudar e na época não existia celular, não tinha poder aquisitivo de se comprar celular. Então, meu pai ligava para a gente às 09:00 da noite, quando a tarifa do interurbano do fixo baixava, daí ele ligava do Limoeiro para Fortaleza. Daí, dava aquela rodada de conversa com os filhos.

Quando eu fui, minhas duas irmãs mais velhas gêmeas (que sempre moraram com a gente, meu pai nunca separou delas) já estavam lá, então, isso foi muito tranquilo. Então, minhas duas irmãs gêmeas moravam com a gente. Eu também tenho um irmão um ano mais velho do que eu, que foi um ano antes. Então eu fui a quarta a ir, depois de mim só foi a minha irmã mais nova, caçula. Para mim não foi tão difícil quanto para eles, porque eu já tinha três irmãos lá.

Nós tínhamos a obrigação, mas a gente não tinha alguém nos empurrando para estudar. O que fazia a gente estudar e dar certo era aquele senso de responsabilidade que seu pai estava fazendo de um tudo por você.

Eu fui com 14 anos e eu olho para trás e penso: “É muita coragem”. Porque a gente podia não ter estudado. Não tinha ninguém para nos acordar, etc. É mais ou menos quando vocês⁶⁵ vêm para cá com 18, né? Então, naquele instante, eu passei por isso com 14 anos. E fui para a capital, para a cidade grande. Se você me perguntar: “você queria ir?”; Não!

⁶² Capital do Estado do Ceará.

⁶³ Escola particular tradicional de Fortaleza.

⁶⁴ Escola particular tradicional de Fortaleza.

⁶⁵ A professora se refere aos estudantes recém chegados na universidade.

Fui chorando, dizendo para o meu pai que eu estudava o triplo do que eu estudava no Limoeiro. Mas ele disse: “não, você vai, um dia você vai me agradecer”. Eu estava começando a virar gente, começando a namorar, começando a ser alguém e começando a sair de casa. Daí, você sai do seu nicho, de um lugar que você conhece todo mundo e é jogada na capital onde você não conhece ninguém, onde você tem medo de tudo, onde você vai pegar ônibus, onde você tem medo de ladrão, onde você tem medo de tudo.

No meu ensino médio, se eu disser que houve aquela diversão, aquele lazer... não. Foram anos que eu morava em Fortaleza para estudar e eu ia para o colégio para estudar. Fiz algumas amizades lá, mas sentia muito impacto por ser um colégio elitista, pelos valores que eu vinha de interior, muito diferente de conexão mesmo. Então, eu não posso dizer que foram os melhores anos da minha vida, os anos de colégio, de adolescência. O melhor dia era sexta-feira, quando eu entrava no ônibus e vinha pra Limoeiro. No primeiro ano principalmente a vida social toda era no Limoeiro, a gente morava em Fortaleza para estudar. Olhando para trás eu sei que eu tive uma oportunidade muito grande, que eu tive uma base muito grande, de ter tido a oportunidade de estudar em um colégio que até hoje faz outdoors de primeiros lugares.

Fui convidada depois de estar lá para fazer parte de turmas olímpicas, recusei e disse que não ia, porque já era difícil para mim administrar tudo aquilo, intensificar os estudos seria mais difícil ainda. Então, não fui. Foi uma opção minha.

Sei que eu faço parte de uma fatia privilegiada de ter tido uma base [matemática]. E lá na frente eu entendo a reflexão dessa base. O quanto ela fica com você por muito tempo. Então eu digo: os meus pais foram muito visionários e muito corajosos. Isso encaixa com aquilo que eu mencionei lá da infância: eles sempre abriram mão de luxo, de trocar de carro ou de coisas desse tipo. A gente nunca teve coisas luxuosas dentro de casa, mas sempre usufruímos de muita coisa boa em relação à educação.

Naquele período⁶⁶ era bem comum jovens de Limoeiro irem fazer ensino médio em Fortaleza, as pessoas que tinham poder aquisitivo e conseguiam ir. Mas muita gente foi morar em casa de tia, de parentes. E meu pai, sabendo que nós éramos cinco, e que isso ia ser bem mais difícil, comprou um apartamento. Ele tirou de usufruto dele para comprar um apartamento em Fortaleza para quando precisasse mandar a gente. Já tinha esse apartamento de Fortaleza, não quitado à época, mas foi quitando, pra gente não precisar morar na casa dos outros.

⁶⁶ A professora se refere à época em que cursou o ensino médio.

É nesse sentido que eu digo, faltava o castelo de greyscow – quem é da época do Herman sabe o que estou falando – faltava o brinquedo da Estrela⁶⁷, mas nunca nos faltou educação. Ele investiu nisso. Não sei se é porque toda filha puxa sardinha para o seu pai, mas o meu pai é uma pessoa que é um referencial. Não só para nossa família menor – aquela família de pais, filhos –, mas também para os irmãos dele, para tudo. É uma pessoa que tomou decisões muito corretas e que deram certo. Eu sei que algumas arriscadas, como colocar adolescentes para morarem sozinhos numa capital sem uma vigilância de um adulto. Minhas irmãs eram as mais velhas, as gêmeas tinham dezenove. Meu irmão tinha 15. Eu fui com 14. Isso foi o ensino médio.

Sobre a escola, tinha a dificuldade de identificação, mas eu não senti dificuldade de conteúdo. Sempre uma boa aluna, tinha proximidade com os professores. A escola estimulava muito a competitividade, estimulava muito você ser sempre o melhor, melhor que o outro. Isso me incomodava muito, porque eu vinha de um formato de escola – aquela lá das irmãs, das freiras – muito diferente do formato de escola que eu fui parar. Muito mercantilista.

A filosofia deles era você superar o seu colega e não ficar para trás. Não era vocês crescerem juntos, é você superar seu colega, porque você vai concorrer com ele pela vaga no vestibular. Então isso era um tanto incômodo. Eles colocavam na porta da sala o ranking do bimestre, o ranking dos alunos, do primeiro até o último. Então, tanto tinha a glória do primeiro lugar como tinha a decepção do último. Eu achava uma exposição muito gritante. Assim como eles entravam em sala de aula e davam uns cartãozinhos, uma pequena premiação para os dez primeiros de cada sala. E aí, era um tanto surpreendente, porque eu não sentava na frente no primeiro ano, eu era novata, mas eu estava sempre entre os primeiros lugares. Quando chamavam meu nome – eu não estava entre os primeiros não, eu estava ali no quinto, às vezes sétimo – eu tinha que me deslocar do fundo da sala para lá. Eu lembro do ensino médio assim, desses episódios de disputa, de competição, dessas coisas.

Na primeira prova de Biologia, do primeiro semestre que eu estava lá, eu tirei uma nota razoável, e o colega virou para mim e disse assim: “a competição começou agora”. E eu disse: “não, não quero competir não”. Como se a minha nota não fosse só minha, né? E eu tivesse tirado algo dele. Como se o meu ponto fosse diminuir o ponto deles.

Como eu era uma aluna razoável em quase tudo, eu gostava muito da área de exatas, gostava muito de Matemática em relação à Física, decidir o que fazer para mim foi bem difícil. Eu sabia o que eu não queria. Eu não queria área de saúde. Por mais que eu fosse uma aluna

⁶⁷ Marca de brinquedos.

regular, entre os dez melhores da sala, mas eu não queria área de saúde – que é o que se esperava de todo bom aluno tentar, no mínimo Odontologia. Eu sabia que eu não queria área de saúde, nunca foi uma área desejada. Mas eu não sabia o que eu queria.

E por permear bem todos as disciplinas – minhas maiores dificuldades sempre foram línguas, tanto a portuguesa quanto a inglesa, sempre foi ruim. As outras ciências – Biologia, Física, Química - sempre gostei. Antes de fazer Matemática eu me inscrevi no vestibular da UFC para a Comunicação Social, Publicidade e Propaganda. Eu achava que todo investimento que meu pai tinha feito – ele nunca me cobrou... houve [uma] única coisa que ele me pediu, que eu falo já para você – na época, a falta de informação, estereótipos, eu descartei as Engenharias rápido. Por ser aquela área masculinizada... Não vou para um canteiro de obras, aquelas coisas. Então, cortei as áreas de saúde e cortei as engenharias. E me imaginei uma pessoa comunicativa. Cortei Computação, porque eu disse que eu queria trabalhar com gente. E escolhi Comunicação Social.

Acredito que eu não escolhi Matemática de início – é uma ideia que eu tenho hoje, olhando para aquela eu de 18 anos, 17 anos, de que eu achava mesmo que uma mensagem subliminar, nunca ninguém me disse isso –, mas que se fosse para fazer matemática, eu tinha ficado em Limoeiro e feito uma faculdade mais simples. Para que todo esse investimento de 3 anos pagando Farias Brito, para ir fazer Matemática, que é uma faculdade que tem no Limoeiro (que, teoricamente seria fácil de passar)?

Então eu fui fazer publicidade de propaganda. Passei, mas não passei para o primeiro semestre. Passei para o segundo semestre – porque na época a gente fazia um vestibular anual na UFC⁶⁸, onde metade das vagas já ficava no primeiro semestre, e o restante das vagas já ficava para o segundo semestre. E nesse mesmo vestibular que eu fiz pra Publicidade e Propaganda na UFC, eu fiz para matemática na UECE⁶⁹. Os cursos da UECE são bem mais restritos – tinha Medicina Veterinária, Serviço Social, tinha algumas outras coisas na época, não tinha medicina lá, mas eu não queria área de saúde. Então, dentro da UECE, do que eu podia lá, me sobrava Matemática.

Aí, eu fui fazer o vestibular de Matemática na UECE e o meu pai ainda quis que eu fizesse o vestibular da UNIFOR⁷⁰. E aí eu disse pro meu pai que não queria fazer UNIFOR, não queria gastar mais dinheiro. Mas ele pediu que eu fizesse e eu disse: “Já que é o senhor que quer que eu faça, diga o que o senhor quer que eu faça?”; Ele me disse: “Faça Direito”. Então

⁶⁸ Universidade Federal do Ceará.

⁶⁹ Universidade do Estado do Ceará.

⁷⁰ Universidade de Fortaleza.

eu fiz vestibular para Comunicação Social, Publicidade e Propaganda, Matemática e para Direito. O único que eu não passei foi o da UNIFOR, passei nas duas públicas e não passei na particular. Talvez porque eu não queria, não sei. E acho que foi muito bom, porque hoje eu sei que não daria certo.

Como eu passei nos dois vestibulares da pública, eu não poderia me matricular nos dois porque tinha uma filosofia de que a gente não poderia ocupar duas vagas públicas. A gente estaria tirando a oportunidade de alguém, né? Eu não podia matricular nas duas, eu tinha que escolher com qual ia ficar. Por conta de toda aquela carga de investimento, mesmo sem uma cobrança, eu optei por fazer UFC, pelo nome da UFC e pelo nome do curso – ser publicitária era melhor do que ser professora de matemática.

E eu perdi o vestibular de Matemática que eu tinha feito, porque optei pela UFC, mas aquilo ficou. Então eu pensei: quando for no meio do ano, eu faço Matemática de novo. E aí eu vou começar os dois juntos – porque são de vestibulares diferentes, isso aí eu podia.

Quando eu comecei na UFC, eu matriculei em Matemática. Meu intuito naquele momento era fazer Publicidade e Propaganda. Eu queria apenas guardar a vaga da Matemática, porque algo poderia acontecer... e esse algo aconteceu três semestres depois. Eu fiquei reprovada por falta no primeiro semestre na Matemática, porque eu estava cursando UFC e estava só guardando a vaga. No segundo semestre eu fiz matrícula institucional, que era dizer que você queria a vaga, mas você não ia optar por nenhuma disciplina. Cursei um ano de Publicidade e Propaganda. No terceiro semestre, eu já estava inclinada a sair da Publicidade, mas todo mundo dizia que era o primeiro ano de faculdade, que eu não ia conseguir tomar aquela decisão naquele momento.

No terceiro semestre eu reabri meu curso de Matemática e curvei os dois em paralelo. Fiz uma disciplina de Matemática para ver se eu gostava. E assim que eu fui me desmamando da Comunicação Social, tomando a decisão [de deixar o curso de comunicação social e cursar Matemática].

Eu acho que nada é um erro. Quando os alunos chegam para me dizer: “Ah, professora, eu vou sair, vou pra outra coisa.”. Eu digo: “Tudo bem. Mas não ache que essa passagem aqui foi uma perda de tempo.”. Eu dizia já isso na época: eu vou desistir da UFC, mas se eu não tivesse passado na UFC... para mim, como filha de alguém que investiu em mim, eu teria me frustrado como estudante. Então, ter passado e ter provado e ter dito “eu passei, mas eu não fico porque eu não quero”, era algo que me confortava, sabe? Era algo que eu achava bom dizer.

Aquilo tudo que eu falei do Farias Brito se estendia um pouco na UFC. Pelo menos lá na Comunicação Social. Naquela época as vagas da universidade eram bem mais restritas, não tinha universidade em todo canto. A gente tinha que sair para a capital para estudar. As pessoas que tinham tido a oportunidade de estudar em bons colégios, eram quem ficava com as vagas da UFC. Então lá tinha um tanto da continuidade do que eu vivenciava no Farias Brito. Era um grupo muito elitista. Até os dois primeiros anos nós pagávamos disciplinas junto com o pessoal do Jornalismo, era muito ego. De novo era discrepante de onde eu vinha, das minhas origens. Eu não me sentia muito daquele mundo ali.

Quando eu entrei na UECE⁷¹, uma universidade estadual - muitas vezes, os cursos que tem lá são menos atrativos do que os da federal, e aí ficam com aqueles alunos de escola pública. Quando eu entrei na Matemática, que era um mundo em que eu era mais um ponto fora da curva. A maioria do pessoal que faz Matemática são carentes, vêm no mínimo de uma família ali que priorizou os estudos com muito esforço. Mas era um ambiente que eu me sentia mais confortável na UECE e não na UFC. Eu não tinha identificação com o curso, mas eu também não tinha ambientação, não tinha nenhum colega. Eu não lembro do nome de ninguém de lá. Eu não consegui gravar nada ali, sabe? Era um mundo muito diferente.

Quando eu cheguei na UECE me senti muito acolhida, aí, eu disse: “eu estou começando a saber o que vai dar certo”. Foi algo muito diferente, mas hoje eu olho como algo necessário esse um ano e meio na UFC. É isso que eu tenho que passar para os alunos aqui: “calma, você tem uma vida inteira pela frente, a hora de errar é agora, a hora de você procurar o seu lugar é agora”.

Nesse período que eu estava fazendo as duas faculdades, eu fiz Geometria Euclidiana I, que é a Geometria Plana. E aí tem um impacto. Não vou dizer que não tem um impacto, mas eu gostava do que eu estava estudando. Eu lembro de assistir aula de Mais Mídia, que era uma disciplina que eu paguei lá na UFC falando de mídias, formatos de mídias sociais e eu estudando congruência de triângulos durante a aula. Era diferente, porque a gente estava num curso de Matemática, então o objetivo não era resolver conta, o objetivo é provar o porquê. E geometria euclidiana é a base onde você percebe que não é daquele jeito que você estudava no ensino médio. A abordagem era diferente, e aquilo foi me encantando.

Por mais que fosse tudo muito novo, diferente da escola, numa linguagem diferente, mas eu gostava, me sentia instigada por aquilo – algo que eu [não] sentia na comunicação social. Quando terminou esse semestre eu tranquei a UFC. Aí, eu fiz o inverso, fiz uma matrícula

⁷¹ Universidade Estadual do Ceará.

institucional na UFC para guardar a vaga se um dia eu desistisse de Matemática. Nunca mais eu voltei lá.

Resolvi matricular em quatro disciplinas na UECE. Matriculei em Cálculo I – todo dia a gente tinha aula de cálculo, mas o professor só dava aula dia de segunda, quarta e sexta e deixava a gente ali estudando em grupo nos outros dias. Pensando em correr atrás do prejuízo, eu matriculei de tarde nas disciplinas de matemática – ficava na universidade no intervalo de um para o outro turno – e matriculei as pedagógicas à noite.

Tinha uma disciplina que ficava nesse intervalo, entre o noturno e o diurno, que era Laboratório de Matemática. Na UECE já tinha nessa época um olhar de um professor que por insistência cuidava desse laboratório, quase que sozinho. Esse professor tinha essa visão já um tanto diferente de trabalho, com lúdico. Então, eu decidi, já que eu vou ficar para as turmas da noite, eu vou pagar laboratório. Embora eu estivesse fazendo as disciplinas do primeiro semestre, eu não era aluna daquele semestre, estava desregulada. Eu podia matricular em qualquer coisa que me coubesse, então eu saí matriculando e para ganhar tempo ficava de noite e botei a única disciplina que tinha se encaixava entre os horários. Essa disciplina de Laboratório de Matemática foi um divisor de águas na minha formação como professora, porque eu estava chegando e já tive contato com uma forma de ensino inovador, uma forma de ensino levando em consideração o lúdico.

No semestre seguinte, a monitora do laboratório estava se formando e o professor estava abrindo vaga para monitoria. Monitoria era algo muito difícil na época. No curso de matemática todo, só tinham duas monitorias, uma era de Laboratório – porque o professor precisava de gente para ajudar, ele precisava de alguém – e a outra era de Cálculo I, que era grande evasão, grande problema de tudo. Como eu estava pagando diversas disciplinas, eu já tinha um certo olhar de outras disciplinas, por mais que fosse o primeiro semestre que eu estava levando a sério aquilo ali.

No semestre seguinte, a monitora disse: “Porque é que você não faz a seleção da monitoria?”; Eu disse: “Não, eu cheguei aqui agora, como é que eu vou ser monitora?” Mas, incentivada por ela, eu resolvi fazer e virei monitora de laboratório de matemática. Eu passei três anos e meio no curso e desses três anos e meio, três eu passei dentro do laboratório de matemática – porque eu fui só renovando a monitoria. Eu fui muito influenciada por esse lado de ensinar, um pouco diferente daquilo que a gente estava acostumado. Eu digo que a minha formação tem um pequeno diferencial, por ter respirado muito o laboratório de matemática, por ter tido um contato com isso, por ter sido incentivada a participar de congressos muito cedo.

Conversando com as colegas que vieram da UFC, é como se a UFC formasse professores para virar professores de ensino superior e a UECE formasse professores para virarem professores da educação básica. Então, a gente era muito visto como isso. Os professores da gente não instigavam a gente a ser mais do que um professor da educação básica. Então, eu senti muita ausência desse estímulo, de que você poderia... por muito tempo eu pensei que eu não seria professora universitária, porque a minha formação na UECE era para ser professora da educação básica.

Como eu vivenciei muito o laboratório, para mim tem esse diferencial, ter tido a oportunidade de conhecer o professor Cleiton⁷² – que era o professor [que] tocava o laboratório, hoje ele já está falecido. E eu digo que eu tive uma vantagem nessa seleção de monitoria por ser mulher. Esse professor só tinha monitoras mulheres. Tinha tido a monitora Ana Carolina⁷³ – que inclusive hoje ela é professora lá da UECE –, que foi uma luz também para mim, porque eu estava entrando e ela estava saindo (ela tinha passado no mestrado em Rio Claro para a educação matemática). Então era uma coisa que eu já dizia: “quem teve aqui no laboratório está tendo trilhas⁷⁴, né?”.

Eu meio encucada, eu sempre fui linguaruda, aí, eu um dia, eu cheguei para ele e perguntei assim: “Professor, por que que o senhor só pega mulher como estagiária?”. Ele tinha uma barbona – ele tinha um apelido de brutos do Popeye⁷⁵ – e ele era muito bruto, realmente ele era desses assim, botava um distanciamento grande dos alunos. Aí, ele me respondeu: “Minha filha, não é nada disso que você está pensando não. É só porque se eu pegar um monitor homem eu dou na cara dele. Então, eu prefiro mulher porque eu sei que eu não posso bater em vocês, então eu prefiro mulher”.

Eu acho que a brutalidade dele escondia o quanto ele era bom. Então ele preferia ter a fama de ruim, como muitos professores de matemática gostam, para esconder o quanto tinha um bom coração. Ele só dava oportunidade para algumas poucas pessoas, de conhecer quem era ele: pagar a inscrição de evento, as coisas todas ele fez por mim, fez por outras pessoas lá da gente. Mas foi uma experiência muito boa, a graduação foi mais ou menos assim.

A UECE foi um lugar que eu me senti acolhida, eu pude me espalhar, eu pude ser quem eu queria ser. Por mais que o universo fosse muito mais de homens. Em muitas disciplinas eu paguei como única mulher, mas eu me sentia muito à vontade.

⁷² Professor Cleiton Batista Vasconcelos, que foi professor da Universidade do Estado do Ceará.

⁷³ Ana Carolina Costa Pereira, professora da Universidade do Estado do Ceará.

⁷⁴ A professora se refere aos possíveis caminhos de docência que estavam sendo seguidos pelos colegas de laboratório.

⁷⁵ Desenho animado

Em relação aos professores, por mais que existisse essa deficiência de motivação de que a gente poderia ir muito mais além, existia uma proximidade. Não existia uma hierarquia e eu acho que com todos existia uma proximidade.

Teve um professor de Teoria dos Números, e mais na frente de estruturas algébricas, o professor Montenegro⁷⁶. Ele é um professor Paraibano, vindo da UFPB. Ele começou a implantar na UECE essa ideia de que a gente não deveria imaginar que dali só existia o ensino médio, que a gente poderia ir mais além. O que acontecia era que a UECE não tinha mestrado, então, pra gente ir pro mestrado nós tínhamos que concorrer com os alunos da UFC – que nós imaginávamos que eram relativas cartas marcadas, porque já tinham sido alunos da UFC.

O professor Montenegro foi mostrando que a gente poderia ir mais longe. E na relação com professores, por exemplo, eu nunca senti nenhuma relação de submissão por ser mulher. Tipo: “você não vai aprender isso”. Senti entre alguns colegas, que diziam assim: “das mulheres, a única que se aproveita é você, a única que sabe alguma coisa de matemática”.

Posso dizer que talvez não tenha sentido, porque eu sempre fui uma aluna regular. Não digo que fui uma aluna nota dez, mas eu sempre fui uma aluna que fiquei ali entre os que compreendiam a matéria e que conseguia conversar com os meninos que eram muito bons, conseguia tirar uma dúvida, conseguia ensinar as outras meninas que vinham perguntar. E isso talvez já era uma proximidade com o professor; professor gosta de aluno que entende a matéria, que sabe fazer a pergunta.

A gente chegava, questionava o professor. Não tinha medo dos professores não. Eu fui uma aluna que passou por média em praticamente todas. A única disciplina que eu fui para a prova final foi Cálculo II, que é uma disciplina que eu gosto muito, mas na época eu fui para a final. Gostava muito do professor, mas tive uma relativa dificuldade.

A disciplina de Análise na Reta era opcional, mas pensando nesse professor Montenegro – que já tinha avisado que era bom pagar para ir para o mestrado – eu resolvi fazer. Mas reprovei, foi a única que eu reprovei. Reprovei de lavada, não entendia nada. Aí, paguei Matemática Financeira no lugar. A gente teve bons professores e os meus colegas, aquele grupo que eu entrei, era de pessoas muito comprometidas, quase todos viraram professores universitários – quebrando o ciclo natural de sermos só professores de ensino médio. Então, eu peguei uma leva de colegas muito bons, de pessoas muito interessadas, e a gente fez grupos de estudos muito bons. Eu passava o dia na universidade, então, a gente se ajudava muito.

⁷⁶ João Montenegro de Miranda, professor da Universidade do Estado do Ceará.

Meu irmão mais velho passou para Direito na UFPB em Sousa⁷⁷, na Paraíba, e foi embora. Uma das minhas irmãs fazia farmácia na UFC e a outra fazia Computação na Unifor - fez cinco semestres, desistiu, e foi fazer ciências contábeis na UECE. Então, continuava sendo um apartamento só de estudantes, éramos todos universitários nessa época. E a minha irmã mais nova também já tinha vindo. Mas meus pais ainda continuavam morando em Limoeiro.

Eu volto a dizer, a gente era privilegiado. Nós tínhamos uma secretária do lar, então, além da casa, a gente tinha alguém que cuidava de nós. Você poderia imaginar que era uma pessoa mais velha que cuidava da gente, mas não – ela tinha a idade das minhas irmãs mais velhas. Ela foi para lá, engravidou lá, trabalhando com a gente. E nós gostávamos muito dela, e ela acabou tendo a filhinha dela lá e criando com a gente. Mas a gente não tinha obrigações domésticas. Eu volto a ser um ponto fora da curva de estudantes que moram fora de casa, porque eu tinha toda a estrutura de estudante profissional, eu vivia só para estudar. Então, nesse sentido, facilitava bastante.

Eu acredito que essa forma que meu pai conseguiu colocar na gente, de uma responsabilidade de se estudar mesmo sem a presença dele, eu acredito que influenciou muito. Essa criança que nasceu lá com a gente, que vivia no meio de universitários, esse mundo de todo mundo estudando, fazendo concursos... Ela vivenciou muito isso e meu pai resolveu pagar a escola dela, particular – mesmo ela não sendo mais secretária da gente, mas a gente criou vínculos com a criança. Então, ela estudou em colégio particular a vida toda, virou universitária da UFERSA⁷⁸, já fez a residência de anestesia da UFERSA. Então, eu acho que é mais uma filha educacional do meu pai nesse meio.

Então, a gente sempre teve muito isso. Com o meu pai é a educação pelo exemplo, ele nunca falou alto com a gente, ele nunca foi ignorante, ele nunca cobrou. Mas é um exemplo. A gente tinha um respeito tão grande por ele, eu não queria decepcionar aquela pessoa que estava me dando tudo. Estava me dando uma casa para morar, estava me dando um colégio caro... é uma mensagem que você diz assim: “é a única pessoa que eu não posso decepcionar”.

Durante a graduação, vi muita evasão de colegas. Como eu estava desregulada, eu passei por muita gente. Eu fiquei no laboratório, e o laboratório funcionava nesse horário, então, eu sempre estive na universidade tarde e noite. Vi muita gente começar e não terminar, ou terminar com 7 anos, 6 anos. Mesmo no fatorial, vivenciei muito a evasão. Principalmente do pessoal da noite.

⁷⁷ Sousa é um município brasileiro localizado no interior do estado da Paraíba, distante 432 quilômetros a oeste de João Pessoa, capital estadual.

⁷⁸ Universidade Federal Rural do Semi Árido

Quando eu terminei a graduação, fazia seis anos que o estado não fazia concurso, saiu o concurso para o estado e eu fiz esse concurso e passei em penúltimo lugar. Passei porque duas questões foram anuladas, e aí eu subi algumas colocações e consegui ser aprovada. Eu gosto de mostrar as dificuldades, porque parece que eu sempre passei em primeiro lugar, parece que tudo deu certo na vida, né? Eu poderia não ter passado nesse concurso, passei ali na rabeira, mas pra mim foi uma felicidade porque eu já saí da universidade empregada. Bom ou ruim, eu tinha pelo menos o que me sustentava.

Fui chamada em agosto de 2004. Os professores que já estavam lá há mais tempo, eles vão se reorganizando nas melhores escolas ou mais perto de suas casas. E pros novatos, sempre sobra a periferia. Fui ensinar em escolas em dois bairros periféricos de Fortaleza. Era um bairro que costumava estar naqueles programas policiais, fui ensinar no Bom Jardim e na Granja Portugal. Peguei turmas pela manhã e à noite, então eu ensinei na periferia de Fortaleza à noite. Volto a dizer, ter passado na UFC, ter sido professora do estado na periferia de Fortaleza, tudo eu acredito que ajuda na formação geral. Passei seis anos no estado.

Foi nesse período que eu vi colegas entrarem no mestrado. Alguns colegas da minha turma entraram logo e já estavam terminando o mestrado na UFC, aí olhava para trás e dizia assim: “Para que que eu passei nesse concurso? Só pra ficar parada”. Eu ficava imaginando naquele momento que eu estava perdendo tempo dando aula no estado.

E foi em uma visita à UECE que eu encontrei com o professor Montenegro, e ele disse assim: “Você está fazendo o quê aí?”; Aí eu disse: “só dando aula”. Eram 32 aulas por semana. Eu dava aula a manhã inteira, ia para casa, almoçava e dormia e depois dava aula a noite inteira. Todo dia. Só que a clientela⁷⁹ não me cobrava tanto, né? O puxado era muito mais no sentido de você ter voz, ter garganta para botar os meninos em ordem, mas intelectualmente isso não me puxava tanto, não me exigia.

E era isso que eu sentia, que eu poderia estar me atrofiando intelectualmente porque eu não era estimulada a ir para além do básico. Eu estava dando aula na periferia, na escola pública, eu tentava puxar, mas sabia que a clientela não rendia do mesmo jeito. Enquanto meus colegas estavam estudando para provas de análise, estavam estudando Análise.

Então o professor Montenegro me perguntou se eu não queria fazer um mestrado. Aquele professor, que já me conhecia, me conhecia por nome, me chamou. Então eu disse assim: “Professor, querer eu quero, mas não sei se eu passo na seleção da UFC”. Ele me respondeu que a UFPB estava com um mestrado, e que eles tinham dificuldade em fechar o

⁷⁹ A professora se refere aos alunos.

número de alunos: “Eles me pedem sempre indicações de bons alunos, e eu podia te indicar. Inclusive esses dias eles me pediram, eu podia te dar uma carta de indicação e com a carta de indicação você iria. Você teria coragem de ir para a Paraíba?”

Como tudo é um aprendizado, depois que eu saí do Limoeiro, eu tinha coragem de ir para qualquer lugar. Eu já tinha 27 anos, então ir para a Paraíba era o de menos. Ele fez a carta de indicação para mim e nesse meio tempo eu resolvi voltar pro Limoeiro – eu estava praticamente só lá em Fortaleza, só uma irmã minha que morava numa cidade e vinha todo final de semana –, fui dar aula na escola estadual de Limoeiro. Depois pedi afastamento do estado, e fui para a UFPB com afastamento, remunerada pelo estado. Eu tinha uma tranquilidade de saber que se aquela experiência do mestrado não desse certo, eu tinha o meu concurso do estado para voltar. Isso um tanto me tranquilizava. Por um lado, eu achava que eu tinha me enferrujado nos estudos, mas, por outro lado, eu tinha tranquilidade de ter algo ali, já garantido.

No mestrado, foram os dias mais difíceis da minha vida. Pagar Análise no Rn⁸⁰ depois de 6 anos fora do ciclo universitário, vir para um curso de mestrado já rodando – quando ele me chamou já fazia duas semanas que o curso tinha começado, eu já peguei andando. Como eu disse, eu sempre fui uma boa aluna, mas sempre fui muito estudiosa. Foi à base de estudo, não foi à base de habilidade. Eu sei que tem gente na matemática que tem muita habilidade, pega com muita facilidade, mas eu não me coloco entre as habilidosas.

Eu cheguei tirando dois nas provas, tirando um e meio, olhava e dizia assim: “eu vou ser desligada do programa”. A gente pagava Análise no Rn e Álgebra e eu tinha que passar nessas duas matérias. A média era seis, mas para se manter no programa, eles pediam que a gente fizesse quatorze pontos. Então em uma das disciplinas, eu tinha que ser um pouco acima da média para se manter no programa. Com muito esforço, eu cheguei em seis e meio em Álgebra – que sempre foi minha praia, mais Álgebra do que Análise – e um seis em Análise. Eu estava aprovada nas duas disciplinas, mas eu estava fora do programa, porque eu não tinha quatorze pontos. E aí eu fui ser aluna, eu fui chorar.

Eu disse: “sou professora do estado, eu não posso ficar aqui para enfrentar um segundo momento, porque senão eu perco meu afastamento lá do estado”. Eu tinha que ter vínculo de matrícula que justificasse não estar dando aula, tinha que estar matriculada no mestrado. Continuei dizendo: “eu queria ver se vocês conseguiam me ajudar de alguma forma”. O professor de Álgebra não cedeu, mas por incrível que pareça, o professor de Análise – que

⁸⁰ Análise real é o ramo da análise matemática que estuda o comportamento dos números reais, das sequências e séries de números reais e das funções reais.

era minha menor nota – me ajudou. E ele disse: “Você não tem condições de passar em Análise no Rn, eu já considere o que eu tinha para considerar com você, mas da forma como você chegou, e o que você rendeu em um semestre, me vislumbra alguém que se tivesse mais um tempo para amadurecer, você conseguiria absorver”.

Isso eu levo para o resto da minha vida, em qualquer decisão que eu, como professora, tenha que tomar com um aluno. Porque, ali, ele me deu uma oportunidade, não pela minha nota, ele me deu uma oportunidade global. Ele me avaliou de como eu cheguei tirando um e meio e terminei o curso dele tirando cinco. Ele disse que eu ainda não sabia análise: “procure suprir suas deficiências, mas eu não vou te desligar do curso, eu vou dar a nota que você precisa para cima para se manter”.

Foi um estímulo muito grande. Porque a outra opção era juntar as coisas, ir para casa e voltar a ser professora do estado. Dificilmente eu iria conseguir um novo afastamento. Eu teria que tomar a decisão de pedir exoneração para ir fazer um outro mestrado ou esperar que saísse um mestrado mais próximo. Eu enxerguei que alguém me olhou como aluna, no sentido das minhas capacidades globais. E são duas coisas que eu levo muito: a experiência de ter conhecido o ensino de matemática um pouco diferenciado lá no laboratório de matemática – com o lúdico – e ter vivenciado a pele de um aluno com dificuldade. E aí, ele me deu a pontuação que eu precisava pra fechar os quatorze pontos e ir pro outro semestre. Esse foi o semestre mais difícil, eu meio que andei bem nos outros semestres.

Paguei outra disciplina com esse professor de análise, que é o professor Daniel Pelegrino⁸¹, e tirei 9 na disciplina dele. Para mim foi a maior honra, mostrando pra ele que a decisão dele foi acertada. Nas outras disciplinas não tive mais a dificuldade de precisar pedir mais ponto para nada, fiquei ali nos alunos medianos.

Só que nesse tempo de dois anos, eu conheci pessoas que foram trabalhadas para entrar no mestrado, muito boas. Quando estava me aproximando do fim do mestrado, eu olhava e pensava assim, que eu não queria voltar para o estado. Porque eu sabia que se eu voltasse para 32 horas de aula, dificilmente eu conseguiria estudar para concursos. E na época estava pipocando um monte de oportunidades, de concursos e eu dizia: “eu tenho que agarrar um agora antes de eu voltar para a sala de aula”. E ao mesmo tempo eu achava que eu não deveria me aventurar a concorrer a uma vaga da universidade, porque se eu concorresse com aquelas

⁸¹ Daniel Marinho Pellegrino, professor Titular do Departamento de Matemática da Universidade Federal da Paraíba.

pessoas do mestrado, a vaga seria deles. Então eu fazia uma autocrítica, me colocando pra baixo, porque eu era das esforçadas e não das melhores.

Então eu decidi me inscrever para um IF. Porque IF não pedia o mestrado, então, eu já entrava com um diferencial de ter o mestrado. Eu escolhi um concurso que ninguém quisesse, eu não escolhi o concurso que eu queria, eu escolhi o concurso que eu achei que ninguém ia. Entre os concursos que estavam abertos ali próximo do fim do mestrado, existia um concurso para IF do Piauí, vamos dizer assim, um estado pobre. E dentro do IF do Piauí, tinha algumas cidades que eu já tinha ouvido falar, mas eu escolhi Uruçuí. Fui no Google olhar, 13.000 habitantes, é essa que eu quero, bem pequeninha, que ninguém quer. Ficava a quatrocentos e tantos quilômetros de Teresina.

Depois que eu saí de casa e virei gente, eu penso assim: “quem tem raiz é planta, a gente tem que ir para onde a oportunidade tiver”. Aí, eu terminei assim, passado esse impacto grande – eu não vou dizer que o resto do mestrado foi fácil, mas eu tive um grupo de colegas muito bons – eu paguei razoável as outras disciplinas. Quando eu defendi, em julho de 2010, fiz o concurso do Piauí e passei em primeiro lugar geral. Se eu tivesse ido para qualquer outro lugar, eu tinha passado.

A prova do IFPI⁸² não era de questões, era de pontos e nessa caiu um ponto de Álgebra, que era meu forte. E tinha um colega que tinha sido mestrando da UFPB também – que estava fazendo doutorado na Unicamp e tinha retornado porque estava com dificuldades na Unicamp – que ia muito para a UFPB estudar com os orientandos dele, e ele tinha me ajudado a escrever esse ponto de Álgebra. Ele tinha dado umas pinceladas lá, diferentes, com um olhar de quem já estava fazendo doutorado. E por incrível que pareça, caiu esse ponto. E eu fui a única nota dez do concurso, tanto é que quando saiu esse 10, fiquei me perguntando se não era 1, porque eu tinha feito uma coisa um pouquinho diferente, eles poderiam ter dito que eu desviei do tema, eu misturei um pouco de Álgebra com Análise.

Quando eu fui para a prova didática, a banca avaliadora me perguntou por que eu tinha escolhido Uruçuí e eu disse: “porque eu imaginei que eu não passaria”. É muito bom você superar, é muito bom ver que todas as dificuldades foram passadas para trás e que a gente chegou onde não imaginava chegar. Então, o IF, para mim – aquela aluna lá da UECE, que tinha tido pouco incentivo a seguir, com uma indicação de vaga para o mestrado – foi o divisor de águas da minha vida.

⁸² Instituto Federal do Piauí.

Eu saí do estado, fui fazer um mestrado, penei – podia ter sido desligada –, o professor Daniel Pelegrino me deu uma oportunidade. Cursei o resto do curso de forma razoável e estava terminando o mestrado e concursada no IFPI. Pedi exoneração do estado para assumir o IFPI, aí, fui com a cara e a coragem para um lugar que eu não sabia nem onde era, nem como era, nem para que lado ficava, mas estava feliz da vida por ter passado.

O lugar era muito ermo, por mais que eu venha do interior, mas o lugar era bem simples mesmo. O Piauí é um estado muito mais pobre do que o Ceará. A gente tinha 60 km de estrada de barro para chegar lá [em Uruçuí]. Tinha um IF lá, porque era um lugar muito voltado para o agronegócio, os técnicos de lá eram muito voltados para o agro. A cidade era muito agrária – a parte urbana da cidade era muito pequena – e os grandes proprietários moravam em fazendas no interior. Eu passei seis meses por lá e nessa época tinha uma filosofia de expansão das licenciaturas, onde tinha um IF, eles buscavam colocar uma licenciatura atrelada àquela estrutura. Lá tinha o ensino médio tecnológico – dos agronegócios – e tinha um curso superior de Licenciatura em Matemática. Eu estava indo para essa vaga de ensinar Licenciatura em Matemática, só que o curso tinha sido aberto um semestre antes do concurso. Já tinham dois professores, que eram professores concursados para serem professores do ensino médio.

Quando eu cheguei, eles já tinham dividido as turmas, e eles queriam muito dar aula na licenciatura, e me perguntaram se eu me incomodava de ficar com uma turma de repetentes, do pessoal que não pagou fundamentos de matemática. Eu disse que não tinha problema e o certo é que eu cheguei lá para não fazer quase nada, porque o curso era recém-criado, e me deram uma disciplina de Fundamentos de Matemática com os repetentes. No fim das contas, os repetentes eram três alunos, dos três, só um resolveu frequentar.

Então, novamente, não me puxou. Nessa experiência no Piauí eu tinha todo o tempo do mundo – eu estava numa cidade onde não existia atrativos, onde eu não tinha família, não tinha o que fazer – o que eu podia fazer, era estudar para outro concurso.

Em dezembro teve o concurso da UFERSA – já havia tido o concurso da UFERSA nesse período que eu estava lá, mas eu não tinha feito – e eu pensei: “agora eu posso fazer”. Eu já estou concursada, eu já estou onde eu imaginava, posso fazer tranquila. Eu passei os seis meses em Uruçuí estudando para o concurso daqui, porque a minha demanda lá era muito pouca, muito pouca mesmo.

Fiz em dezembro o concurso da UFERSA, fiquei em primeiro lugar de novo, e estou hoje em um lugar que eu nunca imaginei estar – quando eu estava lá no estado, dando

aula para a periferia, e mais quando eu vi meus colegas já terminando o mestrado e eu ainda estava lá.

As coisas foram acontecendo – o mestrado foi algo que eu me cobrei, porque eu já tinha visto Carol⁸³ ir para Rio Claro – eu desejava, mas ao mesmo tempo eu não tinha coragem de dar o passo de desistir do estado. Eu sempre fui muito grata com o que eu já tinha, eu pensava: “se eu não virar professora universitária, mas eu já sou professora do IF”, etc. Eu queria mais, eu não me acomodei, mas eu nunca achei que o que eu tinha não prestava. Em março de 2011 eu assumi aqui.

Os primeiros semestres foram muito temerosos. Eu sou muito autocrítica e às vezes eu digo que eu sou minha pior inimiga, porque sou eu que brigo comigo mesmo, dizendo que não está naquele patamar de verdade. Eu confesso a você que eu tremia no começo, mesmo já sendo mestre, e tendo anos de sala de aula no ensino médio. O início de ser professora universitária, talvez por aquela responsabilidade – eu sempre coloquei os meus professores da universidade num patamar completamente diferente. Eu tremi por algumas vezes, preparei muita aula – nunca fui para a sala de aula sem preparar a aula, sem estudar roteiro de aula, por exigência comigo mesma –, eu queria ser uma boa professora, como eu era no ensino médio, como eu me considerava ser no ensino médio.

Eu queria dominar aquele nicho, então, eu me incomodava quando ali na rotina eu não conseguia encaixar e rever minhas aulas. No começo, mesmo que eu ficasse com a mesma disciplina, eu reescrevia a aula para poder fixar. Por uma exigência minha mesmo, por achar que não era detentora de todos os saberes.

Sempre gostei muito das disciplinas iniciais, eu gosto muito de calouros, de ter esse contato com essas pessoas que estão nessas dúvidas. Por tudo isso que eu passei, gosto desse contato inicial. Tem professor que gosta mais de pegar o aluno com uma capacidade cognitiva melhor, para explorar mais. Eu não tenho esse problema, eu gosto de aluno mesmo, aluno que eu vá ali lapidar, construir.

Hoje eu estou há dois anos fora de sala de aula, eu me sinto confortável com as disciplinas que eu já ministrei algumas vezes. Mas até hoje eu tremeria nas bases com algumas disciplinas. E eu não vejo isso como uma falha, eu vejo isso como alguém que tem a humildade de saber que não sabe tudo e tem a humildade de entender que precisa estar sempre estudando, que precisa estar sempre reciclando, que precisa estar sempre buscando.

⁸³ Colega de graduação em Matemática.

Tive muitas angústias – no sentido de entregar o melhor –, mas como lidar com o aluno, como seguir dentro da sala de aula, como me portar, isso sempre foi muito leve para mim. A sala de aula me anestesia. Muitas vezes eu cheguei para dar aula com dor de cabeça, com cólica menstrual e enquanto eu estou ali, eu esqueço do mundo.

Eu gosto de alunos que não gostam da área de exatas, de ser aquela professora que vai dizer: “calma, eu sei que vocês não gostam da minha matéria, mas vai dar certo”. Talvez pelos troncos e barrancos que eu passei – de não ser a aluna nota dez, não ser a expert – eu gosto desse ambiente de sala de aula.

Ser professora nunca me temeu, era muito mais no sentido de: passei no concurso, agora eu estou à altura daqueles que eu idolatrava, daqueles que eu colocava naquele patamar, eu vou conseguir formar um futuro engenheiro?

Depois que eu cheguei aqui [na UFRSA], eu estava em um lugar que eu jamais tinha imaginado estar. Não pensava em fazer doutorado, era muito para uma loira. Mas por incrível que pareça, em 2012 eu estava fazendo seleção pro doutorado. A moça que tirou o segundo lugar no concurso assumiu, e a gente foi colega de sala de aula – professora Aparecida⁸⁴ – e ela tinha um vínculo muito grande com UFRN⁸⁵.

Lá na UFRN tem uma linha muito forte da Educação Matemática – eu já tinha tentado a seleção do mestrado para Educação lá da UFRN e não tinha passado – e eu comecei a frequentar como aluna visitante. Fiz algumas aulas como aluna visitante, fiz a seleção e passei. Nessa seleção, foi uma prova discursiva do lado educacional – o pessoal que saía da prova me perguntava qual autor eu tinha citado, e eu não usei nenhum autor – eu fiz um texto com as coisas que eu vivi na pele, que eu conhecia da educação.

Volto a dizer, as vezes parece que você está perdendo tempo fazendo alguma coisa, mas se a gente consegue olhar não como uma perda, mas como algo para tirar proveito... Nessa prova de seleção do doutorado, que eu fui fazer na aventura mesmo, coloquei ali a professora no papel. Escrevi com um coração de professora, não citei nenhum teórico da educação, e deu tudo certo.

Passei na seleção de doutorado e fiz um projeto muito do capenga para me candidatar à vaga de um professor. A minha primeira escrita foi a escrita em matemática pura – do mestrado – que é completamente diferente da escrita em Educação. Esse professor gostava da ideia de trabalhar com professores de Matemática – porque muitos que procuravam o doutorado em

⁸⁴ Não foram encontradas informações sobre a professora.

⁸⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

educação eram pedagogas – eles tinham dificuldade de desenvolver certos tipos de pesquisa, porque as pessoas não tinham conhecimento matemático. Quando terminou a entrevista, o professor disse que se eu resolvesse mudar de tema, a vaga era minha. Eu topei na hora, eu tinha escrito aquilo ali porque eu precisava escrever sobre algo, mas não era nada que eu amasse.

E assim eu virei doutoranda lá da UFRN. Foi muito difícil, mas um difícil diferente do mestrado – porque o mestrado eram aquelas incertezas se eu ia terminar, até o dia de defender eu não acreditava que ia terminar aquilo – no doutorado na educação, as disciplinas são debates, conversas e seminários. A certeza de terminar, eu sabia que dependia só de mim, dependia só de escrever a tese, de eu fazer tudo.

Eu acho que dá um alívio nessa dúvida da incerteza de terminar. Mas, ao mesmo tempo, no primeiro material que ele pediu para eu entregar – que eu guardo até hoje – não coloquei número, não coloquei espaçamento um e meio, etc. Porque a dissertação de mestrado eu tinha digitado em Científico, que é muito parecido com o Latex⁸⁶. Eu entreguei um rascunho do que eu tinha lido, e ele foi colocando os erros: sem número, sem organização, em certos momentos enchendo linguiça, vai aprender a escrever etc. Eu era inexperiente ao extremo para a educação.

Nunca tinha pago Metodologia do Trabalho Científico na vida, simplesmente fiz um rascunho. Eu saí dali, aí foi o primeiro baque. Tive vontade de desistir, também por aquela certeza de já estar onde eu queria estar. Eu dizia assim: “não preciso disso, passar por essas humilhações, eu já sou professora, não vou trocar mais de lugar...”. Mas ao mesmo tempo eu dizia: “será que eu passo de novo na seleção?”.

Eu sabia que eu iria ser muito difícil a escrita, é muito difícil entrar naquele nicho, diferente daquele que eu trabalhei a vida toda. Lá eu tinha que pensar como pesquisadora de educação, mas eu não pedi afastamento, fiz trabalhando – dava aula de matemática pura, minha cabeça na matemática pura – e tinha que escrever em educação matemática. Foi desafiante, mas desde o momento do dia que eu disse que ia continuar – que ia aprender a escrever, aguentar as críticas – eu nunca tive dúvidas que eu ia terminar. O mestrado pra mim foi muito mais difícil do que o doutorado.

Sobre a relação com os colegas aqui [da UFERSA], eu digo que a gente tem uma boa relação de grupo. Porque eu nunca senti algo pejorativo em relação ao meu doutorado – porque, queira ou não queira, por muito tempo o pessoal achava que quem fosse para educação é porque

⁸⁶ Sistema de preparação de documentos, geralmente utilizado para escrever textos que contenham muitas operações matemáticas.

estava fugindo da Matemática; nunca senti. Eu nunca senti no grupo aquela desvalorização do que eu escolhi.

Quando eu voltei do doutorado, o professor Rafael Castelo[1] se candidatou a chefe departamento e resolveu me chamar para ser vice. A gestão não era algo que eu cogitava nunca na vida, mas resolvi ser vice dele para chefe de departamento.

Quando você assume cargos que têm um certo poder de decisão, você tem que tomar algumas decisões que são impopulares, é meio difícil agradar todo mundo. Mas nunca me senti afrontada. Eu fui vice dele por seis anos – um e meio de chefia de departamento e quatro anos de direção de centro.

Aí ele novamente senta comigo e diz: “agora é sua hora de ser chefe”. Eu nunca tive ego de liderar, mas, ao mesmo tempo, o que me convenceu de estar onde eu estou hoje é me desafiar – aquela pessoa ali que achava que não virava nem professora universitária. Como professora universitária, eu já não tinha mais o frio na barriga, eu já estava confortável nas minhas disciplinas que eu ministrava. Eu sentia que eu podia me desafiar de novo. Gestão foi um grande desafio, um grande aprendizado. A gente aprende muito mais sobre o que é possível – porque ficar no corredor dizendo se fosse eu fazia isso, se fosse eu fazia assado – mas quando a gente senta que a gente entende os empecilhos.

E talvez tenha sido o único momento que eu senti, vamos dizer assim, uma certa rispidez – e eu tento não imaginar, eu tento não aflorar –, mas ao mesmo tempo eu não consigo não pensar que a minha posição de ser mulher chefiando, em sua maioria homens, fez com que ocorresse o episódio. Pouco depois que eu me tornei diretora, a reitora me cedeu duas vagas novas de docentes, e a gente tinha que definir para onde essas vagas iriam. O centro é composto de três grandes áreas – matemática, física e computação – e a matemática ficou com as duas vagas.

Um professor disse que eu não tinha capacidade de estar onde eu estava, que eu não deveria ter assumido esse cargo, que eu não tinha capacidade intelectual, de conhecimento, pra estar onde eu estava. Eu só disse que essa era a opinião dele e que era diferente da opinião da maioria, porque eu fui eleita, eu não fui colocada. O cargo não é uma indicação que pode ser tirada a qualquer momento. Eu só saio com os quatro anos de mandato ou se eu achar que devo me ausentar porque está me fazendo muito mais mal do que bem. Esse episódio específico – como já disse para você, eu não gosto de alimentar, eu não gosto de fazer daquilo uma vitimização, de me colocar nessa posição de vítima de tudo –, mas eu acho que a forma como

foi colocada não teria sido colocada, por mais que a indignação existisse, se à frente do professor homem que estava falando tivesse outro professor homem.

Eu acho que, pelo fato de ser uma professora mulher, ele se sentiu mais confortável de afrontar. De todos esses doze anos que eu estou aqui, foi o único episódio. E talvez exista nos corredores. Não estou negando que podem existir mensagens subliminares, coisas desse tipo. De um todo, eu acho o convívio muito bom, muito bom. A relação interpessoal é muito boa.

Voltando lá com o meu pai para falar das minhas relações pessoais. A gente sempre foi criado, nós somos em cinco, sempre fomos criados com as mesmas oportunidades, para as mulheres e para os homens. Eu sempre fui muito focada na minha vida profissional. Quando eu fui para João Pessoa fazer o mestrado, eu tinha um namorado, ele estava desempregado e foi embora comigo. Nesse período, surgiu um concurso para o Banco do Brasil, ele passou e foi embora. Ele disse: “só tem concurso para o Norte”. Aí, eu disse: “você sabe que se fosse para mim o concurso, eu não deixava de fazer por causa de você, faça sua escolha”. Eu sempre deixei claro que, se eu tivesse que deixar qualquer coisa para ir fazer o mestrado onde fosse, para ir assumir um concurso, não ia ser ninguém que iria me prender.

Sempre fui muito racional nas minhas relações, sempre fui focada no meu lado profissional. Quando eu cheguei em Mossoró, concursada em uma universidade pública federal, meio que o profissional tinha terminado – faltava o doutorado – mas o profissional tinha terminado e o doutorado não era uma coisa que eu almejasse.

O que diferencia um pouco minha história da de alguns colegas, é que eu não fui cria de um professor, que vai dizendo: “você vai fazer isso e depois você vai fazer mestrado, depois vai fazer doutorado comigo...”. Tanto é que a graduação foi na estadual, o mestrado foi na UFPB, na Paraíba, e o doutorado foi na UFRN – três instituições diferentes.

Mas quando eu cheguei aqui na UFERSA, eu parei, olhei para trás e me perguntei, será que eu fui muito dura comigo mesma? Eu estou onde eu queria estar ou até onde eu nem imaginava estar. Mas será que eu não perdi oportunidades nesse meio do caminho? Será que eu não deixei de dar oportunidade a pessoas nesse meio do caminho? Será que valeu a pena? Eu fiz por algum tempo essas perguntas, será que valeu a pena? Será que eu não soube dosar o profissional e o pessoal, e isso e aquilo outro? Eu não tenho religião, não sei se existe esse ser supremo que os outros acreditam, mas... eu tive um namorado que me disse que tudo na minha vida dava certo, por isso que eu não tinha problema. Eu não tive pais separados – ele tinha pais separados, coisas assim. Eu nunca tive realmente nenhum grande problema.

Eu tinha trinta e dois anos quando eu conheci meu esposo, eu tinha trinta anos quando eu assumi aqui. Eu era uma pessoa que já tinha vivido alguns relacionamentos e eu não colocava a minha felicidade em um relacionamento. Eu era muito feliz com minha carreira profissional. Eu não estou dizendo que eu não queria, mas eu sabia que eu poderia ser feliz solteira. Eu poderia ser feliz lendo um livro, indo pro cinema, convivendo com meus amigos, eu poderia estar me relacionando com pessoas que não fossem meu esposo.

Por eu nunca ter imaginado casar numa igreja, porque eu não tenho religião, isto também era algo que eu conseguia administrar bem. Mas dizer que eu não sentia falta de uma pessoa, eu sentia. Nesse período que eu estava fazendo a seleção do doutorado eu conheci meu atual esposo, na internet. Ele é de Fortaleza e a gente foi conversando. Como eu já morei em Fortaleza, isso para mim era tranquilo. E no dia que eu entreguei meu primeiro trabalho para o professor lá do doutorado e que eu voltei chorando, ele me convenceu de que aquilo era besteira, que eu deveria continuar. Eu disse para ele: “eu vou continuar, mas você não vai ser prioridade na minha vida”. Para ele, isso foi muito difícil de entender. Porque ele estava terminando a graduação e ele não conseguia entender a dimensão que um doutorado exigia. Hoje, ele entende o que eu quis dizer, mas para quem tinha acabado de se conhecer... E, de novo, eu estava priorizando minha vida profissional.

Só que para mim, eu tinha que ser muito honesta com essa pessoa. Eu disse: “olha, eu quero ser honesta com você, porque eu estou escalando uma coisa e eu queria que você continuasse comigo, mas eu não queria ter que escolher”. E deu certo. A gente está junto há dez anos, temos um filho. Ele veio embora para Mossoró, foi possível conciliar essa parte amorosa.

Para construir tudo isso, eu acho que aquela ruptura que meu pai fez comigo com quatorze anos – foi drástica, foi chorosa –, eu acho que aquele corte ali foi muito importante. A ponto de eu conseguir morar no Uruçuí, numa cidade tão erma, consegui ter força o suficiente para dizer que eu posso ser feliz sozinha.

Ter essa carreira vitoriosa foi abrindo mão de muita coisa, não comer a comidinha da mamãe. Nesse período que eu morei em Uruçuí, eu cheguei para morar com cinco homens – não era tão difícil pelo meu convívio na matemática com homens, mas era um convívio de eu nunca ter morado só com homens. A gente vai aprendendo. Eu acho que o construir profissional vai em paralelo com o construir pessoal. A gente abre mão de muita coisa, mas se a gente conseguir olhar que, distante dos seus pais, resolvendo sua vida, tendo que ser você que vá fazer o supermercado, se você não comprar papel, se não comprar o cuscuz, não vai ter, você estava se tornando adulto, é um crescimento.

Pro meu filho agora eu digo, eu quero que ele seja inteligente, eu quero que ele tenha um bom desenvolvimento cognitivo, mas, mais do que tudo, eu quero que ele tenha inteligência emocional, que ele consiga entender que na vida ele vai ter que aprender a andar com suas próprias pernas.

Passei pela ausência de não ter o aconchego, ausência daquelas pessoas que te amam incondicionalmente. Ter gente cuidando de você, não tem o cuidado, você tem que se cuidar por si só. Minha mãe diz: “minha filha, eu fiz tal coisa que você não gosta muito”. Eu respondo: “Mãe, tá pronta? Ótimo! Não sendo pra eu fazer, tá ótimo”.

Bendita a hora que eu abandonei a comunicação social. Porque nada é melhor do que fazer o que a gente gosta. Eu sou muito feliz com a minha escolha, incentivo a todos que me procuram também. É uma profissão satisfatória. Como eu disse para você, eu esqueço cólica, esqueço tudo. Ser mulher, entrar na sala de aula, ser a detentora daquele conhecimento... às vezes eu penso assim: quando eu estiver de cabeça branca entrando para dar aula de cálculo, eu acho que vai [ser] o máximo.

Primeiro é você estar realizado profissionalmente. Segundo eu acho que a gente trabalha com a melhor coisa do mundo, que é com sonhos, a gente está ali para alimentar sonhos e oportunidades. Eu tive a oportunidade de ser muitas outras coisas, porque eu tive uma base educacional muito boa, elitizada até, mas poder ser professora e dizer que eu escolhi – não foi porque só sobrou isso para eu ser – estar onde eu quero estar porque escolhi isso, a gente passa uma mensagem de vida, por isso que eu gosto de trabalhar com os alunos do primeiro semestre, boa parte disso que eu falei para você, eu vou falando aos poucos no decorrer do semestre. Eu vou mostrando para eles que aquilo que eles estão passando, eu já passei também. Eu já fui reprovada, que eu já não passei em análise, e que lá na frente eu tive uma vitória – passei em primeiro lugar no concurso. Eu acho que a gente tem que usar isso como espelho, como motivacional, nós somos um exemplo, para além de tudo. Você é referência.

O que algum professor ou alguns dizem, que aquilo ficou marcado para sempre. Esse professor que me oportunizou, eu não ser desligada... ele tornou o caminho menos trabalhoso por uma oportunidade que me deu. Então, eu tenho consciência de que a gente é espelho de muita coisa boa, e espelho de muita coisa ruim, porque a gente também não é perfeito.

Quantos professores preferem tomar o caminho do temor, da soberba, no sentido de dizer assim: “se eu sofri, vocês vão ter que sofrer também”. Eu acho que, principalmente na matemática, que já teve esse estigma de que os professores eram semideuses, vem diminuindo, os professores de matemática vêm se humanizando mais, e percebendo que esse endeusamento

do que você sabe só faz distanciar a grande população da matemática, e isso só faz atrapalhar a construção de uma sociedade melhor, mais tecnológica, mais sábia.

Acho que a gente vem vivendo uma mudança na formação dos professores de matemática, uma humanização dos professores de Matemática. Que são seres humanos, capazes de errar, que não sabem de tudo. Hoje, ser professora universitária, eu falo com muito orgulho. Digo em qualquer lugar, sou professora de Matemática.

Eu prefiro dizer que eu tenho orgulho, sempre tive orgulho, mesmo quando fui professora da educação básica, de ser professora. Eu escolhi ser professora, eu gosto de ser professora. Eu tenho muito orgulho da minha profissão.

4.4 LUIZA HELENA FÉLIX DE ANDRADE

A professora Luiza é docente do CCEN e vinculada ao DCME, da UFERSA. Não trabalha atualmente com o curso de licenciatura em matemática, mas já trabalhou por muitos anos – sendo, inclusive, a primeira coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de licenciatura em matemática a distância. Foi a terceira contatada da UFERSA, que também já tinha tido a oportunidade de conhecer a professora quando fui professora substituta na instituição – na ocasião, como chefe de departamento.

Entrei em contato com a professora pelo WhatsApp e marcamos uma reunião para que eu pudesse lhe explicar do que se tratava a pesquisa. Durante a reunião a professora foi muito solícita e de cara já disse que aceitava participar. Tivemos algumas tentativas de marcar a data para a entrevista e nosso encontro definitivo ocorreu em sua sala no dia 08/12/2023.

A professora se mostrou muito interessada no tema de pesquisa e chegou a relatar que está procurando fazer mais pesquisas envolvendo questões de gênero. A entrevista se deu de forma tranquila e agradável, na sala da professora, tendo duração de uma hora e trinta e sete minutos.



Meu nome é Luiza Helena. Eu sou professora da UFERSA⁸⁷ - agora em janeiro faço quinze anos de UFERSA, tomei posse em janeiro de 2009 - sou graduada em matemática, mestre em matemática e doutora em engenharia de telecomunicações, com ênfase em geometria da informação. Mas a minha principal atuação - além, claro, de ser professora de matemática - que eu mais gosto de fazer, é formar professores de matemática. Se todo mundo tem uma missão nessa vida, eu acho que a minha missão é essa. Não é nem ensinar matemática em si, eu nem acho que eu sou tão boa nisso - em ensinar matemática, apesar de gostar muito - mas o que mais gosto mesmo é formar professores de matemática. Sejam eles novos professores, ou sejam eles na formação continuada. Atualmente atuo mais no PROFMAT⁸⁸, são professores licenciados em matemática que estão fazendo essa formação continuada. É onde eu mais atuo e é o que eu mais gosto, digamos assim.

Eu sempre gostei de estudar, na verdade, eu gosto até hoje. Eu sou mãe - tem dois anos que eu sou mãe - e até para ser mãe eu estudei: estudei sobre parto, sobre amamentação, estudei

⁸⁷ Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

⁸⁸ Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional.

sobre introdução alimentar, estudei sobre sono e rotina de bebê. Então eu gosto de estudar, e claro, você estuda coisas que você se identifica... a matemática sempre foi uma coisa dessas que eu me identificava sempre, sempre gostei. E sempre fui uma aluna tranquila, eu nunca fui aquela aluna que teve dificuldade, eu não tive dificuldade.

Antigamente essas disciplinas de humanas, elas eram muito de uma forma decorativa, no sentido de você ter que decorar; e eu não consigo, eu sou péssima nisso, as coisas têm que fazer sentido para mim, tem que ter uma lógica. Eu cheguei a ter dificuldade nessa coisa, de Geografia, história, mas essas coisas que eram lógicas, que encaixavam na minha cabeça, eu nunca tive dificuldades - nem no ensino fundamental, nem no ensino médio.

A minha família me incentivava muito a estudar, principalmente a minha mãe. Ela perdeu o pai muito cedo - acho que com seis anos de idade - e ele era alcoólatra. No meio de uma crise de alcoolismo ele tentou matar minha avó e elas [mãe e avó] vieram embora do interior do Ceará para Fortaleza⁸⁹, e meu avô ficou lá. Ela [mãe] perdeu nesse sentido - não é que ele morreu - eles cortaram totalmente relações. A minha mãe foi criada pela minha avó - mãe dela - e pela avó dela - minha vó Ritinha, minha bisavó. Minha vó Ritinha só morreu quando eu tinha dezesseis anos, então quem criou a minha mãe foi a avó dela, que era minha bisavó. E a minha avó, a mãe dela, morreu quando ela tinha dezessete anos, eu não conheci a minha avó, e ela era lavadeira.

Já a minha bisavó - que era a avó da minha mãe, vó Ritinha - ela era parteira. Ela era funcionária aposentada do estado como parteira. A minha avó, mãe da minha mãe, não queria que a minha mãe estudasse. Porque na cabeça dela, a minha mãe tinha que arranjar um marido, era isso que ela tinha que fazer da vida. Mas a minha mãe sempre quis estudar, a minha mãe sempre teve um comichão⁹⁰ ali, ela queria estudar.

Eu me lembro, que ela conta, que ela fez a prova - do se chamava escola normal⁹¹ lá em Fortaleza, que hoje em dia é o colégio Justiniano de Serpa⁹² - escondida da minha avó. Quem sabia era a minha bisavó, a avó dela, que sempre foi a cúmplice. Ela fez a prova de seleção - naquela época não tinha vaga para todo mundo que queria estudar no ensino médio público - ela tinha terminado o ensino fundamental - que naquela época chamava primário - e minha avó dizia que estava bom, que ela tinha que arranjar um marido, mas ela não. Ela queria porque queria.

⁸⁹ Capital do Estado do Ceará.

⁹⁰ Expressão regional que quer dizer vontade.

⁹¹ O Curso Normal tinha o objetivo de formar professores para atuarem no magistério de ensino primário e era oferecido em cursos públicos de nível secundário (hoje Ensino Médio).

⁹² Escola pública estadual de Ensino no município de Fortaleza.

Ela fez a prova, com apoio da minha bisavó, e passou. E aí precisava comprar farda, livro, essas coisas todas que o governo não dava. As patroas da minha avó viram aquela história, e as patroas ajudaram. Elas adotaram financeiramente minha mãe para ela poder estudar, compraram os livros, a farda e tudo - e assim, a minha mãe terminou o ensino médio. Depois passou no concurso dos Correios⁹³, minha mãe é funcionária dos Correios, é presidente do sindicato dos Correios do estado do Ceará. E fez ENEM⁹⁴ esse ano, porque o grande sonho dela é terminar a graduação - ela fez o vestibular na UFC⁹⁵, pro curso de economia doméstica, mas por causa do trabalho não conseguiu concluir, foi jubilada. Então ela fez ENEM esse ano de novo e disse: “vou fazer o Enem, tenho sessenta e sete anos e não tenho medo de enfrentar”. Porque o sonho dela é ter a graduação dela - que não conseguiu terminar por conta do trabalho - ela disse que ainda vai conseguir esse diploma.

E aí eu cresci com essa mulher. Na família, pai, mãe, dois irmãos - eu tenho um irmão mais velho e uma irmã mais nova - nesse meio ali dos três irmãos, eu sempre gostei de estudar, meu irmão também.

E aí eu fui criada com ela, ela dizendo: “O seu marido vai ser seu emprego, seu marido vai ser sua formação”. Já fui criada por ela em um caminho diferente do que ela foi criada - ela foi criada para uma coisa, ela que se saiu ali - porque a minha vó queria que ela arranjasse um marido. Quando minha avó faleceu, minha mãe tinha dezessete anos, mas ela já namorava com meu pai. A minha avó, antes de morrer, ela já sabendo que ia morrer - minha avó teve câncer de útero - ela chamou o meu pai e fez o meu pai garantir que casaria com minha mãe.

A insistência dela de que minha mãe precisava de um marido, naquele sentido, de um homem para cuidar - já que ela não teve, o marido dela foi tão traumático para ela - ela chamou meu pai e fez meu pai garantir⁹⁶.

Minha mãe passou no concurso dos Correios e sempre foi a vida inteira ouvindo isso: “o meu marido era o meu emprego, meu marido era a minha formação”. Ela não tinha grandes condições financeiras para dar - a gente nunca teve carro, nunca teve luxo - mas eu nunca fui chamada na escola por estar com a mensalidade atrasada, eu sempre estudei em colégio privado, era prioridade da minha mãe. Antigamente - hoje em dia já não pode - as diretorias das escolas podiam fazer isso, chamavam as crianças que estavam inadimplentes, tiravam de sala de aula,

⁹³ Empresa brasileira de Correios e Telégrafos.

⁹⁴ Exame Nacional do Ensino Médio.

⁹⁵ Universidade Federal do Ceará.

⁹⁶ A professora se refere à garantia que seu Pai deu de que se casaria com sua Mãe.

proibiam de entrar na aula, proibiam de entrar na escola. Mas eu nunca fui chamada por estar inadimplente na mensalidade, porque era a prioridade da vida dela, sempre foi.

Eu ficava nessa casa, nessa casa que a gente precisava estudar, que ela dizia: “eu faço das tripas coração para pagar essa escola de vocês, a obrigação de vocês é estudar e passar de ano”. Não podia reprovar, não podia. Não era admissível na minha casa, a gente reprovar o ano. Eu fui criada nessa casa, nesse lado. O meu pai, ele já não tinha tanto essa noção de que precisava estudar. É tanto que meu pai foi terminar o ensino médio já casado, com três filhos, porque a minha irmã ficou: “vá fazer o ensino médio, porque você só com esse ensino fundamental, daqui a pouco você não é nada”.

Então ele terminou [o ensino médio] - me lembro quando a gente era criança, meu pai chegava não sei que horas da noite, tinha dia que a gente nem conseguia esperar ele chegar - ele saía do trabalho e ia para a escola. Ele fez o ensino médio normal, primeiro, segundo e terceiro ano, ele não fez supletivo.

Eu sempre fui uma aluna boa, de tirar boas notas. Eu nunca fui aquela aluna de dar trabalho, de fazer danoção para chamar atenção do professor. Mas também não era considerada a melhor da sala, não era essa pessoa. Eu acho que eu nem chamava a atenção pelo ruim - aquele aluno que só dá trabalho, que só tira nota baixa - mas também eu não fui a melhor de todas.

Isso é a minha visão de mim mesma. Mas recentemente eu encontrei um pessoal do ensino fundamental e foi engraçado porque eles disseram assim: “Ei, tu virou o quê? Porque tu era nerd”. Eu não tinha essa percepção de mim mesma. E é engraçado a percepção. E dos professores também - quando eu consegui reencontrar alguns professores.

No ensino médio eu já tenho uma percepção melhor de mim mesma nesse sentido, de procurar mais, porque você está mais próximo do vestibular, parece que você acorda mais. E eu estudei num colégio que tinha muito esse negócio, que tinha que ter a nota da aprovação, porque o colégio queria. Eu era bolsista, a minha mãe para manter a gente ia todo ano negociar com o diretor da escola, então tinha que manter um certo nível, para não perder o desconto que a gente tinha.

Eu já era bem mais ativa no ensino médio, nesse sentido. Eu tenho uma percepção melhor, que professores me notavam mais, por causa da nota, por causa do desempenho. No ensino fundamental não, mas no ensino médio eu já tenho uma percepção um pouco melhor de mim.

No terceiro ano [do ensino médio], por exemplo, os colegas me convidavam para as casas [deles] para estudar, porque eu consegui ajudá-los, principalmente em matemática, física e química. Estudar junto, essa coisa toda.

No vestibular - naquela época a gente não fazia ENEM - a gente fazia para cada universidade que a gente queria. E no vestibular a gente fazia todas as matérias - como faz no Enem - matemática, física, química, tudo - e a minha melhor nota foi matemática. Tirando português, a minha melhor nota de matéria foi matemática.

Sempre tive essa afinidade... apesar de que teve uma época na minha vida, quando a gente vai escolher o curso que vai fazer, eu ficava: “Ah, eu vou fazer qualquer coisa que não tenha matemática, eu quero fugir de matemática”. Mas depois eu comecei a parar e perceber que eu realmente tinha facilidade de querer estudar aquilo. Eu passava horas e horas da madrugada sentada, estudando geometria analítica - para mim era bom “perder” meu tempo da madrugada estudando geometria e pensando em álgebra, pensando naquelas demonstrações.

Quando eu fui me inscrever para o vestibular, eu fiz primeiro vestibular para a administração - naquela época tinha as [matérias] específicas, que é como se fosse a disciplina que mais pesa na hora de você se inscrever - as específicas da área de administração eram matemática e história, duas disciplinas que eu amava.

Não passei em administração, aí eu fui fazer vestibular de novo e fiquei: “será que eu faço matemática? Será que eu faço História?”. Aí eu vi que eu tinha muito mais facilidade com matemática e decidi fazer matemática; e tive muita sorte, de descobrir o que eu ia fazer para o resto da vida com dezessete anos de idade.

Eu realmente bati o martelo na fila da inscrição do vestibular, eu decidi: “eu vou me inscrever para matemática mesmo”. Descobri o que eu queria fazer para o resto da vida com dezessete anos, o que eu considero muita sorte, porque com dezessete anos você não tem muita maturidade para decidir nada.

Foi na hora, na fila. Naquela época a gente ia se inscrever no local - não era como hoje, que você faz tudo pela internet - eu saí de casa com a minha documentação, meu diploma do ensino médio e fui para fila. Porque eu pensava, não passei em administração - eu me lembro que eu cheguei para minha mãe e disse assim: “mãe, fiz a minha inscrição para administração na UFC”. Ela não gostou, e no final, eu não passei. E quando eu cheguei, eu disse, fiz minha inscrição pra UECE⁹⁷, pra matemática. Aí ela disse: “eu acho que agora você acertou”.

⁹⁷ Universidade Estadual do Ceará.

Eu sempre tive esse jeito, mais expansiva, de conversar. Agora, como eu sempre gostei de estudar, em sala de aula - ela me conta muito que recebia reclamação dos professores de eu conversar - se o professor estava explicando o conteúdo, eu tinha que prestar atenção. Tinha que prestar atenção naquilo dali, até porque eu não queria, depois, ficar em casa perdendo maior tempão, podendo estar brincando. Eu prestava atenção ali, que era para chegar em casa e fazer minha tarefa bem rápido, e já sair. Mas eu nunca, jamais, deixava de entregar a minha tarefa - e até hoje eu sou assim. Eu não gosto de ser chamada atenção porque não entreguei a tarefa, porque eu tinha um negócio para entregar e não fiz.

Como estudante no ensino fundamental eu já era assim. Eu me lembro de tarefas de Geografia, que eu já não era tão tranquila, de ter dificuldade de fazer, mas não entregar simplesmente porque não fiz, não, jamais.

Passei no vestibular da estadual do Ceará, UECE. Entrei no curso e cursei, já trabalhando. Naquela época não tinha essas grandes possibilidades como tem hoje - políticas de permanência estudantil, bolsas - o Brasil não tinha passado por esse crescimento na educação, das universidades. Só tinha Universidade nos grandes centros, nas capitais. E eu sou de Fortaleza, no Ceará, eu morava numa capital e na capital eu tinha oportunidade. Eu podia escolher a estadual, eu podia escolher a federal. E se tivesse condições - o que eu não tinha - eu ainda podia escolher uma grande universidade particular que tem até hoje em Fortaleza, que é a UNIFOR⁹⁸.

Naquela época só tinha essas três [universidades], não tinha essa grande quantidade de faculdades que a gente tem hoje em dia, mas ainda assim eu estava em uma capital e eu podia escolher. Eu pude escolher, fiz o vestibular para uma, não passei, me inscrevi para outra. Passei.

Comecei o curso na UECE, lá no campus do Itaperi⁹⁹, em Fortaleza. Eu levei quatro anos e meio [para formar], eu já trabalhava. No segundo período eu trabalhei no comércio, precisei trabalhar, precisava mesmo. E no terceiro período, eu já comecei a dar aula - eu ia fazer dezenove anos quando eu entrei pela primeira vez numa sala de aula - era quinta e oitava série, e eu nunca mais deixei de ser professora. Eu fiquei lá praticamente a graduação inteira, estudando e trabalhando nessa escola.

Há vinte anos atrás, você tinha uma dificuldade muito grande de professores de exatas, dessas áreas de matemática, ciências. E aí a gente que fazia faculdade já conseguia - não era rios de dinheiro - mas para quem precisava se manter, pagar passagem, o dinheiro do restaurante

⁹⁸ Universidade de Fortaleza.

⁹⁹ Itaperi é um dos bairros da cidade de Fortaleza.

[universitário]. Naquela época, há vinte anos atrás, a gente não tinha essa internet como a gente tem hoje, tudo era muito dependente da biblioteca da universidade. Eu não tinha condição de comprar um livro de cálculo, então eu tinha que gastar muito dinheiro com xerox. Apesar de eu estudar na universidade pública, eu precisava de dinheiro. E eu sou de uma família, financeiramente, não muito tranquila. Eu não tinha [recursos]. Não vou comprar livro de cálculo, vou tirar a xerox do capítulo do momento, quando for o outro capítulo eu tiro a outra xerox.

Na minha graduação eu acho que foi mais difícil porque eu precisei trabalhar, a gente sabe que é diferente quando você só estuda e quando você estuda e trabalha. Eu trabalhava em escola, levava muito trabalho pra casa, eu sentia - como uma pessoa que gosta de estudar - muita falta de ter tempo para sentar e estudar.

Eu sentia muita falta, até hoje eu tenho disciplinas de matemática mesmo, que eu percebo lacunas na minha formação. Por causa disso, por eu ter feito uma graduação trabalhando. Eu acho que a maior dificuldade foi essa, mas ainda assim eu nunca usei isso como escudo. Eu me lembro muito de no fim de semana que eu tinha prova para estudar, e eu estava cheia de prova para corrigir da escola - eu e minha irmã, que hoje é professora de Química, a gente sentava juntas na mesa da cozinha. Lá em casa era tipo assim, ela vai estudar, ninguém atrapalha - era meio que uma prioridade. A gente usava a mesa da cozinha, ela sentava perto de mim e ela ia corrigindo. Eu fazia um gabarito das provas, ela ia corrigindo, e eu ia estudando para a prova. Quando ela tinha dúvida, ela me parava e perguntava. Ela já tinha [feito] ensino médio, ela é um ano e onze meses mais nova que eu, então ela conseguia me ajudar nessas coisas.

A minha maior dificuldade na graduação foi isso, foi o fato de que eu trabalhava. E a gente sabe, falando de disciplinas de matemática, todas demandam muito tempo. E eu não tinha esse tempo porque eu trabalhava.

O meu curso era diurno, mas eu comecei a pedir disciplinas à noite, por causa do trabalho. A escola era pela manhã, aí eu conseguia fazer disciplinas de tarde e de noite. Eu ia de manhã, trabalhava até onze e pouco; almoçava na universidade mesmo - tinha o restaurante universitário - ficava lá tarde e noite. Depois eu consegui um estágio da prefeitura de Fortaleza - era um convênio da prefeitura com o IF¹⁰⁰, que naquela época era CEFET¹⁰¹ - era um cursinho à parte para os alunos que estavam na oitava série, e os professores desse cursinho eram os

¹⁰⁰ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará.

¹⁰¹ Centro Federal de Educação Tecnológica.

alunos da UECE. A prefeitura mantinha tudo, existia um prédio onde funcionava o cursinho e os bolsistas - que eram os professores - alunos da UECE. Eu fui bolsista também neste projeto até terminar, fiquei lá até o final.

Eu dava aula nesse projeto, às vezes de manhã, às vezes de tarde - porque na escola eu não dava aula todo dia. Nos dias em que eu não dava aula de tarde no projeto, eu ia para a faculdade à tarde - eu fazia disciplinas de tarde, mas o meu maior fluxo de disciplinas acabou ficando à noite. Eu me formei como aluna do diurno, mas a minha maior parte das disciplinas foi cursada à noite.

Eu tinha um grupinho de amigos que estudavam comigo. Inclusive, eu tenho um grande amigo - Samuel¹⁰² - que foi comigo para a Paraíba, quando eu fui fazer o [curso de] verão na Paraíba. Nós fomos juntos para a Paraíba, voltamos juntos, entramos na UFC juntos, tudo juntos. Só que ele foi reprovado no mestrado, o mestrado em matemática era uma coisa bem cruel.

A gente se ajudava muito. Antes de eu começar a trabalhar... no primeiro período da graduação eu não trabalhei, nem no comércio e nem nas escolas. O meu pai estava desempregado nessa época. Foi bem nessa época, no terceiro ano [do ensino médio] e esse início de graduação, meu pai ficou por uns quatro anos desempregado, por isso que eu precisei trabalhar. A Iliane¹⁰³, essa minha amiga que estudou junto comigo no ensino médio, eu me lembro muito de Iliane pagar o meu restaurante universitário, muitas vezes. Porque eu não tinha dinheiro - naquele primeiro período que eu não trabalhava - eu ia pra UECE com o dinheiro da passagem, a de ida e a de volta - que era o que minha mãe conseguia me dar.

Ela, e o Samuel também, nós somos muito amigos até hoje - é mais de rede social, porque as pessoas se afastam, se casam e cada um segue seu caminho - mas eu tenho muita gratidão por eles, tanto pelo companheirismo, de sentar e estudar mesmo, tanto como por isso também.

Às vezes Iliane queria que eu ficasse para a gente estudar de noite, o pai dela iria buscar a gente - ela morava relativamente perto da minha casa - então a gente ficava, o pai dela buscava a gente e depois me deixava em casa. Só que para eu ficar eu precisava jantar, e eu não tinha dinheiro para jantar, e aí ela dizia: “fique, eu pago tua janta, fica estudando comigo que eu pago tua janta”.

¹⁰² Não foram encontradas informações sobre.

¹⁰³ Não foram encontradas informações sobre.

Durante a graduação não teve trabalho de conclusão de curso, não tinha naquela época. Hoje em dia eu já sei que a UECE fez uma reformulação e já tem o trabalho de conclusão. Eu acho uma pena não ter tido, porque eu me lembro que durante o mestrado eu sofri muito para escrever a minha dissertação, porque eu não tinha experiência nenhuma.

Durante a graduação eu fui passando por alguns professores, tem professores que mudam a nossa vida positivamente, tem outros que nem tanto. Eu me lembro que fiz uma disciplina de probabilidade estatística - o nome do professor era Maia Pinto¹⁰⁴, me lembro do nome dele - ele me deu a carta de recomendação [do mestrado].

Essa disciplina foi uma das disciplinas que eu consegui botar de tarde naquele esquema: eu ia de manhã dar aula - acordava cinco da manhã, pegava três ônibus para chegar na escola - passava a manhã dando aula, voltava para a UECE, almoçava no restaurante universitário e assistia aula de tarde. Essa disciplina foi uma das que eu consegui encaixar nesse sentido, foi a disciplina de probabilidade estatística, com esse professor.

Esse professor foi o primeiro que falou assim para mim... Nas aulas, como sempre, pouca mulher, hoje em dia eu acho que tem bem mais. Naquela época tinha muito pouca mulher na licenciatura em matemática. Ele disse assim: “você é uma aluna muito boa, você tem que tentar fazer mestrado”. Mas nunca tinha passado pela minha cabeça nada disso. Eu estava ali para me formar, para fazer o concurso do estado, meu plano era esse. Fazer o concurso do estado, porque pelo menos eu vou ser concursada. A minha mãe era concursada, eu vi meu pai ficar desempregado. E quem segurou as pontas em casa foi minha mãe, então eu pensava nisso: “vou terminar isso aqui, vou estudar para fazer o concurso do estado”. Foi a primeira vez que eu ouvi isso, sabe quando alguém vai e planta uma semente na sua cabeça? Foi ele.

Eu precisava, para me inscrever no verão lá na Paraíba, de duas cartas de recomendação. Foi uma do Montenegro¹⁰⁵, e a do Maia Pinto. Mas eu nunca me esqueci do dia que ele me parou na aula e disse assim: “você é uma aluna muito boa, você tem que tentar fazer um mestrado”.

E ele sabia que eu vinha da escola, estava trabalhando, vinha cheia de livro, diário, sempre correndo, essa coisa toda. E depois foi o Montenegro, esse professor de álgebra linear, ele era muito isso: “Vocês têm que tentar, vocês têm que se inscrever”. E naquela época o verão era em álgebra linear. Ele fez, fora do horário de aula dele, um preparatório com a gente. Esse último semestre do ano, nas tardes que eu tinha livre, eu ia para a UECE para ter essas aulas

¹⁰⁴ Francisco José Maia Pinto, Professor Associado da Universidade Estadual do Ceará.

¹⁰⁵ João Montenegro de Miranda, professor da Universidade do Estado do Ceará.

com ele. Fizemos eu, Iliane, Samuel, minha turminha ali, todo mundo fez esse preparatório. E ajudou muito, muito, muito, muito, resolvendo questões, estudando os teoremas...

Foram esses dois professores que me acenderam e disseram assim: “você tem futuro”.

Nesse meio tempo teve um professor de teoria dos números - ele era professor da UFC também, é ainda - eu fui falar com ele, disse: “professor, o senhor tem mestrado, né, pela UFC?

Aí ele disse que tinha. Eu falei que tinha vontade de fazer mestrado. Aí ele disse: “aluno da UECE não faz mestrado, não. Eu sou o único aluno que saiu da UECE e fez mestrado”. Eu acho que feria o ego dele, se outro aluno da UECE fizesse mestrado.

Depois que eu fiz [o mestrado], virei substituta e virei colega dele, de curso. Ele estava na minha banca de substituta. Teve essa questão aí, eu nunca soube se tinha a ver com a questão de gênero - porque depois eu passei por outras situações que envolvem mais a questão de gênero. Os professores mais velha guarda não queriam mulheres se metendo nessa área: “O quê que mulheres vão fazer na área de matemática? Matemática é uma área para homens”. Eu não sei se esse comentário dele tinha a ver com gênero ou se simplesmente tinha a ver com o fato de que eu realmente era aluna da UECE.

Mas foram esses dois professores [Montenegro e Maia Pinto] que me deram o start, ligou a chavinha ali: “será que eu, uma menina de um bairro de periferia em Fortaleza, vou conseguir fazer um mestrado?” Porque era muito surreal para mim pensar nisso, há vinte anos atrás.

E eu não tive professoras de matemática. Na verdade teve uma professora, ela nem era brasileira - acho que ela era alemã - casada com outro professor - ela era professora da UECE, mas ela não foi minha professora. As professoras que eu tive durante a graduação, todas eram das disciplinas pedagógicas. De matemática [pura] mesmo, de fato, eu não tive nenhuma, todos homens. [As disciplinas de] estágios, Psicologia da adolescência, Didática, nessas disciplinas, todas professoras.

Comecei a trabalhar e só deixei de dar aula quando eu terminei a graduação, fui fazer a seleção do mestrado em matemática. Naquela época a gente fazia um curso, que eles chamam de curso de verão. Você faz o curso - são dois meses, janeiro e fevereiro, uma disciplina corrida - faz as provas e os melhores alunos ingressam no mestrado. Em 2004, eu comecei o mestrado na UFC.

Primeiro eu fiz um verão na federal da Paraíba¹⁰⁶ porque tinha um grande professor meu - professor Montenegro, excelente, maravilhoso, professor de álgebra linear da graduação - que

¹⁰⁶ Universidade Federal da Paraíba.

era aposentado da Federal da Paraíba e estava dando aula na estadual do Ceará - que incentivava muita gente a ir pra lá [Paraíba]. Meu último semestre de graduação foi em dezembro de 2002, e em janeiro de 2003 eu viajei para Paraíba. Fiz o [curso de] verão, passei, mas - como eu já falei naquela época, a gente não tinha tanto recurso financeiro do governo federal nas universidades - eu não tinha bolsa, e eu não tinha como manter na Paraíba.

Então eu voltei para o Ceará e o departamento de matemática me aceitou como uma modalidade que eles chamam de aluno especial. Eu fazia as disciplinas do mestrado, mas eu não era aluna de fato, até que eu pudesse fazer o [curso de] verão lá.

Nessa época eu ainda fui professora temporária do estado do Ceará, porque eu conseguia fazer à noite. Eu passava o dia na UFC e fiquei uns seis meses sendo professora de uma escola, chamada escola Iracema¹⁰⁷. Porque mesmo estando na UFC eu precisava de dinheiro pra passagem, para o restaurante universitário... Bem nessa época o meu pai ficou desempregado, então só a minha mãe trabalhava para manter tudo, eu precisava pelo menos me garantir com essas coisas.

No verão de 2004, eu fiz lá na UFC, passei e fui aceita. A UFC, como já era um centro maior - o departamento de matemática já era bem mais antigo do que o departamento de matemática da UFPB - tinha mais bolsas. Quando eu entrei em 2004 teve uma mudança de governo, a quantidade de bolsas aumentou - o valor das bolsas, que estava congelado há dez anos também melhorou - então eu já entrei com bolsa. Foi a época que eu saí de sala de aula, eu realmente - como ganhei bolsa - fiquei só dedicada a estudar. Foi a primeira vez, depois do ensino médio, que eu fiz só estudar.

Ressaltando que eu estava na minha cidade, na casa dos meus pais. Pelo menos eu tinha onde morar e o que comer, então eu disse: “eu vou aproveitar que eu tenho onde morar e o que comer e vou me dedicar a estudar”.

[No mestrado] a gente tinha um negócio que chamava de exames de qualificação. Naquela época eram três exames, um em cada grande área da matemática: um exame de análise, um de geometria e um de álgebra. E aí a gente tinha a chance de fazer cada exame duas vezes, se você reprovasse a segunda vez, você perdia o mestrado, você era desligado do mestrado e aconteceu isso com meu amigo Samuel.

Tinha a Iliane, minha amiga, que fez o ensino médio comigo, entramos juntas na licenciatura. Éramos o nosso grupinho, eu, Iliane e Samuel, a gente estava sempre junto - e é importante, a gente se segura, se fortalece.

¹⁰⁷ Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Iracema.

Fiz o mestrado, e em 2006, eu voltei para a sala de aula como substituta lá na federal, lá na UFC. Eu ainda não tinha defendido [o mestrado], porque a gente conseguia fazer o concurso só como graduada - eu não tinha nem especialização, só tinha graduação e estava terminando o mestrado - passei e assumi.

Comecei a lecionar nas licenciaturas. As primeiras turmas que eu peguei, eu dei aula para as licenciaturas em química, física e matemática. As disciplinas de cálculo, nas da licenciatura, especificamente. No segundo período como professora eu já peguei os estágios, porque no departamento de matemática - muitos matemáticos, professores pesquisadores em matemática pura - ninguém queria pegar os estágios. Como eu era - dos substitutos que entraram todos os outros eram bacharéis, não tinham visto essas disciplinas pedagógicas - a única licenciada do meio, eu peguei essas disciplinas. Era no sábado de manhã - eles não estavam nem aí para essas disciplinas, não colocavam nem dentro do horário regular, eles colocavam no sábado de manhã.

Durante o mestrado, foi muito punk, muito pancada, por várias situações. Primeiro, eu vim da [universidade] estadual, eu não tinha a mesma formação, a mesma bagagem matemática que os meninos que vêm da federal, que fazem bacharelado, que já tinham visto um monte de matemática - muito mais do que - e que se dedicaram àquilo, que não fizeram uma graduação trabalhando, como eu fiz.

O verão foi bem tranquilo, porque era Álgebra Linear, uma disciplina que eu tinha estudado muito, que eu tinha me dedicado muito, já tinha feito aquele curso de formação, tinha feito Álgebra Linear na Paraíba também - foi o verão que eu fiz lá. Então é uma disciplina muito tranquila para mim.

É tanto que eles separavam os alunos em grupos: A, B e C. Por causa do tipo de bolsa, os alunos do tipo A ganhavam bolsa CNPQ¹⁰⁸ - que era melhor - os alunos do tipo B ganhavam bolsa CAPES¹⁰⁹ - que era a segunda melhor, no sentido de atraso, essas coisas - e os alunos do Tipo C ganhavam a bolsa da FUNCAP¹¹⁰, que é a fundação do Ceará.

E eu fui do tipo B, ganhei uma bolsa CAPES, então foi show. Eu fui a única mulher na minha turma. No mestrado da UFC, turma 2004.1, eu fui a única mulher ingressante. Depois eu tive outras colegas, nas outras turmas. As que entraram em 2004.2, a professora Valdenize¹¹¹

¹⁰⁸ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

¹⁰⁹ Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

¹¹⁰ Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

¹¹¹ Valdenize Lopes do Nascimento, docente do Magistério Superior na Universidade Federal Rural do Semi-árido.

é uma delas, foi minha colega em 2004.² Mas no primeiro período meu, de mestrado, eu era a única mulher na sala.

Eu comecei a ter noção da questão do gênero. Eu acho que até então, eu nunca tinha - nem na graduação, eu acho, eu não me lembro - passado por esse problema com os colegas. No verão eu já passei pelo primeiro problema. Porque saiu a primeira prova do verão e eu tirei uma nota melhor do que um outro colega, e aí ele fez o seguinte comentário: “mas também, é mulher”. O professor era homem e eu era mulher, aluna, ele quis insinuar que o professor me deu uma nota melhor por eu ser mulher, que eu não tirei aquela nota.

Já foi o primeiro impacto que eu senti nessa questão. Como se fosse assim, eu ganhei aquela nota porque eu sou mulher, porque eu sou simpática ou sei lá o que é que ele queria insinuar que eu fiz com o professor. Mas não pela minha capacidade. Já começou no verão, e quando eu entrei [no mestrado], também. Era na disciplina de análise complexa, muito difícil a disciplina. Eu não tinha feito a disciplina de complexas na graduação, não tinha essa disciplina na UECE, já fui fazer direto a do mestrado. Sendo que os meninos da UFC, faziam ela na graduação, já viam análise complexa na graduação, e a do mestrado era meio que uma continuação.

O professor dessa disciplina, da velha guarda, ele achava que eu tinha que ser a bobo da corte da turma. Por eu ser a única mulher. Ele queria que eu fosse apagar o quadro: “para nos brindar”. Essa era a frase: “nos brinde com sua beleza e simpatia, venha apagar o quadro”. Sendo que eu não estava ali para brindar ninguém com beleza e simpatia, eu estava ali para estudar, como todo mundo estava. Ele não pedia para um macho¹¹² daquele dali ir apagar o quadro.

E aí eu comecei a passar por essas situações. Primeiro período de mestrado, você com bolsa, morrendo de medo de reprovar e perder a bolsa - porque se você reprovasse, você perdia a bolsa - o professor tem todo o poder sobre você ali. Se ele te reprovar, você vai recorrer para quem? Para os outros colegas dele? Que iam dizer: “não, isso é bobagem”. E aí eu comecei a negar. Quando eu vi que o negócio estava ficando muito complexo, eu comecei a negar, eu dizia: “professor, peça a um desses meninos aí para ir apagar o quadro para o senhor, peça aí para eles”. E ele respondia: “não, não quero esses machos feios apagando o meu quadro”. Eu dizia: “pois eu também não vou não”. Eu comecei a negar, e aí ele foi além, porque eles sempre vão além. Eles não param ali, eles sempre vão além.

¹¹² Expressão regional comumente utilizada por cearenses para se referir aos homens.

Lá na UFC tinha um bloco - que era um bloco antigo de professores, como se fosse esse¹¹³ - que era de dois andares. Eles construíram um prédio novo e pegaram esse prédio antigo, com os móveis antigos dos professores, e deixaram para os alunos de pós-graduação. A divisão era a seguinte, um aluno de doutorado tinha uma salinha só para ele, e os alunos de mestrado se dividiam entre dois ou três alunos, dependendo da demanda. Era uma salinha confortável como essa nossa, a gente ganhava um birôzinho pra estudar, dependendo da sala tinha ar-condicionado, outras tinham aqueles ventiladores de teto. A primeira sala que eu fiquei lá, tinha um ventiladorzinho de teto, a gente estudava, abria a janela e abria a porta, para o vento correr. Ligava o ventilador e ficava estudando. O meu birô ficava na frente da janela e eu dividia a sala com Samuel, esse meu outro amigo, que estudava desde a graduação comigo. Ele ficava no birô do outro lado da sala. Eu conseguia ver o prédio dos professores com a janela aberta.

Ele¹¹⁴ começou a vir. A minha aula com ele era de manhã - de dez ao meio-dia - segunda, quarta e sexta. Ele começou a vir de tarde, ele sabia que a gente passava o dia todo [na universidade] - tinha aula de manhã, a gente ia para o RU, almoçava, descansava um pouco e passava tarde e noite estudando - eu sempre voltava para casa umas nove horas da noite. Eu sempre ficava tarde e noite estudando. E ele começou a vir na minha sala, às vezes acontecia de ele me pegar¹¹⁵ sozinha - por algum motivo Samuel não estava - quando Samuel estava era bom porque ele era mais tranquilo. Quando Samuel não estava... ele começou a me chamar para sair... E aí você imagina a minha encruzilhada, aluna, única mulher, bolsista, correndo o risco de ir reprovar e perder [a bolsa].

Eu não queria correr esse risco. Comecei a dizer que eu não podia sair com ele porque meus pais não deixavam. Eu preferi mentir. Eu não queria. Não me agradava, não queria. Tinha asco daquilo dali, na verdade. E ele já tinha histórico, de uma outra aluna - depois eu fui colega dela no IFCE como professora - que aconteceu isso. Ele acabou indo morar com a aluna, viveu muito tempo com ela, e eles tinham uma diferença de no mínimo, no mínimo, vinte anos - mas aí eles já tinham terminado.

Eu passei por toda essa situação durante o primeiro período, foi um período muito complicado para mim. Para me adaptar com toda a rotina de estudo, fazer disciplinas que para os seus colegas é uma complementação, e você nunca viu aquilo. Eu tinha que estudar pelo

¹¹³ A professora estava se referindo ao bloco em que estávamos conduzindo a entrevista, bloco de salas de aula de professores.

¹¹⁴ A professora se refere ao professor do mestrado que constantemente pedia para ela apagar o quadro.

¹¹⁵ Regionalmente, utilizamos a palavra também no sentido de encontrar.

livro, era um livrinho do Geraldo Ávila¹¹⁶ - que era o livro da graduação - porque eu precisava entender o básico da graduação, para conseguir entender o mais difícil.

Foi bem pancada, muito pancada mesmo. Consegui passar, deu certo, fiz o exame, passei. No segundo período, entrou Valdenize, a gente começou a ser amiga desde que eu fui assistir as disciplinas como aluna especial. A gente já era amiga. A gente já começou a fazer juntas [as disciplinas], já tinha mais mulheres, mais colegas, era mais tranquilo. Eu acho que nem os meninos - os colegas - entendiam naquela época, a gente não conversava muito sobre essa questão do assédio. Eu acho que nem eu mesma entendia, eu só sabia que eu não queria aquilo dali. Chegou a situações de eu ver - sozinha na sala com a porta aberta - ele vindo, eu fechava [a sala] na mesma hora. Eu fechava as janelas, fechava a porta, desligava o ventilador, apagava a luz, ficava trancada dentro da sala.

E ele batia, ele batia, e ele batia, e eu ficava trancada até ele ir embora. Os meninos tiravam chacota da minha cara: “eita, ele foi hoje de novo...”. A gente é amiga até hoje dos meninos - os meus amigos da época do mestrado - temos um grupo de WhatsApp, a gente conversa até hoje e se encontra em Fortaleza, quando a gente vai, porque cada um está em um canto. Tem um que está na [Universidade] Federal do Piauí, tem outro que é da [Universidade] Federal de Pernambuco. Mas quando a gente está todo mundo em Fortaleza, a gente se encontra e sai. E aí, hoje em dia eles comentam: “ei, era pesado, né, o que ele fazia?”. E eu digo: “era pesado e vocês não me ajudavam”.

Hoje em dia eles têm a noção, mas naquela época, realmente ninguém tinha. A partir do segundo período, eu já fiz disciplina com o Jorge Herbert¹¹⁷, que eu escolhi como meu orientador, não é que ficou mais fácil - porque matemática nunca é fácil - mas você tira mais essas outras dificuldades. Porque além de você ter a dificuldade da matemática, você ter essa outra dificuldade - servir de bobo da corte da turma, um professor lhe assediando e você não conseguir fazer nada. Você não tem para quem recorrer, como aluna, você não tem pra quem recorrer.

Depois disso, você vai conhecendo mais as pessoas, fica uma turma melhor. A gente ia no fim de semana estudar, a gente estudava muito, mas era muito pela algazarra também. A

¹¹⁶ Geraldo Severo de Souza Ávila, já aposentado, foi professor no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (S. J. Campos), no Instituto de Física Teórica de São Paulo (UNESP), das Universidades de Wisconsin (Madison) e Georgetown (Washington, D. C.), da Universidade de Brasília, da Unicamp e da Universidade Federal de Goiás (UFG).

¹¹⁷ Jorge Herbert Soares De Lira, professor titular e Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFC. Coordena, junto à Secretaria da Educação do Estado do Ceará, o Programa Cientista-Chefe em Educação Básica, financiado pela FUNCAP.

gente ia estudar, chegava no sábado às cinco da tarde: “pronto, já estudamos, agora vamos para onde?” Íamos para o cinema, etc. É tanto que nós somos amigos até hoje.

E tive que escrever a dissertação. Não gosto nem de olhar pra minha dissertação de mestrado, tenho vergonha do que tem lá. O meu processo de orientação foi bom, com Jorge Herbert. É tanto que agora eu estou tentando um pós-doutorado e estou querendo voltar para Fortaleza, fazer um pós-doutorado com ele - o Jorge - que foi meu orientador de mestrado.

Ele é o cientista chefe da SEDUC, da Secretaria de educação do estado do Ceará, cientista chefe da educação. Hoje em dia ele é o manda-chuva da educação dentro do Ceará. Foi tranquilo com ele, foi muito tranquilo mesmo. Eu acho que eu tive mais dificuldade nesse sentido - eu não tinha experiência nenhuma com a escrita. Os professores da matemática, eles exigem que a gente use aquele LaTeX¹¹⁸, e eu, coitada, não sabia nem usar um Word, quanto mais LaTeX.

Eu não tinha nem computador naquela época. Pra eu ter acesso a um computador - tinha um laboratório de informática, que era da pós-graduação - a gente ia às vezes depois do almoço, tinha direito a ter um tempinho ali, porque era revezando com todos os colegas. Eu não tinha nem computador, o computador era assim. Teve esse processo. Mas a dissertação, na matemática, ela é uma coisa muito mecânica. Segue um padrão muito mecânico, acho que a dificuldade maior foi que eu não tinha experiência na escrita e eu não tinha experiência na ferramenta [LaTeX]. Mas escrevi, deu certo.

Antes de terminar [o mestrado], eu já tinha terminado as disciplinas, mas eu tive um enganchamento lá na minha dissertação. Porque o Jorge resolveu mudar meu tema - eu vinha estudando em um tema - ele foi para um congresso e quando ele voltou, ele voltou querendo estudar outra coisa. Foi aí nesse enganchamento que ele mudou meu tema, é tanto que eu levei três anos para terminar o mestrado.

Com um ano e meio eu tinha terminado os exames e fui fazer as disciplinas que eles chamam de disciplinas avançadas, que já era com ele [orientador], específica da dissertação. E aí estudei muito esse negócio que ele queria, de singularidade, depois ele resolveu mudar. Você perde o fio da meada, tive que começar tudo do zero. É tanto que no dia da minha dissertação, na minha defesa, ele falou disso, que eu fui muito tranquila de orientar. Porque ele chegou, mudou o meu tema totalmente - depois de eu ter trabalhado um tempão num tema - e eu aceitei. Não falei nada, sentei e fui trabalhar o outro tema, sem reclamar. É claro que eu reclamava, não para ele. Mas é normal.

¹¹⁸ O LaTeX é um processador de texto e linguagem matemática que foi criado com base no programa TeX.

A minha bolsa acabou com dois anos. Aí eu fiz concurso e fiquei como substituta [na UFC] e só fazendo a dissertação. Defendi depois, já era substituta. Fiquei dois anos, depois fui substituta do IFCE, já como mestre. Depois eu voltei para a UECE, como substituta também, voltei para o [campus] Itaperi como professora substituta - já mestre.

Nesse meio tempo, estava uns oito meses como professora substituta da UECE, quando veio o concurso da UFERSA. Fiz concurso da UFERSA em dezembro, recebi o resultado dia 23 de dezembro e tomei posse dia 13 de janeiro. Foi tudo corrido, naquela época tinha um negócio que tinha que sair a nomeação do concurso antes da virada do 31 de dezembro. A nomeação saiu dia 28 no diário oficial. A gente tinha 30 dias para tomar posse depois da nomeação, aí tomamos posse no dia 13 de janeiro. Foi uma grande turma. Naquela época eram muitas vagas. Foi na época do REUNI¹¹⁹.

Foi quando a UFERSA deixou de ser ESAM¹²⁰. Acho que tinha uns cinco anos que era UFERSA. E aí veio a explosão das engenharias, porque antes só eram agronomia e veterinária. Com isso das engenharias, precisou de muito professor de matemática, e foi onde nós entramos, eu e Fabrício¹²¹. O concurso que a gente fez era duas vagas, entramos nós dois, viemos juntos de Fortaleza.

Eu fui professora da UFC por dois anos. Quando o concurso acaba, você tem ficar um tempo fora, como substituta, mas antigamente a gente podia entrar na justiça - ganhava uma liminar e você entrava. Eu entrei de novo como substituta. Porque foi tão sofrido o mestrado que eu dizia: “não vou fazer doutorado, não vou”. Foi tão sofrido aquele final, trabalhando e escrevendo. Não foi nem a dissertação, foram os exames, as disciplinas, todo o processo. Domingos e domingos, a sua família junta almoçando, e você trancada, estudando. Ou você lá no campus do Pici¹²² estudando - porque se não saísse de casa não dava pra estudar -bairro de periferia, som alto - foi muito sofrido.

Aí eu fiquei fazendo concursos para substituta, decidindo o que eu ia fazer da vida. Fui substituta em tudo dali: UFC, entrei na justiça, entrei de novo na UFC, entrei no IF, UECE...e vim pra UFERSA.

Lembro que eu fui com o Fabrício [para Mossoró] quando a gente recebeu o resultado, e voltou [para Fortaleza]. Eu me lembro que daqui [Mossoró] pra Fortaleza, de vez em quando

¹¹⁹ Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

¹²⁰ Antes de ser UFERSA, a Universidade era a Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM).

¹²¹ Fabrício De Figueredo Oliveira, professor efetivo da UFERSA, lotado no Departamento de ciências naturais, matemática e estatística.

¹²² Bairro da cidade de Fortaleza.

eu dava um grito no carro e Fabrício bem sério Eu dizia: “Fabrício, grita Fabrício! A gente passou!”.

Quando eu cheguei aqui, atuei sempre nas engenharias, que na verdade é CeT¹²³. Já dei aula também na agronomia, engenharia agrícola e ambiental, engenharia de pesca. E eu não me lembro o ano, a gente conseguiu o PARFOR¹²⁴, que foi a nossa primeira licenciatura. Deve ter sido 2010, por aí. Era um plano nacional de formação de professores, uma coisa do governo federal, eram licenciaturas especiais.

Licenciaturas que não eram cursos de oferta regular da UFERSA - teve uma chamada e uma entrada. Tivemos duas licenciaturas dentro do PARFOR - licenciatura em matemática e licenciatura em biologia foram as nossas primeiras licenciaturas antes da EAD. Também era num regime especial, os alunos tinham aula dia de sexta e sábado, tinha muitos alunos de Janduís¹²⁵, Itajá¹²⁶, Icapuí¹²⁷. Eles [alunos] já eram professores da rede, já ensinavam matemática, mas não tinham formação. Nós formamos uma turma inteira, e nessa turma foi o nosso primeiro PIBID¹²⁸ - eu fui a coordenadora do primeiro PIBID. Nessa época já tinha começado a EAD, então tinham alunos dessa licenciatura do PARFOR e tinham alunos da licenciatura à distância.

Primeiro foi o PARFOR e depois veio a educação à distância - foi instituído o NEAD¹²⁹ dentro da UFERSA - e veio a primeira licenciatura, que foi a licenciatura em matemática. No PARFOR eu ministrei a disciplina de prática do ensino. Na licenciatura EAD, eu acho que foi geometria plana.

Quando eu cheguei aqui [UFERSA], eu acho que teve um pouco mais de pressão, porque era todo mundo novo, no primeiro emprego fixo. E aí você tem medo de errar - mesmo já tendo experiência - mas você tem esse medo.

E outra coisa, era uma disciplina que eu nunca tinha dado, a disciplina que eu peguei aqui eu nunca tinha ministrado, era uma disciplina totalmente nova - Geometria Analítica. A

¹²³ Bacharelado em Ciência e Tecnologia.

¹²⁴ Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica: uma ação da CAPES que visa contribuir para a adequação da formação inicial dos professores em serviço na rede pública de educação básica por meio da oferta de cursos de licenciatura correspondentes à área em que atuam.

¹²⁵ Janduís é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Norte, a cerca de 320Km da capital Natal.

¹²⁶ Itajá é um município brasileiro localizado no interior do estado do Rio Grande do Norte, situado na Região Nordeste do país. Encontra-se a 200 km da capital do estado, Natal.

¹²⁷ Icapuí é um município brasileiro do estado do Ceará, situado a cerca de 221 da capital, Fortaleza.

¹²⁸ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência: uma ação da CAPES que oferece aos estudantes dos cursos de licenciatura a inserção no cotidiano das escolas públicas de educação básica, de modo a participarem ativamente do desenvolvimento de projetos que enriquecem sua formação inicial.

¹²⁹ Núcleo de Educação a Distância da UFERSA.

gente adotou aquele livro grossão, do Paulo Boulos¹³⁰. Eu tive que estudar muito, porque eu nunca tinha ministrado ela.

E eu acho que uma das dificuldades maiores foi que, naquela época, a gente tentava manter um padrão nas disciplinas no CeT, mesmo que mudasse de professor. Hoje em dia a gente já não faz mais isso. Mas naquela época, o professor Valter¹³¹ era coordenador, então ele dizia: “É muito importante que as disciplinas tenham coerência, que elas sejam dadas da mesma forma”. Todos os professores que davam geometria analítica se juntavam e faziam uma prova só. Então eu tive que estudar muito aquele livro e preparar muita aula. Mas pelo menos eu não estava naquela correria que era como substituta - eu dava muita aula, muita aula. Eu cheguei a dar trinta aulas por semana, de disciplinas diferentes, era muita coisa.

Aqui nesse sentido foi bem mais tranquilo. Eu peguei três turmas, muito cheias, mas três turmas de geometria analítica, uma disciplina só. Eu tinha que me preparar, tinha que estudar muito, resolver questões - porque você fica com aquele medo, você não pode errar, você não pode não saber. Hoje em dia eu já sou muito mais tranquila com isso. Essa semana uma aluna veio me perguntar uma questão e eu fiquei: “é, não estou sabendo agora não, depois eu vou ver”.

Mas naquela época não podia, eu tinha que saber. Então eu estudava muito. Mas em contrapartida, era uma disciplina só e eu tinha muito mais tempo. Eu saí de trinta horas por semana para doze. E doze horas da mesma disciplina, então eu tinha muito tempo para estudar e resolver todas aquelas questões.

Demorou um pouco para ter monitor, nos nossos horários de atendimento a gente fazia aulas de exercícios. Em vez de eu ficar aqui esperando o aluno vir para tirar dúvida, eu ia para uma sala de aula e ia resolver exercícios para os alunos. Teve essa dificuldade, mas da vida que eu vinha antes, de dar trinta aulas por semana...

Na relação com meus colegas de trabalho acho que foi sempre tranquilo. Talvez nesse comecinho a gente tivesse mais esse negócio de quem era o melhor professor, quem era o que fazia as coisas mais difíceis, quem era que os alunos tinham mais medo... por imaturidade.

Hoje em dia não. Eu acho que a gente tem uma convivência muito boa, já é bem mais tranquilo. Até porque os nossos alunos já não são os mesmos de quinze anos atrás, venhamos e convenhamos. Se você tem um público diferente, a sua atuação também é diferente. Eu não

¹³⁰ BOULOS, Paulo; DE CAMARGO, Ivan. Geometria analítica. 1987.

¹³¹ Walter Martins Rodrigues, professor Titular da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

posso ter a mesma atuação que eu tinha quinze anos atrás, não mesmo. A minha aula hoje não tem nada a ver com aquela aula de quinze anos atrás.

Hoje em dia eu uso slide, há quinze anos, era inadmissível: “matemático que é matemático faz a aula no quadro e escreve”. Eu fiz minha defesa de mestrado, no quadro, no giz; eu fiz as contas do teorema no quadro, na hora, no giz - tenho uma foto toda suja de giz.

Hoje em dia, eu acho que a gente tem outra concepção, até do ensino de matemática, da nossa atuação como professores. Nosso público muda, a gente também tem que mudar, tem que se adequar. Eu fico me perguntando, hoje em dia, como é que eu consegui fazer aquilo: perder um tempão escrevendo teorema por teorema. Hoje em dia eu levo tudo no slide, tudo meio pronto e vou discutindo ali com os alunos - só envolvendo os pontos principais e já vou para os exercícios.

Então é outra aula, e isso reflete também na nossa convivência com os colegas, porque a gente não tem mais essa necessidade de quem é o melhor, quem é o mais difícil... já passamos dessa fase. E eu nunca tive nenhum problema nesse sentido. E também nunca tive problemas com meus colegas da matemática, daqueles problemas que eu tive como aluna, de gênero. E, claro, estamos falando de mais de quinze anos depois, as pessoas têm outra visão.

Muitas horas pensei que não ia conseguir. Mas eu acho que a fase mais difícil de tudo isso foi o doutorado, para mim foi muito difícil. Eu passei quatro anos como professora - naquela época a gente tinha que esperar quatro anos, passar o estágio probatório, para pedir para sair. E aí eu pedi para sair, fui fazer doutorado, não queria fazer doutorado na matemática [pura], fui fazer doutorado na teleinformática.

Mas o meu co-orientador de doutorado era o Jorge, que foi meu orientador de mestrado. É uma linha - que é geometria da informação - que envolve muita coisa de geometria, geometria pura, geometria riemanniana, só que voltado para a parte de informação. De mandar e receber informações, uma coisa que é estatística e não é estática. Muito difícil também.

Durante o mestrado, teve muitas vezes que eu pensei em desistir, mas não era uma opção - eu era graduada, eu não tinha emprego ainda, não era concursada ainda. O meu objetivo era maior. E durante o doutorado, muitas vezes eu me perguntei isso: “meu Deus, para que que eu vim fazer isso?”. Porque eu já era concursada, já estava aqui [UFERSA], já tinha arranjado meu “marido”. Os meus dois maridos, o meu marido - emprego que a minha mãe passou a vida dizendo, e o meu marido de verdade.

E ainda assim, a pessoa tem aquele comichão, sou filha da minha mãe, né. Fui fazer o doutorado. E foi muito pancada. Não sei se é por que é mais recente, mas como ferida na minha

alma, ainda tenho muito. Essa questão do doutorado foi muito sofrido. E não é pelo meu orientador, não é nada disso.

Depois eu mudei de co-orientador, o Jorge ficou sem tempo. Ele estava na minha banca, mas não entrou como meu co-orientador, entrou um outro professor, e ele era muito pancada. Ele é muito desumanizado, muito técnico, ele queria saber dos resultados, dos teoremas, da matemática; para mim foi muito sofrido.

Não que o mestrado não tenha sido, mas o doutorado foi muito, muito, muito, muito [pior]. Muitas vezes eu fiquei: “meu Deus, o que é que eu estou fazendo aqui?”. Eu dizia para as minhas amigas, as professoras daqui, no grupinho que a gente tem - eu amo maquiagem, dá para ver, né? - eu dizia que tinha vontade de largar tudo, fazer o curso de maquiadora e virar maquiadora.

Estava tão sofrido o processo, que eu queria abandonar a matemática e virar maquiadora. Eu me pegava assim em um período complicado de estudar, e eu ficava assistindo tutorial de maquiagem no You Tube. Pra tirar a mente daquilo tudo. No final, deu tudo certo. E estou aqui eu planejando um pós-doutorado, com o meus orientador de mestrado, junto com o de doutorado. Finalmente parece que a gente vai conseguir juntar, como a gente queria juntar no doutorado, que era a ideia inicial. Mas a ideia agora é que eu vá fazer o pós-doc com a supervisão dos dois, nessa área de avaliação, que é uma coisa que eu estou estudando - e que o Jorge faz muito lá na Seduc.

Eu estou pesquisando muito nessa área, eu estou indo muito para essa área. Até meus trabalhos de orientação no PROFMAT estão rumando para essa área, e eu quero fazer um pós-doc com eles lá para poder pegar mais o que é que a SEDUC anda fazendo - é bem diferente a educação do Ceará para a educação daqui.

Eu não conciliei a vida de trabalho com a vida pessoal. Não conciliei isso. Eu conheci meu esposo quando eu já era professora daqui, na verdade, eu tive uma vida dedicada a estudar. Claro, eu tive uns namorados ali, mas não conciliei. Família, sim. A minha família, minha família que é meu núcleo - meu esposo e meu filho - eu fui ter depois de tudo isso. Depois que eu já estava aqui. Fui fazer o doutorado já casada, ele brinca dizendo que eu enganei ele - a gente casou em Julho, eu fiz a seleção e entrei no doutorado em Janeiro.

E fui-me embora para Fortaleza, voltei para Fortaleza. E passamos quatro anos separados de novo. Tenho esses amigos, como eu digo que eu tenho até hoje, esses amigos que a matemática me deu. Eu sou muito grata, a gente é muito amigo. Mas a minha família, o meu núcleo, eu só formei depois de tudo isso.

Eu só fui ter Dudu [filho], eu engravidei de Dudu com quarenta anos, porque eu só fui ter filho depois do doutorado. Eu fico imaginando hoje, Dudu tem dois anos, se eu estivesse fazendo um doutorado no meio dessa loucura. Estou aqui olhando no relógio, porque eu vou já buscar ele na creche. Porque eu não tenho rede de apoio nenhuma aqui. Minha rede de apoio é a creche, ele fica lá, mas eu tenho horário para ir buscar ele. O que eu conciliei foi o meu casamento com o doutorado. Eu conheci o meu esposo aqui, vim solteira.

Eu acho que ocupo uma posição muito importante. Hoje teve o SEMIC¹³² de manhã, e o trabalho que minha aluna apresentou - a Marília¹³³ - a gente fez um recorte de gênero dentro da pesquisa.

Nós usamos essa ferramenta - que chama análise da componente principal - para conseguir ver qual é a principal habilidade - se o aluno se der bem naquela habilidade do ENEM - em geral ele tira uma nota boa em matemática. Só analisando da prova de matemática. E aí nós fizemos o recorte de gênero dentro da habilidade, a gente foi ver o acerto e o erro dentro dos gêneros. E a gente viu que as meninas em geral - analisamos as provas de 2009 a 2022 do ENEM - se saem muito bem em matemática, elas têm uma coerência muito boa na prova.

Mas quando a gente olha para o censo da educação superior, a quantidade de alunas nas exatas não bate com a performance na prova do ENEM. O intuito da nossa pesquisa era saber porquê. Como matemática é a principal matéria desses cursos de exatas, a gente analisou matemática. Será que é porque elas não se dão bem em matemática? E não é verdade. Em geral, em todos os anos - tem anos até que as mulheres estão com uma média melhor do que a dos homens. No acerto ou erro daquela habilidade, elas são melhores. Achamos, como pesquisadoras, que é mais cultural.

Essa minha posição destaque, como professora de matemática numa universidade federal, dando aula no curso de engenharia... quando eu entro numa sala hoje em dia, eu tenho cinco alunas - em média. Eu acho muito representativo para elas, para elas verem, olharem, dizerem: “eu posso!”.

E por coincidência, a minha bolsista de iniciação científica é mulher. A outra, que se formou em engenharia elétrica, Marília - é mulher também. Porque acaba que talvez seja isso, o meu papel tem essa representatividade para elas, como meninas também. Eu vejo isso como muito importante. E mais ainda, além da representatividade de gênero, eu acho que vem da representatividade de alguém que veio da periferia.

¹³² Seminário de Iniciação Científica.

¹³³ Marília Magalhaes Maia, discente da UFERSA.

Eu vim da periferia, eu digo muito isso para os meus alunos. Não foi uma vida simples, eu não vim de uma família que eu tinha tudo de mão beijada, não foi. Mas claro, eu vim de uma família estruturada, eu tinha o que comer e onde morar, eu tinha uma mãe que dizia: “estude, estude, o que eu lhe deixo, é o estudo”.

Isso aí conta muito, eu tenho consciência dos meus privilégios. Eu fiz um outro trabalho, também com Marília - na bolsa anterior - sobre a lei de cotas. A gente pesquisou muito sobre a questão histórica, desde a “libertação” dos escravos pra cá - e estudando isso, eu também tenho consciência do meu privilégio como branca. Mas eu só tive agora essa consciência desse privilégio, depois que eu li tudo isso. Eu estou até tentando ler mais sobre isso.

Eu tenho essa representatividade de gênero e de uma pessoa que veio da periferia e que chegou aqui. Eu digo para os meus alunos: “eu só cheguei aqui através do estudo, através de políticas públicas voltadas para a educação”. É uma posição de muita importância, como representatividade nesse sentido - mas eu também agora tenho muita consciência dos meus privilégios. Tudo bem, eu estudei, eu me esforcei, eu trabalhei... mas talvez, talvez, nesse meio do caminho, eu tive alguns privilégios por ser branca. Eu não tinha consciência disso até então, eu tenho o olho claro, talvez eu tive algumas portas abertas por causa disso e eu talvez nem percebi. Eu não tinha consciência do meu privilégio de cor, mas a gente vai aprendendo.

4.5 MARIA JOSEANE FELIPE GUEDES MACEDO

A professora Joseane é docente do CCEN e vinculada ao DCME, da UFRSA. Atua nas disciplinas vinculadas ao curso de CeT e também na licenciatura em matemática à distância. Foi a quarta contatada para o processo de pesquisa. Já tinha conhecido a professora em um evento de extensão que participei, como avaliadora das Feiras de Ciências das cidades que estavam participando do evento – na ocasião a professora estava participando da organização do evento e também como avaliadora.

A professora foi muito receptiva quando a contatei pelo WhatsApp e marcamos uma reunião para que pudéssemos conversar sobre sua participação na pesquisa. Durante esse contato, expliquei como funcionariam os procedimentos e a professora me informou que participaria com muito gosto, se mostrando muito interessada no tema da pesquisa.

A professora foi muito cordial e solícita durante a entrevista, que ocorreu de forma tranquila e alegre. A professora ainda foi muito gentil em me ceder o contato das outras professoras que ainda não tinha convidado para participar da pesquisa, e fez o intermédio entre mim e elas. A entrevista ocorreu em sua sala no dia 25/01/2024 e teve duração de uma hora e quinze minutos.



Meu nome é Maria Joseane Felipe Guedes Macedo, eu não sou do Rio Grande do Norte, sou paraibana, nascida em João Pessoa¹³⁴, mas morei em Campina Grande¹³⁵. Minha graduação e meu mestrado foram em Campina Grande. Matemática não foi a minha primeira opção, não foi o meu primeiro curso de graduação, apesar de ter sido sempre uma paixão. Sempre gostei de matemática. Mas a minha inscrição do vestibular foi para Computação. Não sabia nem o que é que eu estava fazendo da vida na época, mas não passei para a Computação, passei na segunda opção que eu tinha colocado, que era Meteorologia.

Fiz a graduação e mestrado em Meteorologia, fui trabalhar, e não gostei da área de trabalho. Brinco com os alunos que eu não nasci para ser garota do tempo, por isso que eu larguei a Meteorologia. Nesse meio tempo já tinha feito o vestibular de novo para Matemática. Eu fiz [o vestibular] para Matemática e voltei. Quando eu estava trabalhando – trabalhei em

¹³⁴ João Pessoa é um município brasileiro, capital do estado da Paraíba, na região Nordeste do país.

¹³⁵ Campina Grande é um município brasileiro situado no interior do estado da Paraíba, localizada a cerca de 113Km da Capital João Pessoa.

Recife¹³⁶ por um ano –, larguei, chutei o balde e disse: “vou voltar para a graduação em Matemática”.

Eu sempre gostei de matemática, das disciplinas na escola, a minha preferida era matemática. Uma coisa que eu sabia é que eu queria um curso da área de exatas, por conta da matemática. Eu era próxima dos professores, principalmente do professor de matemática. Eu acho que foi um grande incentivador aí. Eu me lembro que era o professor Jaildo¹³⁷, e era uma paixão: matemática.

No ensino médio, era uma escola particular pequena de bairro, ela não preparava muito a gente para o vestibular. Era uma turma muito unida a nossa e o professor de matemática, ele foi fundamental. Gostava das aulas de Matemática, de Física, de Química mais ou menos. Eu não era uma aluna muito CDF¹³⁸, de estar estudando. Eu tirava notas boas, era muito ligada à turma. Eu brincava muito, mas tinha a facilidade de pegar [a matéria, o conteúdo] rápido. Eu vim saber o que era estudar de verdade quando entrei na universidade.

Mas eu venho de uma família humilde. Eu acho que da minha família, por parte de mãe, eu sou a primeira a ter um curso de nível superior. Eu não tinha orientação nenhuma do que fazer, do que era a universidade. Eu sempre tive muito incentivo para estudar, meu pai sempre dizia: “não tenho herança financeira, não vou deixar para vocês, mas o que eu puder fazer para vocês estudarem...”.

Ele sempre tinha essa consciência. Muito inteligente meu pai, mas ele não teve a possibilidade de estudar, de avançar um pouco mais. Apesar de que eu acho que ele fez coisas absurdas, para as possibilidades dele; muito inteligente. E ele tinha essa visão de possibilitar que a gente estudasse, mesmo que em escolas mais simples. Se sacrificou para pagar uma [escola] particular, uma de bairro, mas sempre tinha essa preocupação.

Meus pais sempre me incentivaram, tinha horário de estudo, tinha um horário de fazer as atividades de casa e tinha horário de brincar. Tinha esse esqueminha e eu agradeço, porque teve época da vida que – óbvio, como toda criança – preferia brincar do que estudar.

Mas quando eu entendi que para eu mudar minha realidade financeira, as aspirações que eu tinha, eu tinha que estudar... Eu acho que o dispositivo da educação é o que faz a gente romper esse sistema cruel que a gente tem hoje. Não necessariamente romper, mas se pelo menos você quebra um pouquinho a barreira de sair lá da base e tentar ter uma vida um

¹³⁶ Recife é um município brasileiro, capital do estado de Pernambuco, localizado na Região Nordeste do país.

¹³⁷ Não foram encontradas informações sobre o professor.

¹³⁸ Sigla usada para chamar o indivíduo que é muito inteligente, que é muito dedicado aos estudos e que por isso está sempre alheio e pouco participa da vida social dos jovens de sua idade

pouquinho mais tranquila... Foi quando eu entendi que eu tinha que estudar, se eu quisesse um futuro um pouco melhor, um pouco mais promissor, então eu enfrentei aquilo.

Eu não era aquela pessoa muito disciplinada, mas quando eu me destinava a fazer uma coisa, eu ia e virava a pessoa mais concentrada. Mas eu tinha que ter uma motivação para aquilo, senão, eu ia fazer qualquer outra coisa. E eu sempre tive essa aptidão por matemática, mas eu fiz o vestibular sem saber o que é que eu queria, porque eu não tinha orientação nenhuma. Eu coloquei Computação, mas não sabia nem o que era Computação direito. Botei o curso de Computação, porque eu tinha feito um curso de Informática – que não tem nada a ver com Computação.

Entrei no curso de Meteorologia, porque era o curso menos concorrido, porque eu queria entrar na universidade. E como Meteorologia é um curso que é da área de exatas e que envolve muita matemática, física, tem um pouquinho de programação, eram as três coisas que eu me identificava; e eu fui me dando muito bem no curso.

Mas a matemática sempre estava lá, latente. Eu me identifiquei logo ali nas disciplinas do básico, as minhas maiores notas eram nas disciplinas de cálculo, nas disciplinas de álgebra. Então eu disse: “eu vou fazer o vestibular para Matemática”. Fiz o vestibular, só que aí eu já estava terminando o curso de Meteorologia e estava entrando no mestrado. Eu tinha bolsa de iniciação [na graduação] e eu peguei bolsa para o mestrado. Então para quem é pobre... o dinheiro da bolsa de mestrado na época era muito bom. Eu lembro que eu pegava esses dois salários, dava um salário para o meu pai – para ajudar nas coisas – e ficava com outro para mim, para as minhas despesas.

Matemática foi aquela paixão latente, mas que eu fui deixando de lado por conta da questão financeira, como eu já estava terminando o curso, estava com bolsa, e peguei bolsa de mestrado, fui adiando matemática. Mas quando eu fui trabalhar... Eu me identificava com o curso de Meteorologia enquanto graduação, porque é um curso que tem muita matemática envolvida, mas quando você vai trabalhar, a realidade do mercado de trabalho é muito diferente da vida acadêmica. Aí, eu disse: “mas o que que eu tô fazendo da minha vida aqui? Vou voltar pra matemática”. Realmente foi uma paixão que me fez moldar os horizontes, mas eu precisei dar toda essa volta para poder entender que realmente o que eu queria era matemática.

Pensei em fazer direto o mestrado [em Matemática], mas aí na época teve um professor que me orientou que eu fizesse a graduação, até por questão de concurso. Voltei para Campina Grande, fiz a graduação em Matemática rapidinho – porque aproveitei todas as disciplinas do básico – e fiz o mestrado, de novo, em Matemática.

E quando eu voltei para a Matemática, eu já tinha passado por uma graduação e por um mestrado, eu já sabia que eu queria trabalhar com matemática, mas eu queria trabalhar a nível superior, em pesquisa. Como eu tinha sido aluna de iniciação científica por muito tempo no curso de Meteorologia, eu queria trabalhar com pesquisa. Foi esse o motivo de eu não ter feito a licenciatura. Já conhecia, e fui direto pro bacharelado, pra ser mais objetiva.

Lá na UFCG¹³⁹ a gente entra no curso de graduação e ele meio que bifurca. Você entra em Matemática, mas você pode sair com a licenciatura ou bacharelado, ou os dois, se quiser. Você escolhe na medida em que for caminhando no curso. Quando eu fiz minha primeira matrícula no curso de Matemática... Lá [UFCG] tem as disciplinas de Tópicos Especiais de Matemática, Tópicos 1 e 2, que são base para a disciplina de Análise¹⁴⁰. Embora essas disciplinas de tópicos 1 e 2 fossem essenciais para a disciplina de Análise, não eram pré-requisito.

A disciplina de Tópicos 1 só era ofertada em semestres ímpares e a de tópicos 2 em semestres pares. E eu voltei para o curso de Matemática em um semestre par. Eu não podia cursar Tópicos 2, porque tinha como pré-requisito Tópicos 1. E não podia botar o 1, porque não estava sendo ofertado. A coordenadora olhou para mim e disse: “Coloca Análise, vai que dá certo”.

Então eu voltei para a Matemática, tinha saído dos cálculos que eu tinha pagado há dois, três anos e já entrei de cabeça no curso de Análise. Quando o professor começou com corolários, teorema, lema... eu tinha a cabeça de engenheira, porque o curso de Meteorologia é um curso de Engenharia, tem matemática, mas é aquela matemática da engenharia: os cálculos, o básico.

Eu pensei: “que loucura que eu fiz na vida, pedir demissão do trabalho para voltar para a graduação de Matemática?”. Deu aquele choque de realidade. Na primeira semana de aula, eu não entendia nada do que o professor falava, tive essa dificuldade. E aí eu falei com uma colega e ela me indicou um livro de análise matemática para a licenciatura, do Geraldo Ávila¹⁴¹. Eu li aquele livro todinho, depois que eu peguei o Elon¹⁴², porque o professor começa direto pelo Elon. É um curso bem puxado, o bacharelado da UFCG. O choque inicial foi aí, mas deu certo, consegui pagar a disciplina de análise. Eu e pouquíssimas pessoas. O que me ajudou foi esse livro do Geraldo Ávila, de análise para licenciatura.

¹³⁹ Universidade Federal de Campina Grande.

¹⁴⁰ A professora se refere à disciplina de Análise na Reta.

¹⁴¹ ÁVILA, Geraldo. **Análise matemática para licenciatura**. Editora Blucher, 2006.

¹⁴² LIMA, Elon Lages. **Análise real**. Rio de Janeiro: Impa, 2004.

Foi um pouquinho sofrido no primeiro semestre, mas depois eu vi: “isso que eu quero da vida”. E também uma dificuldade que eu senti quando eu voltei pro curso de Matemática, era que eu já trabalhava. Como eu tinha graduação e o mestrado de Meteorologia, eu dava aula em faculdade particular lá em Campina Grande. Dava aula à noite e fazia o curso de Matemática durante o dia, trabalhei durante a graduação toda. Foi mais puxado nesse sentido, alguns domingos foram estudando.

Uma coisa que eu senti muita falta foi de representatividade feminina. Acho que tinha, do curso todo, três professoras de matemática. Sendo que depois [professores] criaram o Departamento de Estatística e duas dessas professoras foram para o Departamento de Estatística, porque elas eram mais vinculadas às disciplinas relacionadas à estatística. Aí ficou uma professora de matemática para o bacharelado todo. Era aquele ambiente bem masculino. Só que eu já era um pouco calejada, porque eu vim de uma graduação da área de exatas. Hoje em dia a gente vê mais meninas na área do que na época.

Eu me lembro que no início, nas disciplinas de cálculo, uma turma de cinquenta, sessenta alunos deviam ter umas cinco meninas, seis. Era de um jeito assim, que quando a gente levantava, os alunos ficavam cochichando. E o professor não fazia nada para repreender, era naturalíssimo esse tipo de comportamento. Então acho que eu fui criando uma casca grossa, nesse sentido.

Era um ambiente que não era tão favorável para as mulheres, para as meninas. Era um ambiente meio machista, muitas piadinhas de cunho mais pesado, sabe? Sempre a mulher associada à questão do cuidado e que acha que a mulher nunca vai ser tão boa quanto o homem. Mas, por outro lado, mesmo sendo um ambiente bem masculinizado, tinham aqueles professores super receptivos. Mas existia esse tipo de coisa.

As amigas durante o curso geralmente eram mais homens, mas eu me dava super bem. Me lembro na época que eu estava trabalhando em Recife... No laboratório de meteorologia a gente de vez em quando fazia viagens para congressos, alguma coisa representando o laboratório. Teve uma vez que eu fui, só era eu de mulher. Depois, um dos meteorologistas que estava lá disse: “ah, mas foi bom você ter vindo. Nem parecia [uma mulher], parecia que era tudo homem aqui”. Eu já tinha o traquejo de lidar com homem a vida toda.

Não fiz trabalho de conclusão de curso de Matemática, não fiz, não tive trabalho de conclusão na graduação. Simplesmente terminei os créditos e pronto. Quando terminei a graduação de Matemática, eu não queria fazer o mestrado, porque eu já tinha mestrado em

meteorologia. Mas, na época, o coordenador do curso da graduação lá era Claudianor¹⁴³ – professor lá da UFCG – ele veio conversar comigo: “Joseane, faça o mestrado, porque você vai querer entrar na universidade”. Porque eu já estava fazendo bacharelado, o meu foco era ensino superior. Eu entrei com esse foco.

Então, eu fiz o mestrado a contragosto. Fui fazer a disciplina de verão, o verão que a gente faz para poder entrar naquele campo do mestrado. Mas aí eu disse: “quer saber, vamos encarar”. Eu fiz a seleção, entrei dentro das vagas para pegar a bolsa, mas não pude pegar a bolsa CAPES¹⁴⁴, nem CNPq¹⁴⁵, porque eu já tinha sido bolsista no mestrado em meteorologia. Você não pode ser bolsista de novo, para o mesmo nível.

Mas lá tinha a ANP¹⁴⁶, Agência Nacional de Petróleo, e tinha um professor, foi quando eu fui trabalhar com o professor Aparecido¹⁴⁷. O meu mestrado era em equações diferenciais parciais, mas era voltado para problemas de viscosidade, que era relacionado à retirada de óleo de petróleo. Aí, eu fui bolsista da ANP. Eu fiz esse mestrado em matemática e como era bolsista da ANP, eu tinha que fazer disciplinas específicas da ANP, de petróleo, gás; além das de matemática.

Mas foi uma experiência ótima. Eu sempre gostei muito de matemática pura. Mas essa condição da bolsa me levou para fazer mestrado num curso que era muito voltado para a matemática pura, mas tinha certa aplicação, porque eu estava resolvendo um problema de equação diferencial, mas que era voltado para a recuperação do petróleo. Para engenharia de petróleo. Então, foi muito bom, foi muito bom o mestrado, mas eu já entrei um pouquinho cansada. E ainda tive que fazer essas disciplinas por fora, então ficou bem puxado.

No mestrado ficou muito puxado, porque eu comecei o mestrado trabalhando, aí, eu peguei a bolsa da ANP. Pedi demissão da faculdade que eu dava aula, porque como eu era bolsista, tinha que ser dedicação exclusiva. Mas além das disciplinas do mestrado de Matemática – que não é pouca coisa – ainda tinha essas disciplinas da ANP que eu tinha que dar conta. Enquanto todo mundo estava estudando só para as disciplinas de matemática, eu ainda tinha o extra.

¹⁴³ Claudianor Oliveira Alves, pesquisador 1C do CNPQ e professor titular da Universidade Federal de Campina Grande.

¹⁴⁴ Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

¹⁴⁵ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

¹⁴⁶ Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis.

¹⁴⁷ Aparecido Jesuino de Souza, foi professor do Departamento de Matemática da UFCG e posteriormente, depois de aposentado, professor da UFPB.

A relação com o meu orientador do mestrado de Matemática foi ótima, já meu orientador do mestrado de Meteorologia, eu tive problemas seríssimos – de assédio, inclusive. Não assédio direto, mas aquele assédio velado.

Eu acho que se eu não tivesse tido uma inteligência, uma expertise – eu consegui ir me escorregando ali pela tangente – eu poderia até ter me prejudicado. Eu sofri, no curso de Meteorologia teve esse episódio. No de Matemática não teve, acho que eu já vim calejada do curso de Meteorologia, então, quando eu via que tinha essa possibilidade, de acontecer algo nesse sentido, eu já ia saindo.

Eu brinco que quando eu entrei aqui na UFRSA¹⁴⁸ eu tinha estresse de doutora e salário de mestre, porque o tempo que tinha levado das duas graduações e dos mestrados, eu teria terminado o doutorado.

Fiz o concurso aqui em Mossoró¹⁴⁹ em dezembro de 2008, eu estava terminando o mestrado em Matemática. Entrei aqui em janeiro de 2009 e defendi o mestrado em abril de 2009.

Quando você chega num certo momento da vida, você olha para trás e pensa que você tinha que passar realmente por tudo aquilo. Porque quando eu fiz o concurso aqui da UFRSA, eu nem conhecia Mossoró, mas o meu esposo estava concursado aqui, Álvaro¹⁵⁰ – eu já estava casada nessa época, a gente casou quando eu estava terminando a graduação de Matemática – ele entrou aqui e gostou. Aí eu disse: “quando tiver o concurso para aí, eu faço”.

A gente ficou assim, ele estava aqui em Mossoró e eu lá em Campina Grande fazendo mestrado. Ele foi um dos que me incentivou muito para fazer mestrado. A importância de você ter pessoas ao seu lado que entendam o que você quer fazer da vida e que não tirem isso [de você]... Para ele, talvez fosse mais cômodo eu ter vindo para Mossoró com ele, terminava a graduação e vinha. Ele não: “faço o mestrado, para os concursos”. Como ele também é da área, não é de Matemática, é de Contabilidade, ele entende.

Eu fiz o concurso aqui, em janeiro de 2009, e o concurso abriu para áreas afins. Aí, eu disse: “eu não acredito que eu estou fazendo esse mestrado à toa”. Porque eu já tinha mestrado em áreas afins¹⁵¹. Mas, quando eu fiz a prova escrita, caiu aquele teorema para provar a existência e unicidade de soluções de equações diferenciais. Era muito a ver comigo, da minha

¹⁴⁸ Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

¹⁴⁹ Município brasileiro no interior do estado do Rio Grande do Norte, estando distante 281 quilômetros da capital estadual, Natal.

¹⁵⁰ Alvaro Fabiano Pereira De Macedo, professor efetivo da UFRSA, Departamento De Ciências Sociais Aplicadas.

¹⁵¹ A professora se refere ao seu mestrado em Meteorologia.

área. Se eu não tivesse feito a disciplina de equações diferenciais no mestrado, eu jamais teria passado no concurso aqui.

Mesmo não tendo ainda o título de mestre, só o que eu tinha estudado no mestrado foi o que me possibilitou [passar]. Eu me lembro que na época do concurso, quem escreveu o ponto da prova dissertativa à nível de graduação não passou. Quem seguiu o nível da graduação não conseguiu passar. Nessa hora eu entendi porque é que eu tive que fazer esse percurso todinho.

Em 2013 eu saí para o doutorado, e optei por fazer o doutorado em Matemática. Como eu tinha tido essa experiência de trabalhar e ver que não era o que eu queria da vida, quando eu decidi que o que eu queria da vida era matemática, o doutorado tinha que ser em matemática.

O meu mestrado foi em equações diferenciais e o doutorado eu trabalhei com a parte de otimização. O doutorado foi na federal do Paraná, na UFPR¹⁵², e já estando na UFPR surgiu a possibilidade de fazer doutorado sanduíche¹⁵³. Passei um ano no exterior, fiz na Universidade do Minho¹⁵⁴, em Braga¹⁵⁵, norte de Portugal. Uma experiência incrível, enriquecedora, tanto de contatos profissionais quanto de experiência de vida mesmo. Abre os horizontes. É uma coisa que eu aconselho a fazer.

No doutorado eu saí completamente da minha região de conforto, eu fui fazer em Curitiba¹⁵⁶, na federal do Paraná. Novamente aquela coisa, eu e Álvaro, os dois no meio acadêmico, meio que tentando convergir as coisas para a gente ir crescendo junto, evoluindo. Ele conseguiu um doutorado na área dele, que as disciplinas ele fazia aqui na UFRS, só que depois ele tinha que passar um ano na instituição que estava oferecendo essas disciplinas, que foi na PUC¹⁵⁷ do Paraná.

E aí, quando ele conseguiu esse, eu já fui vendo se tinha doutorado em Matemática [lá]. Tinha um doutorado na federal do Paraná e, a princípio, o doutorado era em matemática aplicada. Só que quando eu entrei, ele se transformou para doutorado em Matemática.

Tinha uma prova que teria que ser feita lá, ou a prova viria para onde você estivesse, se tivesse uma pessoa fiscal da instituição para fiscalizar a prova. E aí eu conversei, entrei em contato com a coordenação de lá, dizendo que estava interessada em fazer o doutorado. A gente

¹⁵² Universidade Federal do Paraná.

¹⁵³ Tipo de doutorado que permite passar um período de tempo em uma outra instituição, fora do Brasil.

¹⁵⁴ A Universidade do Minho (UMinho) é uma universidade portuguesa jovem e dinâmica fundada em 1973 e com início da atividade letiva em 1974. Tem três Campi - Campus de Gualtar, Campus de Azurém e Campus de Couros - localizados em duas cidades históricas encantadoras – Braga e Guimarães.

¹⁵⁵ Cidade no extremo norte de Portugal.

¹⁵⁶ Curitiba é a capital do estado do Paraná, na região sul do Brasil.

¹⁵⁷ Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

fez todo o trâmite para ter uma pessoa orientando, fiscalizando enquanto eu fazia a prova, e passei.

A gente aqui do Nordeste, no interior do Nordeste, tem um complexo de inferioridade. Por mais que ele não seja declarado, mas, no seu íntimo, você tem – principalmente quando você ainda não foi para outros locais. Então, eu fui muito reticente para lá: “meu Deus, o que é que está me esperando lá nesse doutorado?”. Mas aí, quando você chega, você vê que os cursos daqui são tão bons, se não forem melhores, do que os de lá. Nesse sentido, eu acho que a UFCG me preparou muito bem pra vida matemática.

Eu consegui, mas é puxado. Porque a gente entra no doutorado em Matemática, principalmente nestes de matemática pura, tem que fazer as disciplinas e você ainda tem que fazer os exames escritos. Eu acho isso muito cruel, porque é como se fosse uma validação. Você fez as disciplinas, você fez provas para cada uma das disciplinas – em matemática a gente tem esse estilo de avaliação, só é prova, prova –, mas ainda não é suficiente. Você ainda tem que provar um pouco mais, de novo, que você sabe daquilo.

E lá na UFPR você tinha que fazer um [exame] na área que você escolheu para fazer o doutorado, mas não é suficiente você saber da sua área, você ainda tem que fazer em uma segunda área. Eu escolhi trabalhar com otimização e tive que fazer exame de qualificação em otimização e em outra área, em análise numérica, que era o que eu achei mais próximo da minha área de otimização.

Quando a gente chegou lá, era em uma época que o governo federal estava dando muito incentivo para você estudar fora do país. Eram os doutorados sanduíches. Você passava um tempo do seu doutorado numa instituição do exterior, e tinha esse incentivo muito grande. Eu me lembro de que na primeira reunião do doutorado, já teve esse incentivo, explicando como é que era o projeto, que tinha essa possibilidade, incentivando todo mundo a ir. Eu vislumbrei essa possibilidade.

Só que, como Álvaro também estava no doutorado – ele tinha entrado um ano e meio antes de mim – e nós tínhamos o filho mais velho, o Luis Henrique, que na época tinha quatro anos, para conciliar, tinham que sair os três juntos. Ele [Luis] era muito pequenininho, a gente não queria ficar separado. A gente queria na mesma cidade ou cidadezinhas próximas, para poder ir e voltar todo dia com mais facilidade.

Para sair [para o doutorado sanduíche] na mesma época [que Álvaro], eu tive que antecipar as disciplinas. Em vez de fazer dois anos de disciplinas no doutorado, eu tive que fazer minhas disciplinas e meus dois exames em um ano e meio. Porque para eu sair para o

sanduíche, eu tinha que sair com os dois exames aprovados. Isso foi muito puxado para mim, foi um ano e meio intenso de estudo.

Fomos os três, foi uma experiência maravilhosa. E esse doutorado sanduíche depois resultou numa cotutela de tese. Eu tenho o diploma como se eu tivesse feito o doutorado lá [UMinho], mas tem discriminado que é doutorado em cotutela de tese.

Para compensar essa falta de representatividade feminina na minha graduação e no meu mestrado, no meu doutorado eu tive uma orientadora mulher. Elizabeth Wegner¹⁵⁸ – ela hoje está aposentada, aposentou jovem, mas continua na pesquisa –, que também é super atuante nessas questões de incentivo para as meninas na matemática. E em Portugal, eu tive duas co-orientadoras: uma era de Matemática, a outra de Computação. Eram quatro mulheres no meu doutorado, eu e as três professoras. Assim deu para dar uma compensada.

Foi muito boa a relação com as professoras. Tinha horas que eu tinha que dar uma fugida delas, senão era só trabalho, mas foi muito bom. Mulheres que realmente foram exemplos de questões éticas. A gente é colocada nessa carga, que a gente tem que ser uma mulher-maravilha, para poder dar conta de tudo. Foram mulheres, que tinham horas que eu olhava para minha vida assim: “mas como é que eu vou dar conta?”. Aí, eu olhava para elas, e elas faziam mais coisas do que eu. Foi inspirador, mas também no sentido daquele alerta: “será que a gente tem que dar conta disso tudo mesmo?”. E tem que fazer tudo bem feito, onde é que fica a humanidade nisso?

Sou mãe de três. Tem um mais velho, que tem treze anos, Luis Henrique. E tem os gêmeos, Guilherme e Vitor, de cinco anos. Entrei na pandemia com bebês, com gêmeos, dando aula remota, mas estou viva, estamos aqui.

Até o doutorado, só tinha Luis Henrique. Quando a gente foi para Curitiba, a gente colocou ele numa escola integral, no sentido de possibilitar a gente estudar, mas também porque a gente chegou lá e não conhecia ninguém. “Eu vou deixar quem com ele enquanto eu estou estudando?”. Não tinha como. E eu tive a sorte que tinha uma escola vizinha à UFPR, parede com parede. Quando eu olhei, eu disse para Álvaro: “ele vai estudar aqui, vamos botar ele aqui”. Porque eu pensava assim: “se ele tivesse problemas de adaptação, eu estava do lado”, saía da minha sala, eram uns dez minutinhos andando.

Ele também sempre foi uma criança muito tranquila, tive essa sorte. Adoeceu bastante, porque ele era alérgico, a gente só descobriu depois que ele era alérgico. Um ano e meio que a gente ficou em Curitiba, a gente deu entrada no hospital doze vezes. Ele com as crises, quando

¹⁵⁸ Elizabeth Wegner Karas, professora aposentada do Departamento de Matemática da Universidade Federal do Paraná.

vinha a crise, que ele gripava, ele tinha dor de ouvido. Teve vez de eu fazer prova de disciplinas do doutorado, e eu tinha passado a noite anterior no hospital com ele – e no outro dia de manhã tinha uma prova. É uma loucura, e falta incentivo nesse sentido. Onde é que fica a maternidade no meio acadêmico?

Se eu não tivesse uma estrutura financeira, de conseguir matricular ele numa escola que era ali do lado, que era cara... eu acho que eu não teria conseguido dar conta. E quem não tem essa estrutura financeira? Porque eu saí para fazer o doutorado, eu já era concursada, Álvaro era concursado. A gente tinha essa condição, de botar na escola que desse esse apoio para eu poder conseguir desenvolver a pesquisa.

E sempre tive uma pessoa ao lado, um companheiro, que entendia que ele não tinha que ajudar, mas que ele tinha que participar do processo. Tive essa sorte. Eu digo sorte, porque a gente vê na realidade, é que a grande maioria não é assim. E mesmo assim, foi puxado. Muito puxado. E quem não tem esse apoio? Então, é aí que eu acho que a gente, enquanto mulher, tem que lutar pra que tenha, de fato, uma inclusão. Que você consiga ter sua vida, ter sua família ou o que quer que seja e, ao mesmo tempo, uma vida acadêmica ou uma vida profissional. E a gente não vê isso, não vê. Os gêmeos vieram quando eu voltei do doutorado, no finalzinho de 2017, e em 2018 eles nasceram.

Foi uma loucura, eu grávida deles, tentando escrever o meu artigo da tese, para submeter o artigo. A gente mandou para uma revista que era bem criteriosa, foi uma demora para eles responderem, pediram os ajustes necessários, a gente enviou, foi outra demora pra responder. A gente submeteu o artigo num dia, no outro dia eu dei à luz aos gêmeos. Eu me lembro de estar em uma reunião – eu aqui em Mossoró, Elizabeth em Curitiba, e Fernanda¹⁵⁹ e Ana Rocha¹⁶⁰ em Portugal – e elas dizendo: “Joseane, você vai dar a luz amanhã, vamos submeter logo isso [o artigo]”.

Eles nasceram, e no primeiro ano, quando eu retornei aqui pra UFERSA, eu fazia o básico – que era dar aula, e peguei uma disciplina do mestrado. E eu sei que tinha gente que se incomodava com os meus nãos. Eu não tinha condições, eu estava com dois bebês em casa. Eu dava aula, apareceram um ou dois alunos do mestrado para orientar... mas eu disse: “eu não tenho condições de pegar mais nada”. Mas as pessoas não entendem, não é você usar o filho como desculpa. No ambiente acadêmico, a gente tem que dar conta da graduação, tem que fazer

¹⁵⁹ Maria Fernanda Pires da Costa é Professora associada do Departamento de Matemática da Escola de Ciências da Universidade do UMinho e Investigadora do Centro de Matemática (CMAT) da Universidade do UMinho e co-orientadora de doutorado.

¹⁶⁰ Ana Maria Alves Coutinho Rocha é professora associada do Departamento de Produção e Sistemas (DPS) da Escola de Engenharia da Universidade do UMinho., professora da UMinho e co-orientadora de doutorado.

pesquisa e tem que fazer extensão, tem essa tríade que a gente tem que dar conta. Mas a gente não tem que estar fazendo as três coisas ao mesmo tempo.

Aula na graduação, você é obrigado, porque você é contratado para ser professor, você pode escolher se você vai atuar mais na pesquisa, se vai atuar mais na extensão... as pessoas querem que você faça tudo, e que faça tudo bem. Mesmo que você não tenha filhos, que você seja uma pessoa sem compromisso, que tenha só a sua vida pessoal, é adoecedor. Ainda é muita coisa. Quando eu dizia não, eu sentia um incômodo [por parte dos outros], inclusive de mulheres, que é o mais estranho. Mas às vezes, na cultura que a gente é imposta, dessa alta produtividade o tempo todo, as mulheres mesmo ainda não entendem o quanto às vezes um comentário ou uma falta de apoio pode afetar a outra.

A gente cobra de fora, mas tem coisas, ações, que tem que começar daqui. Óbvio que teve ali uma fase que eu fazia o básico do básico. Aí, entrou a pandemia, eles [gêmeos] estavam com um ano e um mês, e aí eu comecei a dar aula remota. E tinha vezes que a aula remota era com eles batendo na porta do escritório: “mamãe, mamãe!”. Aconteceu várias vezes de eu esquecer de fechar a porta do escritório e eles invadirem a aula.

É muito puxado, é muito puxado... E eu tinha apoio em casa, eu tinha a condição financeira que me deu a possibilidade de ter uma pessoa ajudando em casa enquanto eu estava trabalhando. É uma loucura o que as mulheres enfrentam hoje em dia. E você ainda escutar muitas vezes a pessoa dizer: “ah, mas você está fazendo isso porque quer, você não é obrigada a estar fazendo isso”. Cadê a inclusão, cadê o apoio?

A gente tem vários dados aí, de que as mulheres produzem mais que os homens quando elas estão à frente, inclusive elas são mais lucrativas. Tem pesquisas – tirando um pouquinho da área acadêmica, indo para a questão empresarial – que mostram que quando você tem mulheres no comando, as empresas ganham mais. Mas, mesmo assim, a gente não vê. O que a gente tem hoje em termos de graduação, pelo menos na área de Matemática, lá na base tem muita mulher. Não necessariamente proporcional à quantidade de mulheres na população, mas a gente já tem uma representatividade maior do que eu tinha na minha época. Mas, quando você vai subindo a pirâmide e vai para uma pós-graduação, isso já reduz drasticamente. Quando você vai procurar mulheres em cargos de liderança, some.

Faz um ano que eu estou participando da comissão de gênero¹⁶¹, que é uma iniciativa da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), com a Sociedade Brasileira de Matemática

¹⁶¹ Comissão de Gênero e Diversidade da SBM e SBMAC, que tem como objetivo propor e divulgar iniciativas que estimulem a redução da diferença de gênero e que aumentem a diversidade entre as pessoas que atuam na área de Matemática no Brasil.

Aplicada e Computacional (SBMAC). Uma comissão de gênero e diversidade, exatamente para trabalhar essas questões: sobre o apoio, sobre a questão da universidade, o que é que falta para a gente ver mais mulheres no topo. Tentar trabalhar nesse sentido, mais voltado especificamente para os cursos de Matemática. Eu recebi esse convite, foi uma surpresa, porque eu não tinha tantos contatos...

Tinha feito um curso, Mulheres em *Tech*, inclusive foi minha ex-orientadora lá de Curitiba que disse que era um curso muito legal, que trabalhava essa parte de liderança feminina. Foi quando eu estava voltando [a atuar], Guilherme e Vitor já estavam com uns três anos, eu estava querendo retomar a pesquisa de fato.

Porque eu estava orientando no PROFMAT¹⁶², mas eu não estava trabalhando ainda com otimização – meu doutorado – tinha publicado um artigo e tinha ficado ali, enterradinho meu artigo, e não tinha saído mais nada. E o curso meio que lhe dava toques em todos os sentidos, de organização, o que fazer... E nesse curso eu conheci algumas pessoas, eu acho que foi daí que surgiu esse convite para participar da comissão de gênero e diversidade da SBM e da SBMAC. E a gente trabalha exatamente discussões nesse sentido, do quanto o sistema coloca a gente à margem, à medida que você vai subindo ali na pirâmide.

Teve um dado momento do meu trabalho, da minha atuação na comissão de gênero, que eu precisei fazer um levantamento das mulheres que são bolsistas de produtividade na área de Matemática. No curso de Matemática, em qualquer área, qualquer das áreas. A gente precisava de nomes para a gente sugerir para os CA's¹⁶³ do CNPq, para ter mais representatividade feminina. A comissão estava querendo fazer essa pressão, porque estava tendo uma troca de dois ou três membros lá no CNPQ, e a gente queria fazer uma pressãozinha para que fossem mulheres [a assumir os postos]. Um ou dois desses membros eram mulheres, se a gente não fizesse a pressão, tínhamos muito medo que colocassem homens no lugar, em vez de mulheres. Eu, enquanto representante do Rio Grande do Norte, do Nordeste, disse que ia procurar uma [mulher bolsista de produtividade] do Nordeste para indicar. Não tem. Não tinha nenhuma bolsista de produtividade na área que estava precisando lá nos CA's.

Para estar no CA, teria que ser bolsista de produtividade nível um, acho que até o nível dois ainda poderia, mas não tinha nenhuma. Então, isso me frustrou de uma maneira... o que acontece é que ninguém é a mulher-maravilha, ninguém dá conta. Chega numa fase da vida que você não se dedica só àquela parte profissional – e os homens, mesmo tendo família... mas a

¹⁶² Programa de Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional.

¹⁶³ Comitês de Assessoramento.

carga, a grande maioria, fica para a mulher – eles vão alavancando e a gente barra, a gente fica estagnada ali.

Estar na Comissão [de gênero e diversidade] está me transformando em todos os sentidos, era uma temática que já me incomodava – eu acho que pela vivência, meu histórico todo –, mas que eu ainda não tinha atentado para trabalhar mais ativamente nisso. Porque não adianta a gente só se incomodar. Você vai se incomodar e pronto, e não vai mudar nunca. Com as discussões, as possibilidades vão abrindo o horizonte. Tem me transformado, é uma experiência incrível.

Eu cheguei a pensar se eu deveria ou não aceitar, porque quando mandaram o convite, os gêmeos ainda tinham três anos. Eu querendo retomar a minha pesquisa a nível de doutorado e pensei: “como é que eu vou fazer se eu vou assumir a comissão de gênero?”. Mas ao mesmo tempo são oportunidades que aparecem, e eu digo assim: “se eu estou me sentindo incomodada enquanto mãe, eu tenho que dar voz a esse meu incômodo”. Achei que era a oportunidade, então fui.

Eu não achava que eu já ia entrar aqui [UFERSA] concursada, eu achava que eu ia passar um tempo como professora substituta. Mas eu tive a sorte de estar terminando o mestrado na época da expansão das universidades, do governo Lula, abriu vaga demais. Meu orientador na época do mestrado queria que fosse fazer o doutorado logo, queria que eu fosse para o IMPA¹⁶⁴, porque queria que eu fosse trabalhar com o orientador dele do doutorado. Mas estava abrindo concurso em tudo quanto é canto.

Entrei aqui e já tinha experiência de sala de aula, mas confesso que olhando para trás, a Joseane de hoje é completamente diferente. O que eu acho que encanta a sala de aula é isso, porque ela é dinâmica. Você pode dar a mesma aula para turmas diferentes, mas não vai ser a mesma, é o mesmo conteúdo, mas a aula não. É o que sempre me encantou nesse ofício de ensinar – por ter tido outra experiência, de trabalhar lá em meteorologia, de trabalhar no escritório, todo dia a mesma coisa, não me encantou – o que eu gosto é isso.

Mas, quando eu olho para trás, quando eu entrei aqui em 2009, era aquela professora que começava a escrever no quadro, enchia o quadro de um canto a outro, bem tradicional. Porque era a escola que eu tinha tido, os professores eram assim. E aos poucos eu fui evoluindo neste sentido, de usar mais recursos computacionais, escrever menos, trabalhar mais a sala de aula para discutir exercícios, discutir ideias. Nesse sentido, eu acredito que eu tenha evoluído bastante ao longo dos anos.

¹⁶⁴ Instituto de Matemática Pura e Aplicada

Passaram tantos professores na minha vida, professores que eram exemplos que eu queria seguir e exemplos do que eu não queria ser enquanto professora. Eu acho que eu consegui filtrar isso, de experiências negativas. O que eu não quero para mim, eu não quero para os outros. Apesar de eu ter passado por experiências bem desagradáveis de graduação e mestrado, eu sempre tomei isso como exemplo do que eu não deveria fazer em sala de aula. E a evolução vai ser constante, se você for falar comigo daqui a dez anos eu vou dizer: “a Joseane de hoje, que dá aula, não tem nada a ver com Joseane de dez anos atrás”.

A partir do momento que a gente admite que sempre tem o que melhorar, e que você sabe um tantinho de nada... Eu gosto, na sala de aula, de me botar muito em pé de igualdade com os alunos: pode interromper, não existe dúvida besta, não existe dúvida simples. Eu tento deixar eles à vontade, apesar de que tem uns que ficam intimidados. Porque eu acho que é isso, quando você parte do ponto que você sabe tudo, você não evolui mais nada, estagnou. A gente é dinâmico e está sempre em aprendizagem.

Eu vejo com uma responsabilidade grande a posição que ocupo hoje. Mas, assim, eu ainda me sinto muito em falta... quando eu olho para trás vejo tanta gente, tantos colegas meus, meninas, que eram tão boas e que não chegaram aonde eu cheguei. E por falta de possibilidade mesmo, por falta de oportunidade. Porque hoje em dia, o sistema como está, se você vem lá de baixo, você termina tendo que ser ninja, para poder passar por tudo e chegar.

E as pessoas usam esse exemplo de uma porcentagem pequena da população, que sai lá da base e chega, e usa aquilo para dizer assim: “olha, fulano conseguiu, você consegue”. E isso não é só para as meninas – a menina tem uma dificuldade a mais – mas o homem também tem dificuldade.

Então, eu acho que a minha responsabilidade, enquanto professora de uma instituição federal, não é só dar aula bem, não é só orientar bem, não é só ajudar quem está aqui. Eu acho que eu tenho uma responsabilidade com quem está fora, porque essa instituição sobrevive com o dinheiro de todo brasileiro. Tem gente que está pagando o imposto no quilo de feijão, que ganha um salário mínimo, o mesmo imposto que uma pessoa que é milionária paga. E ele está pagando isso aqui, pelo meu salário. Eu digo isso aos meus alunos: “ele está pagando por vocês estarem aqui na sala de aula”. E eles muitas vezes não sabem nem da existência, nem da possibilidade, nem vislumbram de longe a possibilidade de um dia ocupar uma posição dessas.

Eu sinto que é uma responsabilidade tremenda, e que eu ainda tenho que enveredar pra essa parte da extensão. É uma coisa que eu quero fazer. Agora, com a comissão, estão me vindo muitas ideias, de tentar trabalhar isso. E é o que eu já venho tentando fazer na orientação do

mestrado de Verônica¹⁶⁵, que é voltada para sub-representatividade feminina. No sentido de que a gente tem que fazer algo para que as pessoas entendam que isso aqui é delas.

Não é porque eu estou aqui, cheguei, e você – se quiser – tem que ralar e fazer a mesma coisa. Não. A gente tem que lutar para que as pessoas, primeiro entendam que isso aqui existe, entendam que elas podem e têm capacidade de estar aqui, como qualquer outra. Tenho que sair dessa minha zona de conforto, desta minha cadeirinha e ir atrás e fazer atividades extensionistas nesse sentido. Trazer mais a galera pra cá, principalmente as meninas.

Uma coisa que eu venho discutindo com Verônica, que eu estou orientando, aluna do PROFMAT e professora do ensino básico... Ela vem conversando comigo e diz: “professora, eu quero trabalhar nisso, porque eu vejo alunas minhas que eu pergunto o que é que elas querem fazer da vida e elas dizem que não querem nada”. Mas não é porque elas não se interessam, é porque isso [sociedade] aos poucos vai tirando... Essa ideia de que a mulher não tem aptidão para matemática, é uma ideia que está arraigada na nossa cultura. Você chega numa loja de brinquedos – essa experiência de comprar um presente para uma criança –, chega lá e a vendedora pergunta se é para menino ou para menina. É separado. Só falta dizer que menina é rosa e menino é azul.

Você chega ao setor onde tem uns presentes de menina, é só coisa com cuidado, cuidar da casa, maquiagem, cozinha, bijuteria para fazer, é só isso. Você vai pro setor do que é dos meninos – pelo menos do que eles convencionam que é dos meninos – estimula o raciocínio lógico, aí, joguinho, astronauta... É uma coisa que é estrutural na nossa sociedade, que a mulher é do cuidado e o homem é que é o provedor do lar e quem deve trabalhar. Além disso, ainda tem a questão da família tradicional brasileira, que é o homem e a mulher, ainda tem essas questões enraizadas. É uma coisa que a gente tem que quebrar e que tem hora que eu digo: “meu Deus, por onde é que a gente começa?”.

Porque quando você vai para o ensino infantil, três ou quatro anos, e o professor vai brincar de matemática, todas as crianças gostam de matemática, independente de ser menino ou menina, ou de como se identifique. Eles adoram formas geométricas, aprender os números, essas coisinhas, eles amam. Aí, chega um momento que começa a avançar um pouquinho nos níveis e, de uma maneira geral, já tem aquele horror com a matemática... se alguém que tenha aptidão, que sejam os meninos e não as meninas. Eu acho que esse meio aí é uma coisa que tem que ser bastante explorada nas pesquisas. O empoderamento feminino. No sentido de que elas

¹⁶⁵ Verônica Benevides da Silva, orientanda de Pós-Graduação.

têm, sim, total condição de enveredar, não somente para matemática, mas para qualquer área das exatas.

4.6 MARIANA DE BRITO MAIA

A professora Mariana é docente do CCEN e vinculada ao DCME, da UFERSA. Atua nas disciplinas vinculadas ao curso de CeT e também na licenciatura em matemática à distância. Foi a quinta contatada da UFERSA. Não tive a oportunidade de ter contato com a professora antes, somente em uma banca de concurso para professora substituta que participei como concorrente e ela estava me avaliando. A professora relatou que se lembrava de mim quando iniciei o contato com ela por WhatsApp, com o contato cedido pela professora Joseane.

Marcamos uma reunião pessoalmente para que eu pudesse lhe explicar como seria o procedimento de pesquisa e a professora se mostrou muito empolgada e interessada no tema, dando seu pronto aceite de participação.

A professora, desde o começo, foi muito simpática, alegre e cordial no seu tratamento comigo. Inclusive disse que tinha muito interesse no tema, para futuras pesquisas, e como assunto de cunho pessoal. A entrevista ocorreu na sala da professora no dia 06/02/2024 e teve duração de uma hora e quarenta e seis minutos.

----- ¶ -----

Meu nome é Mariana, eu sou atualmente professora de Matemática daqui da UFERSA¹⁶⁶, atuando no curso de CeT¹⁶⁷ e também no curso de Matemática à distância. Me graduei em Limoeiro do Norte¹⁶⁸, na FAFIDAM¹⁶⁹, lá no Ceará, na UECE¹⁷⁰ – Licenciatura em Matemática. Na época não era exatamente a escolha, mas a gente do interior não tinha tantas escolhas assim, acabei indo para a Matemática. Eu sempre gostei de matemática, acabei me apaixonando mais pela profissão e eu acho uma profissão belíssima, ser professor. Hoje eu gosto bastante. Então acabei ficando na matemática. Posteriormente, eu fiz o mestrado e o doutorado na área de Matemática na Paraíba, na UFPB¹⁷¹.

Minha família sempre teve muito essa questão da educação. Embora meus pais não tenham conseguido estudar na época deles, meu pai – inclusive, ele se formou muitos anos depois; ele se formou quase junto comigo, ele fez Administração – só conseguiu terminar até o

¹⁶⁶ Universidade Federal Rural do Semi Árido.

¹⁶⁷ Bacharelado em Ciência e Tecnologia, curso de graduação ofertado pela UFERSA.

¹⁶⁸ Limoeiro do Norte é um município brasileiro, no estado do Ceará, localizado a cerca de 200Km da Capital Fortaleza e faz parte do Vale do Jaguaribe.

¹⁶⁹ Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, centro da Universidade Estadual do Ceará em Limoeiro do Norte.

¹⁷⁰ Universidade Estadual do Ceará.

¹⁷¹ Universidade Federal Da Paraíba.

terceiro [ano do ensino médio]. A minha mãe não chegou a terminar o terceiro, mas eles tinham muito em mente que a educação era um meio. Sempre fui muito incentivada, muito mesmo, é tanto que eu estudava em escola pública e no dia que o meu pai teve uma mudança de emprego, que ele foi para um emprego que ele começou a ganhar um pouquinho melhor – a gente vivia no aperto, aquele aperto que terminava o mês já devendo as coisas mês seguinte –, a primeira coisa que ele fez foi me colocar numa escola particular.

Eles tinham muito isso, eles queriam dar para mim a melhor educação possível. Eu estudei na escola pública até a terceira série do ensino fundamental, aí fui para a escola particular. Ao longo dos anos na escola particular, alguns anos eu fui bolsista, as coisas melhoravam ou pioravam [financeiramente] à medida do possível, mas eu fui bolsista alguns anos. Quando eu terminei [o ensino médio] eu concorri no PROUNI¹⁷², porque fui bolsista o ensino médio todo.

Eu me lembro que, na escola pública, eu enfrentei algumas dificuldades, porque na turma que eu estava pela manhã tinha muitos adultos. Tradicionalmente, tinham turmas com muitos adultos – não necessariamente adultos, mas adolescentes já bem maiores, fora de faixa –, turmas do ensino fundamental. Minha mãe às vezes ficava um pouco receosa; a gente [as crianças] não brincava muito no recreio, não podia brincar na quadra, porque a quadra era para os meninos maiores. Tinha uma série de questões que me deixaram meio mal com a escola.

Mas, apesar de tudo, era uma escola boa, e os professores incentivavam muito. E quando eu fui mudar para a escola particular, a gente tinha que fazer uma prova. Todo aluno que mudava da pública para lá, fazia uma prova, para saber se ia permanecer no ano que tinha saído ou se ia ter que repetir algum ano. Me lembro que eu fiquei meio assustada, mas eu consegui passar muito bem pela prova. Apesar de todos os problemas ao longo desses anos na escola pública, eu ainda me saía muito bem. Tive bons professores na escola pública, professores que incentivavam muito; inclusive, posteriormente, eu voltei como professora dessa escola e foi uma experiência muito boa.

Quando eu passei para a outra escola, foi muito bom nesse sentido, todos os meus colegas eram da mesma idade, havia essa socialização. Eu continuei sendo muito incentivada pelos professores, uma coisa até ruim um pouco, porque os professores da escola particular incentivavam muito a competição. Eu tive dificuldade de fazer amigos na época, por conta desse incentivo à competição. Porque eu cheguei da escola pública, mas as minhas notas não

¹⁷² Programa Universidade para Todos: oferta bolsas de estudo, integrais e parciais, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições de educação superior privadas. O público-alvo do programa é o estudante sem diploma de nível superior.

caíram, então, os professores quando queriam incentivar a turma diziam assim: “olha, ela era da escola pública e sabe mais, está tirando nota melhor que vocês”. E isso não era bom, durante um tempo foi meio complicado, mas passou. Eu tinha um bom relacionamento de uma forma geral com o pessoal da escola; acabei dando aula nessa escola também, posteriormente.

Tive excelentes professores no ensino médio, excelentes. Os do fundamental foram bons, mas tinha essas questões: era uma didática não Freiriana. E eu fui para Matemática por causa da minha professora de Matemática do ensino médio, eu escolhi a Matemática por causa dela. Então, isso com certeza foi um grande ponto para essa escolha, porque ela era uma professora jovem, tinha estudado na escola também, estava fazendo o curso de Matemática – na época ela ainda não tinha terminado –, ela era um excelente professora, muito dedicada, muito empolgada. Ela fazia trabalhos... eu lembro que a gente teve um trabalho maravilhoso, que eu adorei: a gente leu *O homem que calculava*¹⁷³. A gente lia e interpretava, fazia um teatro, tiveram outros [trabalhos] que a gente fazia com história em quadrinhos. Ela sempre teve essa visão de trazer a gente para a matemática, da gente querer estudar Matemática por isso, por meios diferentes. O tempo que eu fui aluna dela foi excelente, e fez toda a diferença nessa minha escolha. Eu tive outros professores muito bons também, de outras áreas, mas não marcaram tanto.

Os cursos que estavam sendo ofertados na época que eu prestei vestibular eram História, Matemática, Geografia e Letras em Inglês, se não me engano. E aí, eu não tive dúvida, fui pra Matemática, por causa dela, muito por causa dela. E eu acho que isso foi muito bom também, era uma presença feminina forte na área, porque já na escola a gente ouvia muito essa questão, essa segregação das meninas com as exatas. Isso sempre foi recorrente na vida da gente, de toda mulher que tentou, que estudou exatas, acho que sempre se deparou com esse tipo de coisa. Já acontecia, na escola eu me deparei com isso. Tive uma professora de Física, mas foi por um curtíssimo período de tempo, depois já eram professores. Mas eu nunca tive problemas na escola com questões de assédio, de nenhum tipo: nem moral, nem sexual, me dava muito bem com os professores. A escola foi um período bem tranquilo.

À princípio, quando eu estava estudando na escola, meu sonho não era Matemática. O sonho era ir para a Moda, porque minha mãe era costureira, minhas avós eram costureiras e eu adorava estudar. Então, eu queria sim estudar, eu queria ir para esse meio acadêmico, mas eu

¹⁷³ TAHAN, Malba. *O homem que calculava*. Record, 2001. Narra a história de Bereniz Samir, um viajante com o dom intuitivo da matemática, manejando os números com a facilidade de um ilusionista. Problemas aparentemente sem solução tornam-se de uma transparente simplicidade quando expostos a ele. Gráficos facilitam ainda mais a leitura do livro.

queria ir para essa área que eu sempre amei, cresci rodeada de revista, de molde em cima da mesa, de tecido, vendo elas costurarem. Então eu queria juntar as duas coisas. Meu sonho na época era ir para a Moda. Quando eu terminei o ensino médio, eu não tive a oportunidade, não existia o curso lá, só na capital [Fortaleza], e eu não tinha condições de ir embora para a capital. Não tive condições nem de tentar Moda.

As minhas opções eram: o PROUNI em Aracati¹⁷⁴, na FVJ¹⁷⁵; Matemática em Limoeiro e os quatro cursos de licenciatura que eu falei, e aí eu disse: “eu vou para a Matemática”. Principalmente porque eu queria muito cursar uma universidade pública. Por uma série de coisas, eu sabia que seria uma experiência diferente, eu sentia. Não é uma questão de dizer que a faculdade particular não presta, não é isso, até porque, posteriormente, eu estudei numa faculdade particular – cursei moda. Eu sei que são faculdades excelentes, mas é uma questão de experiência diferente mesmo. Quando a gente entra na faculdade pública, a gente tem acesso a bolsas e incentivos que na particular não tem.

Eu decidi por Matemática por causa dela¹⁷⁶, mas a licenciatura meio que foi porque na época eu não tinha tantas opções. Eu não pensava tanto em ser professora. O que acabou me trazendo, de fato, para ser professora foi um outro professor da universidade, que acabou criando em mim essa vontade – principalmente, sobretudo, ser professora do ensino superior –, foi ele. Mas acabou que eu escolhi por ela, dentro do que tinha, eu escolhi por ela mesmo, realmente fez toda a diferença na minha vida. O amor que ela tinha pela matemática, foi uma coisa incrível.

Meu pai e minha mãe, eles queriam que eu estudasse; e eles gostavam da ideia, eles não tinham nada contra a ideia de eu ser professora. Mas ao mesmo tempo, é aquele sonho da família que se esforçou por aquele aluno, eles querem um doutor. Seja um médico ou um advogado, eles querem sempre um doutor.

Hoje eles são super orgulhosos, mas eu acho que na época, sobretudo do meu pai, embora ele sempre tenha apoiado muito, mas eu acho que ele queria, ele tinha esse sonho que eu fosse para outra coisa. Até porque a gente sabe que é uma profissão muito desvalorizada, era desvalorizada dentro da própria escola, a gente via os próprios professores dizendo: “você é muito inteligente, não vá ser professora”. Professores disseram isso para mim, como se não fosse necessário, como se fosse uma coisa para quem sobrou. Ainda existe isso, infelizmente,

¹⁷⁴ Aracati é um município do estado do Ceará, parte do Vale do Jaguaribe, no Brasil. Está distante 150 km da capital cearense, Fortaleza.

¹⁷⁵ Faculdade do Vale do Jaguaribe.

¹⁷⁶ A professora se refere à sua professora de matemática do ensino médio.

mas acho que aos poucos a gente consegue ir melhorando essa questão. A gente passou por um período em que a gente foi mais atacado, mas de uma forma geral, eu acho que hoje é menos do que era antes.

Quando eu escolhi, o pessoal da escola – como eu era uma boa aluna – queria que eu fosse tentar outro curso, por causa do nome da escola. A própria escola incentivava a não tentar ser professora, essas questões aconteceram. Mas de uma forma geral eles [pais] incentivaram, eles ficaram felizes. Minha mãe adorou, minha mãe ficou muito feliz porque ela não queria que eu fosse embora, e era um curso próximo, que eu podia ir e voltar, morar em casa. Então ela ficou muito, muito, muito feliz. Eu fiquei muito feliz também, mas depois foi traumático.

Limoeiro não é minha cidade natal, eu sou de Jaguaruana¹⁷⁷. Era bem cansativo, porque de Jaguaruana para Limoeiro dá uma hora e meia de ônibus, eu ia e voltava todo dia. Eu cheguei na faculdade com uma outra visão de mundo, de estudo, de tudo. E eu tive professores que me desincentivaram muito nos primeiros semestres da universidade. É tanto que eu pensei em trocar de curso. Na verdade, eu cheguei a – no segundo semestre eu tinha feito o Enem –, tentar o PROUNI para Aracati. No primeiro semestre, eu tinha ganhado uma bolsa para ir para Fortaleza, para Marketing, porque eu achava que era uma coisa próxima da área de moda, que eu gostava muito. Só que eu acabei não indo, por essa questão de não poder, não ter condição de ir. Aí, fiquei na matemática e passei um semestre na Matemática e foi uma experiência muito ruim.

Então eu tentei para Aracati, porque eu queria mesmo sair, mudar de curso, e Aracati dava para ir e voltar também¹⁷⁸. Eu passei para Administração em Aracati, quando eu cheguei lá teve um problema com a documentação – na época, o meu pai trabalhava de carteira assinada – e eu não consegui [cursar]. Então, eu voltei para o segundo semestre de Matemática obrigada mesmo, porque eu não queria ficar parada. Esse primeiro ano foi muito ruim, muito ruim mesmo. Eu peguei péssimos professores, que tinham esse negócio do “se não aguenta, sai”, com uma péssima didática, assédio, coisas bem bizarras mesmo.

E eu comecei a trabalhar muito cedo – assim que eu fiz dezoito anos, eu comecei a trabalhar –, passei um ano trabalhando em um concurso temporário do IBGE¹⁷⁹, eu trabalhava passando dados do censo, era o dia todo. Depois que terminou esse concurso eu comecei a trabalhar de professora e os horários de professora, como eu era substituta, eram os horários

¹⁷⁷ Jaguaruana é um município brasileiro do estado do Ceará, parte do Vale do Jaguaribe. Localizado a cerca de 260Km da capital Fortaleza.

¹⁷⁸ A professora se refere a ir e voltar, todo dia, de Jaguaruana para Aracati para estudar.

¹⁷⁹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

que iam sobrando. Então, às vezes meu horário era muito quebrado, e pra não atrasar a faculdade eu incluía horários da faculdade em todas as brechas. Tinha dias que eu acordava de manhã, de madrugada, ia para Limoeiro, voltava meio-dia [para Jaguaruana], trabalhava a tarde toda e voltava para Limoeiro no final da tarde. Teve semestre que eu passei o semestre inteiro fazendo isso, para assistir aula à noite.

Trabalhei praticamente a faculdade toda. Eu só não trabalhei os primeiros meses, que foi entre completar dezoito [anos], entrei com dezessete [na graduação]. E teve um único ano que eu consegui uma bolsa de monitoria, como a gente estava num centro do interior, estadual, era mais escasso questões de monitoria – a gente não tinha PIBIC¹⁸⁰, a gente não tinha PIVIC¹⁸¹ – tudo era mais difícil. Nesse ano que eu consegui uma bolsa de monitoria, fiquei por um ano sem trabalhar, só como bolsista. Aí, eu passava quase o dia todo lá [na faculdade] para cumprir horário.

Quando eu fiz Matemática, a grade que eu entrei era uma grade resquício da divisão do curso – antigamente, o curso era ciências da natureza e você fazia as habilitações em áreas – eu estava numa grade que tinha sido meio que herdada desse curso. No primeiro semestre pagava¹⁸² Física, Química, Biologia, acho que Filosofia e só uma de matemática, tipo uma Matemática Básica, era como se fosse um Pré-Cálculo. Eu tinha um professor de Física, que ele era super inconveniente. Eu lembro de uma situação muito bizarra, uma vez que eu estava sentada nos degraus da faculdade – eram aqueles prédios antigos, bem mais altos, tinha vários degraus na entrada, a gente ficava muito sentado nos degraus da escada conversando – e aí uma pessoa veio por trás de mim, me agarrou por trás, segurou no meu rosto, e eu fiquei sem entender. E era o professor. E depois ele ficou me abraçando e eu fiquei super desconfortável. Um professor, que estava me dando aula no semestre, era uma situação bem desconfortável. Ele era super inconveniente.

Os [professores] que não eram assim, não ligavam para nada. Eu tinha um professor que não aparecia, não dava aula, simplesmente não ia, ele simplesmente não apareceu em aula nenhuma. O professor de Biologia... eu não fiz nenhuma aula de biologia, foi um dia e no outro dia ele mandou uma prova, e a gente fez. E quando a gente foi olhar as notas estavam assim: sete, oito, nove, dez¹⁸³. Teve um dia que estava com uma festa na cidade, a gente resolveu ir

¹⁸⁰ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

¹⁸¹ Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica.

¹⁸² Na região, é muito comum utilizar a palavra “pagar” para indicar o cumprimento das disciplinas.

¹⁸³ A professora se refere à notas colocadas aleatoriamente no sistema.

para essa festa, já que não estava tendo aula. Quando a gente chegou lá, ele estava e chamou todo mundo para beber com ele.

A [professora] de Química era muito boa, mas não era a minha área, não era uma área que eu gostava muito, mas era uma boa professora, atenciosa e tudo. A de metodologia do trabalho científico, muito boa também, mais desleixada que a de química, mas muito boa. E o professor de Matemática era aquele do assédio moral, o da física era do assédio sexual e ele do assédio moral: “não aguenta, sai. Vocês são todos burros”. Ele dizia com essas palavras. Ele tinha uma didática muito ruim e eu não conseguia aprender. O que eu conseguia fazer das aulas, eu fazia pelo que eu tinha aprendido no ensino médio, porque com ele eu não aprendia.

Eu passei bem me arrastando, nesse primeiro semestre eu não consegui aprender realmente e foi me dando – porque eu sempre amei estudar – um sentimento que eu não gostava de estudar. Como eu comecei a trabalhar logo – eu ainda estava acho que no primeiro semestre, quando eu comecei –, era a desculpa que eu precisava para não estudar mais. Eu ia levando, arrastando, assim, as coisas, porque eu não estava feliz lá. Gostava dos colegas, fiz algumas amigas, principalmente, mas não me sentia bem e não tinha vontade nenhuma de estudar aquilo.

Aí, veio o segundo semestre, que eu voltei obrigada, porque eu não consegui a bolsa¹⁸⁴. Foi muito pior. Eu lembro que eu tive duas disciplinas de matemática, que era tipo Matemática Básica II e a Geometria Analítica, e foi horrível porque os dois professores eram mais ou menos do mesmo tipo. Eu peguei novamente esse professor do primeiro semestre, ele estava de novo em Matemática Básica II, e o de Geometria Analítica não era melhor do que ele, era mais ou menos a mesma coisa, sendo mais irresponsável. Ele não ia muito para as aulas, ele chegava lá e dava qualquer assunto.

E aí eu reprovei, a primeira vez na minha vida que eu reprovei foi no curso de Matemática Básica II. Foi um sentimento horrível, porque eu saí de ser uma ótima aluna, passei por esse ano de total desestimulação e me tornei uma aluna ruim – que, na minha cabeça, eu era uma aluna ruim. Foi bem pesado pra mim, foi bem cansativo, eu fiquei bem triste. E aí vem uma coisa boa, que foi no semestre seguinte, no terceiro semestre. Comecei a trabalhar como professora – uma professora de Matemática estava de licença maternidade e aí ligaram para mim e disseram: “você só precisa ir em Russas¹⁸⁵ fazer a entrevista, a gente está ligando porque

¹⁸⁴ A professora se refere à bolsa de PROUNI que não conseguiu, para cursar Administração na FVJ.

¹⁸⁵ Russas é um município brasileiro do estado do Ceará, parte do Vale do Jaguaribe, localizado a cerca de 217Km da capital Fortaleza.

a gente teve boas referências de você, da professora anterior”. A professora que estava de licença, tinha sido minha professora de Física, ela que tinha me recomendado.

Foi quando eu entrei para pagar Álgebra Linear, que era como se fosse um pouco mais à frente do semestre, eu puxei uma disciplina – inclusive eu não fiz nem com minha turma, eu fiz com uma turma de pessoas que já estavam na faculdade há mais tempo do que eu. Foi quando eu conheci o professor da faculdade que mudou tudo, que fez toda a diferença. Ele era um professor super dedicado, ele dava uma ótima aula e ele incentivava muito, muito mesmo. Então assim eu voltei a gostar de estudar. Tinha dias em que eu tinha que trabalhar, fazer alguma coisa de trabalho e eu ficava: “puxa, eu queria tanto rever aquele capítulo, queria tanto rever aquele capítulo antes da aula”. Eu voltei a querer, a ter vontade de estudar, com ele, porque era muito boa a aula dele e ele era ótimo, muito gentil.

Atualmente, acho que ele é professor da UECE em Fortaleza, foi transferido. Eu comecei a estudar e aí eu lembro que a minha primeira nota foi nove, e eu fiquei tão feliz, porque tinha sido a melhor nota que eu tinha tirado na faculdade inteira. E eu não acreditava: “professor, não acredito que eu terei tudo isso”. E ele: “como assim não acredita? Você é uma ótima aluna”. Ele percebeu que eu era uma aluna que estava muito desestimulada e começou a me incentivar. Houve uma mudança de grade enquanto eu estava na graduação, eu tinha decidido não mudar de grade, estava na grade antiga ainda, e ele foi começando me incentivar a mudar para a grade nova, porque tinham mais disciplinas de matemática que iriam me preparar melhor se eu quisesse fazer uma pós-graduação.

Ele passou a graduação toda brigando comigo porque eu trabalhava, ele dizia assim: “você não é arrimo de família¹⁸⁶, para que você está trabalhando? Você era pra estar se dedicando só a isso”. Ele sempre foi essa pessoa que estimulava muito. Com a mudança de grade, eu mudei de turma também e eu fui para uma turma fantástica, que todo mundo era muito apaixonado pela matemática e todo mundo queria muito aquilo, e estudava muito por aquilo. Ao todo, se formaram doze e atualmente acho que têm oito mestres e cinco doutores, dessa turma. Era uma turma que incentivava bastante, uns incentivavam os outros.

Eu comecei a adiantar as disciplinas e sempre que eu sabia que era com ele, eu puxava alguma disciplina. Eu lembro que eu paguei antes da minha turma [a disciplina de] Teoria dos Números, e ele disse: “eu vou ofertar uma monitoria de Teoria dos Números para você, mas você vai ter que me prometer que vai ficar sem trabalhar”. Eu aceitei e ele ofereceu, lembro que tinham outras pessoas concorrendo, mas eu estudei muito, muito e passei. Fiquei um ano como

¹⁸⁶ Expressão popular que significa a pessoa que sustenta a família, sendo muitas vezes a única que trabalha.

monitora dele, sem trabalhar. Nesse um ano, a gente ficou estudando para escrever alguns artigos. Nada chegou a ser publicado, mas ele ficava me incentivando a escrever, me ensinando a escrever. Ele realmente foi meu orientador. Acabou que ele saiu para o doutorado, ele não foi oficialmente meu orientador da graduação, mas ele foi meu orientador ao longo de tudo. Eu digo muito, sempre que eu encontro com ele: “você mudou a minha vida”. Porque, até então, eu não sabia o que eu poderia ser, para mim eu ia ser professora e só. Eu não entendia a dimensão disso, de ser professora. Ele realmente mudou tudo para mim, toda a imagem que eu tinha foi modificada.

Eu comecei a trabalhar nas escolas nessa época, e realmente eu não nasci muito pra ser professora do ensino médio, fundamental, comecei a sentir isso. Foi quando eu decidi que eu tinha que estudar pra ser professora do ensino superior. Na escola, quando eu cheguei, passei por situações... Por exemplo, teve uma situação, na primeira vez que eu fui trabalhar: um aluno largou a escola quando me viu. Eu entrei na sala, me apresentaram como professora, ele levantou e foi embora. Depois eu soube que ele mudou para a noite. Aí, eu fui perguntar na diretoria, ela disse: “ele achou você muito jovem, uma mulher muito jovem”. Ele era um aluno mais velho e ele trocou de turno. Coisas desse tipo, foi bem traumático.

Na escola havia questões... tinham alguns colegas de trabalho bem misóginos. Tinha um colega, que era muito chato trabalhar com ele: ele não só era inconveniente nas reuniões – não deixava as mulheres falarem ou gritava mais alto quando era com uma mulher que ele estava discutindo –, como ele incentivava os alunos a desrespeitarem as professoras. Teve uma turma que eu tinha dois alunos, que eram super amigos dele, e eles ficavam desafiando, com perguntas, querendo testar a inteligência.

E na graduação, passei por outras situações assim, com outros professores; nem tudo eram rosas. Eventualmente pegava uma disciplina com um professor desse tipo. E eu passei por uma situação – hoje eu estou processando ainda certos traumas – de assédio muito forte. Cheguei a namorar com uma pessoa, com um professor. Hoje eu processo o que aconteceu, eu percebo o quanto foi extremamente impróprio, inadequado e inconveniente. [Ele] me perseguiu por muito tempo, até eu aceitar, ceder, dizer sim. Foi uma situação meio complicada e gerou muita dificuldade para mim ao longo do curso. Eu acabei cedendo, aceitando. Eu era muito jovem e era uma insistência muito grande, e quando eu comecei esse relacionamento, eu meio que virei um alvo – não com essa turma, essa turma que eu fiquei era muito acolhedora, mas como eu pegava diferentes disciplinas para não atrasar meu curso, eventualmente ficava em outra turma –, sempre havia comentários sobre a minha inteligência, sobre não merecer minhas

notas, sempre isso acontecia. Coisas que hoje eu já processo bem melhor e já consigo falar melhor a respeito, mas que na época foram bem ruins, me deixavam bem mal. Mas de uma forma geral, eu acho que a parte boa superou [a ruim], por isso que eu fiquei.

No trabalho de conclusão de curso, eu era orientanda desse professor que era maravilhoso, que era muito bacana comigo. Ele realmente tratava – não só a mim, mas toda essa turma, ele se apegou muito a essa turma, que era uma turma muito dedicada – a gente realmente como se fosse filho dele, todo mundo. Então, não havia nada de assédio, de forma nenhuma. Até quando ele ia dar algum carão, que a gente tinha feito alguma coisa, ele era firme mas não humilhava.

Eu era orientanda dele, mas ele passou no doutorado e foi embora. E ele era da Matemática pura, então, o incentivo dele sempre foi para que eu fosse para a Matemática pura. Eu queria seguir na Matemática pura e tinha outro professor que era da Matemática pura também, fui fazer o TCC com ele.

Eu estava sendo orientada antes em Teoria dos Números e, como mudou o professor, eu fui para Geometria Diferencial, eu e mais dois colegas. Nessa época foi a época que eu terminei o relacionamento que eu estava – relacionamento também bem traumático, meio abusivo, como eu já falei, com um professor – todo mundo sabia que eu tinha terminado, porque eu estava solteira. Esse relacionamento nunca foi escondido, era um relacionamento que todo mundo sabia, eu cheguei a ficar noiva na época. Foi nessa época da orientação, então, ele [o orientador] começou a meio que dar em cima de mim. Eu não sei se eu virei a pessoa que tem coragem de namorar com um professor, não sei se foi isso, não sei exatamente o que era; ou se eles respeitavam porque eu estava em um relacionamento, e depois que eu não tinha mais um relacionamento, eu não precisava mais ser respeitada... homem respeita homem, a maioria.

Houve toda essa situação que me deixava desconfortável, mas eu tentava levar na brincadeira. É tanto que, o meu marido era orientando nesse grupo, eram três alunos... eu acho que o meu relacionamento com ele começou nessa época mais ou menos. Para evitar [o assédio], eu me agarrava nele. Ele era o único homem da turma de orientandos. Eu chegava, ficava abraçada com ele, meio que me protegia. Ele era muito meu amigo, não tinha segundas intenções nessa época, mas meio que ele me protegia dessa situação. Porque quando ele [o professor] chegava, que via que eu estava com ele, aí, ele já ficava mais sério. Eu ficava abraçada ou então saía junto com ele da sala... fui levando essa situação.

Nesse meio tempo, a FAFIDAM estava com o calendário atrasado e as Pós [Graduação] não atrasa o calendário. Eu estava no meio do último semestre da FAFIDAM quando houve a

seleção de mestrado. A gente passa dois meses fazendo uma disciplina, não são todos os lugares que são assim, mas lá na Paraíba, na época, você passava dois meses fazendo o verão, a disciplina de verão. E se você passasse na disciplina de verão, você conseguia uma vaga de mestrado.

Eu estava querendo ir para Paraíba, porque o meu orientador original tinha feito na Paraíba, e falava muito bem da Paraíba, e tinha dito que me dava uma recomendação. Então, eu tinha recomendação, tinha tudo, eu queria ir para a Paraíba. Éramos quatro que íamos tentar o verão, dois foram para a UFPB¹⁸⁷, na Paraíba - nós quatro éramos muito amigos, muito próximos –, e dois foram tentar na UFC.

O professor da última disciplina de matemática que a gente estava pagando era esse meu orientador¹⁸⁸. A gente falou com ele, explicou que ia fazer verão, ele foi contra. No caso dele, eu não sei nem se foi machismo, foi um preconceito geral contra a licenciatura, ele dizia que aluno de licenciatura não tinha condições de fazer mestrado. Mas a gente insistiu: “a gente quer ter a experiência, professor, a gente não está pensando em passar ainda”. Aí, ele disse: “então tudo bem, vocês não precisam vir às aulas, só precisam fazer as provas”. O nosso [mestrado] lá foi muito divertido, assim, a gente fez grandes amigos, durante o verão mesmo. E o professor de verão era excelente, ajudou até na disciplina, era a mesma disciplina, era Análise – a gente estava pagando na graduação e à nível de pós. E com ele a aula era muito melhor.

A gente estudou muito, fez a primeira prova do mestrado – e os assuntos estavam diferentes, a prova do mestrado estava bem mais na frente, o assunto. Quando a gente voltou, a gente queria rever o assunto, porque já fazia tempo. Eu lembro que a prova estava marcada para uma sexta, aí eu cheguei, estávamos nós quatro¹⁸⁹, e disse: “professor, eu queria muito falar com você, porque a gente queria pedir uma coisa. Eu sei que a prova está marcada para hoje, mas a gente já falou com a turma, a turma não se importaria de fazer na segunda. A gente chegou hoje da Paraíba, a gente fez a prova de lá essa semana, a gente queria um tempo para rever as questões, rever o assunto da sua prova no fim de semana e fazer a prova na segunda”. Ele olhou e disse: “Não. Bem feito, é isso que dá alunozinho de licenciatura tentar fazer pós-graduação em matemática. Vai reprovar aqui e vai reprovar lá”.

Todo mundo ficou calado, a gente fez a prova depois disso. Eu lembro que não tinha nem carro nesse dia, o meu pai foi me buscar em Russas e quando eu entrei dentro do carro, em um ambiente familiar, eu comecei a chorar. Eu chorava desesperadamente. Meu pai disse:

¹⁸⁷ Universidade Federal da Paraíba.

¹⁸⁸ A professora se refere ao seu orientador de TCC.

¹⁸⁹ A professora se refere a ela e seus outros três colegas afastados para o curso de verão.

“tenha calma, diga o que foi”. Aí, eu contei e ele falou assim: “e tu tá chorando por quê? Tu tem que fazer o seguinte, tem que passar nos dois e pronto. Acaba com isso, para de chorar, vamos para casa”. E aí eu voltei para a Paraíba para fazer o resto do verão e depois voltei para fazer a última prova [da graduação]. E graças a Deus deu certo, eu passei. Não só passei, eu passei para o primeiro semestre da Paraíba, para começar o mestrado no primeiro semestre. E eu não tinha concluído o TCC com ele, com esse professor.

E eu tinha um trabalho muito bom, que eu tinha feito para a semana universitária da UECE, foi apresentado em comunicação oral e tinha sido até indicado para publicação. O pessoal da banca indicou que lapidasse, fizesse um artigo para fazer a publicação, porque foram dados muito interessantes. Eu tinha esse trabalho – eu queria muito ir embora logo, porque eu tinha passado com bolsa no primeiro semestre, não podia perder a oportunidade – e aí eu disse: “vou defender esse trabalho”.

Só que esse trabalho não tinha orientador, à princípio. Eu falei com ele, ele disse que não orientava em [trabalho] de Educação, aí eu tive que ligar para o meu ex-namorado, que era professor ainda. Eu disse: “... olha, você estragou muita coisa da minha vida, mas você tem a chance de se redimir minimamente comigo e fazer uma coisa por mim, que é assinar como orientador, você não precisa nem ler, o trabalho está bom. Você pode mandar direto para a banca, ele já foi corrigido porque na semana universitária o pessoal fazia as correções. Eu só quero defender e me livrar”. Aí, eu defendi dessa forma. Deu tudo certo, consegui defender e fui-me embora.

Fui bolsista durante o mestrado todo. Eu comecei a pensar sobre a minha história, a minha trajetória. E aí, eu comecei a pensar sobre a trajetória de algumas colegas minhas, que eu tive mais acesso, algumas colegas mais próximas que passaram pelas mesmas coisas. Comecei a pensar sobre o que eu ia falar e aí veio na minha cabeça a seguinte frase: “a Paraíba foi bom, porque pelo menos lá o assédio era só moral”. E me dei conta de quanto era triste essa afirmação. Mas ainda foi bom, porque eu tive amigas que passaram por coisas bem piores. Os meus orientadores lá foram muito corretos, foram pessoas muito bacanas, pessoas que eu tenho um carinho muito grande até hoje.

Querendo ou não, eu era uma aluna que tinha vindo de um curso de interior, um curso pequeno. Um curso onde a formação dos meus professores não era a ideal – tinha uns excelentes professores, mas tinha alguns professores que eram bem ruins –, isso foi muito sentido. A borda estava muito longe para mim, a borda do mar estava muito longe para mim, eu tive que correr

muito na areia até alcançar as pessoas que já estavam lá, os colegas que já estavam lá. Foi bem penoso esse princípio.

No primeiro semestre, eu tive dois professores. Eu tive uma professora maravilhosa, empática, gentil, boa, uma ótima didática, muito preocupada e tudo. E eu tive um professor que conseguia ser pior ainda do que o meu primeiro professor da graduação. E como eu disse, [eu tive] que correr muito atrás, eu cheguei sozinha na Paraíba. Eu fui pro primeiro semestre porque eu não queria perder a oportunidade, já que eu tinha entrado com bolsa – e de todo jeito, eu ia ficar mais de seis meses parada, porque eu estava terminando a licenciatura, a graduação, e eu não queria perder essa oportunidade. Foi bem complicado porque eu fui sozinha. Eu fiz grandes amigos lá, graças a Deus, mas na época eu cheguei sozinha.

A gente teve que correr muito, muito, muito atrás, por causa disso. A disciplina que a professora [ministrava] era muito boa, que era disciplina de Estruturas Algébricas, eu tinha visto com um professor na graduação muito ruim, que deu um assunto que não tinha nada a ver com o que eu vi lá, nada a ver. Apesar de tudo, ainda foi a disciplina boa. Porque, embora eu não tivesse noção, nunca tivesse visto o assunto, mas a professora era tão boa que eu conseguia transitar muito bem, conseguia ir levando de uma forma mais tranquila. A outra disciplina, que o professor era muito ruim, foi muito estressante, foi muito cansativa.

Até hoje tem coisas que eu não sei dizer – que na época a gente não se perguntava: “poxa, será que é porque eu sou mulher?” –, mas que hoje, com a vivência que eu tenho, com que eu passei posteriormente, eu sempre volto a pensar na situação e me pergunto: “poxa, será que é porque eu era mulher que isso acontecia?”. Esse professor, em diversas oportunidades, ele foi extremamente grosseiro comigo, na frente de todo mundo. Situações assim, de eu perguntar alguma coisa e ele responder com muita grosseria, de uma forma bem desnecessária. E aí, hoje eu me pergunto se era por isso, mas eu não sei dizer se era por isso. Talvez ele só fosse grosseiro com todo mundo, ele destratava alguns homens também.

Tem uma coisa que eu percebia também: as mulheres, de uma forma geral, pelo menos lá e às vezes em algumas outras oportunidades... a gente quando se propõe a ir para esses lugares, a gente fica muito corajosa. A gente dá muito a cara à tapa, se precisa falar alguma coisa e ninguém quer dizer, a gente vai lá e diz: eu era muito esse tipo de pessoa. Estava todo mundo sem entender nada, eu chegava e dizia: “professor, ninguém está entendendo nada. Isso aqui tem que mudar, ninguém está entendendo”. Talvez não fosse uma questão de... mas talvez uma questão de eu ser a pessoa que chegava e falava, que não tinha tanto amparo, de ficar protegendo os sentimentos dele.

O que me salvou nessa época, que salvou muita gente na verdade, foi porque a gente fez um acordo. Tinham alguns alunos que já eram de lá da Paraíba, já tinham uma base melhor, tinham se preparado a vida toda para esse curso, tinham feito bacharelado, eles se saíram bem em Análise. Só que eles tinham muita dificuldade em Álgebra, então a gente resolveu fazer um acordo: eles explicavam Análise e a gente passava para eles as coisas de Álgebra.

Passei em Análise me arrastando e passei muito bem em Álgebra. Porque tinha uma questão que tinha que ficar com uma nota acima de ‘tanto’¹⁹⁰ para manter a bolsa, eu consegui a média, porque eu fui muito bem em álgebra, aí, eu consegui manter a média, para continuar com bolsa.

No segundo semestre eu tive professores bem melhores. Quando eu fiz a disciplina de [Álgebra] comutativa com o professor, acabei sendo orientanda dele, porque realmente foi muito boa, foi uma disciplina muito boa. Ele era uma pessoa bem bacana, não tenho o que dizer dele, ele era uma pessoa ótima, fantástico, sensacional. Nem brigar ele não brigava, ele era aquela pessoa calma. Eu às vezes estava desesperada e ele: “calma, vai dar certo”. Ele era um professor muito bom, muito bom, ele era um excelente palestrante, de você ficar encantado pela área dele, ele começava a falar e você: “eu quero estudar isso”.

Terminou que no doutorado eu acabei sendo orientanda dele por um tempo, só que no doutorado não funcionou para mim a calma dele. Porque ele era muito calmo e chegou um momento que eu estava muito desesperada, porque não estava saindo os resultados e ele estava muito calmo. E aí, eu estava me desesperando mais, aí, eu acabei mudando de orientação; não porque ele não fosse bom, mas porque o estilo de estudo não estava batendo. Eu acabei mudando por causa disso.

Tinha um [professor] que ele não gostava realmente de mulher, só que tinha um outro professor lá que ele tinha meio que medo – tinha uns professores que eram meio caciques lá do departamento. Teve uma turma que só tinha duas mulheres, eu e uma orientanda desse [outro] professor que ele respeitava, então, todos os gritos só sobravam para mim. Chegou um dia que eu disse: “quer saber? Vou começar a responder”. Teve um dia que foi muito louco, porque eu não falei nada – ele estava fazendo uma explicação, ele era um professor ruim e os cálculos dele eram muito difíceis de entender – eu fiz assim [expressão de dúvida], só fiz a cara, eu não perguntei. Ele olhou pra mim e disse assim: “você não pergunte, porque eu não vou explicar mais”. E começou a gritar. Eu tinha medo até de perguntar, não perguntava, eu ficava estudando com os colegas, tentando entender com os colegas.

¹⁹⁰ A professora se refere a uma nota estipulada pelo programa para permanecer com a bolsa de mestrado.

A prova final dele foi um seminário, que ele fez de dupla, e ele me botou com ela. Cada um fazia a sua apresentação, mas o dia da apresentação era marcado de dupla, tinha uma dupla de apresentação, não era com todo mundo e minha dupla de apresentação era ela. E aí ela fez o seminário dela e ele ficou calado, não fez nenhum comentário. Quando eu comecei a fazer o meu, ele começou a se espalhar¹⁹¹ – tava só eu, ela e ele na sala. Mas deu tudo certo, porque tem isso, se você se posiciona, algumas dessas pessoas, elas retrocedem, aí, ele acabou não me prejudicando na nota. Acho que ele nem ficou com raiva nessa época, deu tudo certo.

Ainda tinha essa questão de: “é fraca, não é para estar aqui, se está aqui tem que aguentar. Não pode chorar”. Quantas vezes eu encontrei com colegas minhas chorando no banheiro porque não podia chorar no corredor, porque se chorar é fraca, e se for fraca não é pra estar aqui. Isso aconteceu mais de uma vez. Encontrar e dizer: “tem calma, vai dar certo”, existia muito esse apoio também, entre as mulheres: “calma vai dar certo, a gente vai conseguir, respira”. Não era só ser forte, a gente tinha que se mostrar mais forte do que os homens que estavam lá.

Na verdade, meio que não existia vida pessoal depois do mestrado, a gente se dedica só àquilo. Eu fui morar com colegas do mestrado, na época tinha passado só eu e uma outra menina, só passamos duas mulheres. Aí, eu liguei para ela – tinha conhecido ela no verão, não tinha ficado muito próxima, mas como ela era a única menina –: “vamos alugar um apartamento nós duas juntas?”. Meu pai à princípio, não queria que eu morasse com homem – família de interior e tudo –, queria que eu morasse só com mulher. Já a minha mãe, estava apavorada, para morar só duas mulheres, na capital, perigoso.

Acabou que ela disse que tinha um amigo que passou, que eles eram amigos já da graduação, ela já conhecia há muitos anos. Esse amigo dela disse: “tem outro cara que eu conheci durante o processo de verão, no pensionato. Ele passou também e tá sem onde morar, vamos morar os quatro? Fica até mais barato”. Eu topei, e realmente, a questão financeira pesou muito nessa época. Foi uma época muito difícil para minha família, eles não tinham condição nenhuma de me ajudar lá, então era tudo da bolsa. Eles ajudavam no máximo que eles podiam, mas era muito difícil, era muito sacrificante para eles.

Eu tinha ganhado bolsa para o verão também, aí, eu tinha guardado tudo que eu tinha conseguido guardar. Eu tinha conseguido ficar hospedada de graça na moradia estudantil no verão e comer no RU¹⁹² também de graça. Eu lembro de comprar as coisas usadas numa feira,

¹⁹¹ A professora se refere ao professor em questão se sentir mais à vontade para falar coisas, fazer comentários, que não necessariamente faria em outras situações.

¹⁹² Restaurante Universitário.

tipo o vuco-vuco¹⁹³, lá em João Pessoa, lembro de atormentar os vendedores, chorar, chorar, chorar, chorar e a gente mobiliou a casa toda com 500 reais. O pai do meu amigo ficou: “caramba, não estou nem com medo de você vir morar com essa menina, que essa menina é desenrolada”. Acabou a gente se tornando amigos muito próximos. Teve um problema com um dos rapazes, foram uns problemas meio sérios de convivência, a gente realmente saiu brigado na época. Hoje, tudo já passou. Mas foi bem complicado na época. E eu tinha medo, muito medo, porque a gente é mulher, a gente tem medo.

A gente vive com medo, eu tenho medo de pegar um Uber sozinha, sigo duzentas mil regras de segurança que você vê no TikTok¹⁹⁴: você senta no banco atrás do motorista, porque é mais difícil dele lhe agarrar; amarra o cabelo em um coque, que é para não ter condições de ninguém puxar. Enfim, a gente tem medo.

Nessa época, como foi um problema diretamente comigo e com outro rapaz, eu fiquei muito assustada, então eu fazia de tudo para não dormir lá: eu ia para a casa de alguns amigos, porque eu fiquei com muito medo. Foi na época que teve um caso de um aluno que matou o outro no IMPA¹⁹⁵. Então, aí é que a gente ficou apavorado, eu vivi uma época bem ruim, porque eu morei um tempo com essas pessoas, até o dia que a gente teve coragem de: “olha, não dá mais para morar junto”. Nessa época minha amiga Mônica já tava lá também, aí, a gente separou, foi quando as coisas melhoraram.

No doutorado já foi menos, embora a gente morasse com muita gente, como a gente já estava mais tempo lá, acabou que a gente criou um grupo que realmente eram pessoas muito próximas, que se gostavam muito. E por mais que tivesse alguma coisa, não havia ressentimento. São pessoas que até hoje eu convivo, até hoje a gente se fala. Eu tive mais sorte, no doutorado foi bem mais tranquilo.

Saí do mestrado direto para o doutorado. Na verdade, eu tive muita sorte, eu terminei a graduação em abril e em março eu já estava no mestrado. Eu terminei o mestrado, eu já tinha passado no doutorado, eu terminei o mestrado em abril também, peguei uma extensãozinha, porque como eu estava fazendo o verão do doutorado, o professor [do mestrado] deixou eu ficar sem fazer nada nos dois meses do verão do doutorado. Acabou atrasando um pouquinho, peguei uma extensão, então terminei em abril – já estava no doutorado, quando terminei. E quando eu terminei o doutorado, eu já estava concursada na UERN¹⁹⁶. Passei pequenos momentos de

¹⁹³ Mercado de rua, situado na cidade de Mossoró-RN, que abrange vários tipos de comércios. Um lugar que pode ser encontrado de tudo um pouco, muito popular na cidade.

¹⁹⁴ Rede social de vídeos.

¹⁹⁵ Instituto de Matemática Pura e Aplicada.

¹⁹⁶ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

aflição, mas não passei esse sufoco de ficar parada. Porque tinha muito medo de deixar a bola cair. Eu tinha muito medo de parar e não ter fôlego, não ter pique para voltar.

O doutorado também foi lá [UFPB], eu tirei direto lá. Comecei o doutorado com o mesmo professor do mestrado. Nesse período, veio um professor de fora, muito conceituado da área, que assumiu as nossas orientações por um tempo. Eu tive um problema de saúde nessa época, e o meu plano de saúde só era do Ceará, como eu adoeci, eu precisei voltar para o Ceará. Eu fui em vários especialistas, fazendo um monte de exame para descobrir exatamente o que era. Eu voltei ao Ceará, mandei uma mensagem: “professor, vou ter que me ausentar por uns dias, eu não estou bem de saúde”. Expliquei toda a situação, falei com ele pessoalmente também, expliquei, e mandei um e-mail. Um dia eu estava lá fazendo um exame e recebi uma ligação do coordenador do doutorado, ele super já brigando comigo, dizendo que o orientador tinha dito que não ia mais me orientar, porque eu tinha desaparecido. Eu parei, eu não liguei mais pra minha doença, não liguei mais pra nada, fui embora, voltei pra Paraíba. Eu tenho esse negócio até hoje, e até hoje eu não sei como eu não tive crises grandes depois disso... você vai deixando.

Voltei para a Paraíba e fui pro coordenador e disse: “não é verdade, eu falei, avisei que estava doente”. E aí ele disse: “é, mas ele está dizendo que não vai mais lhe orientar”. Com esse professor em questão, o problema dele... eram três alunos, um homem e duas mulheres, ele fez [isso] só com as duas mulheres. Ele fez a mesma coisa com a minha colega, de dizer que não ia mais orientar, porque ela não queria nada. Ele disse que o trabalho dela não estava rendendo, ele fez com nós duas só. Ele acabou aceitando depois ela de volta, só que na época foi com nós duas que ele fez isso. Ele era grosseiro com todo mundo, ele era muito grosseiro, inclusive com os colegas professores. Ele era desse tipo de pessoa que acha divertido o assédio moral, ele adorava humilhar todo mundo.

Aí, eu voltei para o meu orientador, que na verdade era meu orientador desde sempre, voltei para o orientador antigo. Chegou um momento que estava muito desesperador: eu estava com meu orientador antigo, com um problema, aí ele me passou para o outro cara, aí mudou completamente o problema – tinha que estudar outra coisa –, aí eu voltei para o antigo – voltou para o outro problema, só que o outro problema era um negócio que estava muito sem norte, era em álgebra comutativa.

Já tinha passado qualificação – qualificação escrita em duas áreas, prova escrita e qualificação oral –, faltava um ano e meio do tempo regular. Chegou um momento que eu fiquei muito mal, eu não estava rendendo, comecei a me desesperar e chorava muito. Foi um tempo

bem complicado. Eu tinha pagado uma disciplina com um professor, que era o orientador do meu marido Tony¹⁹⁷, nessa época já estava lá [UFPB], ele fez mestrado e doutorado lá, a gente começou a namorar quando ele chegou lá para fazer o mestrado, ele foi um ano depois de mim – um professor muito bom da análise funcional. Eu tinha pago Análise Funcional com esse professor, eu tinha pagado disciplina e eu tinha me saído muito bem com ele. E ele perguntou por mim ao Tony: “cadê a Mariana? Como é que está a tese dela?”. Aí, disse: “olha, professor, está péssima. Ela chora todo dia, ela está desesperada.” Aí, ele disse assim: “ela se deu tão bem em análise, se ela quiser, se o orientador dela não se importar, ela pode vir trabalhar com a gente. Eu oriento ela”.

Eu corri e fui falar com o meu orientador, ele, como sempre – só coisas maravilhosas para dizer sobre ele – ele foi maravilhoso: “Mariana, eu entendo. Às vezes a gente precisa mesmo de uma mudança de ares”. Faltando um ano e meio, eu mudei de área. Esse professor para quem eu fui, ele é fantástico, maravilhoso. E eu acho que o que eu mais agradeço a ele ainda é que ele botou um outro professor maravilhoso na minha vida. Fez toda a diferença, porque meu orientador não tinha como estudar todo dia comigo, mas ele botou para eu estudar [com meu co-orientador] – como faltava pouco tempo, todos os dias eu tinha um horário de orientação.

Todos os dias eu estava lá, e o trabalho começou a fluir muito rápido, muito rápido. Com quatro meses eu tinha o primeiro artigo aceito. Com quatro meses ele olhou pra mim e disse assim: “pronto, você já tem sua tese, agora vai estudar o que você achar divertido. Vamos estudar o que a gente achar divertido”. Tudo saiu do desespero pro céu. E eram pessoas muito bacanas. Meu orientador era aquela pessoa mais enérgica, de brigar, de cobrar, de reclamar às vezes, mas uma pessoa maravilhosa. Nesse período, eu nunca tive problema com esses professores, que eram mais próximos, nunca tive nenhum problema desse tipo, de assédio sexual ou moral, nada, graças a Deus.

Ele [orientador] era mais briguento, mas ele também era ótimo, e ele era briguento porque ele queria o melhor. Ele queria que a gente fosse melhor, ele queria que a gente tivesse lá, dando o melhor. Já meu co-orientador era muito bom e fluía muito o trabalho com ele. A gente sentava, começava a conversar, e de repente começavam a sair os resultados, a gente ia escrevendo. Foi tudo muito bom e eram pessoas muito maravilhosas.

¹⁹⁷ Tony Kleverson Nogueira, professor efetivo da UFERSA e marido da professora Mariana.

Mesmo depois de ter saído desse professor¹⁹⁸, ele ainda ficava dando piadinha, com comentários dentro do departamento... e eles eram tão legais que eles meio que abraçaram a minha defesa. Fiquei sabendo de uma história que o coordenador estava comentando, que ele estava falando mal de mim, aí, meu co-orientador disse assim: “ah, que bom que ela saiu, porque a gente só ganhou. Ela veio para nossa área, agora está ótimo”. Eu fui muito acolhida nesse momento, que era o momento que eu estava muito fragilizada; e eu fui extremamente acolhida lá, foi muito, muito bom.

Comecei a estudar coisas que a gente gostava. Teve um artigo que foi super divertido, foi no fim de semana a gente começou a escrever, de repente saiu um artigo bem legal. Era muito bom o trabalho, foi a época que eu trabalhei em pesquisa que eu estava mais feliz.

Quando foi surgindo os concursos, ele olhou pra mim e disse: “vá estudar para os concursos. Não se preocupe, a pesquisa você volta depois, vai estudar para concurso, vai se dedicar ao concurso, você já tem a sua tese pronta”. Ele me liberou, passei três meses só estudando para os concursos. E foi por isso que consegui isso, eu passei mesmo antes de terminar [o doutorado]. Depois que eu passei no concurso, eu fiquei só escrevendo a tese.

Passei na UERN e aqui [UFERSA] na mesma época, só que eu fui chamada primeiro lá [UERN], passei um ano lá. Depois eu fui chamada pra UFERSA de Caraúbas¹⁹⁹, passei dois anos lá e aí vim pra cá [Mossoró].

Quando eu passei pro doutorado, eu passei três meses sem bolsa – naquela época, as bolsas de doutorado eram bem mais escassas. Fui trabalhar numa empresa de consultoria de educação. Eu tinha uma experiência de trabalhar assuntos do ensino superior e trabalhar com um público mais velho – porque eu trabalhava com professores, eram formações para professores –, mas foi uma experiência curta, porque eu passei só três meses e consegui a bolsa.

Eu tinha tido só essa experiência, e tinha dado aula no ensino médio. Foi a primeira vez do ensino superior mesmo, de chegar na sala de aula, na UERN. Apesar de tudo, como eu fui criada por pessoas muito motivadoras, que diziam o tempo todo o quanto eu era maravilhosa, eu sou bastante confiante. O que passei na UERN, em alguns sentidos, eu era bem jovem ainda, quando eu entrei... Aqui [UFERSA], incrivelmente, não. Eu acho que quando eu cheguei aqui, eu já estava um pouco mais velha, não passei tanto por isso. Mas na UERN passei bastante por isso, também. Tinha uma turma que era basicamente só homens lá, que era uma turma da Física, tinham pouquíssimas mulheres e eu sentia muito essa hostilidade; no sentido de me testar. Eu

¹⁹⁸ A professora se refere ao orientador que disse que não a orientaria mais.

¹⁹⁹ Caraúbas é um município brasileiro no interior do estado do Rio Grande do Norte, localizado a cerca de 300Km da capital Natal.

ficava pensando: “porque é que ele está perguntando isso? Deve ser porque ele está me achando burra, não é possível”. Mas eu fazia questão de responder com desdém, para a pessoa entender. Era coisas bem descaradas. Eu passei por essas coisas, essas questões de trabalho, mas eu acho que havia muito incentivo de certos grupos de professores, geralmente homens. Não necessariamente das exatas, mas geralmente homens.

Mas eu acho que eu lidei relativamente bem com isso, não foi uma coisa que me traumatizou assim. No final das contas, a turma acabou meio que me aceitando de uma forma melhor, no final lembro que eles fizeram festa, acho que era meu aniversário. Eu nunca tive problema com alunos, nunca. Nunca tive. Eu já vi algumas histórias de professora que tem problemas de discutir com alunos, de alunos desrespeitarem; nunca tive.

Pra não dizer que nunca tive, eu tive um problema, que não chegou a ser um problema grande, mas que me incomodou bastante. Na época que eu entrei na UERN, a UERN tinha umas turmas fora de sede. Funcionava uma turma em Apodi²⁰⁰, a gente ganhava bolsa para ir dar aula em Apodi, a gente ia uma vez por semana para Apodi. E lá em Apodi, eu passei uma situação com um aluno que fiquei muito chateada, que foi uma questão de assédio mesmo, que eu me senti desrespeitada. Porque o aluno – sabe essas pessoas que ficam o tempo todo, quando chamam uma mulher, não chamam pelo nome – me chamava de meu amor, e eu achava isso extremamente não profissional. Eu detestava, eu fiquei muito chateada quando eu percebi, quando eu senti; começou a me incomodar bastante. Eu falei diretamente, na frente de todo mundo. Teve uma hora que ele se dirigiu a mim e eu disse: “olha, o meu nome é Mariana. Aqui, eu sou a professora Mariana, e você vai se dirigir a mim assim. Senão, eu não vou lhe responder mais”. Aí o aluno, eles agem assim: “você está enganada, é loucura, não estou fazendo nada”. Mas essa situação se resolveu.

De vez em quando, eventualmente, você tem um aluno que isso acontece novamente, do aluno querer testar alguma coisa, mas também é uma coisa que, hoje principalmente, eu me saio até melhor. Tiro na brincadeira, os outros alunos riem, aí ele para.

Quando eu cheguei aqui [UFERSA], meu processo de me adaptar era muito me enturmar. Esse era o meu processo, e foi o meu processo na UERN. Eu vivenciei uma situação – que não foi em questão de trabalho – que mudou muito minha visão, que me fez buscar e estudar mais sobre feminismo. E me fez entender melhor a raiz de certas coisas que eu passava, que eu nem entendia. Essas questões que eu falei, de ter medo de sair na rua, a gente sente, mas

²⁰⁰ Apodi é um município brasileiro do estado do Rio Grande do Norte, localizado a cerca de 290Km da capital Natal.

às vezes a gente nem entendia que a gente estava sentindo aquilo porque era mulher, era a nossa experiência. A gente sentiu aquilo a vida toda, eu nem me questionava se os homens sentiam isso, se eles tinham medo, eu não me questionava sobre essas coisas.

Foi um problema que eu tive em um Uber, que foi muito apavorante. E aí, depois disso, eu comecei a pesquisar, comecei a estudar. Nessa época, eu acho que eu já era professora daqui da UFERSA, depois disso, mudou muito; e hoje eu tenho uma relação que, para mim, é muito mais saudável. Talvez não seja tão saudável no ambiente de trabalho, porque provavelmente eu incomodo mais no ambiente de trabalho, porque agora a minha atitude é outra. Minha atitude é questionar, responder e me posicionar. Mas isso foi depois de uma situação que eu vivenciei, que foi muito assustador, e que só aconteceu porque eu era mulher. Foi a primeira vez que eu percebi na minha vida que se eu não estivesse com um homem do meu lado, não havia respeito.

Foi uma questão com um Uber, eu desci do carro e ele veio atrás de mim. Ele veio para cima de mim, ele não me bateu porque tinha dois caras num prédio perto, e os caras correram pra não deixar. Ele não me bateu por causa dos caras. Isso fez eu refletir, comecei a estudar, procurar; foi na época que eu fiz um levantamento também nessa parte: de quantidade de mulheres que estavam entrando e a quantidade de mulheres que saíam da faculdade. Eu comecei a me interessar pelo assunto e hoje a minha postura é completamente diferente. Na época que eu entrei na UERN, a minha postura era de me adaptar, de escutar a piadinha misógina e rir, deixar passar. Ou então até responder, mas continuar na brincadeira. E quando eu mudei minha postura em relação, inclusive, eu perdi amigos.

Eu acho que um professor, de uma forma geral – eu falei aqui, por exemplo, da minha professora de MATEmática do ensino médio, o meu professor da graduação, os professores orientadores da pós, que realmente fizeram toda a diferença na minha vida –, pode mudar a vida de uma pessoa. Independentemente do nível de ensino que ele esteja, um professor, ele tem essa capacidade de mudar [a vida dos alunos].

Eu tive um aluno – eu adoro isso, eu fiquei muito feliz com isso... na época que eu estava como substituta do ensino médio, que eu nem estava tão feliz assim com a minha profissão, porque era muito exaustivo, era extenuante, não era bem pago, bem remunerado. Eu tive um aluno no ensino médio que, algum tempo depois – acho que uns dois, três anos depois – mandou uma mensagem para mim: “professora, eu entrei para Matemática, estou cursando Matemática. Eu escolhi Matemática por sua causa”. Anos depois, eu vim para a UFERSA e esse aluno entrou no PROFMAT²⁰¹, ele foi meu aluno no PROFMAT. Ele foi meu aluno do ensino médio, foi

²⁰¹ Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional.

meu aluno do PROFMAT e para a banca dele, eu chamei meu professor da graduação. Foi o meu primeiro aluno de mestrado, foi um momento para mim muito gratificante, um momento que eu guardo com muito carinho. Porque eu acho que a gente pode sim mudar a vida de um aluno, mudar a maneira como ele enxerga as coisas, o futuro dele, a clareza com que ele vê o futuro dele.

Eu acho que se eu fizer pelos meus alunos um décimo do que esses professores que eu citei fizeram por mim, eu vou estar extremamente realizada na minha profissão. Não sei se eu estou conseguindo, eu estou tentando, eu estou constantemente tentando; eu tento ser empática, eu tento pegar tudo de melhor que eu tive das experiências ruins, quando eu encontrei essas pessoas que me acolheram.

Aprendi também com os professores que não eram bons, eu sempre penso, às vezes eu estou fazendo alguma coisa e penso: “eu não posso fazer isso, professor fulano de tal fazia isso, não é legal”. A gente aprende também. Estou nesse esforço para dar o melhor possível para os meus alunos, e eu tento ser essa pessoa, essa figura. Eu sei que a gente não consegue – por mais que hoje eu esteja numa posição profissional muito mais confortável do que eu estava... eu estou com duas turmas, alguns alunos de mestrado, eu tenho uma carga de trabalho de sala de aula menor –, é um trabalho muito extenuante, é um trabalho muito cansativo. Nem sempre a gente consegue, nem sempre a gente pode dar o melhor da gente. Tem turmas que não vão sentir isso de você, que não vão gostar. Eu acho que a gente está aqui tentando fazer o melhor, nem sempre a gente consegue, por ser um trabalho muito extenuante, mas eu acho que a tentativa é essa.

Eu acho [que] todo professor – assim como os meus professores foram para mim, e eu espero ser para os meus alunos – é um exemplo. Eu fico feliz de ser um exemplo, também nesse sentido, para as mulheres. Eu fico feliz quando eu vejo uma aluna entrando na área, se interessar, de seguir carreira. A gente quer mais pessoas assim. Eu lembro, quando eu comecei a estudar sobre isso, eu estava lendo um artigo, e o artigo falava da importância que é ter mulheres nessa área de tecnologia, das exatas, da tecnologia de uma forma geral, porque diversifica. Na área das tecnologias, as pessoas são levadas a acreditar que é um curso que não exige criatividade, mas requer muita criatividade. As grandes ideias, elas só nascem na criatividade. E quando a gente tem só um mesmo grupo, sempre trabalhando nas mesmas coisas, cadê as novas ideias? Como vão surgir, se são pessoas que estão passando pelas mesmas vivências, fazem a mesma coisa, vivem da mesma forma. A gente precisa dessa diversidade, a gente precisa trazer as mulheres para dentro dessa área.

E se eu puder ser um exemplo para essas pessoas, e ajudá-las a seguir nesse caminho, orientar, de estar com elas, para mim já vai ter sido fantástico. Eu vou me sentir totalmente realizada na minha profissão. Eu acho que eu me sinto hoje assim, apesar de eu ter caído de paraquedas na matemática, mas eu amo o que eu faço. Eu realmente gosto.

Queria deixar uma mensagem de esperança, é muito bom ver trabalhos desse tipo²⁰² surgindo, porque a gente sabe que isso é a mudança chegando. Eu estou muito feliz. Eu estou muito na expectativa desse futuro, dessas novas gerações que estão entrando, das coisas serem de fato melhores. Da gente conseguir alcançar, minimamente, as mesmas chances. Eu acho que as coisas estão melhorando, não está rápido, mas está indo, e o importante é continuar indo.

²⁰² A professora se refere à pesquisa que está participando no momento.

4.7 FABIANE REGINA DA CUNHA DANTAS

A professora Fabiane foi a sétima contatada da UFERSA. Também não tinha tido a oportunidade de conhecer a professora antes e entrei em contato com ela pelo contato cedido pela professora Joseane.

A professora prontamente me respondeu no WhatsApp e falou que eu poderia explicar para ela do que se tratava a pesquisa por aquele canal mesmo. Expliquei para ela todos os procedimentos de pesquisa, por áudio e texto e ela logo deu seu aceite de participação.

Demoramos um pouco para marcar a data do nosso encontro, que ocorreu no dia 22/02/2024. A entrevista com a professora, apesar de ter sido a mais curta entre elas, foi muito proveitosa. Fabiane recebeu-me com muito esmero e foi solícita ao extremo; inclusive disse que se recordava de mim, do tempo que trabalhei na instituição. A entrevista ocorreu em um clima descontraído, com duração de cinquenta e seis minutos e vinte e quatro segundos, e a professora se mostrou muito à vontade para compartilhar suas narrativas.



Meu nome é Fabiane Regina da Cunha Dantas Araujo. Desde muito pequena sempre tive a vontade de ser professora, porque minha família é composta por professores e isso me motivou a seguir na carreira docente. Meu pai é professor e também minhas tias por parte de mãe são professoras – somente minha mãe que não foi –cresci nesse meio. Achava sempre aquela coisa: eu quero ser isso quando eu crescer. Tentei até fugir um pouco, mas acho que a vocação falou mais alto.

Eles me incentivavam a estudar, tinha muito isso. Eu comecei os estudos na escola em que o meu pai era professor (Escola Estadual Euclides da Cunha em Teresópolis – RJ) ele foi professor de Ciências e Biologia. A [minha] aula terminava um pouco mais cedo e ele pedia para as meninas – umas alunas – me pegarem, porque ele estava em sala de aula, não podia sair, abandonar o pessoal e ir me pegar. A gente tinha uma carteirinha e a criança só saía [da sala de aula] com ela em mãos. Ele sempre pedia uma aluna em que tivesse confiança para me pegar: “fulana, vai lá pegar minha filha”. Era dentro da escola mesmo, tinha um muro que dividia a educação infantil dos outros: fundamental e médio. Aí, as meninas iam lá me pegar e eu ficava sentada na sala de aula prestando atenção no que ele escrevia no quadro, aquilo me interessava: “eu gosto disso aqui”.

Eu morava no Rio de Janeiro na época, meu pai era servidor público e levou a família para morar lá, então, eu fiz a minha parte inicial toda, ensino infantil, ensino fundamental por lá. Quando ele se aposentou, eu já estava terminando o ensino fundamental, a gente veio morar na Paraíba – [porquê] a família é toda de lá, de Campina Grande²⁰³. Eu sou natural de Teresópolis no estado do Rio de Janeiro, (somente eu nasci lá), meus pais e meu irmão são paraibanos. Quando meu pai foi para o Rio, estava grávida de mim e eu nasci lá.

Ele comprou um quadro negro pequeno com giz e apagador e eu brincava em casa, dava aula para o vento. Quando eu já fui crescendo mais um pouquinho, pegava livro. Às vezes botava até eles para assistir aula, meus pais. Fui crescendo nisso aí, sempre gostei. Quando a gente vinha de férias no fim do ano²⁰⁴, eu tinha uma tia minha que era professora de uma escolinha de bairro, ela me dava muito livro, muita coisa. Eu amava, era bom demais. Sempre tive esse incentivo, não só dele [meu pai], mas o pessoal via que eu gostava e separava livros que sobravam: de desenho, de caligrafia. Eu gostava demais, fui crescendo nesse meio da educação.

Todo ano a gente ia ver a família, o que me ajudou na fase de adaptação quando mudamos para a Paraíba – já me sentia paraibana. Eu morava lá, mas as raízes mesmo eram nordestinas. Viemos para cá²⁰⁵ quando eu estava na oitava série, terminando o ensino fundamental, e daí em diante toda minha formação foi em Campina Grande. Terminei o fundamental, depois fiz o ensino médio e técnico na Escola Técnica Redentorista, que hoje não existe mais. Muito boa por sinal, eu acho que foi isso que me ajudou na época a entrar na universidade sem ter feito cursinho nenhum.

Ainda tentei fugir da área de ensino, mas eu vi que a minha vocação era essa: “eu tenho que ser professora mesmo, é isso que eu quero”. Como eu fiz a escola técnica – não era em Educação, era escola de Eletrônica e Telecomunicações –, eu pensei em trabalhar nessa área, que não tinha nada a ver com ensino, mas eu também não me identifiquei muito.

Lá era integral, de manhã era ensino médio e à tarde era a parte técnica. Eu gostava muito da parte do ensino médio, mas a parte técnica não gostei muito. Cheguei no terceiro ano e já estava terminando o curso técnico, eu disse: “não estou a fim de seguir nessa área, acho que eu vou voltar para a minha primeira opção” – que era ensinar. Foi quando eu fiz o vestibular.

²⁰³ Campina Grande é um município brasileiro no interior do estado da Paraíba, localizada a cerca de 113Km da Capital João Pessoa.

²⁰⁴ A professora se refere a vir do Rio de Janeiro para a Paraíba, passar as férias com a família.

²⁰⁵ A professora se refere à Paraíba.

Desde nova sempre gostei dessa parte de ensinar, por conta da família, mas eu sempre tive habilidade com a área de exatas, sempre me identifiquei desde criança. Na época, era [na] sexta série que começava a ver a parte de equações de primeiro grau e na oitava série, segundo grau. Eu não achei difícil. Todo mundo faz um bicho papão e eu disse: “eu acho que eu sou diferente, porque eu gosto”. Já de História e Geografia, a parte de humanas, não me identificava... até o Português ainda ia, eu tolerava. Quando cheguei no último ano, oitava série na época, que vem Física e Química, adorei isso. Eu queria seguir na área de Educação, mas algo voltado na área de exatas.

Eu cheguei na Matemática, enveredei por esse caminho porque a escola técnica era voltada para a área de exatas, e eu me identificava com esses cursos: Química e Matemática eu gostava muito. Eu disse: “eu vou tentar vestibular para Matemática na estadual e na federal vou tentar outra coisa, Engenharia Química. Em que eu passar é porque era ali minha vocação”. Eu pensei: “vou tentar uma outra, a que eu conseguir eu vou”.

Na UFCG²⁰⁶ eu passei na primeira etapa, só que na segunda etapa eu adoeci e não fui fazer a prova, perdi. Então, fui fazer o vestibular para Matemática, passei. Eu disse: “vou por aqui, vamos ver o que é que dá”.

Fui para Matemática, mais pela afinidade com as exatas. que desde criança eu sentia, eu tinha isso. O curso técnico que eu fiz também era todo voltado para exatas, se eu não tivesse gostado de Matemática e essas disciplinas da área exatas, eu não tinha ido para a frente não, porque a gente via muito cálculo, muita coisa mesmo. Foi por isso que eu enveredei, por afinidade, não só com a questão de querer ensinar, de ser docente; mas pela afinidade com as exatas.

Como a minha pós [graduação] foi em uma área aplicada (Meteorologia), eu gostei muito também, sempre procuro fazer trabalhos englobando as duas áreas²⁰⁷. É tanto que minhas pesquisas – eu parei um tempo porque eu tive filho e daí a gente passa aquele tempo parado, sem fazer nada – são mais voltadas assim também, misturando uma coisa e outra.

Entrei na faculdade, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e amei. Muita gente desistiu, porque não é um curso fácil, sou licenciada em Matemática, não sou bacharel, enveredei por essa área aí. Só que quando eu cheguei lá, tinham as disciplinas de matemática pura, como qualquer curso de Matemática, e as pedagógicas. [E também] tinham aquelas mais aplicadas, eu sempre gostei mais da matemática aplicada, tanto que eu fui aluna de iniciação

²⁰⁶ Universidade Federal de Campina Grande.

²⁰⁷ A professora se refere à matemática aplicada, em suas pesquisas.

científica e segui por esse caminho aí, motivada pelo meu orientador – o professor Aldo Maciel²⁰⁸, excelente, maravilhoso – que também trabalhava com a matemática aplicada.

Eu achei minha graduação muito boa, nunca tive problema nenhum com professor. Eu sempre fui muito calada. Me soltei mais, após começar a lecionar. Eu era muito travada, sempre fui muito tímida. Me lembro quando eu fiz o curso técnico, o professor dizia: “vamos botar Fabiane para falar”, e eu lá quieta no meu canto. Pensei: “será que eu vou conseguir ser professora mesmo? Eu sou tão calada...”. Mas, aí, com a prática e o dia a dia eu fui me soltando.

E a relação com os professores era muito boa. Como falei, sempre me interessei mais pela matemática aplicada, eu tinha mais afinidade com os professores da área pedagógica e da área da matemática aplicada. Meu orientador [de trabalho de conclusão] – professor José Lamartine²⁰⁹ era da área pedagógica já meu orientador da iniciação científica trabalhava com equações diferenciais, que tem muita aplicação.

Me dei muito bem, nunca tive atrito. Tinha uns professores mais rígidos, que não davam muita abertura para aluno, então, eu tirava a nota para passar, mas não tinha muito contato não. Atrito nunca tive. Foi tudo tranquilo. Terminei meu curso sendo amiga de todo mundo lá, não tive problema. Tinha alguns alunos que davam um pouquinho de trabalho, né? Mas em todo canto tem. Foi bem tranquilo, nunca tive problema quanto a isso não.

Nas vésperas de concluir o curso, eles sempre incentivavam a gente: “vão fazer um mestrado”. [Isso para] os alunos que continuaram... acho que da turma que começou comigo só uns cinco terminaram e juntando com os agregados de outros períodos, se formaram uns dez. Meu orientador me perguntou se eu não tinha vontade de fazer um curso de verão, que é o curso nas férias, curso de matemática. Eu ainda fiz, só que o verão lá era na UFCG, não tinha na UEPB²¹⁰, só que não me identifiquei, porque era mais voltado para matemática pura e eu vi que não era aquilo que eu queria.

O professor Juarez²¹¹ lá da UEPB – que não foi meu professor em si, pois nunca paguei disciplina com ele, mas que era bem conhecido por lá, inclusive se não me engano, ele foi coordenador do departamento de matemática – estava conversando um certo dia comigo e alguns colegas e daí perguntei: “e aí professor, como é que a gente faz? Dá uma dica aí para a

²⁰⁸ Aldo Bezerra Maciel, professor efetivo da Universidade Estadual da Paraíba.

²⁰⁹ José Lamartine da Costa Barbosa, professor efetivo da Universidade Estadual da Paraíba.

²¹⁰ Universidade Estadual da Paraíba.

²¹¹ Juarez Dantas de Souza, professor efetivo da Universidade Estadual da Paraíba.

gente”²¹². E como ele era da área aplicada, ele fazia a maior propaganda do mestrado de Meteorologia da UFCG em Campina Grande.

Aí, alguns alunos se interessaram: “vamos tentar, vamos nos inscrever para ver o que é que dá”. Desse grupinho que foi para lá, encaminhado por ele, quem passou fui eu e mais dois colegas. Nunca vi tanta matemática e física na minha vida, no curso de Meteorologia. Que a gente pensava: “Meteorologia, só serve para olhar para o céu e prever o tempo”. Não é. Tem muitas vertentes que a gente pode trabalhar, eu puxei mais para o lado da climatologia - climatologia e estatística – área em que eu trabalhei.

E outro professor da gente ficava incentivando tentar uma pós na área de matemática pura, inclusive umas amigas minhas seguiram nesta área. Eu não quis, e aí disse: “Não, vou para outro ramo. Deixa eu ir por aqui, que o meu caminho é este. Quero continuar na matemática aplicada”.

Nessa época, eu estava ministrando aula no EJA²¹³ para jovens e adultos, no estágio. As aulas ocorriam no SESI²¹⁴ para o pessoal das indústrias. Eu fiquei por lá quase dois anos, mas quando eu me formei eu tive que deixar, porque lá só aceita estagiário. Mas eu também estava trabalhando no Estado, com o ensino fundamental.

Certa vez, eu e outra colega, também professora de Matemática, organizamos uma feira de ciências com o pessoal do EJA e foi a sala mais visitada dentre todas as disciplinas. A gente confeccionou tudo lá, juntamente com alguns alunos voluntários. Passamos um dia todo na escola do SESI e cada um confeccionou uma coisa, os joguinhos. E foi um sucesso, a mais visitada. As crianças que foram com os pais, amaram.

Ai, eu pensei assim: “ainda não é o que eu quero. Eu quero ser professora, mas meu público acho que não é esse, não me identifiquei muito”. No EJA eu até me identifiquei, eram mais adultos e tal, mas aí eu tive que sair, porque acabou meu contrato. Eu gostava muito e aí fiquei só com alunos [do ensino fundamental] no Estado, como substituta. Depois, passei no mestrado e consegui bolsa, daí dei um tempo no ensino e fui fazer o mestrado.

Eu trabalhei até os três [primeiros] meses [do mestrado], a bolsa não saiu de imediato, então fiquei trabalhando no Estado – que foi o tempo que acabou meu contrato. Foi tudo assim [se encaixando]... coisa de Deus mesmo. Quando terminou meu contrato no Estado, a bolsa do mestrado saiu. Como a bolsa era boa na época, eu disse: “eu vou optar por ficar só estudando,

²¹² A professora se refere a uma conversa em que ela perguntava ao professor sobre dicas de onde seguir para a pós-graduação.

²¹³ Ensino de Jovens e Adultos.

²¹⁴ Serviço Social da Indústria.

passar um tempo só estudando, pensar em mim um pouco”. Porque é muito puxado, você ensinar, estudar ao mesmo tempo, aquela coisa toda. Saí da sala de aula por um tempo, mas com a intenção de voltar lá na frente. Fiquei só estudando, durante todo o mestrado e parte do doutorado, que inclusive entrei logo após terminar o mestrado.

Foi uma experiência muito boa fazer a pós em Meteorologia na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), gostei muito. Quem não é da área, quem não é graduado, faz um curso de nivelamento para entrar no mestrado, não é só o fato de você passar na seleção, não. Fiz um curso intensivo, juntamente com um grupo de quinze pré-selecionados, por dois meses que ocorria de segunda a sexta. Inclusive, a professora do nivelamento foi minha orientadora.

São três provas durante esses dois meses, se você atingir média final sete, você está aprovado e com isso está dentro do mestrado. Graças a Deus... eu não sei se é porque eu gostei e estudei tanto, que a minha média foi a maior da turma; eu fiquei com nove e alguma coisa. Quando já estava terminando, a professora me chamou na sala dela – a que foi minha orientadora – e eu fui até ela com medo: “o quê que ela quer comigo? Chamou só eu, não chamou os outros. Aí, ela perguntou se eu já tinha orientador, eu disse que não tinha. Então, ela me falou das áreas em que trabalhava, justamente na parte de climatologista, estatística e eu disse: “eu quero. Não tenho orientador, vamos”.

E a gente trabalhou muita coisa. Além da climatologia estatística, trabalhamos com sensoriamento remoto usando imagens de satélite para monitoramento de uma determinada região através de imagens de satélite. A gente estimava vários parâmetros de vegetação, a partir de modelos matemáticos. Trabalhei com a parte de modelagem matemática, só que voltado para o meio ambiente.

Muito bom, gostei demais: “meu Deus, é aqui que eu quero”. Me identifiquei total. Na meteorologia se trabalha Estatística, Física e Matemática demais. Quem tem preconceito e não conhece, diz assim: “a pessoa termina Matemática e vai fazer um negócio que não tem nada a ver”. Faça o curso para ver, se realmente não tem nada a ver?

Foi bem tranquilo, uma experiência muito boa. Gostei demais. Eu não me arrependi de ter migrado para essa área. Minha orientadora era uma verdadeira “mãe”, Célia Campos Braga²¹⁵. Ela era um pouco agoniada, mas muita gente boa. Ela viajava e me trazia presente. Mexesse com ela, mas não com os alunos. Muito boa, muito boa mesmo, não tenho o que me queixar dela, não. Hoje eu perdi um pouco o contato, porque já faz muito tempo que saí da

²¹⁵Professora efetiva da Universidade Federal de Campina.

UFCG, mas de vez em quando, quando a gente vai a congressos da vida eu me encontro com ela. Só tive bons contatos.

Como mencionei anteriormente, concluí o mestrado e já entrei no doutorado, também em meteorologia. Terminei o mestrado em 2008 e fiz a seleção do doutorado, a minha orientadora na época me incentivou. Eu até pensei em não tentar logo, ver se conseguia um emprego. Eu disse: “não sei, eu tento professora?”. Ela disse: “tente, você consegue”. Eram só cinco vagas, eu fiquei em sexto. Só que tem um menino que passou em primeiro lugar, e ele tinha feito seleção para outro lugar, ele preferiu ir embora - porque ele não era de Campina Grande, aí ficava melhor pra ele. Então, eu entrei.

O concurso eu fiz quando já estava no doutorado. Foi um ano e meio, mais ou menos, depois que eu já estava no doutorado, e nesse meio termo comecei a estudar para concurso. Meu orientador do doutorado na época, que não era a professora Célia, incentivava muito os alunos. Ele até me deu um tempo: “vamos fazer o seguinte, vá estudar para o concurso, se dedique, quando você voltar a gente vê o que faz”. Ainda tinha um tempinho até terminar o doutorado, eu já tinha terminado todas as disciplinas e estava só escrevendo a tese. Ele me deu carta branca e eu fui estudar e fiquei aprovada em um concurso para Matemática na UFCG, porém fiquei em terceiro lugar.

Nisso estava abrindo concurso em todo lugar para várias áreas. Eu me identifiquei tanto com o curso de Meteorologia, que eu queria fazer nessa área.

Nessa temporada estudando para concursos, uma professora da UFCG que inclusive foi minha colega na graduação, me informou de vários concursos abertos, um deles foi o que fiquei em terceiro lugar na UFCG - Campus de Sumé²¹⁶. Como mencionado anteriormente, porém não foi nas vagas, eu fiquei aprovada em terceiro lugar e esperando ser chamada. Ela me deu uma força enorme, me emprestou um material que tinha para que eu me baseasse nos estudos, foi ótimo. Já estava quase completando dois anos do concurso – porque a validade era de um ano e prorrogava por mais um – e eles não chamaram.

Em contato novamente com essa minha amiga, ela disse que tinha outro concurso aberto, lá em Mossoró²¹⁷ na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). “Onde é Mossoró? Nem conheço”, não sabia nem para que lado ficava. Aí, ela disse: “é quase divisa com o Ceará, no Rio Grande do Norte”. Ela me mostrou tudo.

²¹⁶ Sumé é um município brasileiro no interior do estado da Paraíba, a cerca de 260Km da capital estadual, João Pessoa.

²¹⁷ Mossoró é um município brasileiro no interior do estado do Rio Grande do Norte, distante 281 quilômetros da capital estadual, Natal.

Eu vim fazer e passei. Tinham dois concursos em aberto na época: um deles tinham três vagas para disciplinas de Cálculo e Equações Diferenciais e outro, na área de Cálculo Numérico. Só que eu nunca tinha visto cálculo numérico na graduação, então eu disse: “será que dá certo fazer?”. E era só uma vaga, só que eu pensei assim: “o pessoal vai procurar o que tem mais vagas, eu vou nesse outro aqui. Só tem uma vaga, mas vou na tentativa de inscrever pra esse outro, acho que eu vou me arrepender, mas tudo bem”.

Quando saiu o deferimento, só tinha eu e outra pessoa [inscritis]. Eu vim [fazer a prova] sem conhecer nada, inclusive vieram também dois colegas comigo lá de Campina Grande que foram tentar o concurso, mas para a área de Física. Eu vim e fiz [a prova]; quando terminei e fui entregar a prova, o fiscal na hora disse que o outro candidato tinha faltado, ou seja, estava concorrendo comigo mesma. “Meu Deus, é agora”. Vim para a prova didática e disse: “se eu não passar, sou muito incompetente”. Botei isso na cabeça: “eu tenho que passar”. Porque eu já vi concurso que, mesmo com um [só] candidato, é reprovado. Mas deu certo e estou aqui na UFERSA já vai fazer quatorze anos em agosto de 2024.

Eu consegui passar na UFERSA porque o edital era bem aberto, tinha que ter graduação em Matemática – licenciatura, bacharelado ou Educação Matemática, alguma coisa assim, não lembro bem o perfil – e mestrado em Matemática ou áreas afins. Quando eu vim para Mossoró para trazer a documentação para a prova de títulos, por garantia, trouxe a tabela da CNPq²¹⁸, imprimir a tabela para mostrar para os avaliadores.

Depois de tudo resolvido voltei para Campina Grande e procurei meu orientador do doutorado, professor Ênio Pereira²¹⁹. Aí, eu disse: “pronto professor, e agora? Passei no concurso e é em Mossoró, não posso estar aqui”. Então, ele falou que tinha esse agravante, que a pesquisa com ele exigia que [eu] estivesse lá, em Campina Grande. Que ficasse por lá a semana toda, trabalhando. Eu não tinha como ficar.

Ele disse: “tem um professor novo no curso de Meteorologia, Carlos Antônio¹⁸, que está precisando de alunos para orientar”. Assim, passei a ser orientanda dele. Fui a primeira aluna de doutorado do Carlos, a pioneira. Inclusive, o professor Carlos é físico, mas fez mestrado e doutorado em Meteorologia.

²¹⁸ A professora se refere à tabela das áreas de conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

¹⁷ Ênio Pereira de Souza, professor Titular da Universidade Federal de Campina Grande.

¹⁸ Carlos Antônio Costa dos Santos, professor efetivo da UFCG.

Além de orientador, o Carlos é meu amigo, ou seja, de amigo, virou orientador. Com um ano e meio para terminar [o doutorado], e já trabalhando aqui [na UFERSA], mudei total o foco, porque a linha de pesquisa que eu estava trabalhando com o professor Ênio era totalmente diferente da do Carlos. Porém foi tranquilo, porque o professor Carlos já tinha um trabalho encaminhado e em um ano e meio eu consegui desenrolar a tese com ele. Abortei tudo que eu estava fazendo para trás e segui. Tive uns estresses, aquelas velhas ansiedades que existem, né? Quase perco o cabelo todo... mas deu certo. E na época eu ainda estava em estágio probatório aqui na UFERSA como professora, não podia estar fazendo feio por aqui faltando as aulas.

Então fui a Campina Grande em um certo dia e marquei com meu orientador (professor Carlos) na UFCG e ele me disse: “você me passa o que eu tenho que fazer e vou fazendo aqui de Mossoró. A gente fica se comunicando e de quinze em quinze dias eu vou a Campina Grande”.

De quinze em quinze dias eu viajava para lá e mostrava o que eu tinha feito. Trabalhando, dando aula, com três turmas aqui – manhã, tarde e noite, nessa correria. Ainda bem que eu não tinha filho na época, senão não tinha conseguido.

No primeiro dia de aula na UFERSA eu estava muito nervosa, meu Deus, parece que eu nunca tinha segurado no pincel para dar aula. Era diferente, minha experiência era com crianças e no EJA. Era uma coisa mais avançada e na minha cabeça eu pensava: “os alunos sabem muito na universidade. Eu estou engatinhando ainda nesse universo totalmente diferente do que eu vinha acostumada”. Mas fui muito bem recebida, os alunos muito bons. Eu comecei com turmas de Engenharia de Pesca, turma de CeT²²⁰...bem tranquilos os alunos, me receberam muito bem. O primeiro semestre foi o mais complicado, a fase de adaptação de tudo, de trabalho, de ambiente. Porque eu saí de Campina Grande, bem mais frio, e aqui o calor insuportável; e não tinha ar-condicionado nas salas de aula. Era ventilador, e o ventilador pegava somente nos alunos, mas a gente que ficava embaixo não pegava: suava, eu saia molhada. Eu andava com uma toalhinha, secando o rosto.

Passou o primeiro semestre, e eu já me senti em casa. É tanto que, hoje, eu não quero mais ir embora de Mossoró, me identifiquei tanto com esta cidade que não quero. Meu filho não quer nem saber [de ir embora], os dois²²¹ são mossoroenses.

Quando eu cheguei, foi só essa questão de adaptação. Eu sozinha aqui, os meus colegas que vieram fazer o concurso comigo, não passaram, só eu. Pensei que eles iriam passar, pelo

²²⁰ Bacharelado em Ciência e Tecnologia.

²²¹ A professora se refere aos seus dois filhos.

menos teria alguém conhecido por aqui. Não teve. Mas graças a Deus fiz boas amizades, fiz amizades aqui que, para mim, viraram família. Até porque na época do concurso, muita gente veio de fora – os professores aqui, inclusive, a maioria são de fora – e a gente meio que virou uma família. Aí, foi tranquilo, por isso que eu acho que me adaptei bem, a gente tem uma rede de apoio boa. Às vezes têm colegas e amigos que valem mais do que certas pessoas da família. Nem todo familiar dá esse apoio que os amigos dão. Eu não tenho família aqui, ninguém, ninguém. Mas a gente meio que virou uma família. Já está todo mundo de casa, meio mossoroense.

Eu tive filho depois que eu terminei o doutorado, porque meu esposo, ele queria mais ter filho do que eu. A gente casou e eu passei mais de três anos com esse negócio, sempre tinha uma desculpa: “deixa eu terminar meu doutorado, deixa eu fazer isso...”. Depois que terminou tudo eu não tinha mais desculpa. Em 2014 eu engravidei do meu primeiro filho, hoje ele está com oito anos.

Eu casei em 2011, porém conheci meu esposo em 2010 quando eu cheguei aqui. Ele é funcionário aqui da UFERSA, é físico lá do laboratório, do LQFM²²², o nome dele é Francisco. A gente começou a namorar e nove meses depois eu casei. Como foi tudo muito rápido, eu disse: “eu não quero ter filho agora, não. Acabei de passar no concurso, casei e tudo, vamos dar um tempo”.

Inclusive, ele também se interessou pela área que eu estudava, de Meteorologia. Ele é Físico. Quando eu estava na fase de rodar meus dados do doutorado, ele me ajudou bastante, porque era tanta coisa... Ele me ajudou e não é que ele se interessou também? Fez mestrado e doutorado em Meteorologia. E a orientadora dele foi a minha orientadora do mestrado, ele viajava toda semana para Campina Grande, no início. E eu ficava aqui.

Eu terminei o doutorado, e foi quando ele começou o mestrado, aí, eu disse: “não, eu não vou ter filho, vou ficar sozinha aqui em Mossoró com menino pequeno? Vou não. Quando você voltar de tudo, do mestrado, aí a gente pensa”. Ele terminou no finalzinho de 2014, antecipou, e eu já estava grávida. Ele adiantou muita disciplina no mestrado para aproveitar no doutorado, ele era danado – acho que ele ficou com duas disciplinas só, no doutorado.

Aí deu certo, minha sogra veio, passou uma temporada aqui. Eu com menino pequeno, ele viajando e isso foi o que mais tive dificuldade em administrar. Mas a orientadora dele era muito boa, ela também é mãe, sabe como é – também entendia ele. Ele fazia muita coisa aqui de Mossoró também, passou a viajar menos no doutorado.

²²² Laboratório de Química, Física e Matemática.

Eu tive outra filha, mas já foi agora em 2021 com tudo mais tranquilo. Ela tem dois anos. Sem aperreio, sem nada. Já passado a pandemia²²³, também. Meu esposo só vivia dizendo: “eu quero um segundo filho”. E eu dizia: “mas eu não quero, não. Vai Ficar só Arthur – o nome do meu filho mais velho –, vai ficar só ele. Não quero, não, dá muito trabalho, agora que a gente conseguiu voltar a dormir, tranquilidade, vem um bebê”. Até que ele me convenceu. Só tive um pouco de dificuldades por conta que já estava quase com quarenta anos, a mulher tem aquela dificuldade de engravidar, né? Não é mais uma menina de vinte e poucos anos. Quando eu estava desistindo aí... engravidei. Na época eu estava com trinta e nove anos. E veio uma menina bem traquina, a Heloise, hoje com dois anos.

Mas é muito complicado, porque criança adocece, tem toda aquela coisa... Às vezes você precisa trabalhar – tem uma pessoa que trabalha comigo – e a pessoa falta, com menino doente... Você tem que abandonar o trabalho para ficar com menino em casa, né? Toda essa logística aí, complicado, e olha que eu só tenho dois. Chega aquela fase de birra, que embirra com tudo, e você tem que ter uma certa maturidade, jogo de cintura para lidar com aquilo ali, porque você não pode perder a cabeça também, não.

Vejo com humildade o cargo que ocupo, é uma posição que as pessoas lá fora veem: “ai, é uma professora universitária”. Nós somos formadores de opinião, de muita coisa. Eu sou doutora, mas não ando por aí dizendo que eu sou isso, que eu sou aquilo. Tem gente é doutor, que não pisa no chão. Mas eu acho que é uma posição importante, não pelo status, mas por ser formadora de opinião e passar um pouco mais de experiência para os alunos, um pouco do conhecimento que a gente adquiriu lá atrás.

E também a questão de ser mulher, porque antigamente você via poucas mulheres no ramo acadêmico, e hoje estamos ocupando mais o nosso espaço – em todos os ramos. Mas você via que, antigamente, por exemplo, maioria dos meus professores na época da graduação eram homens, não eram mulheres. Acho que eu só tinha umas três professoras, por aí. Não era um espaço muito acessível como está sendo hoje. Tem departamentos que tem muito mais mulheres, hoje em dia, do que homens. Principalmente na área de exatas antigamente, era assim, não tinha tantas mulheres.

Hoje você vê, aqui na UFERSA tem muitas alunas ingressando nesse ramo da engenharia – que também era um ambiente muito masculino – e as mulheres estão alcançando o seu espaço ao sol. E tem que ser assim mesmo, tem que brigar, não podemos deixar ninguém passar por cima da gente não. A gente tem que conquistar o espaço da gente, tem que botar

²²³ A professora se refere à pandemia de COVID-19, que teve início em 2020.

boneco mesmo: “dizer não é não quando tiver de ser dito”. E eu acredito nisso, acima de tudo – além de estar na sala de aula, passando um pouco do conhecimento que a gente sabe: o professor é um eterno aprendiz, a gente nunca deixa de estudar, sempre está se atualizando; temos que ser formadores de opinião.

Eu acho que a gente também tem que ser muito humano, saber entender o lado do aluno. Não é só chegar ali, abrir um livro, começar a falar, encher o quadro... O fato de conversar muito com os alunos, eu gosto de saber da vida deles... Não tá se dando bem, porquê? O que é que está acontecendo? Eu gosto de partir por esse lado, entender o aluno. Eu acho que cada sala de aula é um universo diferente, eu não posso tratar um aluno da Agronomia do mesmo jeito que um [aluno] de CeT, que tem um nível pouquinho melhor, nessa questão de exatas.

A gente tem que levar o nosso conhecimento, sim, mas também a gente tem que levar em consideração o lado humano do aluno.

Eles vêm, às vezes no final da aula ficam lá conversando, batendo papo. Eu sou assim, gosto de ser amiga, não é só aquele negócio mecânico: bom dia, boa tarde, boa noite, ir embora e pronto. A gente está numa posição importante, não por questão de status como já falei, mas, acima de tudo, também como formadores de opiniões e saber ajudar, e não ficar só naquela coisa de passar conteúdo para eles.

5 O QUE AS NARRATIVAS NOS PERMITEM DIZER: ANÁLISES

Como já citado anteriormente, a análise das narrativas produzidas pelas professoras foi elaborada articulando temas que vieram à tona durante as entrevistas, em uma análise de convergências. Com o intuito não de sintetizar, mas sim de ressaltar e refletir pontos que consideramos relevantes nas declarações das professoras.

Para que esse movimento fique claro para nossos leitores, é necessário dizer que um desses temas age como eixo central em nossas análises: o momento de decisão das professoras em cursar Matemática, seja licenciatura ou bacharelado. Esse momento traz consigo uma carga emocional e parece refletir um momento importante em suas vidas, impulsionando a uma tomada de decisão por parte das professoras, sendo, para nós, crucial nas narrativas produzidas.

Pensando nisso, os outros temas analisados são apresentados seguindo uma lógica cronológica: um antes e um depois desse momento de decisão. Os temas considerados pertinentes que se encontram em uma linha temporal antes da tomada de decisão são: “incentivo” e “representatividade”. Esses foram disparadores de indagações sobre como as entrevistadas tomaram conhecimento e seguiram para a carreira de professoras, se tinham apoio e incentivo da família, da escola, de amigos e/ou de pessoas consideradas importantes em suas vidas.

Além disso, buscamos compreender como se viam em suas figuras de referência, exemplos de professores e professoras de matemática ou outros motivadores que remetessem à carreira de docência. Esses são considerados aspectos que podem ter influenciado na decisão das professoras a seguir ou não o caminho da docência em matemática.

Os temas analisados que se encontram em uma linha temporal depois da tomada de decisão são: “pertencimento”, “trabalho e relações de poder” e “equilíbrio entre vida pessoal e acadêmica”. Essas temáticas vieram à tona principalmente nos relatos das professoras sobre suas trajetórias acadêmicas e as dificuldades e superações vividas nesses caminhos.

A escolha desses temas foi levando em consideração que, depois da decisão em cursar matemática, as professoras teriam ainda que decidir, quase que todos os dias, continuar nesse caminho. E a sensação de pertencimento nesse lugar, como percepção sobre sua participação na matemática, amigos, professores e também suas condições pessoais, como saúde, vida conjugal e filhos agem como pontos fortes nessa jornada.

Além disso, acreditamos que tentar dialogar com as questões de trabalho e relações de poder ao longo do percurso das professoras também é de fundamental importância. Visto que

tais relações, seja com as professoras ainda em fase de formação ou em cargos como docentes de fato, poderiam também fazer parte dos seus processos de decisão na carreira em matemática. A seguir, faremos uma discussão detalhada acerca dos temas apresentados aqui.

5.1 INCENTIVO

Essa temática de análise foi pensada principalmente para tentar discutir sobre os motivos, quer sejam positivos ou negativos, que poderiam ter influenciado para a escolha das professoras pela carreira da Matemática, *incentivando-as*. Para adentrar nessa discussão, é necessário refletirmos um pouco sobre a história das mulheres com a matemática.

Por um longo período de tempo, não era permitido às mulheres os estudos em matemática, não sendo considerado um papel aceitável pela sociedade (Melo, 2018). Essa relação foi se modificando ao longo dos anos, em um ritmo lento, mas imparável (Teles, 1993). Atualmente, essas relações foram alteradas, mas guardam consigo o peso e as cicatrizes de outrora, muitas vezes influenciando diretamente nas vivências que as mulheres travam com esse conhecimento em seus cotidianos.

Refletindo um pouco mais sobre essas mudanças ocorridas com o passar dos anos, podemos mencionar que “qualquer mudança social passa necessariamente por essa produção viva e mutante de subjetividades” (Mansano, 2009 p. 112). Para aprofundamento dessas relações, é necessário debater sobre o conceito de subjetividade, que, de acordo com Mansano (2009, p. 111), é “uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro”. Ou seja, podemos inferir que a relação das professoras com a matemática também era alimentada pelas relações com outras pessoas, desses encontros com “outros” e de como se deram tais experiências.

Sendo base das ideias de Mansano, e corroborando com este mesmo pensamento, Guattari e Rolnik (1996) falam sobre a diferença entre indivíduo e subjetividade. Para estes autores, a produção dos desejos, das vontades e falas não está atrelada totalmente à noção de indivíduo – que seria o ser fixado pelas sociedades e culturas, o ser docilizado, disciplinado –, mas sim às questões sociais e históricas, às potências de produção, com suas influências diretas nesse ser, produzindo subjetividade.

Há de se perceber que todo o processo de produção dessas subjetividades, mencionado acima, ajudou a moldar e influenciou as relações das mulheres com a matemática – por vezes tratadas e/ou transformadas em indivíduos, por vezes em sujeitos – visto também a contribuição de cada tempo histórico, pois “É nessa dinâmica mutante que os processos de subjetivação vão

tomando forma, contando com a participação das instituições, da linguagem, da tecnologia, da ciência, da mídia, do trabalho, do capital, da informação [...]” (Mansano, 2009, p. 111).

E é a partir dessa perspectiva de potências por vezes modeladas, individualizadas, por vezes impulsionadas, subjetivadas, nos atravessamentos com as relações sociais e culturais vigentes, que foi sendo escrita a história das mulheres com a matemática. Nesse sentido, cabe ressaltar que “os discursos que envolvem mulheres e Matemática, em sua maioria, perpetuam a suposta inferioridade feminina, a incompatibilidade com o universo do saber, o não-pertencer da mulher ao campo matemático” (Melo, 2018, p. 190), e por isso há uma grande dificuldade a ser enfrentada ao adentrar esse ramo, mesmo já não havendo amarras sociais tão fortemente traçadas, como quando da privação desse contato.

Falando sobre como os sujeitos são constituídos nas relações em sociedade, Morais (2017, p. 88) afirma que: “[...] o sujeito é formado por todos aqueles que o cercam, bem como pelo espaço que ocupa, nessa relação complexa de subjetivação”. Sabendo disso, essa temática de análise tenta movimentar as relações das professoras com a matemática e seus arredores, em seus processos de subjetivação.

Com esse intento, podemos começar destacando que na entrevista da professora Aylla é possível ver claramente as implicações da sua família na construção de sua subjetividade, sobretudo quando comenta sobre o pai, que chegou a cursar Matemática e Engenharia Química, mas não concluiu nenhum dos cursos. A professora relata que seu pai tinha uma loja e sempre lhe aconselhava para estudar, pontuando que o trabalho no comércio era algo incerto. Ainda sobre esse ponto, a entrevistada relatou que alguns de seus professores do curso de Matemática foram colegas do curso de graduação do seu pai.

Quando fala sobre os pais, relata também que ambos tinham proximidade com o ambiente universitário, com a mãe já formada e fazendo especialização e o pai, como citado acima, que chegou a frequentar esse ambiente. A professora chega a citar que seu professor de Matemática do terceiro ano do ensino médio dizia que ela seria professora de matemática, pois sempre tirava “dez” na matéria, mostrando certa inclinação no caminho para a Matemática se mostrou potente desde muito jovem – pelo menos nas perspectivas sociais que a circundavam.

Essas relações sociais também se mostram muito fortemente no relato da professora Valdenize. Ela afirma ter começado a estudar antes mesmo de entrar na escola: seu pais sempre lhe incentivaram muito, apesar de só terem estudado até a quarta série do ensino fundamental. Seu pai lhe ensinou os primeiros princípios de leitura, da escrita de algumas palavras e também

de contagem e, por isso, relata que, ao começar na escola formal, já sabia trabalhar um pouco com as quatro operações matemáticas, além de noções de leitura e escrita.

A professora destaca ainda que era muito estimulada pelos dois avôs, que sempre gostaram muito de matemática: colocavam continhas e problemas matemáticas para ela resolver, dentro das possibilidades que ela poderia responder à época. Isso corrobora com o pensamento de Moraes (2017, p. 87), ao comentar sobre os sujeitos e o meio: “quanto mais aprende com o meio, mais estão livres para agir, criar, dizer”. As interações da professora Valdenize com a matemática, desde muito pequena, lhe permitiram uma intimidade e liberdade com a disciplina.

A professora cita ainda que seus pais, apesar de terem profissões simples – pedreiro e dona de casa – a apoiaram sempre. Sua mãe principalmente, que dentre outras atividades para complementar a renda da família, tinha uma banquinha de vendas em frente à escola, e era assim que ela conseguia pagar as passagens de ônibus para frequentar a escola mais distante: “[...] nem todo dia tinha para o lanche, mas pelo menos para a passagem tinha” (Entrevista de Valdenize, 2023).

A professora Andréa também relata muitos incentivos familiares para que seguisse estudando, principalmente do pai, que era concursado, e prezava muito pela educação. Ela cita que seus pais até tinham condições de fornecer uma vida de regalias – pai ex-bancário e mãe ex-telefonista – mas preferiam investir em boas escolas particulares.

Quando terminou o ensino fundamental, seu pai a matriculou em uma escola particular conceituada da capital para que ela pudesse ter mais oportunidades, assim como fez com os demais irmãos da professora. Foi, então, que ela saiu de casa para morar com os irmãos em um apartamento comprado pelo pai.

Apesar de notarmos claramente divergências nas situações financeiras das famílias das professoras, essas questões de incentivo implicam também na confiança e na relação individual que as mulheres travam com a educação, de modo geral, e com essa área em particular, favorecendo a criação de determinadas posturas, geração de estereótipos e influenciando na expressão de ideias, opiniões, falas e tudo o que remete ao modo como lidam e se relacionam com a educação e a matemática. O que pode ter impactado na construção de suas subjetividades e, conseqüentemente, na formação das professoras que se tornaram. E essa percepção fica clara em alguns discursos, a exemplo da fala da professora Andréa, quando explicita esse mesmo pensamento: “Hoje, com quarenta e dois anos, olho para trás e acho que muito daquela formação familiar é que fez eu chegar onde eu estou” (Entrevista de Andréa, 2023).

Já tendo sido comentado sobre a noção de história única, é importante revisitar as suas influências sobre a vida de mulheres e suas relações com a matemática. Os percalços antes encontrados ao tentar estudar matemática ou adentrar esse campo majoritariamente masculino, ajudaram a escrever uma história da matemática que não incluía mulheres – algo facilmente notável ao folhear livros que tratam do assunto. Nesse ponto, destacam-se a importância das palavras de Adichie ao comentar que “É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. [...] as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder” (2019, p.12)

Ou seja, as relações com a matemática também são parte dessa trama de relações de poder e deixam explícito como as mulheres foram e são afetadas, afinal: “Tudo o que é do domínio da ruptura, da surpresa e da angústia, mas também do desejo, da vontade de amar e de criar deve se encaixar de algum jeito nos registros de referências dominantes.” (Guattari; Rolnik, 1996 p. 43).

Convocando aqui as palavras de Larossa (2002, p. 21), ao tratar sobre experiência, quando afirma que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca [...]”, questionamos: como poderiam as mulheres produzir experiências na e com a matemática, tornarem-se sujeitos de experiência com a matemática, se não lhes era instigado, atizado ou simplesmente considerada uma via que poderia despertar algum tipo de interesse?

No relato da professora Fabiane, é nítido ver que ela era instigada desde pequena, o que se dá pela família ser formada por professores – seu pai e suas tias são todos professores. Comenta que eles lhe incentivavam muito a estudar e lembra que seu pai a comprou um quadro negro de brinquedo e ela empregava suas horas de infância brincando de dar aula. Sua tia lhe presenteava com livros, de desenho e de caligrafia: “Eu gostava demais, fui crescendo nesse meio da educação” (Entrevista de Fabiane, 2024).

Hooks (2013, p.122) traz uma linha de pensamento muito semelhante ao citar que “[...] a experiência pode ser um meio de conhecimento e pode informar o modo como sabemos o que sabemos”, auxiliando a produzir sentidos sobre o que a experiência fala nos corpos, o que foi escrito nesses por meio das experiências e o que também não foi escrito e não foi permitido. Outras falas de algumas das entrevistadas jogam luz sobre esse tema.

O relato da professora Luiza, aponta as dificuldades de sua mãe para conseguir estudar e fugir dos estereótipos de sua época para a mulher: casar e constituir família. A professora relata que sua mãe teve muita influência no seu processo de estudos, sempre a estimulando a

seguir em um caminho totalmente diferente do qual havia sido criada para seguir. A entrevista cita momentos em que sua mãe sempre a lembrava: “O seu marido vai ser seu emprego, seu marido vai ser sua formação” (Entrevista de Luiza, 2023), e também recorda que em sua casa não era aceitável reprovar nas matérias da escola.

Ainda sobre esse aspecto, em sua entrevista, a professora Mariana também cita que em sua casa sempre teve muito estímulo à educação. Em dado momento, a professora relembra que seu pai, quando conseguiu um emprego melhor, a tirou da escola pública e a colocou em uma escola particular, em uma tentativa de fornecer a melhor educação possível.

Destoando um pouco das outras entrevistadas, a professora Valdeniza relata que estudava muito matemática no ensino fundamental e o professor responsável pela turma a colocava para ir ao quadro tirar dúvidas dos colegas de sala. Ao fazer a transição do ensino fundamental para o médio, escolheu uma instituição mais distante de sua casa, por influência de uma professora que a orientou, pois, ao se matricular nessa escola, teria direito a frequentar um cursinho preparatório para o vestibular.

Com essa fala é possível perceber que o incentivo que estamos aqui falando não se remete somente à família das professoras, mas também em outros aspectos de suas vidas, como a escola. O papel incentivador dos professores, para a entrevistada Valdenize, foi extremamente pertinente, levando-a para caminhos que se aproximavam da carreira com a matemática.

Podemos ver, portanto, que praticamente todas as professoras apontam a importância do incentivo em suas relações com a matemática, sendo o mais destacado de todos, o papel da família. Seja nas profissões, dos pais ou familiares próximos, ou mesmo no apoio sentido pelas professoras para a carreira de matemática, esses fatores tiveram contribuições significativas para as entrevistadas.

5.2 REPRESENTATIVIDADE

Abordar a *representatividade* nas análises emergiu das falas das professoras em suas entrevistas: como ponto recorrente, as entrevistadas citaram a não participação de professoras no quadro docente durante suas respectivas formações. Também foram consideradas as opiniões das professoras referentes ao próprio lugar que hoje ocupam, de sua participação e conhecimento da representatividade de suas posições. Além disso, foram levadas em conta a participação de figuras femininas nas vidas das entrevistadas (agora sem levar em consideração professoras), pois por diversas vezes foram relatados momentos importantes protagonizados por essas.

Começamos a enveredar pelas falas das professoras em relação a questões de representatividade docente. Esse tópico foi recorrente nas narrativas das professoras Joseane, Luiza, Mariana e Valdenize. Na fala da professora Joseane, é possível observar sua inspiração para seguir por essa área em um professor de Matemática do ensino médio, enfatizando que ele foi um grande incentivador para seguir essa carreira. Além disso, a professora destaca seu descontentamento por não ter tido representatividade feminina durante seu curso de graduação em Matemática, não tendo sido aluna de nenhuma professora na área específica da matemática, somente da área de educação matemática. As únicas três professoras que havia no departamento eram todas da área de estatística e saíram do Departamento de Matemática.

A entrevistada em questão teve o bacharelado em Matemática como sua segunda graduação e conta que já estava acostumada a estar em ambientes com poucas meninas, já era “calejada”, pois vinha de um curso de Meteorologia. Relata episódios de turmas com pouquíssimas colegas mulheres, em que os meninos não as respeitavam – cochichando ao verem as meninas se levantarem durante a aula – e a intervenção do professor para com esse tipo de situação era nula. Joseane diz em sua fala que, em uma tentativa de compensar a falta de professoras durante a graduação e o mestrado em Matemática, em seu doutorado, teve uma orientadora e duas co-orientadoras mulheres.

A professora Luíza também fala da falta de professoras em disciplinas de Matemática pura durante seu processo de graduação: “As professoras que eu tive durante a graduação, todas eram das disciplinas pedagógicas” (Entrevista de Luiza, 2023). Sobre isso, podemos comentar que considerando particularmente a área de matemática, as características consideradas padrões desse ramo apontam para uma divisão clara dos papéis de gêneros, algo que vai ao encontro do que observamos nas palavras de Louro (1997, p. 107), ao citar que:

[...] se poderia dizer que a representação dominante do professor homem foi — e provavelmente ainda seja — mais ligada à autoridade e ao conhecimento, enquanto que a da professora mulher se vinculava mais ao cuidado e ao apoio “maternal” à aprendizagem dos/das alunos/as.

Ou seja, caberia, assim, aos professores homens com autoridade imponente as disciplinas consideradas mais “duras” e “rígidas”, e às professoras as disciplinas com tons mais “amenos”, mais relacionadas aos cuidados, sensibilidade e emoção. Essa percepção corrobora com as ideias de Foucault (1999), ao pontuar sobre os processos e lutas que atravessam os indivíduos, ao indicar que essas “[...] determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento”. Utilizando de estigmas, não só para designar quais disciplinas teriam certo teor, mas também concordando com estereótipos de gênero ultrapassados.

Observando as falas das professoras, é perceptível que ao ter menos oportunidades e relações com a matemática, as mulheres tendem, pelo menos numericamente, a ter menos representação na docência em matemática. Em uma cadeia viciosa, repetem-se os ciclos de poucas alunas e poucas professoras e poucas alunas e poucas... claramente marcados pelas relações de poucas referências e representatividades. Citando Hooks (2013), podemos afirmar a dificuldade dos professores em sair da política de dominação reproduzida no contexto educacional e isso podemos estender e compreender também no sentido dos processos formativos de professores.

A professora Valdenize chama a atenção para o mesmo fato, de que não teve professoras durante o ensino fundamental, mas que seu orientador de aprendizagem do ensino médio era da área da matemática, e ela ficava encantada vendo ele encher o quadro de coisas que ela ainda não entendia – afirmando que ele foi um espelho no qual ela se inspirou.

Na graduação em matemática ocorreram episódios semelhantes, ao se deparar somente com professores: a entrevistada resalta o fato de que, durante sua graduação, não tinham muitas disciplinas consideradas pedagógicas, o que pode ter influenciado ainda mais na questão da falta de professoras. O que só corrobora com a ideia vista acima, dos estereótipos de gênero influenciando as disciplinas durante a graduação das professoras, e em consequência disso, suas formações.

Na fala da professora Mariana, é possível ver o papel da representatividade em destaque: Mariana conta como sua professora de matemática do ensino médio foi fonte de inspiração para seguir a carreira. Ela relata que sua professora era jovem, dedicada e empolgada, que trabalhava a matemática de forma diferente, com quadrinhos e livros, e teve papel fundamental em sua vida estudantil: “[...] era uma presença feminina forte na área, porque já na escola a gente ouvia muito essa questão, essa segregação das meninas com as exatas” (Entrevista de Mariana, 2024).

Mariana relata ainda sua experiência com um professor da graduação, que a incentivou de muitas maneiras a continuar na carreira da Matemática, citando que ele mudou a vida dela, modificando a imagem que ela tinha dos professores de Matemática da graduação. A professora comenta ainda que os professores, de uma forma geral, têm o poder de mudar vidas e que está sempre preocupada com sua posição na relação com os alunos, ciente da responsabilidade de seus atos.

A fonte de inspiração relatada pela professora Valdenize (ao mencionar que via seu professor de matemática como um espelho) é um disparador para pensarmos sobre os sujeitos identificados como mulheres ao nascer e em como estão estigmatizados a não ter uma boa

relação com a matemática (ou relação nenhuma). Tecendo as tramas de suas histórias antes mesmo de ter o discernimento necessário para decidir o que lhe interessaria ou não. A partir disso podemos nos questionar:

[...] em quê a experiência que temos de nós mesmos se vê formada ou transformada pelo fato de haver, em algum lugar de nossa sociedade, discursos que são considerados verdadeiros, que circulam como verdadeiros e que são impostos como verdadeiros, a partir de nós mesmos enquanto sujeitos? (Foucault, 2016, p. 12)

Até que ponto essas relações são afetadas pelas verdades dominantes que preveem determinado tipo de comportamento para um determinado sujeito? Uma das consequências mais diretas e fundamentais é a solidão enfrentada pelas mulheres em determinadas áreas, como podemos perceber no campo também da Matemática e na fala das professoras.

A partir da fala de Mariana sobre diversidade nas pesquisas, podemos discutir sobre como o pensamento de mergulhar em campos não afirmados como convencionais para mulheres traz dificuldades: além das barreiras convencionais de entrada, o caminho solitário e sem representatividade.

Além disso, podemos mencionar aqui vários episódios relatados pelas professoras onde comentam que, durante a graduação e mestrado, se viam mais próximas de colegas homens. As entrevistadas mencionaram que se sentiam à vontade com suas amigas majoritariamente masculinas, mas que também atribuíam isso à falta de opções de colegas mulheres. Elas ressaltam que era raro ter mais mulheres presentes nas salas de aula, e isso também levou a convivência em grande parte com colegas homens.

Isso nos leva a reflexão de que esses momentos de compartilhamento e companheirismo entre colegas professoras foram podados; não necessariamente de forma intencional. Mas invariavelmente, as oportunidades de discussão e convivência com outras mulheres da área de matemática foram cerceadas pelos discursos presentes na sociedade, como vimos acima nas palavras de Foucault (2016). O que queremos dizer com isso é que, o não direcionamento de mulheres para a área de matemática gera uma minoria de mulheres nesses cursos, e isso pode impactar diretamente nas experiências de convivência de outras mulheres que se fazem presentes nesses mesmos cursos.

Em uma situação particular do relato da professora Andréa, mas que se relaciona com a questão da solidão enfrentada pelas professoras, é possível ver claramente a importância de um caminho com colegas de estudo: a entrevistada comenta sobre uma seleção de monitoria durante a graduação, cuja tentativa se deu depois de conversar com a antiga monitora, que a incentivou. Nessa conversa, a monitora relata que havia passado em um mestrado em Rio Claro - SP e

Andréa vê também para seu caminho a mesma oportunidade, de seguir caminhos na pós-graduação.

Retomando os conceitos abordados na introdução desse trabalho, em que vimos também como representativo um grupo de interesses comuns (Dess, 2022); e observando os relatos das professoras, é possível ver que a questão representativa pode também ser direcionada para colegas de estudos e/ou curso das entrevistadas. É desse sentido, da perda de coletividade (Dess, 2022) das mulheres na matemática, que queremos salientar com a falta de convivência das professoras com outras mulheres durante suas formações.

Como último ponto do roteiro de entrevista, pedimos que as professoras comentassem um pouco sobre a posição ocupada por elas hoje, na universidade. Aqui vemos claramente um consenso entre as entrevistadas ao citar a importância do lugar que ocupam, principalmente quanto à questão da representatividade na vida de outras mulheres. Ao falar sobre sua posição como professora na vida dos alunos, Joseane revela que ainda acha que está em dívida com a sociedade no sentido de que viu muitas colegas que também começaram o curso de Matemática, mas hoje em dia não estão ocupando uma posição como a dela.

Dessas vivências, revela uma necessidade pessoal que sente de trabalhar em mais projetos voltados para essa área, pensando em atual em projetos de extensão para pessoas que ainda não conhecem o ambiente da universidade e seus direitos como cidadãos. Sobre as meninas nas exatas, no mesmo sentido, frisa que também é de sua responsabilidade tentar trazer mais mulheres para a área, mostrando que elas podem sim ocupar esse lugar.

Ainda sobre essas questões, a professora Luiza comenta sobre sua visão da posição que ocupa, relatando que ao entrar nas salas de aula observa pouquíssimas alunas – cinco, em média – e vê com importância a sua imagem para elas, para que elas possam pensar que também conseguem. Sobre isto, a professora destaca não somente sua representatividade enquanto mulher, mas também sua posição como uma mulher que veio de um ambiente periférico, sem muitas chances de conseguir uma posição como a que hoje ocupa. Salienta ainda a importância de pesquisas na área, relatando que já trabalhou em temas de discussão de gênero com suas bolsistas de iniciação científica.

Ao comentar sobre sua posição na universidade, Valdenize destaca que não vê como sua prioridade a matemática em sua relação com os alunos, mas sim a sua contribuição social, frisando também a sua importância para as alunas, como fonte de inspiração.

A partir de suas experiências, a entrevistada Mariana diz que está sempre se policiando em seu comportamento para não repetir falas e ações de professores que não foram benéficos

em sua trajetória. Comenta que fica feliz de ser um exemplo para os alunos, e para as meninas em especial, de vê-las entrando para a carreira da Matemática, se interessando pela área, e também frisa a importância da diversidade nas ciências, para que as pesquisas sejam mais criativas.

A professora Andrea comenta ainda sobre sua felicidade ao ter escolhido a carreira de professora de matemática, que se sente trabalhando com os sonhos dos alunos, alimentando oportunidades e que as falas de alguns professores ficam marcadas para sempre. O que só corrobora com o que foi aqui falado sobre o processo de representatividade para alunas de matemática.

As narrativas mencionadas acima são combustível para chamar a atenção para um ponto em comum: a necessidade e importância da presença de mulheres nas pesquisas acadêmicas. Hooks (2018, p. 44) fala sobre esse tema, apontando sobre o grande impacto dos estudos feministas no começo do movimento, que a organização da literatura feminista foi uma poderosa e bem-sucedida intervenção na sociedade: “O movimento feminista criou uma revolução quando exigiu respeito pelo trabalho acadêmico de mulheres, reconhecimento desse trabalho do passado e do presente e o fim dos preconceitos de gênero em currículos e na pedagogia”.

Podemos fazer alusão a esse mesmo conceito com as falas das entrevistadas, que citam por diversas vezes a necessidade de pesquisas que envolvam mulheres e que coloquem em pauta temáticas de gênero. Falar sobre esse assunto nas pesquisas e projetos pode ser visto como uma reverberação dessas vozes, levando em consideração o caráter extensionista das universidades, podendo colaborar para uma literatura que alcance de fato as pessoas.

Algumas das professoras chegam a mencionar que estão trabalhando ou querem trabalhar mais com pesquisas voltadas para a temática de gênero. Isso mostra que as entrevistadas estão cientes do seu papel enquanto representantes na sociedade e expressa o desejo de “pensar em educação feminista como algo importante na vida de todo mundo” (Hooks, 2018, p. 47).

Cabe também mencionarmos aqui a importância de algumas presenças femininas nas vidas das professoras que não faziam parte do âmbito escolar tradicional. É muito forte no relato das professoras Valdenize e Luiza suas relações com suas mães, trazendo a figura da representatividade de mulher para elas. Em seu relato, a professora Luiza deixa em destaque a importância de sua mãe em suas trilhas pela educação, que sempre foi uma figura de referência, uma mulher que lutou para conseguir estudar e conseguiu passar em um concurso.

Luiza deixa muito claro que sua mãe e bisavó eram fonte de inspiração para sua carreira de estudos, enveredando um pouco sobre o passado dessas e descrevendo a importância que a história delas teve na sua própria. Ela afirma que crescer em uma casa com sua mãe sempre lhe influenciou muito, vendo o exemplo de mulher batalhadora e persistente.

Muito semelhante à professora Luiza, a professora Valdenize destaca a figura de sua mãe como mulher inspiradora de vida, que nunca deixou faltar nada para os filhos, sendo considerada também como uma representatividade forte na vida da professora. É de grande importância apontar para o papel que a mãe da professora ocupou em sua trajetória ao longo de sua formação, sempre se preocupando com a questão financeira, como também com outras questões mais sutis – mas que não deixam de ser significantes – como apoio para que a professora tivesse tempo livre para estudar.

Sobre a representatividade, podemos destacar suas várias nuances aqui observadas: a representatividade dos professores e professoras, de figuras femininas vistas como exemplos, de colegas de curso durante as formações das entrevistadas e do seu próprio papel na sociedade. E que também são fontes geradoras de discussões sobre diversidade nas pesquisas acadêmicas, os discursos dominantes da sociedade e como estes influem nas relações e caminhos das professoras, e a solidão por muitas vezes enfrentada pelas entrevistadas ao seguir nos caminhos da matemática.

5.3 TOMADAS DE DECISÃO

Esta temática foi pensada como ponto central do processo de análise das narrativas das professoras, pois a *tomada de decisão* em cursar Matemática foi o ponto crucial para muitas delas. Não afirmamos aqui que esse momento foi o único responsável pela posição hoje ocupada por elas, pelo contrário: em nossa perspectiva, as duas temáticas anteriores intervêm nesse processo de decisão; e os três temas que serão explorados a seguir atuam como fortes influências para que as professoras não tenham revogado a decisão tomada anteriormente.

Os processos vistos anteriormente, que apontam elementos da história de vida das professoras – os incentivos, influências, figuras representativas – podem ter influenciado na decisão delas por seguir pela carreira no campo da matemática, o que endossa a discussão já feita sobre a relação entre subjetividade e questões de gênero. Ainda sobre a importância das questões subjetivas na formação das professoras, Josso (2002, p. 27) lembra da “[...] compreensão actual do que é a formação e do lugar que nela ocupam as experiências ao longo das quais se formam e se transformam as nossas identidades e a nossa subjectividade”.

Não temos o intuito de afirmar que o processo de decisão das professoras para seguir a carreira da matemática foi igual para todas, pois “[...] cada um será sempre um ser individual, diferente, pois cada um é, a todo o momento, atravessado por diferentes acontecimentos que o tocam e (trans)formam, tornando-o, gradativamente, seres mais múltiplos em constante processo de formação” (Moraes, 2017, p. 851). Isso será observado logo mais, ao constataremos que esse momento aconteceu de diferentes maneiras para cada entrevistada.

É interessante observar que, esse momento de tomada de decisão das professoras, não acontece somente ao escolher o curso de graduação: por muitas vezes, esse movimento de decisão acontece durante a graduação ou até mesmo antes de adentrar o curso, como veremos a seguir.

No entanto, apesar dos movimentos singulares, ao longo do processo de análise algumas semelhanças foram notadas, como o fato de que as professoras – com exceção de uma – não consideravam a Matemática como sua primeira opção, e é exatamente por ela que começamos essa discussão. A professora Valdenize, como já mencionado anteriormente na temática de “Incentivo”, sempre teve contato com a matemática – incentivada pelos pais e avôs. Ao chegar na escola, em um episódio também já comentado na seção anterior, na temática “Representatividade”, a professora conta que, ao ver o professor de Matemática no quadro, decidiu naquele momento que queria ser professora de Matemática.

A partir do momento de sua decisão, a entrevistada conta que nada poderia lhe atrapalhar, que toda a sua trajetória foi definida para que ela conseguisse passar no vestibular e conseguisse cursar Matemática. E que inclusive já adentrou o ensino médio decidida a fazer tudo o que fosse preciso para conseguir seu objetivo. Por ter crescido em um bairro pobre de periferia, a professora aponta que via muitas meninas engravidarem cedo e comprometerem seus futuros, não sendo essa a realidade que ela gostaria para si. Ela cita que escolheu o curso de licenciatura porque mesmo se não conseguisse ser professora universitária, poderia ainda ser professora do ensino básico, mas, em todo caso, seria uma área na qual teria mais garantias de conseguir um trabalho.

Como anteriormente apontado, em “Incentivo”, a professora escolheu fazer o ensino médio em uma escola mais distante de sua casa, pela escola oferecer um curso preparatório para o vestibular. É interessante observar aqui que a decisão da professora Valdenize em ser professora de Matemática influenciou também outras decisões ao longo de sua vida, como essa mencionada. Ela destaca que queria fazer o curso preparatório para ter mais chances de passar no vestibular em Matemática.

Algumas das entrevistadas tiveram seu momento de decisão com a matemática após experimentarem outros cursos ou já matriculadas no curso de Matemática. É interessante observar que a virada de chave das professoras se deu muitas vezes dentro do curso de matemática, mostrando a importância do decorrer da formação para essas mulheres.

Com a professora Andréa, podemos observar que esse momento de decisão só se deu depois de ter experiências com outro curso. A entrevistada fala que, ao pensar sobre o que queria fazer no vestibular, estava indecisa e escolheu Comunicação Social, pois não queria nada na área de saúde e nem nas engenharias: “[...] na época, a falta de informação, estereótipos, eu descartei as Engenharias rápido. Por ser aquela área masculinizada...” (Entrevista de Andréa, 2023). Mais uma vez, as questões de gênero interpelam o caminho de uma professora, ao descartar a área das Engenharias, a fala da professora Andréa remete à crítica de Adichie (2017, p. 11) quando cita que “A gente supõe rápido demais que as meninas não conseguem fazer várias coisas”.

A professora conta que sempre teve afinidade com a área das exatas, mas não foi cursar Matemática no início por ser considerado um curso fácil de entrar, que poderia ser feito em sua cidade natal. Mesmo assim, ela prestou vestibular para os dois cursos: Comunicação Social e Matemática. Ao passar nos dois, escolheu Comunicação Social, pois acreditava que ser publicitária era melhor do que ser professora de Matemática. Mas é possível observar no relato de Andréa que a matemática sempre lhe inquietou, pois um semestre depois se matriculou na licenciatura em Matemática da UECE (Universidade Estadual do Ceará), com objetivo de “guardar” a vaga no curso, enquanto ainda cursava Comunicação Social.

Andréa conta que, ao cursar a primeira disciplina de Matemática, Geometria Euclidiana, sentiu o impacto da dificuldade do curso, mas ao mesmo tempo se sentiu instigada pelo que estava estudando. Tanto que, como a professora narra, chegou a assistir aulas do curso de Comunicação Social resolvendo atividades do curso de Matemática. Podemos talvez associar esse momento da professora com o conceito de experiência de Larossa (2002), posto que parece indicar um processo no qual foi tocada, atravessada pelo curso de Matemática, como não havia sido em Comunicação Social, impulsionando seu processo de decisão.

Semelhante à Andréa, a professora Aylla também tomou a decisão de cursar Matemática após ter uma experiência em outro curso, um Tecnólogo em Desenho Estilístico de Moda. Apesar de mostrar uma afinidade com a disciplina de Matemática, Aylla relata que decidiu cursar Moda, pois tinha referências em casa: com sua avó costureira, desde pequena esteve cercada de influências para o campo da moda. Mas, ao se matricular no curso de Desenho

observou que muito do que estava sendo desenvolvido continha matemática, e que as pessoas ao seu redor tinham muita dificuldade nestes conteúdos. A professora relata que foi nesse momento que decidiu cursar Matemática.

Como observado anteriormente, na temática “Representatividade”, a professora Mariana se inspirou em sua professora de Matemática do ensino médio. Por morar em uma cidade no interior do Ceará, Mariana não tinha muitas opções de curso e, dentre as opções disponíveis, como relata, a inspiração de sua professora foi um ponto chave para que escolhesse Matemática. Podemos notar que essa relação da professora Mariana com sua professora corrobora com o pensamento de que o sujeito e sua subjetividade vai sendo formado ao longo de toda a sua vida, desde sua infância (Morais, 2017).

Porém, assim como quase todas as outras entrevistadas, não era sua primeira opção cursar matemática. A professora relata que sua mãe e suas avós eram costureiras – cresceu em meio a moldes, tecidos e costuras – e ela gostaria de cursar moda: juntando sua paixão pelos estudos com a familiaridade que o curso de moda proporcionava. Porém, não teve como cursar, pois o curso de moda só era oferecido na capital e ela não tinha condições financeiras para tal.

O momento de decisão da professora Mariana também se mostra um pouco mais à frente em sua trajetória. Ao entrar no curso de licenciatura em matemática em uma cidade próxima à sua, não se identificou com o ambiente do curso de matemática, citando professores desencorajadores e outras questões que serão discutidas na próxima temática “pertencimento”. A entrevistada falou que chegou a tentar outros cursos em cidades próximas - que acabaram não dando certo.

Esse momento da professora Mariana acontece quando ela encontra no curso de matemática um professor que lhe serve de inspiração, a acolhe e a estimula como aluna. A professora cita que decidiu ser professora de matemática do ensino superior por causa desse professor, que “[...] mudou minha vida.” (Entrevista de Mariana, 2024).

Algumas professoras não pretendiam seguir a carreira de matemática quando terminaram o ensino médio, são os casos das entrevistadas Luiza, Fabiane e Joseane. Diferente das professoras já citadas, todas elas, à princípio, não pretendiam ter relações diretas com a matemática. O momento de decisão dessas professoras – como veremos a seguir - são vividos em diferentes épocas de suas vidas, mas têm esse aspecto em comum.

Em seu relato, a professora Luiza conta que sempre gostou de estudar e se identificava com a matemática, porém, ao considerar as alternativas para o vestibular, o curso de Matemática não só não era uma opção, como a professora expressa que era um desejo se afastar desse ramo

de estudo: “Ah, eu vou fazer qualquer coisa que não tenha matemática, eu quero fugir de matemática” (Entrevista de Luiza, 2023). Decidiu que faria primeiro o vestibular para Administração e não obteve êxito.

Na segunda tentativa, contudo, ponderou se deveria tentar para História ou Matemática. Como notou uma afinidade muito maior com a segunda área, decidiu por ela. E conta que teve muita sorte, pois descobriu o que queria fazer da vida com dezessete anos de idade. Um episódio em particular pode ter sido o momento em que a professora Luiza tomou sua decisão por seguir na carreira com a matemática: quando percebeu que adorava “perder tempo” com as demonstrações matemáticas que estudava no curso, que gostava muito disso.

A professora Fabiane revela um momento muito parecido com o de Luiza ao se inscrever para o vestibular. Ela conta que sempre teve muita afinidade com a área de exatas, mas ficou muito em dúvida do que deveria fazer para a graduação, então se inscreveu em dois cursos: em Engenharia Química na universidade federal e em Matemática na universidade estadual. Não conseguiu concluir o processo do vestibular na federal e acabou ficando em matemática.

Ambas as professoras, apesar de deixarem claro em suas narrativas que tinham afinidade com matemática, não consideraram o curso de Matemática como primeira opção, e somente depois de tentativas falhas em outros âmbitos decidiram cursar Matemática. No relato da professora Fabiane, ela chega a mencionar que, como não tinha gostado de outras áreas, a única opção que restava era seguir o caminho de sua família, a docência.

Ainda no mesmo viés de escolher a matemática somente depois de tentativas em outros âmbitos, o relato da professora Joseane tem perspectivas em comum com as outras entrevistadas, mas mostra-se um ponto fora da curva pela demora em seu processo de decisão. Em sua entrevista, Joseane relata que matemática não foi sua primeira opção de curso, apesar de sempre ter sido uma paixão em sua vida: das disciplinas da escola, sua preferida era a Matemática. Devido a isso, inclusive, inscreveu-se para um curso que envolvesse a área de exatas: Computação. Mas, como acabou não passando, decidiu cursar Meteorologia, por ser também uma formação que envolvia matemática, programação e física.

Durante a graduação, suas maiores notas eram sempre em disciplinas voltadas para a Matemática e, por conta disso, a professora afirma que a paixão pela matemática continuava lá, latente. Ela então resolveu que tentaria cursar Matemática, mas, a essa altura, já tinha terminado o curso de Meteorologia e entrado em um mestrado na área. Por ter conseguido bolsa de mestrado e necessitar da segurança financeira, o que a bolsa lhe proporcionava, foi adiando o sonho de cursar Matemática. Foi após o término do mestrado em Meteorologia, quando

começou a atuar na área e percebendo que não se identificava com o trabalho, que considerou o momento oportuno para cursar Matemática, decidindo seguir por essa nova rota.

Joseane frisa que percebeu não gostar da área de Meteorologia como ramo de trabalho, e por isso decidiu que iria deixar tudo para trás para cursar Matemática. Ela ressalta que matemática foi uma paixão que a fez moldar seus horizontes, optando, por exemplo, por cursos que envolvessem essa área de conhecimento, mas que foi necessário passar por todo esse caminho antes, para entender que realmente queria matemática para sua vida. A professora afirma ainda que escolheu o bacharelado e não a licenciatura pois pretendia trabalhar com pesquisa no ensino superior, experiência que teve durante a graduação e mestrado em Meteorologia, o que lhe ajudou na decisão na hora de escolher o curso.

Podemos fazer alusão a esse momento de decisão da professora Joseane – e das outras professoras - com a definição de momento charneira, explicado por Josso (2002, p. 175) como:

o apogeu de um estado de crise ou como um acontecimento ou uma finalidade exterior. Nestes momentos-charneira, o ser é vítima de contradições, de oposições, supostas ou reais, que uma decisão pode desanuviar ou tornar de novo suportável.

Esse conceito pode nos ajudar a enxergar esse momento das professoras, como foram impulsionadas a essa decisão, mostrando-se crucial na trajetória das entrevistadas. É interessante destacar que, em nenhum momento, foi pedido para que elas comentassem sobre esse momento em específico; mas em absolutamente todas as entrevistas, ele se fez presente: por vezes mais tímido, camuflado em outras perspectivas, por vezes mais explícito e cheio de certezas na fala das entrevistadas.

Os relatos das professoras destacam muito bem a escolha de vida em um determinado momento, apontando novamente para as concepções de momento charneira: “[...] olhar com perspicácia os passos dados, os caminhos traçados, sozinha/os ou com quem quer que seja, desde que permita ver, enxergar aquilo que estava ali, mas por algum motivo passou a ser percebido” (Machava et al., 2021, p. 72). Podemos ver esses movimentos das professoras no despertar para o interesse de trabalhar com a matemática ao experimentar outros cursos; na realização de que poderiam sim ser boas alunas e seguir no curso de Matemática, na decisão de seguir um interesse que sempre esteve latente, ou mesmo no representativo de outros professores.

Algo interessante a nos questionarmos sobre esse aspecto, são os motivos que levaram essas professoras a não considerarem, em sua maioria, o curso de Matemática como primeira opção para seguir profissionalmente. Há aparentemente alguns rastros desses motivos que são

ligados a questões sociais mais amplas – como a desvalorização e reconhecimento desses profissionais em detrimento de outras profissões; a influência das vivências travadas com outras profissões ou campos de saber; ou ainda a necessidades financeiras ou limitações de opções –, mas pode haver motivos relacionados a questões de gênero? Como as possíveis crenças de um desejo de distanciamento, que pode ter relação com alguma percepção de incapacidade, ou de que é um ramo para homens pode ter influenciado nessas decisões? Esses são aspectos não tão claros nas narrativas, e podem não estar claros para as próprias professoras, mas nos deixam rastros de não ditos que podem ter suas implicações nos processos de decisão dessas e de outras mulheres.

5.4 PERTENCIMENTO

O *pertencimento* é uma temática que parece sobressaltar nas narrativas das professoras sobre suas trajetórias depois que decidiram cursar matemática. A análise foi realizada em torno das situações vividas pelas docentes durante seus percursos acadêmicos. Os episódios aqui relatados levam em consideração principalmente a sensação de pertencimento ou não que as professoras sentiam ao estar no ambiente de estudos que envolvessem matemática, seja em nível de graduação ou pós. Buscamos compreender o tema a partir dos comportamentos dos professores, das amizades, da participação em atividades, das orientações, ou quaisquer outros elementos que possam ter colaborado para a aparição do sentimento de pertencimento aos cursos, à área, à profissão, ressonando em suas formações.

É importante observar que essas situações não estão relacionadas com os estudos da Matemática, ou mesmo com o campo da Educação Matemática, mas, pelo contrário, emergem de vivências pessoais ou de outros âmbitos mais coletivos. E entendemos que esses foram também processos de formação dessas mulheres professoras de matemática, pois, em concordância com Moraes (2017, p. 153), pensamos que: “[...] se existem movimentos que ‘atravessavam’ a formação de professores de matemática, marcando-os e, assim, tornando-se experiência, isso era também formação de algum modo”.

Como parte dos múltiplos fatores que influenciaram e atravessaram a formação dessas professoras, também contribuíram com suas decisões de permanecerem e se relacionarem com a matemática, como foi abordado na temática anterior. Todos esses fatores podem ter colaborado para que as professoras seguissem em suas trajetórias com a matemática: desde terminar a graduação, seguir em caminhos de pós-graduação, até atuar no ensino superior, mas

é importante ressaltar que influenciaram a ser professoras de dado modo, enfrentando questões que outros alunos, homens cisgêneros, porventura não enfrentaram.

Em alguns momentos durante as entrevistas, ao pedir que as professoras comentassem sobre suas experiências na graduação e pós, foram percebidas algumas nuances em relação à abertura para dúvidas e estudos em suas formações. Algumas entrevistadas comentaram sobre dificuldades de expressar suas dúvidas, de poder discutir ideias e se sentir à vontade para que se permitissem errar ou admitir tribulações durante esse período.

Isso fica claro na fala da professora Andréa quando destaca uma sensação de pertencimento durante a graduação, afirmando que se sentia em casa durante o período que cursou a licenciatura em Matemática, apesar de sempre ter sido um ambiente com bem mais homens que mulheres. Na relação com os colegas, a professora cita situações em que era bem-vista por eles, pois era considerada a única mulher da turma que sabia “alguma coisa” de Matemática. A professora aponta que talvez não tenha sentido tanto desconforto com um ambiente majoritariamente masculino, pois sempre foi uma boa aluna, que conseguia conversar sobre matemática e tirar dúvidas de outras colegas que viessem perguntar.

Sobre os apontamentos de Andréa, nos remetemos a Woolf (2014, p. 31), quando comenta sobre a disparidade de dificuldades sentidas por homens e mulheres: “Mas para a mulher, pensei [...] essas dificuldades eram infinitamente mais descomuns”. A situação relatada pela professora Andréa deixa claro algumas dificuldades vividas durante sua trajetória na Matemática. Não era menosprezada pelos colegas pois conseguia absorver o conteúdo sem maiores problemas, mas, e quanto às outras que não sabiam “alguma coisa”? E se a professora também apresentasse alguma dificuldade na aprendizagem dos conteúdos, como seria esse relacionamento? A fala de Woolf registra esse incômodo, do local que as mulheres ocupam de não haver espaço para o erro, a dificuldade, para uma aprendizagem que lhes permita errar, aprender e continuar.

Seguindo na mesma linha de raciocínio, Mariana comenta sobre episódios ocorridos durante o mestrado, e um em particular chamou nossa atenção. A professora destaca que teve muitos professores durante o mestrado que não davam espaço para que os estudantes tirassem dúvidas, preferindo tomar um caminho de indiferença e distância com os alunos. Ela relata que, por muitas vezes, se colocava nessa posição de enfrentar os professores e verbalizar o que os alunos pensavam, mas tinham medo de falar.

Ela explicita esse movimento de coragem das mulheres: “A gente dá muito a cara à tapa, se precisa falar alguma coisa e ninguém quer dizer, a gente vai lá e diz: eu era muito esse tipo

de pessoa” (Entrevista de Mariana, 2024). Mariana contesta se essa ação de mobilização das mulheres não as colocaria em uma posição mais exposta, mais suscetível a violências verbais por parte dos professores.

Nesse ponto podemos refletir sobre o conceito de violência simbólica e suas repercussões no âmbito acadêmico: “Trata-se de um tipo de coação que não se utiliza de força física, mas que investe contra o indivíduo de forma tão ou mais cruel ao objetivar a imposição de poder por via moral ou psicológica” (Godinho, 2020, p. 10). Esses tipos de comportamento aqui citados encaixam-se na definição exposta acima, as ações dos professores e colegas, de questionamento, rebaixamento de pensamento e de coação para com as professoras.

Mariana também explicita outro tipo de situação recorrente em seu mestrado: as mulheres em situação de não pertencimento ao programa, ao se mostrarem mais fragilizadas com as situações ocorridas. Ela relata que as mulheres tinham que se mostrar muito mais fortes que os homens durante o programa, pois se mostrassem que estavam abaladas, não poderiam estar ali, pois seriam consideradas “fracas”.

Mais uma vez podemos discernir um tipo de violência simbólica nas narrativas das professoras: mesmo depois de estarem participando do programa de mestrado, essas mulheres tiveram que se reafirmar “merecedoras” de estarem naquela posição dia após dia. No relato da professora Mariana fica claro que às participantes mulheres do curso de mestrado, não era dada a opção de se mostrarem receosas, em dúvida, ou qualquer outro movimento que pudesse pôr em dúvida a participação delas no programa.

Esse tipo de atitude também é visto como um tipo de violência, como podemos ver nas ideias de Godinho (2020, p.11): “a identidade, o comportamento, as ideias, os direitos e os corpos femininos passam a ser vistos naturalmente como inferiorizados ou submissos em discursos e ações dos homens”. É justamente nesse ponto, no questionamento do direito das alunas de estarem ocupando aquele lugar de alunas na pós (mesmo tendo passado por todas as etapas do processo seletivo, como todos os outros alunos), que ocorre essa inferiorização do comportamento das professoras, quando se mostravam mais fragilizadas.

Outro ponto interessante a ser destacado nas entrevistas, é o ciclo de amizades das professoras e como esses acabaram contribuindo para uma sensação de pertencimento ao curso ou ao trabalho. Como já observado na temática anterior de *representatividade*, as relações se fraternais se mostram muito fortes e, de várias maneiras, também contribuem nos processos de formação das entrevistadas.

A professora Valdenize, como já discutido antes, afirma ter entrado na Matemática com uma trajetória bem definida do que queria para sua vida. Por isso, ela afirma que tinha um “empoderamento natural”: nunca deixou de buscar determinadas coisas ou posições por ser mulher. Esse empoderamento relatado pela professora nos leva a refletir sobre como talvez esse processo tenha sido alicerçado pelo incentivo - temática de análise vista anteriormente - e apoio de sua família, deixando a professora mais preparada para enfrentar desafios. A entrevistada frisa ainda que a bolsa de iniciação científica foi crucial durante sua graduação, lhe permitindo se sustentar – em termos de gastos com a universidade – e ajudar financeiramente em casa. A iniciação científica ainda a ajudou a seguir caminhos de pós-graduação: a professora explica que esse era o caminho natural para os estudantes de iniciação.

Além disso, ela comenta que era muito participativa durante o curso, que praticamente morava na universidade, além de citar a existência de um grupo de amigos que estudavam juntos durante esse período. Isso mostra, mais uma vez, a importância do pertencimento para as professoras, sentindo-se parte de um grupo e ao mesmo tempo tendo suporte financeiro para a continuação no curso

Do mesmo modo, Andrea relata um ponto crucial durante a sua graduação: o laboratório de matemática. A professora frisa que o laboratório foi um divisor de águas na sua vida, e comenta sobre a oportunidade de ter sido monitora deste: que se sentia muito mais próxima da matemática em um outro viés, o didático-pedagógico. Esse parece ter sido um momento de aproximação da professora com a matemática, e mais ainda, uma noção de pertencimento ao estar envolvida nas atividades de monitoria no laboratório – um envolvimento direto com o curso de graduação e com as pessoas.

Luiza também comenta sobre a sensação de pertencimento durante a graduação, tinha um grupo de amigos que eram companheiros de curso: “a gente estava sempre junto – e é importante, a gente se segura, se fortalece” (Entrevista de Luiza, 2023). Cita ainda a participação benéfica de alguns professores em sua vida, ao lhe incentivarem a seguir para a pós-graduação. Ela frisa que isso foi muito importante, pois ela – como uma menina de bairro de periferia – não pensaria que poderia alcançar patamares mais altos.

Ainda nesse mesmo viés, porém agora no âmbito do trabalho, Fabiane comenta sobre as relações, citando que sentiu dificuldades no começo, por não ser natural de Mossoró. Assim, narra a dificuldade que sentiu ao começar a trabalhar em uma cidade que não conhecia ninguém, mas destaca que foi se formando uma rede de apoio entre os professores do departamento no

qual ingressou, pois vinham muitos de outros estados, e que encontrou neles uma segunda família, um suporte e apoio.

Para nos aprofundarmos um pouco mais nas questões de gênero que permearam as narrativas apresentadas pelas professoras pretendemos analisar como se deram as relações com os professores durante esse período. Sendo esses professores as figuras mais próximas de representatividade matemática (como já abordado em temáticas anteriores) e um vínculo direto com o curso de Matemática.

Andréa destaca ainda que, durante sua graduação na UECE, percebeu que os alunos não eram estimulados pelos professores a seguir caminhos na pós-graduação, como se estivessem sendo formados apenas para atuar no ensino básico: “por muito tempo eu pensei que eu não seria professora universitária, porque a minha formação na UECE era para ser professora da educação básica” (Entrevista de Andréa, 2023).

A professora Andréa comenta sobre um professor em particular que a incentivou a seguir caminhos de pós-graduação, concedendo inclusive uma carta de indicação para um mestrado na Paraíba. Durante o mestrado, mais uma vez a professora relata sobre a oportunidade que lhe foi dada por professores. Na ocasião, o professor de uma das disciplinas lhe deu uma chance para continuar no mestrado, revendo sua nota, e que, para ela, isso foi um estímulo muito grande para que pudesse continuar. Essa situação pode ilustrar como gerar oportunidades às mulheres para vivenciarem suas limitações com a Matemática, reconhecendo os potenciais que guardam, também são importantes para sua permanência na carreira profissional.

A professora Fabiane relata que sua trajetória durante a graduação foi tranquila e que tinha uma ótima relação com seus professores. Ela comenta sobre o incentivo dos professores da graduação para que os alunos fizessem mestrado e foi seguindo os conselhos de um professor que ela decidiu o programa de pós que queria seguir. Durante seu mestrado, a professora comenta sobre a sensação de pertencimento ao programa, que foi acolhida desde o começo por sua futura orientadora e que manteve ótimas relações com ela durante todo o período de mestrado. Ela frisa um momento de indecisão de sua parte para seguir ou não para o doutorado e que foi incentivada por sua orientadora.

Essa sensação de segurança e conforto expressada pela professora Fabiane poderia ser explicada por um curso de graduação um pouco mais aberto para as mulheres. Durante a pós-graduação, a entrevistada deixa claro que tinha colegas de classe e professoras que podia contar, como era o caso de sua professora orientadora.

Um episódio comentado pela professora Mariana ela discute sobre um momento de tensão em sua vida acadêmica, ao fazer a prova da última disciplina da graduação, já cursando o curso de verão do mestrado na Paraíba. Mariana deixa clara a pressão feita por seu professor dessa disciplina à época e como ele afirmou que ela e alguns colegas não conseguiriam ser aprovados, nem no curso de verão, nem na disciplina da graduação. Ela relata que, ao acabar a prova e entrar no carro de seu pai – que tinha ido pegá-la na universidade – desabou em um choro de frustração e preocupação. Esse momento deixa clara a sua sensação de não pertencimento com o ambiente da universidade naquele momento, e ao chegar em um ambiente familiar, se sentiu segura o suficiente para expressar suas fragilidades.

Uma situação muito semelhante foi relatada pela professora Luiza, ao comentar sobre um professor em específico que afirmou que ela e alguns colegas não deveriam tentar o mestrado, pois não seriam capazes de seguir na pós-graduação. Isso deixa explícito o comportamento de alguns professores para com alunos da graduação, de afirmar que eles não eram capazes de seguir caminhos de pós, o que gera uma sensação de não pertencimento à carreira acadêmica que sonham em perseguir.

Assim como foi citado que a falta de experiências das mulheres com a matemática poderia influenciar em suas decisões na hora de escolher seguir essa carreira, também queremos comentar sobre o impacto das experiências negativas dessas mulheres com a matemática. Trazendo aqui palavras de Josso (2002, p. 36) para elucidar os conceitos: “[...] para compreender a construção da experiência, encaramos três modalidades de elaboração: *ter* experiências pelo que me foi dado viver; *fazer* experiências que me proponham viver; e *pensar* estas experiências”.

Essas modalidades de experiência citadas por Josso (2002) podem nos ajudar a enxergar as narrativas das professoras. A experiência com a matemática vivida por elas foi tida, em primeira mão, pelo que foi lhes permitido viver; e são muito comuns os relatos de situações problemáticas das entrevistadas logo nos primeiros estágios de suas formações (graduação e mestrado). Criando um padrão de situações não agradáveis para as professoras em suas relações com a matemática ou com a área de exatas em geral (se considerarmos o caso de professoras que já tinham uma formação anterior).

É necessário ressaltar ainda que, as experiências aqui contadas pelas professoras carregam o peso do tempo, temos que levar em consideração que as entrevistadas revisitam essas situações com o olhar de agora. Ou seja, não necessariamente – e muito provavelmente não – as situações vividas à época tiveram o mesmo peso ou foram vividas sob a mesma ótica

do hoje. Josso (2002) ajuda a explicar esse conceito, comentando sobre discernir entre vivências e experiências: podemos pensar que experiências são vivências sobre as quais foi realizado um processo de reflexão e percepção sobre o que foi sentido, produzido.

Nos relatos de outras três professoras, é possível observar um padrão de acontecimentos: as entrevistadas Luiza, Mariana e Joseane citam situações de importunação sexual por parte de professores – seja durante a graduação ou mestrado. É necessário chamar a atenção para esses casos, pois ferem os direitos não só das mulheres, mas de qualquer cidadão. Esses fatos absurdos relatados pelas professoras colaboram para afastar as mulheres da área de matemática, não as deixando seguras nesse ambiente.

Os acontecimentos relatados pelas professoras marcam não só pela gravidade da situação ocorrida, mas também pelo fato dela comentar que, para os colegas de curso da época, a situação não era tratada com a importância esperada – e sim com piadas e de maneira trivial. Joseane também relata que, à época, situações de importunação eram consideradas rotineiras em sala, não causando a intervenção dos professores e sendo, por vezes, realizada por esses.

Isso chama a atenção para um problema gravíssimo, o menosprezo de colegas homens pelas situações que as entrevistadas estavam passando. Mais uma vez, as professoras relatam episódios de violência que podem – e constantemente levam – estudantes a desistir dos cursos ou de futuras carreiras (Godinho, 2020). Uma das falas de Mariana dá a entender que outras colegas de curso também tiveram os mesmos problemas: que fica grata por não ter enfrentado questões de assédio no mestrado (somente na graduação), pois outras colegas suas não tiveram a mesma sorte.

Em uma outra situação de assédio, agora já na posição de professora, Mariana comenta sobre um episódio que se passou em sala de aula. Um aluno em específico não se dirigia a ela nem pelo nome, nem por professora, e sim com vocábulos íntimos como “meu amor”. A entrevistada conta que se sentiu extremamente incomodada e que teve que se impor na frente de todos na sala para que ele parasse. Ao fazer isso, ela frisa que a reação dele foi dizer que ela estava enganada e que aquilo não teria tanta importância.

A professora detalha que as vezes, um ou outro aluno passa dos limites na sala, mas ela já está acostumada e consegue contornar bem essas situações. Um detalhe que chama a atenção é que a entrevistada diz fazer piada com algumas das situações: “Tiro na brincadeira, os outros alunos riem, aí ele para” (Entrevista de Mariana, 2023). Isso é um aspecto que é recorrente, dadas as situações que detalhamos acima, de colocar as situações de assédio de maneira trivial. O que queremos dizer é que (possivelmente) as professoras assumem esse papel para não gerar

constrangimentos para si mesmas ou para não se encontrarem em uma posição desagradável – envolvendo represálias - posteriormente.

As situações esmiuçadas nessa temática de *pertencimento* apontam para a oportunidade de formação dada para essas mulheres. Para que não fossem consideradas desmerecedoras de estar na posição de estudantes de matemática, elas não expunham suas fragilidades e dificuldades, e isso influenciou diretamente em suas formações como professoras. Como já observado, isso poderia ser um dos pontos principais de sensação de não pertencimento ao ramo da matemática, contribuindo de maneira negativa para a relação das professoras com a área.

Poderíamos também nos questionar sobre a importância de as estudantes mulheres serem ouvidas, sem dúvidas. Mas também cabe a indagação se, ao se expressarem por meio de suas palavras, as mulheres não se colocam em uma posição de vulnerabilidade ainda maior, se não forem acolhidas por seus professores, gerando (ou reforçando) uma sensação de não pertencimento. Apesar de supostamente todos terem a chance de falar, não são todos os discursos que serão efetivamente ouvidos e levados em consideração, possibilitando um olhar ainda mais sutil ao debate sobre questões de gênero.

Além disso, o comportamento dos professores chama a atenção para situações problemáticas como o desestímulo para com alunos que desejavam seguir para a pós-graduação. E com episódios de violência verbal e importunação sexual com alunas. Todos esses são aspectos que acreditamos que possam ter influenciado nas questões de pertencimento durante a graduação e pós dessas professoras, e consequentemente, interferido em suas formações.

5.5 TRABALHO E RELAÇÕES DE PODER

Essa temática de análise foi pensada depois de perceber nas narrativas das professoras alguns elementos que nos remetiam a relações de poder e trabalho. Não necessariamente falaremos somente sobre relações que se dão no âmbito da atuação profissional das professoras, mas também de situações que ocorreram durante suas formações e que não deixam de envolver aspectos do trabalho – mesmo que em uma perspectiva professor-alunas.

É necessário apontar em primeiro lugar, que o trabalho e as instituições que o envolvem são também marcados por relações sociais. Então:

Se as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros (e também os constituem), isso significa que essas instituições e práticas não somente "fabricam" os sujeitos como também são, elas próprias, produzidas (ou engendradas) por representações de gênero, bem como por representações étnicas, sexuais, de classe, etc. (Louro, 1997, p. 88)

Afirmando que também as relações de trabalho são permeadas por questões de gênero e têm suas particularidades ao adentrar um ambiente onde os papéis de gênero podem estar fortemente marcados. Direcionando a discussão para o ramo da docência, o trabalho dos professores também se encontra marcado pelas questões de gênero. Afinal:

[...] as representações de professoras e professores dizem algo sobre esses sujeitos, delineiam seus modos e traços, definem seus contornos, caracterizam suas práticas, permitem-nos, enfim, afirmar se um indivíduo pode ou não ser identificado como pertencendo a esse grupo. (Louro, 1997, p. 98)

A afirmação de Louro nos leva a refletir que, esses professores estão em um campo político, e como tal, “as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam” (Foucault, 1999, p. 29). Por esse motivo, é interessante ver que nessas relações também estão implicados jogos de poder.

Gostaríamos de começar essa discussão pelos comportamentos de alguns professores citados pelas entrevistadas. Neste ponto estão centrados principalmente o abuso de poder por parte de alguns professores, que acabavam usando de sua posição – em um patamar de poder mais elevado que as alunas – para cometer assédios sexuais e morais.

As professoras Mariana, Joseane e Luiza relataram casos de importunação sexual por parte de professores da graduação e do mestrado. Esses casos, já mencionados na temática de pertencimento, chamam a atenção pelo fato de os professores usarem suas posições para práticas abusivas, com uma aparente certeza da impunidade.

Luiza e Mariana comentam sobre casos de importunação sexual por parte de professores que estavam lecionando disciplinas para elas, à época, e as professoras deixam claro que não estavam em uma posição de conseguir rebater as investidas. Como alunas, estavam em um lugar de resignação, e temiam retaliações por parte do corpo docente. Destacamos o caso de Luiza, que era bolsista, dependia dessa fonte de custeio para seguir no seu curso, e temia não conseguir ser aprovada na disciplina e, conseqüentemente, perder a bolsa.

O caso que Joseane comenta é um pouco diferente dos citados acima. Ela relata que o seu professor orientador da primeira graduação (Meteorologia) cometia assédio, mas de maneira velada. Esse tipo de comportamento mais sutil é também uma forma de violência e para Godinho (2020, p. 11):

é assim que o poder simbólico cumpre sua função política como instrumento de imposição de uma classe ou grupo sobre outro, constituindo-se em uma autoridade invisível que carrega consigo uma violência também simbólica, cuja pretensão é justificar preconceitos, estereótipos e práticas de dominação.

Nos apoiando nas palavras de Godinho (2020), podemos pensar nas atitudes dos professores como uma forma de imposição dos professores para com essas alunas. Imposição essa que em alguns momentos fica mais escancarada, como em outro caso relatado pela professora Mariana, cujo relato aponta ter namorado e noivado com um de seus professores da graduação. A entrevistada conta que “[Ele] me perseguiu por muito tempo, até eu aceitar, ceder, dizer sim” (Entrevista de Mariana).

A professora comenta que esse relacionamento lhe trouxe muitos comentários e problemas durante o curso e que em determinado momento, depois de já ter terminada a relação com esse professor, um outro professor (orientador) teve comportamentos inadequados no mesmo sentido. Ela conta que não sabia se o fato de já ter namorado um professor fez com que outros se sentissem na liberdade de exibir tal tipo de comportamento, ou se era alvo simplesmente por não estar mais em um relacionamento com um homem.

Essa fala da professora Mariana abre precedentes para uma discussão importante: o fato de que alguns homens só consideram uma mulher fora de seus limites de alcance, ou digna de respeito, quando essa já se encontra em um relacionamento com outro homem, reproduzindo estruturas de dominação patriarcal. Esse mesmo raciocínio ajuda a explicar por que alguns homens tendem a respeitar mulheres somente quando há outro homem envolvido na equação.

Ainda nesse mesmo âmbito, algumas situações chamaram a atenção por se tratar de violências mascaradas de “brincadeira”, ou seja: “comportamentos e hierarquias que contribuem para a reafirmação e reprodução de uma ordem social” (Godinho, 2020, p 11). Mais uma vez gostaríamos de chamar a atenção para os casos em que as professoras estiveram em situações vexatórias, com professores sendo atores ativos ou coniventes nesses processos.

Esses comportamentos voltados ao abuso de poder por parte de professores também estão relacionados com situações de assédio moral. Em sua narrativa, Mariana relata vários casos em que os professores usaram de sua posição privilegiada para agressões verbais ou até mesmo abandono de suas funções de orientação. Durante seu doutorado, a professora relata um episódio em que precisou se afastar devido a um problema de saúde, no entanto, o seu professor orientador à época não compreendeu sua situação e disse que não a orientaria mais.

Ela comenta ainda sobre alguns professores com comportamento claramente misógino e aponta que chegou a sofrer represálias, como o silenciamento de suas dúvidas e direito de expressar suas opiniões como aluna. Como já indicado na temática anterior, Mariana comenta sobre sua atitude de rebeldia diante de situações como essa, e que procurava se fazer ouvir, assumindo portando uma atitude de enfrentamento com certos professores.

Nessa perspectiva, refletimos se esse comportamento mostrado pela professora Mariana e notado em vários momentos das professoras Valdenize (ao relatar que nada, nem ninguém, poderia impedir sua trajetória – como um empoderamento natural) e Luiza, podem ser classificados como mecanismos de defesa para que conseguissem obter sucesso nesse ambiente.

Em outra perspectiva, ao falar sobre trabalho, Andréa, Joseane e Mariana relatam alguns episódios que envolveram diretamente as relações de poder. Andréa aponta sobre a posição de chefia que ocupa, e de um momento em específico que sentiu que estava sendo confrontada por outro colega de trabalho, em decorrência de ser uma mulher em posição de poder, tomando decisões necessárias. Apesar de o ambiente acadêmico ser considerado muitas vezes como livre de preconceitos, pode-se observar que:

[...] essa percepção pode mascarar preconceitos e estereótipos para certos grupos, especialmente mulheres com responsabilidades familiares, onde o comprometimento e dedicação delas, são questionados diariamente por colegas de trabalho ou superiores. (Staniscuaski; Machado; Soletti; et al, 2023, p. 6).

Ou seja, apesar de ser considerado um ambiente menos nocivo que outros, a academia e a carreira de professora podem sim apresentar alguns reforços de estereótipos de gênero, como o caso observado pela professora Andréa. Joseane relata um episódio parecido com o de Andréa, ao narrar que em uma viagem a trabalho que só tinha ela como mulher no grupo, recebeu comentários como: “ah, mas foi bom você ter vindo. Nem parecia [uma mulher], parecia que era tudo homem aqui” (Entrevista de Joseane).

Observando os dois casos relatados, podemos retomar a ideia que mencionamos acima, sobre o respeito dos colegas de trabalho das professoras estarem vinculados a outros homens, ou de algum modo a uma figura masculina. No caso de Andréa, ela se questiona se o comportamento de seu colega de trabalho teria sido o mesmo se fosse um homem no cargo de chefia. E para Joseane, a situação fica ainda mais explícita, verbalizada pelo próprio companheiro de equipe.

Apesar de estarmos discutindo situações em que as professoras já ocupavam cargos de poder no trabalho, temos que estar conscientes de que “Esse poder [...] não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição, aos que ‘não têm’; ele os investe, passa por eles e através deles; apoia-se neles” (Foucault, 1999). Deixando claro que, embora já dentro de dinâmicas em que ocupam posições mais altas hierarquicamente, ainda são tocadas pelas perspectivas de gênero e poder.

Em reflexão sobre o ambiente de trabalho que ocupou e ocupa, Mariana elabora um pouco sobre seus posicionamentos, citando que antes adotava uma postura de não se pronunciar sobre comentários que presenciava. Frisa que com o passar do tempo foi desenvolvendo mais interesse pelas questões de gênero envolvendo mulheres, e que agora adota a atitude de questionar, responder e se posicionar. O que vai ao encontro às ideias de Hooks (2013) que afirma que podemos usar os conflitos como catalisadores para uma nova forma de pensar e para a construção de conhecimento.

As relações de trabalho e poder estiveram centradas principalmente nos comportamentos de alguns professores durante a formação das entrevistadas e de como isso influenciou nesse processo. Podemos destacar a naturalização de alguns episódios relatados pelas professoras, tidos como comuns nesse ambiente. Além disso, foi possível ainda serem observados alguns aspectos dos ambientes de trabalho das entrevistadas em relação ao gênero, reafirmando as falas de Foucault (1999) ao comentar sobre como o poder é sentido e tecido nessas relações múltiplas entre esses sujeitos.

5.6 EQUILÍBRIO ENTRE VIDA PESSOAL E ACADÊMICA

Essa temática foi pensada, de modo semelhante à anterior, como uma relação direta com a temática central da tomada de decisão das professoras. Ao falar sobre *equilíbrio entre vida pessoal e acadêmica*, ressaltamos como as entrevistadas lideram com as atividades que não pertenciam às suas carreiras acadêmicas, mas que influenciavam diretamente no andamento destas. Aqui podemos destacar o trabalho como fonte de sobrevivência durante os anos dedicados às suas formações, constituição de família e filhos.

Para começar essa discussão, é importante ressaltar que a concepção de que os cuidados da casa e dos filhos é responsabilidade das mulheres é baseada na divisão de tarefas por gênero (Marcondes et al, 2003). Nesses conceitos de divisão, os afazeres domésticos seriam considerados responsabilidade feminina e isso influencia diretamente nas relações de trabalho da mulher e do homem. Nesse sentido, para a mulher, e em suma, “Seu trabalho e sua identidade como trabalhadoras continuam a ser de mulheres que, de certa forma, ‘não deveriam estar ali’, pois seu lugar permanece referido ao da casa, ao da maternidade e ao do cuidar dos outros”. (Marcondes et al, 2003, p. 93).

Assumindo a perspectiva de mulheres que estejam responsáveis pela manutenção de uma casa, por quaisquer motivos que sejam, acumular a carga de trabalhar ou estudar e o cuidar dos afazeres da casa e família sozinha, pode gerar um processo que contribua para que essas

mulheres se sintam sobrecarregadas e com dificuldade em conciliar todas as tarefas em seu tempo. Nesse sentido, algumas professoras relataram que só conseguiram manter o ritmo de estudos porque não tinham obrigações domésticas em casa.

A professora Valdenize chama a atenção para o apoio que recebia de sua mãe para que conseguisse se dedicar somente a estudar. Ela relata que sua mãe ficava responsável pelas atividades de casa – como cozinhar e limpar – e ela não precisava se preocupar, podia somente estudar. Assim como todas as outras professoras, com exceção de Andrea, a professora Valdenize passou a graduação morando com seus pais, o que ajudou a equilibrar o peso das tarefas domésticas.

Em um ponto em comum com Valdenize, Andréa também não precisava se preocupar com afazeres domésticos durante sua graduação. Mas aqui se pode notar outro tipo de situação: a família de Andréa possuía recursos financeiros suficiente para contratar ajudar remunerada para dar esse suporte aos filhos. Quando teve que assumir concursos em cidades mais distantes, a professora Andréa comenta sobre a falta de amparo ao viver longe da família, e sobre as responsabilidades que carregou além da carreira acadêmica.

Outro ponto importante a ser citado é a situação financeira das professoras durante seus períodos de formação. Aqui as narrativas divergem, no sentido de que algumas tinham condições socioeconômicas melhores que outras, e por isso, mais facilidade para manter-se, principalmente durante o período da graduação. Esse intervalo de tempo se mostra mais crítico, pois as entrevistadas (em sua maioria) tinham acabado de sair do ensino médio e ainda não tinham meios de manter-se sem a ajuda das famílias.

Nesse sentido, a trajetória da professora Andrea diverge das demais. Como já falado anteriormente, Andrea vem de uma família com mais poder socioeconômico e a questão financeira não precisou ser uma preocupação durante sua graduação. Essa situação não é a mesma das outras entrevistadas, que relatam dificuldades financeiras durante esse período.

As professoras Aylla e Valdenize foram bolsistas durante a graduação, e contam a importância dessa bolsa para suas permanências no curso. Diferente delas, Mariana e Luiza e Joseane precisaram trabalhar durante o curso de graduação.

Mariana comenta de um único momento em que não precisou trabalhar, pois um professor do curso conseguiu ofertar uma bolsa de monitoria. Ela destaca que esse professor era muito insistente que ela se dedicasse somente aos estudos, para que ela pudesse ter mais facilidade em sua jornada acadêmica.

Luiza também relata que precisou trabalhar durante a graduação, pois sua família não tinha condições de mantê-la só estudando. A professora fala sobre as dificuldades em conciliar trabalho e estudo: que as disciplinas de matemática demandavam um tempo de estudo que ela não possuía, pois precisava trabalhar. Joseane segue a mesma linha de Luiza, a professora conta que trabalhava à noite e fazia faculdade pela manhã e tarde: “alguns domingos foram estudando” (Entrevista de Joseane, 2024).

Já durante o mestrado, as coisas mudam um pouco de figura, todas as professoras (com exceção de Aylla) foram bolsistas, e é majoritária a opinião de que, sem a bolsa, não seria possível dar prosseguimento aos estudos. A professora Luiza conta que somente durante o mestrado – depois de conseguir a bolsa – conseguiu se dedicar somente a estudar. Situação diferente das entrevistadas Andrea e Valdenize, que sempre foram estudantes profissionais, ou seja, se dedicavam somente a estudar.

Aylla conta que não foi bolsista durante o mestrado. Sempre trabalhou – principalmente como professora substituta – durante os anos de graduação e mestrado, equilibrando a necessidade de renda para se manter e sua carreira acadêmica. A professora deixa claro que isso foi um ponto delicado, ela frisa que, ao estudar para os concursos da época, tinha que dividir seu tempo entre trabalho e estudos.

Outro ponto a ser ressaltado aqui, é que as narrativas das professoras têm algo em comum: todas as entrevistadas tiveram suas vidas dedicadas primeiramente à carreira acadêmica, passando a pensar na constituição da família, por exemplo, de forma secundária. Luiza cita: “Eu não conciliei a vida de trabalho com a vida pessoal. Não conciliei isso. Eu conheci meu esposo quando eu já era professora daqui. Na verdade, eu tive uma vida dedicada a estudar” (Entrevista de Luiza, 2023). Na grande maioria das vezes, se casaram e constituíram família somente depois de concursadas e, por isso mesmo, após esse momento, tiveram como contratar ajuda remunerada para atuar em seus lares, dando um suporte à essa outra dimensão de suas vidas.

Valdenize frisa ainda que se casou durante o mestrado, mas seu marido nunca lhe atrapalhou em suas conquistas, ressaltando que ela nunca permitiu que isso ocorresse: “Eu nunca quis e nunca permiti que ninguém atrapalhasse a minha vida e os meus planos” (Entrevista de Valdenize).

Cabe também direcionar a discussão para a maternidade, já que quase todas as entrevistadas (com exceção de Aylla e Mariana) têm filhos. Quando perguntadas sobre a questão do maternar, algumas professoras como Valdenize e Fabiane contam que não tinham a

intenção de ser mães; Valdenize comenta que em sua esfera de realização pessoal, o trabalho já seria suficiente. Ambas comentam que a maternidade veio pelo desejo dos maridos de serem pais, e não necessariamente pelo próprio desejo de serem mães.

As professoras não deixam claro em suas narrativas o porquê da não vontade de serem mães, e não é esperado delas que se justifiquem por esse não desejo. Por isso também, partindo de um movimento pessoal de cuidado e atenção com as entrevistadas, o assunto não foi aprofundado. Partindo de uma perspectiva de trabalho, podemos nos questionar se o maternar não seria uma escolha pessoal comprometidora do ponto de vista das professoras, pois além da carga de trabalho adicional da maternidade, tem-se que: [...] diversos estudos mostram que a maternidade traz suposições negativas sobre a competência e comprometimento das mulheres no mercado de trabalho, incluindo a conhecida punição da maternidade na carreira das mulheres (Staniscuaski; Machado; Soletti; et al, 2023, p. 2).

Queremos deixar claro que esse ponto de vista sobre as consequências negativas da maternidade não é uma tentativa de explicar as motivações que levaram as professoras a não expressarem esse desejo, mas sim um pontuar sobre mais essa perspectiva de gênero nas discussões sobre as narrativas das entrevistadas. Uma mulher pode e tem o direito de não querer ser mãe, sem necessidade de justificativas.

Também podemos observar um ponto em comum para todas as professoras que tiveram filhos: as dificuldades enfrentadas na maternidade. Valdenize relata que teve seu filho depois de dez anos de casada, e porque tinha a certeza de que poderia ter uma pessoa lhe ajudando em casa, depois do nascimento do filho. Luiza comenta que só teve filhos depois do doutorado, e não sabe como conseguiria conciliar as duas coisas se não fosse dessa forma. Sobre esse aspecto, é importante registrar que no momento de cessão da entrevista, a professora destacou que estava naquele diálogo, mas já de olho no relógio para buscar seu filho na creche, o que representa essa divisão que muitas mães trabalhadoras vivem ao assumir ambas as responsabilidades.

Na fala da professora Joseane, há um destaque para a falta de empatia com mães na academia: “A gente é colocada nessa carga, que a gente tem que ser uma Mulher-Maravilha, para poder dar conta de tudo” (Entrevista de Joseane, 2024). A professora é mãe de três filhos e questiona as atitudes de colegas, inclusive outras mulheres, ao voltar ao trabalho depois de sua segunda gravidez – de gêmeos –, comentando que as pessoas não conseguiam entender um momento mais atribulado em sua vida.

Adichie (2017, p.7) fala sobre essa questão e frisa: “Isso de Supermulher não existe”. Trazendo um pouco mais da fala de Adichie (2017, p. 8) sobre essas questões, ela deixa claro que “O trabalho de cuidar da casa e dos filhos não deveria ter gênero, e o que devemos perguntar não é se uma mulher consegue ‘dar conta de tudo’, e sim qual é a melhor maneira de apoiar o casal em suas duplas obrigações no emprego e no lar”.

Joseane chama a atenção para o fato de que, durante seu doutorado – que foi cursado em outra cidade, e já tendo o seu primeiro filho – teve que pensar em como iria construir uma rede de apoio para que ela pudesse se dedicar aos estudos. Ela relata que matriculou seu filho em uma escola ao lado da universidade, para que pudesse estar sempre por perto, em caso de alguma necessidade. Joseane destaca ainda que isso só foi possível devido ao suporte financeiro que já tinha ao estar concursada e lança um questionamento sobre as mulheres que não têm esse privilégio.

Uma situação relatada pela mesma professora chamou a atenção: ela conta que, depois da gravidez dos gêmeos, estava um pouco perdida em como retornar às suas atividades de pesquisa. Ao fazer um curso que abordava essas questões, conheceu algumas colegas pesquisadoras e foi convidada para compor o quadro do Comitê de Gênero e Diversidade da SBM e da SBMAC. Ela destaca que participar do comitê está sendo transformador, podendo ter discussões sobre assuntos que já a incomodavam antes, e trabalhar mais ativamente nessas questões.

A professora Fabiane também comenta em suas falas sobre as dificuldades da maternidade, apontado que só teve filhos depois do doutorado e não sabia como poderia ter dado conta antes, do mesmo modo que Luiza. A entrevistada aponta sobre os trabalhos extras que envolvem o cuidar, como atenção e necessidade de se ausentar no caso dos filhos adoecerem.

Valdenize comenta que durante o seu doutorado, sua professora orientadora pediu para que passasse um período no Canadá. A entrevistada comenta que não cogitou a hipótese por causa da barreira da língua inglesa, mas principalmente por não conseguir passar um período tão longo de tempo longe de seu filho.

Isso posto, é necessário pensar sobre as palavras de Hooks (2013) ao comentar sobre a liberação feminina, com atenção especial para as questões abordadas acima. Para transformar a academia em um lugar diversificado culturalmente (e que tenha espaço para mães), é necessário que estejamos atentos e pacientes – em uma luta árdua e longa.

Sobre essa temática, é possível perceber que as discussões se centralizaram para as questões de condições financeiras e maternidade. É nítido que algumas professoras tiveram mais facilidade que outras, por suas condições socioeconômicas, deixando clara a importância da interseccionalidade ao falar sobre esse grupo de mulheres. A questão da maternidade foi um assunto muito frisado pelas professoras, sempre com posicionamentos assertivos acerca das dificuldades enfrentadas. O que nos leva a refletir sobre como pensar em uma comunidade acadêmica mais acolhedora (e com políticas efetivas e pensadas diretamente) para mães.

6 APONTAMENTOS FINAIS

As relações das professoras com suas famílias merecem destaque nesses apontamentos: um dos tópicos do roteiro de entrevista era pedir para as entrevistadas falarem um pouco de suas famílias e relação com os estudos. Porém, a todo momento – não somente nessa afirmativa do roteiro – elas retornavam ao apoio de suas decisões na família. Isso era muito perceptível durante as entrevistas e nos remete a um resultado importante: as influências familiares nas relações com a matemática e, conseqüentemente, o vislumbrar da possibilidade da escolha da carreira em matemática.

É interessante frisar aqui que as famílias atuam como o primeiro contato com o que é ou não possível para as professoras, sendo assim as direcionam – mesmo que indiretamente. Isso é muito importante para a formação de futuras professoras, pois sem o incentivo e suporte da família, a realização dessa possibilidade de carreira se torna mais difícil. Dentre os relatos, é possível perceber que as famílias das professoras sempre assumiram um papel de grande estímulo. Muitas das vezes, mesmo sem experiências positivas com a educação, estiveram incentivando suas filhas para que pudessem seguir os caminhos de uma educação formal de qualidade. Portanto, esse incentivo foi uma peça-chave no processo de formação dessas professoras, como também a atitude de não cercear as possibilidades dessas mulheres com a matemática foi tão importante quanto: se não houver incentivo, que não haja coibição.

A importância do incentivo não advém somente das famílias, mas também foi observado um papel crucial dos próprios professores durante a infância e adolescência das participantes da pesquisa. Como observamos anteriormente, as entrevistadas destacaram o papel de seus professores em suas relações com a matemática. Aqui cabe frisar que esses professores atuaram não somente como incentivadores, mas também como figuras representativas de um futuro possível.

Em termos dessa representatividade, foi possível observar as entrevistadas se inspirando em seus professores, os tendo como figura de referência. Na grande maioria dos casos, os professores de inspiração foram homens, e nos questionamos se isso seria uma consequência da presença escassa de professoras durante a formação das professoras. Mas também saltavam aos olhos outras figuras representativas em suas vidas: muitas vezes as mães assumindo posturas de mulheres fortes e perseverantes, que colaboraram de forma incansável para que as professoras pudessem ter condições para estudar. Não somente em questões financeiras – apesar de a todo momento, esse aspecto ter se mostrado fundamentalmente presente – mas em superação de estereótipos e preconceitos.

Logo, o incentivo recebido durante os anos iniciais de contato com a educação e as figuras representativas na vida das professoras influenciou de maneira direta para que pudessem vislumbrar e escolher um futuro que, de alguma maneira, pudesse envolver a matemática. Colaborando para que fosse escrita uma outra história das mulheres com a matemática, ajudando a trazer dignidade e intimidade com a matemática, não só para elas, como também para outras futuras professoras.

Vale ressaltar que mesmo com as situações aqui relatadas, de incentivo e representatividade, a grande maioria das entrevistadas não optou por Matemática em primeira instância. Somente uma das professoras participantes da pesquisa teve a matemática como primeira opção de curso e carreira para sua vida, pois aponta que sabia desde cedo que queria cursar Matemática. Todas as outras professoras tentaram outras opções antes de escolherem seguir pela Matemática.

Quanto a se sentirem pertencentes ou não a essa área, podemos destacar, mais uma vez, o papel dos professores – agora à nível de graduação e pós-graduação – nessas situações: assumindo a posição de espelho a ser seguido e de mostrar e incentivar os caminhos de pós-graduação. Muitas vezes são esses os responsáveis por dar as oportunidades necessárias para que as professoras conseguissem seguir em frente em suas carreiras acadêmicas.

A importância dessa sensação de pertencimento das professoras àquele local em que estavam inseridas se mostra muito forte nos relatos. Principalmente em relação aos direitos de construir suas próprias relações com a matemática, sem serem negadas o direito de estar ali como são. Com isso, queremos dizer da necessidade de oportunizar que essas mulheres tenham suas experiências com a matemática sem precisarem esconder quem são, suas emoções, possíveis fragilidades ou não, e serem respeitadas, sendo dada a oportunidade de poderem errar sem julgamentos e terem suas vozes igualmente escutadas.

Em alguns relatos é possível perceber, mesmo que sutilmente, a importância dessas questões, pois houve momentos nos quais não se sentiram à vontade para expressar emoções e, mais ainda, a existência de questionamentos sobre a ocupação daquele lugar por serem consideradas fracas. É notável também que as professoras são colocadas em um local em que não há oportunidade para que se possa aprender com os erros. As dificuldades ou quaisquer percalços que tenham cometido durante suas formações foram motivos de julgamento, o que pode não ser benéfico.

A convivência em um ambiente no qual não se sentiam bem recebidas acabava afastando as professoras da relação que queriam ter com a matemática. Esse fato é importante de ser

observado, pois as entrevistadas dessa pesquisa continuaram seus caminhos apesar disso, no entanto, não podemos esperar que todas as mulheres desestimuladas por esse tipo de ação tenham o mesmo tipo de comportamento e percurso.

Foram aqui percebidas também a importância das relações sociais durante o processo de formação e de atuação profissional. A falta de um ciclo de amizade que envolvesse mais mulheres chama a atenção e, por vezes, pode refletir em um ambiente ainda mais hostil às professoras. Como, por exemplo, nas relações de poder travadas, foi possível perceber o quanto a perspectiva de gênero afetava as relações entre professor e alunas. O patamar de poder mais elevado dos professores era usado como escudo para atitudes sexistas e abusivas dentro e fora da sala de aula. Esses tipos de comportamentos marcaram os processos formativos das entrevistadas, como professoras e mulheres, dificultando suas vivências e, por vezes, suas relações com a matemática.

Em relação a esses tipos de comportamentos por parte de professores ou alunos, chamamos a atenção para um ponto em comum entre as professoras: sempre se consideraram mulheres com traquejos sociais apropriados para “lidar” com homens. Essas atitudes das entrevistadas nos levam a considerar que esse posicionamento mais firme, com vozes que não calavam diante das situações enfrentadas, poderiam ser um mecanismo de defesa para estar em um ambiente considerado mais hostil para mulheres.

É crucial debater um ponto que nos chamou a atenção durante as entrevistas: o fato de que uma minoria das professoras se mostrou mais engajada em relação às questões de gênero. Em algumas narrativas produzidas, não há menção alguma a dificuldades ou outras questões enfrentadas durante formação ou trabalho sobre ser mulher no campo da matemática. É claro que essa perspectiva poderia ocorrer com qualquer uma das professoras, mas nos questionamos sobre a possibilidade de isto ocorrer devido a uma naturalização social dessas vivências.

Pela ideia dos discursos dominantes aqui mencionados, com uma inclinação natural do cerceamento das relações das mulheres com a matemática, talvez essas entrevistadas pudessem não estar conscientes de possíveis violências sofridas. Cabe aqui um destaque para o comportamento de professores e alunos em alguns casos de violência simbólica aqui mencionados, que poderia ser considerado natural para algumas entrevistadas.

Poderíamos atribuir tal noção de naturalidade ao fato de algumas entrevistadas não se aprofundarem nas questões de gênero ao longo de suas vidas (o que poderia ser dado de forma consciente ou não), pelo encaminhamento de suas próprias vivências e desejos. Esse movimento foi observado na fala de algumas professoras, que citaram que somente depois de algumas

experiências, procuraram estudar e entender um pouco mais sobre questões de gênero. Apontamos a necessidade de maior aprofundamento, nesse tópico em especial, para futuras pesquisas.

Por fim, trazemos à tona um pouco sobre as questões “extracurriculares” enfrentadas pelas professoras durante seus percursos de formação e atuação. Foi notável que as entrevistadas dedicaram suas vidas à carreira acadêmica, renunciando a certas relações – amorosas ou familiares – para que conseguissem alcançar a posição que hoje ocupam. Como ponto comum, todas as professoras tiveram filhos depois de já concursadas, e isso deixa claro o peso da maternidade nessa discussão.

Elas ressaltam em suas falas a importância da maternidade – ou a falta dela – no decorrer de suas carreiras. Apesar de não ter sido perguntado especificamente no roteiro da entrevista, todas as professoras deixam claro que estão em uma relação heterossexual, por muitas vezes mencionando seus processos de conhecer e casar com os seus companheiros, e isso nos leva a frisar o acarretamento das atividades relacionadas aos filhos: essa responsabilidade, apesar de ser dividida com os companheiros, sempre recaía para elas.

Em muitos momentos as professoras relataram as dificuldades em conseguir conciliar a maternidade com o trabalho ou com o doutorado. Obrigações como o cuidado diário, tratamento em casos de doenças, deslocamento para escola/creche entram como fatores importantes nessa equação e a importância da existência ou não de uma rede de apoio é citada com veemência pelas professoras.

Essa rede de apoio a qual se referem não se trata somente de cuidados com os filhos, mas também de situações no próprio trabalho que envolvem o maternar, como a compreensão dos colegas e chefes ao percebê-las em um outro momento da vida pessoal e suas relações com a carreira, em que necessitam diminuir um pouco o ritmo de trabalho e produção. É necessário rever as posições em que são colocadas as mães na academia – e não somente aí – em uma tentativa de melhorar a sociedade como um todo.

Alguns pontos importantes ainda precisam ser salientados aqui, como o fato de não haver nenhuma professora natural do estado do Rio Grande do Norte trabalhando como professora das licenciaturas de matemática em Mossoró-RN. Destacamos esse fato com a devida importância, não de fazer julgamentos para com professoras de outros estados, mas sim lançando questionamentos sobre a formação das professoras do estado do Rio Grande do Norte e sua não participação no quadro de docência do ensino superior da segunda maior cidade do estado.

Outro fato que nos inquieta é a não participação de nenhuma mulher no quadro do Departamento de Matemática de uma das três instituições que oferecem os cursos de Licenciatura em Mossoró. A não ocupação desse espaço, como já discutido aqui, pode influir diretamente na formação de futuras professoras nessa instituição, posto que a representatividade de professoras de matemática não é existente para as alunas dessa instituição.

Com isso, esperamos que as narrativas das professoras e os pontos aqui observados possam, de alguma forma, ter contribuído para compreender as influências de questões de gênero na formação e atuação de professoras universitárias nas Licenciaturas em Matemática de Mossoró-RN, impulsionando, quiçá, políticas, curriculares ou práticas a considerarem essa realidade urgente e necessária.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 79–95, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 14 set. 2022.
- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.
- ADICHIE, C. N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Editora Companhia das Letras, 2017.
- Associação Brasileira de Estatística; Associação Brasileira de Matemática Aplicada e Computacional. **Sexo e Raça em Matemática, Matemática Aplicada e Estatística**: perfil dos estudantes de graduação no Brasil. Noticiário Sociedade Brasileira de Matemática, 12 maio 2023. Disponível em: <https://www.sbmacc.org.br/2023/05/sexo-e-raca-em-matematica-matematica-aplicada-e-estatistica/>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2003.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DESS, C. Notas sobre o conceito de representatividade. **Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1 n. 43, abr. 2022. DOI: 10.5965/1414573101432022e0206. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/21115>. Acesso em: 02. fev. 2024.
- FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & sociedade**, v. 23, p. 257-272, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- FOCAULT, M. **Subjetividade e Verdade: Curso no College de France (1980-1981)**. 1ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.
- FOCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 20ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre Regimes de Historicidade e História Oral. **Bolema-Mathematics Education Bulletin**, p. 213-250, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2912/291223514011.pdf>. Acesso em: 08. Set. 2023.
- GARNICA, A. V. M.; GOMES, M. L. M. História Oral: diversidade, pluralidade e narratividade em educação matemática. In: Harryson Júnio Lessa Gonçalves (Org.). **Educação**

Matemática e Diversidade(s). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2912/291223514011.pdf>. Acesso em: 05 Out. 2022.

GIL, A. C. et al. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GODINHO, M. I. A. Violência simbólica contra a mulher: do espaço doméstico à universidade. **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 9–20, 2020. DOI: 10.36311/2447-780X.2020.v6.n1.02.p9. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RIPPMAR/article/view/9178>. Acesso em: 22 mar. 2024.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo.** 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUSE, H. B.; WAISE, T. S.; ESQUINCALHA, A. C. O que pensam licenciandos(as) em matemática sobre sua formação para lidar com a diversidade sexual e de gênero em sala de aula?. **Revista Baiana de Educação Matemática**, [S. l.], v. 1, p. e202012, 2020. DOI: 10.47207/rbem.v1i.9898. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/baeducmatematica/article/view/9898>. Acesso em: 16 fev. 2024.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, v. 2013, 2013.

HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** 1ª Ed. São Paulo: elefante, 2020.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** 1ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

IBGE. **Brasil/ Rio Grande do Norte/ Mossoró: População.** [S. l.], 1 jan. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/mossoro/panorama>. Acesso em: 15 fev. 2024.

IBGE. **Território / divisão política.** [S. l.], 4 abr. 2024. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/territorio/divisao-politica.html>. Acesso em: 4 abr. 2024.

JOSSO, C. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Educa Formação. 2002.

LARROSA, J. B.. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira De Educação**, V.19, 20–28, Abril, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt#>. Acesso em: 15. Ago. 2023

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis: vozes, p. 89-90, 1997.

MACHAVA, P. L. S.; SANTOS, E.; SILVA, M. S. B.; BERTOLINO, L. M. J. As táticas e os momentos charneiras produzidos pelas mulheres negras no Brasil e em Moçambique em tempos de pandemia. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, 8(21), 66-94, 2021. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/6584>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MANSANO, S. R. V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/78/81>. Acesso em: 05 Set. 2023.

MARCONDES, W. B. et al. O peso do trabalho "leve" feminino à saúde. **São Paulo em perspectiva**, v. 17, p. 91-101, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/CVjYn968SSBspW7DV7mCMtx/>. Acesso em: 02 Jul. 2022.

Martins, I. M. **Gênero e sexualidade na formação de professores**: Uma análise curricular do curso de licenciatura em matemática da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP). 2020. 82f. Dissertação - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2020.

MARTINS-SALANDIM, M. E.; SILVA, K. A. Quem conduz a narração é o ouvido: mobilizações da História Oral na Educação Matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 12, n. 29, p. 402-412, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/9507>. Acesso em: 14. Jul. 2022.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de matemática no estado de são paulo: um exame da década de 1960**. 2012. 379 f. Tese (Doutorado em educação matemática) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro –SP, 2012.

MELILLO, K. M. C. F. A. L.; GOMES, M. L. M. Participação feminina na história da educação matemática: aspectos da atuação de Maria do Carmo Vila no Colégio Técnico da Universidade Federal de Minas Gerais. **Encontro Nacional de Matemática**. UFMG 2019. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/43661/2/2019_Participa%20a7%20a3o%20feminina%20na%20hist%20ria%20da%20educa%20a7%20a3o%20matem%20tica.pdf. Acesso em: 05. Ago. 2022.

MELO, C. I. B. de. Relações de gênero na matemática: o processo histórico-social de afastamento das mulheres e algumas bravas transgressoras. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 189–200, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2017v24n1.34424. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/34424>. Acesso em: 12 fev. 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação**. Serviços Digitais do Governo (GOV), 8 nov. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/sinopses-estatisticas/educacao-superior-graduacao>. Acesso em: 23 jul. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resumo Técnico do Censo da Educação Superior 2021**. Serviços Digitais do Governo (GOV), 8 nov. 2022. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2021.pdf. Acesso em: 23 jul. 2023.

MORAES, M. F.; MÉNDEZ, N. P. Nina, uma sobrevivente: a história oral como abordagem para a reflexão sobre violência de gênero em contextos rurais. **História Oral**, [S. l.], v. 25, n.

1, p. 189–207, 2022. DOI: 10.51880/ho.v25i1.1222. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1222>. Acesso em: 14 fev. 2024.

MORAIS, M. B. **Se um viajante... percursos e histórias sobre a formação de professores de matemática no Rio Grande do Norte**. 2017. 1006 f. Tese (doutorado em educação matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

NASCIMENTO, F. A. Viver, ouvir e aprender: O outro nas entrevistas com a história oral. **Tempos Históricos**, v. 17, n. 2, p. 83-105, 2013. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/9880/7198>. Acesso em: 23 Jul. 2023.

ONU MULHERES – **Educação de mulheres**. [online]. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/areas-tematicas/fim-da-violencia-contra-as-mulheres/evaweducacao/>. Acesso em: 20.Nov.2021.

PEREIRA, L. R.; CARDOSO, J. H. Comitês de ética: regulamentando a história oral?. **Tempos Históricos**, v. 17, n. 2, p. 68-82, 2013. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempohistoricos/article/view/9879/7197>. Acesso em: 23 Jul. 2023.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 118-146.

PREFEITURA DE MOSSORÓ. **Motim das Mulheres é motivo de orgulho até hoje para os mossoroenses**. [S. l.], 4 set. 2019. Disponível em: <https://www.prefeiturademossoro.com.br/noticia/motim-das-mulheres-e-motivo-de-orgulho-ate-hoje-para-os-mossoroenses>. Acesso em: 15 fev. 2024.

SALVATICI, S. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 29-42, jan./jun., 2005. DOI: 10.51880/ho.v8i1.114. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/114>. Acesso em: 13 jan. 2024.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 25 Jul. 2023.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHAR, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUSA, S. P. Sexismo e docência do ensino superior: análise da representatividade feminina na docência dos cursos de exatas. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 6, 2021. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/1732/717>. Acesso em: 15 Mai. 2021.

STANISCUASKI, F.; MACHADO, A. V.; SOLETTI, R. C.; et al. Bias against parents in science hits women harder. **Humanities and social sciences communications**. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1057/s41599-023-01722-x> 2023. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41599-023-01722-x>. Acesso em: 12 Out. 2023.

TELES, M. A. A. **Breve história do feminismo no Brasil**. 1ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Professora Celina Guimarães Vianna**, primeira eleitora do Brasil. [S. l.], 11 jul. 2023. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imagens/fotos/professora-celina-guimaraes-vianna-primeira-eleitora-do-brasil>. Acesso em: 15 fev. 2024.

TOILLIER, J. S. **A formação do professor (de matemática) em terras paranaenses inundadas**. 2013. 285 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro –SP, 2013.

TORISU, E. M. Motivos para Participação em Tarefas Investigativas na Aula de Matemática: uma análise a partir dos backgrounds e dos foregrounds de um grupo de estudantes do Ensino Fundamental. **Bolema: Boletim de Educação Matemática [online]**. 2018, v. 32, n. 61 [Acessado 23 Novembro 2021] , pp. 549-569. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-4415v32n61a12>>. ISSN 1980-4415. <https://doi.org/10.1590/1980-4415v32n61a12>.>

UERN – **Conselho de Ética em Pesquisa**. [online]. Disponível em: <<https://propeg.uern.br/default.asp?item=propeg-comissoes-cep>> . Acesso em: 20.Nov.2021

UFERSA (Mossoró-RN). Núcleo de Educação a Distância. **PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA**. [S. l.], 18 abr. 2018. Disponível em: https://documentos.ufersa.edu.br/wpcontent/uploads/sites/79/2018/07/DECISAO_CONSEPE_053_2018-anexo.pdf. Acesso em: 2 nov. 2022.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. 1ª Ed. Tordesilhas, 2014.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Apresentação pessoal;
- Infância;
- Profissão dos pais, conhecidos;
- Escola: ensino fundamental;
- Professores (as) do ensino fundamental;
- Escola: ensino médio;
- Professores (as) do ensino médio;
- Término da escola;
- Lugar de formação, onde se formaram na graduação;
- Escolha do curso de graduação;
- Incentivos à escolha do curso de graduação;
- Trajetória durante a graduação;
- Grupos de estudo e projetos de pesquisa durante a graduação;
- Evasão de colegas durante o curso;
- Processo de orientação;
- Vida familiar em conjunto com a carreira acadêmica;
- Processo de mestrado;
- Processo de doutorado;
- Trabalho e concursos;

- Processo de entrada como professora;
- Autoestima e suficiência como professora;
- Vivência em sala de aula;
- Relação com os alunos (as);
- Laços no ambiente de trabalho;
- Ocupação de posições de chefia na instituição;
- Contato com outras professoras e/ou pesquisadoras;
- Lugar ocupado;
- Considerações finais.



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Central – Mossoró - RN
Programa de Pós Graduação em Ensino – POSENSINO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para participar da pesquisa “Mulheres e a docência em matemática no ensino superior: uma análise sobre representatividade e questões de gênero”, coordenada pelo Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. A participação na pesquisa é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Caso decida aceitar o convite, a pesquisadora desenvolverá um diálogo partindo do roteiro de entrevista (organizado em formato de temas), cuja responsabilidade de aplicação é de Sabrina Loiola de Moraes, em formação no curso de Mestrado em Ensino do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), resultante de associação ampla entre a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Universidade Federal Rural do Semi Árido e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

Durante a entrevista, a pesquisadora utilizará um gravador de áudio para gravação da conversa e poderá utilizar câmera filmadora, para o caso de facilitar o tratamento dos dados. Deixamos claro que essa pesquisa tem a intenção de usar esses registros apenas para efeito de tratamento dos dados, não sendo divulgados sem prévia autorização dos participantes. Posterior à entrevista, será feito o processo de transcrição na íntegra do áudio obtido e logo depois a textualização da entrevista, com a intenção de colocar em formato textual as narrativas relatadas. Em seguida, entrar em concordância sobre a versão final textualizada de suas palavras, fazendo o movimento de enviar a versão textualizada para aprovação das entrevistadas, estando ciente de que essa versão textualizada final poderá ter a identificação da depoente (nome) na escrita final, se assim for autorizado.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: “Analisar a representatividade e questões de gênero nas licenciaturas em matemática em Mossoró – RN, a partir de experiências das docentes atuantes nestes cursos”. E como objetivos específicos: (1) Quantificar a representação feminina nos cursos de graduação em licenciatura em matemática no Município de Mossoró/RN; (2) Compreender as influências das questões de gênero na formação e atuação de professoras universitárias e (3) Entender como a representatividade feminina influenciou e pode influenciar as vidas de mulheres para atuar no ensino de matemática.

Após os procedimentos desta pesquisa, espera-se que as análises das narrativas possam ajudar a compreender como a representatividade feminina e as questões de gênero podem influenciar nos cursos de licenciatura e nas carreiras das docentes desses cursos na cidade de Mossoró-RN. Com isso, gerar resultados positivos para uma educação pública inclusiva e de qualidade, contribuindo de maneira benéfica para a sociedade em geral. Os riscos mínimos que o participante da pesquisa estará exposto são de, por tratar de aspectos subjetivos e vivências, em algum momento ficarem constrangidos ou desconfortáveis em falar sobre alguma de suas experiências.

Esses riscos serão minimizados mediante: (1) todos os cuidados e procedimentos necessários para que as entrevistas ocorram com um clima de respeito e confiança entre o

entrevistador e o(s) entrevistados; (2) Para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas a discente Sabrina Loiola de Moraes procederá com a produção dos dados e somente a discente Sabrina Loiola de Moraes e o pesquisador responsável poderão manusear e guardar os materiais advindos desse procedimento; (3) Garantia que o participante sinta-se à vontade para participar ou não das diferentes etapas da pesquisa, responder ou não a algum questionamento específico realizado e, ainda, que poderá desistir da participação da pesquisa a qualquer momento.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em um HD externo e em uma nuvem no drive, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade do pesquisador responsável (orientador) e da pesquisadora, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes e o responsável.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa poderá perguntar diretamente para o pesquisador.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar dano – e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade da pesquisadora Sabrina Loiola de Moraes.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Consentimento Livre

Concordo em participar da pesquisa “Mulheres e a docência em matemática no ensino superior: uma análise sobre representatividade e questões de gênero”. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetida e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo, assim, a publicação dos dados da pesquisa.

Mossoró, 20/09/2023.

Sabrina Loiola de Moraes

Assinatura do Pesquisador

[Assinatura]
Assinatura do Participante

Sabrina Loiola de Moraes (Aluna-pesquisadora) - Aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Central, no endereço rua professor Antônio Campos, BR 110, Km 48, Costa e Silva, CEP 59600-000- Mossoró - RN. Tel.(84) 3315-2145

Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes (Orientador da Pesquisa – Pesquisadora Responsável) - Doutor em Educação Matemática (Unesp/campus Rio Claro), professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, – UERN, Campus Central, no endereço rua professor Antônio Campos, BR 110, Km 48 , Costa e Silva , CEP 59600-000– Mossoró – RN. Tel.(84) 3315-2145

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) - Faculdade de Medicina da UERN - Rua Miguel Antonio da Silva Neto s/n - Aeroporto Home page: <http://www.uern.br> - e-mail: cep@uern.br – CEP: 59607-360 - Mossoró –RN Tel: (84) 3312-7032.



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Central – Mossoró - RN
Programa de Pós Graduação em Ensino – POSENSINO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para participar da pesquisa “Mulheres e a docência em matemática no ensino superior: uma análise sobre representatividade e questões de gênero”, coordenada pelo Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. A participação na pesquisa é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Caso decida aceitar o convite, a pesquisadora desenvolverá um diálogo partindo do roteiro de entrevista (organizado em formato de temas), cuja responsabilidade de aplicação é de Sabrina Loiola de Moraes, em formação no curso de Mestrado em Ensino do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), resultante de associação ampla entre a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Universidade Federal Rural do Semi Árido e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

Durante a entrevista, a pesquisadora utilizará um gravador de áudio para gravação da conversa e poderá utilizar câmera filmadora, para o caso de facilitar o tratamento dos dados. Deixamos claro que essa pesquisa tem a intenção de usar esses registros apenas para efeito de tratamento dos dados, não sendo divulgados sem prévia autorização dos participantes. Posterior à entrevista, será feito o processo de transcrição na íntegra do áudio obtido e logo depois a textualização da entrevista, com a intenção de colocar em formato textual as narrativas relatadas. Em seguida, entrar em concordância sobre a versão final textualizada de suas palavras, fazendo o movimento de enviar a versão textualizada para aprovação das entrevistadas, estando ciente de que essa versão textualizada final poderá ter a identificação da depoente (nome) na escrita final, se assim for autorizado.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: “Analisar a representatividade e questões de gênero nas licenciaturas em matemática em Mossoró – RN, a partir de experiências das docentes atuantes nestes cursos”. E como objetivos específicos: (1) Quantificar a representação feminina nos cursos de graduação em licenciatura em matemática no Município de Mossoró/RN; (2) Compreender as influências das questões de gênero na formação e atuação de professoras universitárias e (3) Entender como a representatividade feminina influenciou e pode influenciar as vidas de mulheres para atuar no ensino de matemática.

Após os procedimentos desta pesquisa, espera-se que as análises das narrativas possam ajudar a compreender como a representatividade feminina e as questões de gênero podem influenciar nos cursos de licenciatura e nas carreiras das docentes desses cursos na cidade de Mossoró-RN. Com isso, gerar resultados positivos para uma educação pública inclusiva e de qualidade, contribuindo de maneira benéfica para a sociedade em geral. Os riscos mínimos que o participante da pesquisa estará exposto são de, por tratar de aspectos subjetivos e vivências, em algum momento ficarem constrangidos ou desconfortáveis em falar sobre alguma de suas experiências.

Esses riscos serão minimizados mediante: (1) todos os cuidados e procedimentos necessários para que as entrevistas ocorram com um clima de respeito e confiança entre o

entrevistador e o(s) entrevistados; (2) Para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas a discente Sabrina Loiola de Moraes procederá com a produção dos dados e somente a discente Sabrina Loiola de Moraes e o pesquisador responsável poderão manusear e guardar os materiais advindos desse procedimento; (3) Garantia que o participante sinta-se à vontade para participar ou não das diferentes etapas da pesquisa, responder ou não a algum questionamento específico realizado e, ainda, que poderá desistir da participação da pesquisa a qualquer momento.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em um HD externo e em uma nuvem no drive, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade do pesquisador responsável (orientador) e da pesquisadora, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes e o responsável.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa poderá perguntar diretamente para o pesquisador.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar dano – e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade da pesquisadora Sabrina Loiola de Moraes.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Consentimento Livre

Concordo em participar da pesquisa “Mulheres e a docência em matemática no ensino superior: uma análise sobre representatividade e questões de gênero”. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetida e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo, assim, a publicação dos dados da pesquisa.

Mossoró, 04 / 05 / 23.

Sabrina L. Moraes

Assinatura do Pesquisador

Ayello Gabriela Pires de Araújo

Assinatura do Participante

Sabrina Loiola de Moraes (Aluna-pesquisadora) - Aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Central, no endereço rua professor Antônio Campos, BR 110, Km 48 , Costa e Silva , CEP 59600-000– Mossoró – RN. Tel.(84) 3315-2145

Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes (Orientador da Pesquisa – Pesquisadora Responsável) - Doutor em Educação Matemática (Unesp/campus Rio Claro), professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, – UERN, Campus Central, no endereço rua professor Antônio Campos, BR 110, Km 48 , Costa e Silva , CEP 59600-000– Mossoró – RN. Tel.(84) 3315-2145

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) - Faculdade de Medicina da UERN - Rua Miguel Antonio da Silva Neto s/n - Aeroporto Home page: <http://www.uern.br> - e-mail: cep@uern.br – CEP: 59607-360 - Mossoró –RN Tel: (84) 3312-7032.



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Central – Mossoró - RN
Programa de Pós Graduação em Ensino – POSENSINO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para participar da pesquisa “Mulheres e a docência em matemática no ensino superior: uma análise sobre representatividade e questões de gênero”, coordenada pelo Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. A participação na pesquisa é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Caso decida aceitar o convite, a pesquisadora desenvolverá um diálogo partindo do roteiro de entrevista (organizado em formato de temas), cuja responsabilidade de aplicação é de Sabrina Loiola de Moraes, em formação no curso de Mestrado em Ensino do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), resultante de associação ampla entre a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Universidade Federal Rural do Semi Árido e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

Durante a entrevista, a pesquisadora utilizará um gravador de áudio para gravação da conversa e poderá utilizar câmera filmadora, para o caso de facilitar o tratamento dos dados. Deixamos claro que essa pesquisa tem a intenção de usar esses registros apenas para efeito de tratamento dos dados, não sendo divulgados sem prévia autorização dos participantes. Posterior à entrevista, será feito o processo de transcrição na íntegra do áudio obtido e logo depois a textualização da entrevista, com a intenção de colocar em formato textual as narrativas relatadas. Em seguida, entrar em concordância sobre a versão final textualizada de suas palavras, fazendo o movimento de enviar a versão textualizada para aprovação das entrevistadas, estando ciente de que essa versão textualizada final poderá ter a identificação da depoente (nome) na escrita final, se assim for autorizado.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: “Analisar a representatividade e questões de gênero nas licenciaturas em matemática em Mossoró – RN, a partir de experiências das docentes atuantes nestes cursos”. E como objetivos específicos: (1) Quantificar a representação feminina nos cursos de graduação em licenciatura em matemática no Município de Mossoró/RN; (2) Compreender as influências das questões de gênero na formação e atuação de professoras universitárias e (3) Entender como a representatividade feminina influenciou e pode influenciar as vidas de mulheres para atuar no ensino de matemática.

Após os procedimentos desta pesquisa, espera-se que as análises das narrativas possam ajudar a compreender como a representatividade feminina e as questões de gênero podem influenciar nos cursos de licenciatura e nas carreiras das docentes desses cursos na cidade de Mossoró-RN. Com isso, gerar resultados positivos para uma educação pública inclusiva e de qualidade, contribuindo de maneira benéfica para a sociedade em geral. Os riscos mínimos que o participante da pesquisa estará exposto são de, por tratar de aspectos subjetivos e vivências, em algum momento ficarem constrangidos ou desconfortáveis em falar sobre alguma de suas experiências.

Esses riscos serão minimizados mediante: (1) todos os cuidados e procedimentos necessários para que as entrevistas ocorram com um clima de respeito e confiança entre o

entrevistador e o(s) entrevistados; (2) Para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas a discente Sabrina Loiola de Moraes procederá com a produção dos dados e somente a discente Sabrina Loiola de Moraes e o pesquisador responsável poderão manusear e guardar os materiais advindos desse procedimento; (3) Garantia que o participante sinta-se à vontade para participar ou não das diferentes etapas da pesquisa, responder ou não a algum questionamento específico realizado e, ainda, que poderá desistir da participação da pesquisa a qualquer momento.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em um HD externo e em uma nuvem no drive, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade do pesquisador responsável (orientador) e da pesquisadora, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes e o responsável.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa poderá perguntar diretamente para o pesquisador.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar dano – e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade da pesquisadora Sabrina Loiola de Moraes.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Consentimento Livre

Concordo em participar da pesquisa “Mulheres e a docência em matemática no ensino superior: uma análise sobre representatividade e questões de gênero”. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetida e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo, assim, a publicação dos dados da pesquisa.

Mossoró, 22 / 02 / 24.

Sabrina Loiola de Moraes

Assinatura do Pesquisador

FREDERICO

Assinatura do Participante

Sabrina Loiola de Moraes (Aluna-pesquisadora) - Aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Central, no endereço rua professor Antônio Campos, BR 110, Km 48 , Costa e Silva , CEP 59600-000– Mossoró – RN. Tel.(84) 3315-2145

Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes (Orientador da Pesquisa – Pesquisadora Responsável) - Doutor em Educação Matemática (Unesp/campus Rio Claro), professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, – UERN, Campus Central, no endereço rua professor Antônio Campos, BR 110, Km 48 , Costa e Silva , CEP 59600-000– Mossoró – RN. Tel.(84) 3315-2145

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) - Faculdade de Medicina da UERN - Rua Miguel Antonio da Silva Neto s/n - Aeroporto Home page: <http://www.uern.br> - e-mail: cep@uern.br – CEP: 59607-360 - Mossoró –RN Tel: (84) 3312-7032.



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Central – Mossoró - RN
Programa de Pós Graduação em Ensino – POSENSINO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para participar da pesquisa “Mulheres e a docência em matemática no ensino superior: uma análise sobre representatividade e questões de gênero”, coordenada pelo Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. A participação na pesquisa é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Caso decida aceitar o convite, a pesquisadora desenvolverá um diálogo partindo do roteiro de entrevista (organizado em formato de temas), cuja responsabilidade de aplicação é de Sabrina Loiola de Moraes, em formação no curso de Mestrado em Ensino do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), resultante de associação ampla entre a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Universidade Federal Rural do Semi Árido e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

Durante a entrevista, a pesquisadora utilizará um gravador de áudio para gravação da conversa e poderá utilizar câmera filmadora, para o caso de facilitar o tratamento dos dados. Deixamos claro que essa pesquisa tem a intenção de usar esses registros apenas para efeito de tratamento dos dados, não sendo divulgados sem prévia autorização dos participantes. Posterior à entrevista, será feito o processo de transcrição na íntegra do áudio obtido e logo depois a textualização da entrevista, com a intenção de colocar em formato textual as narrativas relatadas. Em seguida, entrar em concordância sobre a versão final textualizada de suas palavras, fazendo o movimento de enviar a versão textualizada para aprovação das entrevistadas, estando ciente de que essa versão textualizada final poderá ter a identificação da depoente (nome) na escrita final, se assim for autorizado.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: “Analisar a representatividade e questões de gênero nas licenciaturas em matemática em Mossoró – RN, a partir de experiências das docentes atuantes nestes cursos”. E como objetivos específicos: (1) Quantificar a representação feminina nos cursos de graduação em licenciatura em matemática no Município de Mossoró/RN; (2) Compreender as influências das questões de gênero na formação e atuação de professoras universitárias e (3) Entender como a representatividade feminina influenciou e pode influenciar as vidas de mulheres para atuar no ensino de matemática.

Após os procedimentos desta pesquisa, espera-se que as análises das narrativas possam ajudar a compreender como a representatividade feminina e as questões de gênero podem influenciar nos cursos de licenciatura e nas carreiras das docentes desses cursos na cidade de Mossoró-RN. Com isso, gerar resultados positivos para uma educação pública inclusiva e de qualidade, contribuindo de maneira benéfica para a sociedade em geral. Os riscos mínimos que o participante da pesquisa estará exposto são de, por tratar de aspectos subjetivos e vivências, em algum momento ficarem constrangidos ou desconfortáveis em falar sobre alguma de suas experiências.

Esses riscos serão minimizados mediante: (1) todos os cuidados e procedimentos necessários para que as entrevistas ocorram com um clima de respeito e confiança entre o

entrevistador e o(s) entrevistados; (2) Para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas a discente Sabrina Loiola de Moraes procederá com a produção dos dados e somente a discente Sabrina Loiola de Moraes e o pesquisador responsável poderão manusear e guardar os materiais advindos desse procedimento; (3) Garantia que o participante sinta-se à vontade para participar ou não das diferentes etapas da pesquisa, responder ou não a algum questionamento específico realizado e, ainda, que poderá desistir da participação da pesquisa a qualquer momento.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em um HD externo e em uma nuvem no drive, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade do pesquisador responsável (orientador) e da pesquisadora, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes e o responsável.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa poderá perguntar diretamente para o pesquisador.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar dano – e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade da pesquisadora Sabrina Loiola de Moraes.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Consentimento Livre

Concordo em participar da pesquisa “Mulheres e a docência em matemática no ensino superior: uma análise sobre representatividade e questões de gênero”. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetida e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo, assim, a publicação dos dados da pesquisa.

Mossoró, 25 / 01 / 2024

Sabrina Loiola de Moraes
Assinatura do Pesquisador

Maria Jeneane F. G. Macedo
Assinatura do Participante

Sabrina Loiola de Moraes (Aluna-pesquisadora) - Aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Central, no endereço rua professor Antônio Campos, BR 110, Km 48 , Costa e Silva , CEP 59600-000– Mossoró – RN. Tel.(84) 3315-2145

Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes (Orientador da Pesquisa – Pesquisadora Responsável) - Doutor em Educação Matemática (Unesp/campus Rio Claro), professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, – UERN, Campus Central, no endereço rua professor Antônio Campos, BR 110, Km 48 , Costa e Silva , CEP 59600-000– Mossoró – RN. Tel.(84) 3315-2145

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) - Faculdade de Medicina da UERN - Rua Miguel Antonio da Silva Neto s/n - Aeroporto Home page: <http://www.uern.br> - e-mail: cep@uern.br – CEP: 59607-360 - Mossoró –RN Tel: (84) 3312-7032.



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Central – Mossoró - RN
Programa de Pós Graduação em Ensino – POSENSINO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para participar da pesquisa “Mulheres e a docência em matemática no ensino superior: uma análise sobre representatividade e questões de gênero”, coordenada pelo Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. A participação na pesquisa é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Caso decida aceitar o convite, a pesquisadora desenvolverá um diálogo partindo do roteiro de entrevista (organizado em formato de temas), cuja responsabilidade de aplicação é de Sabrina Loiola de Moraes, em formação no curso de Mestrado em Ensino do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), resultante de associação ampla entre a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Universidade Federal Rural do Semi Árido e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

Durante a entrevista, a pesquisadora utilizará um gravador de áudio para gravação da conversa e poderá utilizar câmera filmadora, para o caso de facilitar o tratamento dos dados. Deixamos claro que essa pesquisa tem a intenção de usar esses registros apenas para efeito de tratamento dos dados, não sendo divulgados sem prévia autorização dos participantes. Posterior à entrevista, será feito o processo de transcrição na íntegra do áudio obtido e logo depois a textualização da entrevista, com a intenção de colocar em formato textual as narrativas relatadas. Em seguida, entrar em concordância sobre a versão final textualizada de suas palavras, fazendo o movimento de enviar a versão textualizada para aprovação das entrevistadas, estando ciente de que essa versão textualizada final poderá ter a identificação da depoente (nome) na escrita final, se assim for autorizado.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: “Analisar a representatividade e questões de gênero nas licenciaturas em matemática em Mossoró – RN, a partir de experiências das docentes atuantes nestes cursos”. E como objetivos específicos: (1) Quantificar a representação feminina nos cursos de graduação em licenciatura em matemática no Município de Mossoró/RN; (2) Compreender as influências das questões de gênero na formação e atuação de professoras universitárias e (3) Entender como a representatividade feminina influenciou e pode influenciar as vidas de mulheres para atuar no ensino de matemática.

Após os procedimentos desta pesquisa, espera-se que as análises das narrativas possam ajudar a compreender como a representatividade feminina e as questões de gênero podem influenciar nos cursos de licenciatura e nas carreiras das docentes desses cursos na cidade de Mossoró-RN. Com isso, gerar resultados positivos para uma educação pública inclusiva e de qualidade, contribuindo de maneira benéfica para a sociedade em geral. Os riscos mínimos que o participante da pesquisa estará exposto são de, por tratar de aspectos subjetivos e vivências, em algum momento ficarem constrangidos ou desconfortáveis em falar sobre alguma de suas experiências.

Esses riscos serão minimizados mediante: (1) todos os cuidados e procedimentos necessários para que as entrevistas ocorram com um clima de respeito e confiança entre o

entrevistador e o(s) entrevistados; (2) Para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas a discente Sabrina Loiola de Moraes procederá com a produção dos dados e somente a discente Sabrina Loiola de Moraes e o pesquisador responsável poderão manusear e guardar os materiais advindos desse procedimento; (3) Garantia que o participante sinta-se à vontade para participar ou não das diferentes etapas da pesquisa, responder ou não a algum questionamento específico realizado e, ainda, que poderá desistir da participação da pesquisa a qualquer momento.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em um HD externo e em uma nuvem no drive, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade do pesquisador responsável (orientador) e da pesquisadora, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes e o responsável.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa poderá perguntar diretamente para o pesquisador.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar dano – e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade da pesquisadora Sabrina Loiola de Moraes.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Consentimento Livre

Concordo em participar da pesquisa “Mulheres e a docência em matemática no ensino superior: uma análise sobre representatividade e questões de gênero”. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetida e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo, assim, a publicação dos dados da pesquisa.

Mossoró, 08 / 12 / 23.

Sabrina Loiola de Moraes

Assinatura do Pesquisador

Luiza Helene Félix de Andrade

Assinatura do Participante

Sabrina Loiola de Moraes (Aluna-pesquisadora) - Aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Central, no endereço rua professor Antônio Campos, BR 110, Km 48 , Costa e Silva , CEP 59600-000– Mossoró – RN. Tel.(84) 3315-2145

Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes (Orientador da Pesquisa – Pesquisadora Responsável) - Doutor em Educação Matemática (Unesp/campus Rio Claro), professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, – UERN, Campus Central, no endereço rua professor Antônio Campos, BR 110, Km 48 , Costa e Silva , CEP 59600-000– Mossoró – RN. Tel.(84) 3315-2145

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) - Faculdade de Medicina da UERN - Rua Miguel Antonio da Silva Neto s/n - Aeroporto Home page: <http://www.uern.br> - e-mail: cep@uern.br – CEP: 59607-360 - Mossoró –RN Tel: (84) 3312-7032.



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Central – Mossoró - RN
Programa de Pós Graduação em Ensino – POSENSINO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para participar da pesquisa “Mulheres e a docência em matemática no ensino superior: uma análise sobre representatividade e questões de gênero”, coordenada pelo Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. A participação na pesquisa é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Caso decida aceitar o convite, a pesquisadora desenvolverá um diálogo partindo do roteiro de entrevista (organizado em formato de temas), cuja responsabilidade de aplicação é de Sabrina Loiola de Moraes, em formação no curso de Mestrado em Ensino do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), resultante de associação ampla entre a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Universidade Federal Rural do Semi Árido e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

Durante a entrevista, a pesquisadora utilizará um gravador de áudio para gravação da conversa e poderá utilizar câmera filmadora, para o caso de facilitar o tratamento dos dados. Deixamos claro que essa pesquisa tem a intenção de usar esses registros apenas para efeito de tratamento dos dados, não sendo divulgados sem prévia autorização dos participantes. Posterior à entrevista, será feito o processo de transcrição na íntegra do áudio obtido e logo depois a textualização da entrevista, com a intenção de colocar em formato textual as narrativas relatadas. Em seguida, entrar em concordância sobre a versão final textualizada de suas palavras, fazendo o movimento de enviar a versão textualizada para aprovação das entrevistadas, estando ciente de que essa versão textualizada final poderá ter a identificação da depoente (nome) na escrita final, se assim for autorizado.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: “Analisar a representatividade e questões de gênero nas licenciaturas em matemática em Mossoró – RN, a partir de experiências das docentes atuantes nestes cursos”. E como objetivos específicos: (1) Quantificar a representação feminina nos cursos de graduação em licenciatura em matemática no Município de Mossoró/RN; (2) Compreender as influências das questões de gênero na formação e atuação de professoras universitárias e (3) Entender como a representatividade feminina influenciou e pode influenciar as vidas de mulheres para atuar no ensino de matemática.

Após os procedimentos desta pesquisa, espera-se que as análises das narrativas possam ajudar a compreender como a representatividade feminina e as questões de gênero podem influenciar nos cursos de licenciatura e nas carreiras das docentes desses cursos na cidade de Mossoró-RN. Com isso, gerar resultados positivos para uma educação pública inclusiva e de qualidade, contribuindo de maneira benéfica para a sociedade em geral. Os riscos mínimos que o participante da pesquisa estará exposto são de, por tratar de aspectos subjetivos e vivências, em algum momento ficarem constrangidos ou desconfortáveis em falar sobre alguma de suas experiências.

Esses riscos serão minimizados mediante: (1) todos os cuidados e procedimentos necessários para que as entrevistas ocorram com um clima de respeito e confiança entre o

entrevistador e o(s) entrevistados; (2) Para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas a discente Sabrina Loiola de Moraes procederá com a produção dos dados e somente a discente Sabrina Loiola de Moraes e o pesquisador responsável poderão manusear e guardar os materiais advindos desse procedimento; (3) Garantia que o participante sinta-se à vontade para participar ou não das diferentes etapas da pesquisa, responder ou não a algum questionamento específico realizado e, ainda, que poderá desistir da participação da pesquisa a qualquer momento.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em um HD externo e em uma nuvem no drive, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade do pesquisador responsável (orientador) e da pesquisadora, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes e o responsável.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa poderá perguntar diretamente para o pesquisador.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar dano – e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade da pesquisadora Sabrina Loiola de Moraes.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Consentimento Livre

Concordo em participar da pesquisa “Mulheres e a docência em matemática no ensino superior: uma análise sobre representatividade e questões de gênero”. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetida e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo, assim, a publicação dos dados da pesquisa.

Mossoró, 06 / 02 / 2024

Sabrina Loiola de Moraes

Assinatura do Pesquisador



Assinatura do Participante

Sabrina Loiola de Moraes (Aluna-pesquisadora) - Aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Central, no endereço rua professor Antônio Campos, BR 110, Km 48 , Costa e Silva , CEP 59600-000– Mossoró – RN. Tel.(84) 3315-2145

Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes (Orientador da Pesquisa – Pesquisadora Responsável) -
Doutor em Educação Matemática (Unesp/campus Rio Claro), professor da Faculdade de Educação da
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, – UERN, Campus Central, no endereço rua professor
Antônio Campos, BR 110, Km 48 , Costa e Silva , CEP 59600-000– Mossoró – RN. Tel.(84) 3315-
2145

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) - Faculdade de Medicina da UERN - Rua Miguel
Antonio da Silva Neto s/n - Aeroporto Home page: <http://www.uern.br> - e-mail: cep@uern.br – CEP:
59607-360 - Mossoró –RN Tel: (84) 3312-7032.



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Central – Mossoró - RN
Programa de Pós Graduação em Ensino – POSENSINO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para participar da pesquisa “Mulheres e a docência em matemática no ensino superior: uma análise sobre representatividade e questões de gênero”, coordenada pelo Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. A participação na pesquisa é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Caso decida aceitar o convite, a pesquisadora desenvolverá um diálogo partindo do roteiro de entrevista (organizado em formato de temas), cuja responsabilidade de aplicação é de Sabrina Loiola de Moraes, em formação no curso de Mestrado em Ensino do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), resultante de associação ampla entre a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Universidade Federal Rural do Semi Árido e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

Durante a entrevista, a pesquisadora utilizará um gravador de áudio para gravação da conversa e poderá utilizar câmera filmadora, para o caso de facilitar o tratamento dos dados. Deixamos claro que essa pesquisa tem a intenção de usar esses registros apenas para efeito de tratamento dos dados, não sendo divulgados sem prévia autorização dos participantes. Posterior à entrevista, será feito o processo de transcrição na íntegra do áudio obtido e logo depois a textualização da entrevista, com a intenção de colocar em formato textual as narrativas relatadas. Em seguida, entrar em concordância sobre a versão final textualizada de suas palavras, fazendo o movimento de enviar a versão textualizada para aprovação das entrevistadas, estando ciente de que essa versão textualizada final poderá ter a identificação da depoente (nome) na escrita final, se assim for autorizado.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: “Analisar a representatividade e questões de gênero nas licenciaturas em matemática em Mossoró – RN, a partir de experiências das docentes atuantes nestes cursos”. E como objetivos específicos: (1) Quantificar a representação feminina nos cursos de graduação em licenciatura em matemática no Município de Mossoró/RN; (2) Compreender as influências das questões de gênero na formação e atuação de professoras universitárias e (3) Entender como a representatividade feminina influenciou e pode influenciar as vidas de mulheres para atuar no ensino de matemática.

Após os procedimentos desta pesquisa, espera-se que as análises das narrativas possam ajudar a compreender como a representatividade feminina e as questões de gênero podem influenciar nos cursos de licenciatura e nas carreiras das docentes desses cursos na cidade de Mossoró-RN. Com isso, gerar resultados positivos para uma educação pública inclusiva e de qualidade, contribuindo de maneira benéfica para a sociedade em geral. Os riscos mínimos que o participante da pesquisa estará exposto são de, por tratar de aspectos subjetivos e vivências, em algum momento ficarem constrangidos ou desconfortáveis em falar sobre alguma de suas experiências.

Esses riscos serão minimizados mediante: (1) todos os cuidados e procedimentos necessários para que as entrevistas ocorram com um clima de respeito e confiança entre o

entrevistador e o(s) entrevistados; (2) Para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas a discente Sabrina Loiola de Moraes procederá com a produção dos dados e somente a discente Sabrina Loiola de Moraes e o pesquisador responsável poderão manusear e guardar os materiais advindos desse procedimento; (3) Garantia que o participante sinta-se à vontade para participar ou não das diferentes etapas da pesquisa, responder ou não a algum questionamento específico realizado e, ainda, que poderá desistir da participação da pesquisa a qualquer momento.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em um HD externo e em uma nuvem no drive, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade do pesquisador responsável (orientador) e da pesquisadora, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes e o responsável.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa poderá perguntar diretamente para o pesquisador.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar dano – e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade da pesquisadora Sabrina Loiola de Moraes.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. A pesquisadora estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Consentimento Livre

Concordo em participar da pesquisa “Mulheres e a docência em matemática no ensino superior: uma análise sobre representatividade e questões de gênero”. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetida e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo, assim, a publicação dos dados da pesquisa.

Mossoró, 04 / 08 / 2023

Sabrina Loiola de Moraes
Assinatura do Pesquisador

Valdenize Lopes do Nascimento
Assinatura do Participante

Sabrina Loiola de Moraes (Aluna-pesquisadora) - Aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Central, no endereço rua professor Antônio Campos, BR 110, Km 48 , Costa e Silva , CEP 59600-000– Mossoró – RN. Tel.(84) 3315-2145

Prof. Dr. Marcelo Bezerra de Moraes (Orientador da Pesquisa – Pesquisadora Responsável) - Doutor em Educação Matemática (Unesp/campus Rio Claro), professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, – UERN, Campus Central, no endereço rua professor Antônio Campos, BR 110, Km 48 , Costa e Silva , CEP 59600-000– Mossoró – RN. Tel.(84) 3315-2145

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) - Faculdade de Medicina da UERN - Rua Miguel Antonio da Silva Neto s/n - Aeroporto Home page: <http://www.uern.br> - e-mail: cep@uern.br – CEP: 59607-360 - Mossoró –RN Tel: (84) 3312-7032.



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Central – Mossoró - RN
Programa de Pós Graduação em Ensino – POSENSINO

CARTA DE CESSÃO

Esclarecimentos

A carta de cessão é o reconhecimento legal da concessão dos direitos de utilização e publicação em nosso trabalho, ou outros que venhamos a produzir, do texto (Textualização) pelo senhora legitimado. Além disso, solicitamos ainda, no mesmo documento, direitos de utilização dos áudios e documentos que a senhora possa ter nos concedido.

Mais uma vez agradeço a colaboração do senhora neste trabalho.

Saudações,

Sabrina Loiola de Moraes.

Carta de Cessão

Eu, Maria Joseane Felipe Guedes Macedo , [REDACTED], declaro para devidos fins ceder a Sabrina Loiola de Moraes, [REDACTED], sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 25 / 01 / 2024, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também dos documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Sabrina Loiola de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Mossoró, 13 de março de 2024.

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIA JOSEANE FELIPE GUEDES MACEDO
Data: 13/03/2024 11:13:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Central – Mossoró - RN
Programa de Pós Graduação em Ensino – POSENSINO

CARTA DE CESSÃO

Esclarecimentos

A carta de cessão é o reconhecimento legal da concessão dos direitos de utilização e publicação em nosso trabalho, ou outros que venhamos a produzir, do texto (Textualização) pelo senhora legitimado. Além disso, solicitamos ainda, no mesmo documento, direitos de utilização dos áudios e documentos que a senhora possa ter nos concedido.

Mais uma vez agradeço a colaboração do senhora neste trabalho.

Saudações,

Sabrina Loiola de Moraes.

Carta de Cessão

Eu, Andréa Maria Ferreira Moura, RG [REDACTED], declaro para devidos fins ceder a Sabrina Loiola de Moraes, RG [REDACTED], sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 19 / 07 / 2023, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também dos documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Sabrina Loiola de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Mossoró, 14 de Março de 2024.

Documento assinado digitalmente
gov.br ANDREA MARIA FERREIRA MOURA
Data: 14/03/2024 16:57:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Central – Mossoró - RN
Programa de Pós Graduação em Ensino – POSENSINO

CARTA DE CESSÃO

Esclarecimentos

A carta de cessão é o reconhecimento legal da concessão dos direitos de utilização e publicação em nosso trabalho, ou outros que venhamos a produzir, do texto (Textualização) pelo senhora legitimado. Além disso, solicitamos ainda, no mesmo documento, direitos de utilização dos áudios e documentos que a senhora possa ter nos concedido.

Mais uma vez agradeço a colaboração do senhora neste trabalho.

Saudações,

Sabrina Loiola de Moraes.

Carta de Cessão

Eu, Aylla Gabriela Paiva De Araújo, [REDACTED], declaro para devidos fins ceder a Sabrina Loiola de Moraes, RG [REDACTED], sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 04 / 05 / 2023, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também dos documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Sabrina Loiola de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Mossoró, ____ 19 ____ de ____ fevereiro ____ de 2024.



Documento assinado digitalmente
AYLLA GABRIELA PAIVA DE ARAUJO
Data: 19/02/2024 15:32:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Central – Mossoró - RN
Programa de Pós Graduação em Ensino – POSENSINO

CARTA DE CESSÃO

Esclarecimentos

A carta de cessão é o reconhecimento legal da concessão dos direitos de utilização e publicação em nosso trabalho, ou outros que venhamos a produzir, do texto (Textualização) pelo senhora legitimado. Além disso, solicitamos ainda, no mesmo documento, direitos de utilização dos áudios e documentos que a senhora possa ter nos concedido.

Mais uma vez agradeço a colaboração do senhora neste trabalho.

Saudações,

Sabrina Loiola de Moraes.

Carta de Cessão

Eu, Fabiane Regina da Cunha Dantas Araújo, RG [REDACTED], declaro para devidos fins ceder a Sabrina Loiola de Moraes, RG [REDACTED], sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 22 / 02 / 2024, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também dos documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Sabrina Loiola de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Mossoró, 01 de março de 2024.

Documento assinado digitalmente
gov.br FABIANE REGINA DA CUNHA DANTAS ARAUJO
Data: 01/03/2024 16:36:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Central – Mossoró - RN
Programa de Pós Graduação em Ensino – POSENSINO

CARTA DE CESSÃO

Esclarecimentos

A carta de cessão é o reconhecimento legal da concessão dos direitos de utilização e publicação em nosso trabalho, ou outros que venhamos a produzir, do texto (Textualização) pelo senhora legitimado. Além disso, solicitamos ainda, no mesmo documento, direitos de utilização dos áudios e documentos que a senhora possa ter nos concedido.

Mais uma vez agradeço a colaboração do senhora neste trabalho.

Saudações,

Sabrina Loiola de Moraes.

Carta de Cessão

Eu, Luiza Helena Félix de Andrade, RG [REDACTED], declaro para devidos fins ceder a Sabrina Loiola de Moraes, RG [REDACTED] sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 08 / 12 / 2023, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também dos documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Sabrina Loiola de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Mossoró, 25 de março de 2024.



Documento assinado digitalmente
LUIZA HELENA FELIX DE ANDRADE
Data: 25/03/2024 15:57:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Central – Mossoró - RN
Programa de Pós Graduação em Ensino – POSENSINO

CARTA DE CESSÃO

Esclarecimentos

A carta de cessão é o reconhecimento legal da concessão dos direitos de utilização e publicação em nosso trabalho, ou outros que venhamos a produzir, do texto (Textualização) pelo senhora legitimado. Além disso, solicitamos ainda, no mesmo documento, direitos de utilização dos áudios e documentos que a senhora possa ter nos concedido.

Mais uma vez agradeço a colaboração do senhora neste trabalho.

Saudações,

Sabrina Loiola de Moraes.

Carta de Cessão

Eu, Mariana De Brito Maia, RG [REDACTED] declaro para devidos fins ceder a Sabrina Loiola de Moraes, RG [REDACTED] sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 06 / 02 / 2024, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também dos documentos a ele concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Sabrina Loiola de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Mossoró, 28 de fevereiro de 2024.

Documento assinado digitalmente
gov.br **MARIANA DE BRITO MAIA**
Data: 28/02/2024 16:32:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Governo do Estado do Rio Grande do Norte
Secretaria de Estado da Educação e da Cultura - SEEC
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
Campus Central – Mossoró - RN
Programa de Pós Graduação em Ensino – POSENSINO

CARTA DE CESSÃO

Esclarecimentos

A carta de cessão é o reconhecimento legal da concessão dos direitos de utilização e publicação em nosso trabalho, ou outros que venhamos a produzir, do texto (Textualização) pelo senhora legitimado. Além disso, solicitamos ainda, no mesmo documento, direitos de utilização dos áudios e documentos que a senhora possa ter nos concedido.

Mais uma vez agradeço a colaboração do senhora neste trabalho.

Saudações,

Sabrina Loiola de Moraes.

Carta de Cessão

Eu, Valdenize Lopes Do Nascimento, RG [REDACTED] declaro para os devidos fins ceder à Sabrina Loiola de Moraes, RG [REDACTED], sem quaisquer restrições, plenos direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi em 04 / 08 / 2023, sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e por mim legitimada e também dos documentos a ela concedidos. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvir a entrevista e transcrevê-la, ficando vinculado o controle à Sabrina Loiola de Moraes, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Mossoró, 12 de março de 2024.



Documento assinado digitalmente

VALDENIZE LOPES DO NASCIMENTO

Data: 12/03/2024 19:16:20-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>